



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA  
DOUTORADO EM ESTUDOS DA MÍDIA**

Fernando Luiz Nobre Cavalcante

**VÍNCULOS DE ANCORAGENS E ENQUADRAMENTOS TEMÁTICOS**  
Olhares Itinerantes às Interações Mdiatizadas em Grupo

Natal/RN  
2019

Fernando Luiz Nobre Cavalcante

## VÍNCULOS DE ANCORAGENS E ENQUADRAMENTOS TEMÁTICOS

Olhares Itinerantes às Interações Mediatizadas em Grupo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

**Linha de Pesquisa:** Estudos da Mídia e Produção de Sentido.

**Orientador:** Prof. Dr. Michael Manfred Hanke.

Natal/RN  
2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Nobre Cavalcante, Fernando Luiz.

Vínculos de ancoragens e enquadramentos temáticos: olhares itinerantes às interações midiáticas em grupo / Fernando Luiz Nobre Cavalcante. - 2019.

293f.: il.

Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020. Natal, RN, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Michael Manfred Hanke.

1. Interação em grupo - Tese. 2. Comunicação face a face - Tese. 3. Hipermidiatização - Tese. 4. Pesquisa em WhatsApp - Tese. 5. Datatização - Tese. I. Hanke, Michael Manfred. II. Título.

Fernando Luiz Nobre Cavalcante

## **VÍNCULOS DE ANCORAGENS E ENQUADRAMENTOS TEMÁTICOS**

Olhares Itinerantes às Interações Mdiatizadas em Grupo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Prof. Dr. Michael Manfred Hanke  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Orientador

---

Prof.a. Dra. Janaíne Sibelle Freires Aires  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Membro interno

---

Prof. Dr. Adriano Charles da Silva Cruz  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Membro interno

---

Externo à Instituição: Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Membro externo

---

Externo à Instituição: Prof. Dr. Raul Reis  
Emerson College  
Membro externo

## **Dedicatória**

Rita,  
Bruno,

## Agradecimentos

Este estudo não poderia ter sido concretizado sem o apoio do Dr. Michael Hanke, o qual nunca hesitou em oferecer todo o suporte necessário para orientação da tese. Na qualificação, o Dr. Marcus Lima, também, ofereceu aprimoramentos essenciais para os encontros teóricos e metodológicos. Dr. Adriano Duarte Rodrigues, obrigado pelo café e pelas excitantes lições em Lisboa.

Ao instituto Max Kade Center, que permitiu o financiamento de minha estada como pesquisador residente na Universidade de Kansas durante o verão de 2018. Em especial, aos pesquisadores Dr. Frank Baron, Dra. Lorie Vanchena, Dr. David Smith, Dr. Charles Reitz.

Ao Dr. Frank Manheim, por suas generosas contribuições e licenças legais, permitindo explorar, em estudos futuros, o legado de seu pai, Ernst Manheim, embrião vibrante desta tese.

Agradeço, também, ao financiamento do *Zentrum für Medien-, Kommunikations- und Informationsforschung* (ZeMKI), com a parceria da Dra. Stefanie Averbek-Lietz, do Laboratório *Communication History and Media Change* da Universidade de Bremen.

João Paulo Reis, amigo e sócio do Ernest Manheim Laboratório de Opinião Pública, obrigado pelos ajustes às visões quantitativas que a tese explorou.

A todos os membros do grupo do WhatsApp investigado, aos quais um dia gostaria de conhecer face a face, calando o silêncio que até aqui nos guiou. Obrigado, Arp, Bacon, Breton, Carrington, Chagall, Dalí, Duchamp, Ernst, Giacometti, Kahlo, Klee, Kush, Maar, Masson, Picabia, Picasso, Tanguy e Varo.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Um especial agradecimento ao professor João Vianey Campos de Mesquita, que revisou, pacientemente, este texto com todo esmero.

E, finalmente, ao povo brasileiro, que financiou este estudo.

## Epígrafe

“Isso também é o mais importante sobre o tipo sociológico de comunicação na área deste espaço publicizador. Toda atividade comunitária em associação tem natureza comunicativa. Como a informação não cria o acordo esotérico, mas sim o pressupõe, seu conteúdo, em casos típicos, não tem um sentido autônomo independente ao da função esotérica. Sua função não é a socialização, que já aponta para além do ato imediato no sentido de sucesso objetivo, mas sim a reprodução e incorporação do acordo esotérico, em uma forma correspondente à sua natureza irracional. Singularidade da forma é a expressão de que a informação (mensagem) faz sentido apenas em dado âmbito esotérico ou mesmo em sua forma única de realização, e não em um âmbito qualquer e permutável de destinatário. A sua forma de realização oral ou escrita não é substituível: o conteúdo transmitido através delas não é transferível - ou a informação muda e perde o seu verdadeiro significado que secretamente tem em si.” Ernest Manheim, em *Die Träger der öffentlichen Meinung, Studien zur Soziologie der Öffentlichkeit*; (traduziu-se).

## Resumo

A interdependência de membros de um grupo fecunda-se na experiência interativa da linguagem. Em um grupo hipermediatizado, no qual a troca de ideias pode se dar por enquadramentos temáticos, restou à forma o aspecto empírico de entendê-lo transpondo o conteúdo. A tese investiga as interações dos atores de um grupo de WhatsApp que, vinculado a uma política diplomática estadunidense, propaga noções de empreendedorismo *startup* no Brasil. Instrumentalizou-se o método de triangulação da pesquisa de mídia, com estudos quantiquantitativos alicerçados pela observação participante oculta por meio de um diário aberto aos componentes do grupo. A tese considera que funcionalidades técnicas de representação da escrita, da fala e dos gestos, pela interação midiaticada, simbolizam as intenções e emoções, forjam as representações dos atores e roteirizam as narrativas de um grupo em uma rede informal – a qual foi considerada como elo a uma *política mídia*. Empiricamente comparável com o *medium* da linguagem na comunicação face a face, as funcionalidades técnicas do dispositivo do enunciado, metaforicamente, figuraram a suposição de mensurar uma comunicação *face a face midiaticada*. Pela aplicação dos estudos de quadros (*frames*) de interação de Erving Goffman, o humano e o não humano se abraçam à complexidade das interações hipermediaticadas e “dataticadas”, conforme a tese explora teoricamente, imbricando-se na rede alemã de pesquisa intitulada Figurações Comunicativas. Por ancoragens de interação, foi categorizado o fato de que as seguintes funcionalidades técnicas são marcadores de aberturas e fechamentos, parênteses internos de uma temática conversacional: notificações; caracteres da escrita; imagens técnicas, áudios e símbolos; bem como as distintas temporalidades da ordem sequencial da interação. O mapeamento de vínculos de efervescência, de modelagem, de reconhecimento e de temporalidade de uma interação contrapõe que enquadramentos temáticos possam propor categorias de adesões e entrelaçamento em grupo acerca de uma suposta opinião pública, urgente a novos mecanismos empíricos.

Palavras-chaves: Interação em grupo. Comunicação face a face. Hipermediaticação. Pesquisa em WhatsApp. Dataticação.

## Abstract

The interdependence of members of a group is fostered in the interactive experience of language. In a deep mediatized group, in which the exchange of ideas can take place through frames of relevance, the empirical aspect of understanding it by transposing the content was left to form. The thesis investigates the interactions of the actors of a WhatsApp group that, linked to American diplomatic policy, propagates notions of startup entrepreneurship in Brazil. The media research triangulation method was instrumentalized, with quantitative and qualitative studies based on hidden participant observation through a journal opened to the group members. The thesis considers that technical functionalities of the representation of writing, speech, and gestures, through mediatized interaction, symbolize intentions and emotions, forge the representations of the actors and script the narratives of a group in an informal network – which was considered as a link to a *media policy*. Empirically comparable with the language medium in face-to-face communication, the technical functionalities of the utterance device, metaphorically, figured the assumption of measuring a mediatized face-to-face communication. By applying the studies of Erving Goffman's frames of interaction, the human and non-human embrace the complexity of deep mediatized and "dataficated" interactions, as the thesis theoretically explores, intermingling in the German research network called Communicative Figurations. By interaction anchorages, the fact that the following technical functionalities are markers of openings and closings, internal parentheses of a conversational theme was categorized: notifications, writing characters, technical images, audios and symbols, as well as the different temporalities of the sequential order of interaction. The mapping of links of effervescence, modeling, recognition and temporality of an interaction oppose that frames of relevance can propose categories of adhesions and interlacing in groups about a supposed public opinion, urgent to new empirical mechanisms.

Keywords: Group interaction. Face-to-face communication. Deep mediatization. WhatsApp Research. Datafication.

## Zusammenfassung

Die Interdependenz zwischen Mitgliedern einer Gruppe lässt sich in der interaktiven Spracherfahrung ergründen. In einer tiefgreifend mediatisierten Gemeinschaft, in der die Unterhaltung durch thematische Rahmen ermöglicht wird, ist die empirische Hinsicht Desiderat, diese Gemeinschaft durch ihre Inhaltsumsetzung zu verstehen. In dieser Dissertation handelt es sich darum, die Interaktionen zwischen Akteuren in einer WhatsApp-Gruppe zu erforschen, die von amerikanisch-diplomatischer Politik geprägt ist und Ideen von Start-up-Unternehmertum in Brasilien verbreitet. Als Forschungsinstrument gilt die Triangulierungsmethode der Medienrecherche, zusammen mit quantitativen und qualitativen Untersuchungen, die durch teilnehmende Beobachtung mittels eines den Gruppenmitgliedern offenen Tagebuches verankert sind. Diese Dissertation untersucht die technischen Funktionalitäten der Schrift-, Sprech- und Gebärdendarstellung, durch mediatisierte Interaktion, bezeichnete Absichten und Gefühle, die Repräsentationen der Akteure und die Verfassung der Narrative der Gruppe in einem informellen Netz, das als Bindungselement von Politik und Medien betrachtet wird. Technische Funktionalitäten des Äußerungsapparats, die dem Sprachmedium in der persönlichen Kommunikation empirisch vergleichbar sind, erscheinen metaphorisch bei der Annahme, mediatisierte Direktkommunikation zu untersuchen. Den Rahmeninteraktionsstudien von Erving Goffman nach erschließen sich die menschlichen bzw. tiefgreifend mediatisierten und datafizierten Interaktionen in ihrer ganzen Komplexität, und der erforschten Theorie gemäß verknüpfen sie sich mit dem deutschen Recherchenetz namens „kommunikative Figurationen“. Mit Interaktionenverankerungen ist die Beobachtung kategorisiert, dass folgende technische Funktionalitäten Öffnungs- und Schlussmarker sind, d.h. innere Klammern einer Gesprächsthematik: Benachrichtigungen, Schriftzeichen, technische Bilder, Audios und Zeichen; sowohl wie unterschiedliche Zeitlichkeiten der sequentiellen Interaktionsreihenfolge. Die Erfassung von Aufregungs-, Modelierungs-, Erkennungs- und Zeitlichkeitsbeziehungen begegnet dem Umstand, dass thematische Rahmungen in der Lage sind, in einer Gruppe Aufnahmen- und Verflechtungskategorien über eine gewisse öffentliche Meinung aufzustellen, was für neue empirische Systeme zwingend ist.

Schlüsselwörter: Gruppeninteraktionen. Persönliche Kommunikation. Tiefgreifende Mediatisierung. Recherche in WhatsApp. Datafizierung.

## Lista de figuras

1 – Função “Dados da mensagem” do WhatsApp.....	51
2 – Status "Digitando" do WhatsApp .....	52
3 – Ancoragem de interação - uso de <i>links</i> #1 - (19/09/18).....	97
4 – Ancoragem de interação - uso de <i>links</i> #2 - (19/09/18).....	98
5 – Interface do grupo informal no WhatsApp em 16/10/18.....	113
6 – Imagem postada por um participante do grupo informal do WhatsApp no dia 16/10/18	115
7 – Nível de reconhecimento da interação sobre o repertório de mídia da constelação de atores .....	117
8 – Diagrama de microfiguração de reconhecimento na interação em 16/10/18 (Round 1) ..	122
9 – Diagrama de microfiguração de reconhecimento na interação em 16/10/18 (Round 2) ..	123
10 – <i>Dashboard</i> destacando a utilização de ":)" por Carrington.....	132
11 – <i>Dashboard</i> destacando a utilização de ":(" por Ernst.....	133
12 – <i>Dashboard</i> sobre intervalo de interação por composição de mensagem.....	142
13 – <i>Dashboard</i> dos elementos que compõem uma mensagem por categoria de temporalidade na interação.....	145
14 – <i>Dashboard</i> sobre intervalo de interação por ano, dia da semana e período do dia .....	147
15 – Enquadramento temático sobre vínculo de temporalidade na interação .....	150
16 – <i>Dashboard</i> sobre médias, quantidades e período de risos por membros do grupo .....	154
17 – Uso da funcionalidade de respostas diretas em uma sequência de interação super rápida. ....	159
18 – Diagrama para enquadramentos temáticos na triangulação da pesquisa de mídia .....	169
19 – Diagrama de fractalidade de ancoragens e vínculos na triangulação da pesquisa.....	172
20 – Diagrama de fractalidade de enquadramentos temáticos por ancoragens e vínculos na triangulação da pesquisa.....	173
21 – Codificações do emoji “👤” nos sistemas operacionais da Apple, Google, Microsoft, Samsung (novo), Samsung (antigo) .....	179
22 – Interface do Microsoft Excel 2016® destacando o plug-in SEOToolForExcel .....	201
23 – Interface do Microsoft Power BI® após importação de dados .....	203
24 – Interface do Microsoft Power BI® após tratamento de dados .....	204
25 – Trecho do discurso do vice-presidente Roosevelt no Minnesota State Fair, em Minneapolis, no dia 2 de setembro de 1901 .....	212
26 – Eixos teóricos para entendimento da Institucionalização do YLAI Network em um estudo futuro .....	219
27 – Interface do <i>website</i> do YLAI Network (24/04/2018).....	225
28 – Interface do perfil do YLAI Network no Twitter (27/04/18).....	225
29 – Diagrama da <i>política mídia</i> .....	231
30 – Conceitos de esferas públicas em Manheim (1933).....	259

## Lista de gráficos

1 – Qtd. de mensagens interagidas e total de caracteres (14/09/18 - 08/04/19) .....	58
2 – Média, desvio-padrão e mediana dos caracteres das mensagens interagidas (14/09/18 - 08/04/19).....	59
3 – Qtd. de mensagens interagidas por turno (14/09/18 - 08/04/19) .....	60
4 – Indicadores de efervescência da interação por dia da semana antes da imersão (14/09/18 - 18/09/18).....	67
5 – Indicadores de efervescência da interação por dia da semana durante a imersão (19/09/18 - 24/10/18).....	68
6 – Indicadores de efervescência da interação por dia da semana após a imersão (25/10/18 - 08/04/19).....	69
7 – Comparação entre pontuação de interrogação e exclamação (Set/18 - Abr/2019).....	77
8 – Média e desvio-padrão entre pontuações de interrogação e exclamação (Set/18 - Abr/2019) .....	78
9 – Indicadores de modelagem da interação por dia da semana (Set/18 - Abr/2019) .....	80
10 – Indicadores de modelagem da interação por mês (Set/18 - Abr/2019) .....	81
11 – Indicadores de reconhecimento na interação por dia da semana (Set/18 - Abr/2019) ...	104
12 – Indicadores de reconhecimento na interação por mês (Set/18 - Abr/2019) .....	106
13 – Categorização dos links como reconhecimento de repertórios de mídia.....	110

## Lista de tabelas

1 – Aplicação do método NSM no <i>emoji</i> " :)"	129
2 – Aplicação do Método NSM no <i>emoji</i> “👉”	131
3 – Eixo analítico das ancoragens da interação de um grupo midiaticizado	164

## Lista de quadros

1: Interação por WhatsApp (13/10/18).....	95
2: Palavras-chaves utilizadas para categorização do repertório de mídia dos membros do grupo estudado.....	109
3: Parte do conteúdo das interações do grupo informal no WhatsApp no dia 16/10/19 .....	114
4: Vetores analíticos dos quadros de interação da <i>política mídia</i> .....	134
5: Categorias analíticas acerca do conceito de opinião pública em Manheim (1933).....	260

## Lista de abreviaturas e siglas

@YLAI	Perfil em um serviço de rede social do YLAI Network
ADM	Análise do Discurso Multimodal
CMC	Comunicação Mediada por Computador
ECA	<i>Bureau of Educational and Cultural Affairs</i>
ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing
EUA	Estados Unidos da América
GIF	<i>Graphics Interchange Format</i>
KDD	<i>Knowledge Discovery</i>
MD	Mineração de Dados
MI	Mensageiros instantâneos
NSM	<i>Natural Semantic Metalanguage</i> (Metalinguagem da Semântica Natural)
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PDA	Political Discourse Analysis
RT	Retuíte
SRS	Serviço de rede social
TI	Tecnologia da Informação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
URL	<i>Uniform Resource Locator</i>
YLAI	<i>Young Leaders of the Americas Initiative</i>
Zap	WhatsApp
ZeMKI	<i>Zentrum für Medien-, Kommunikations- und Informationsforschung</i>

## Lista de símbolos

#	Hashtag, Has, Number Sign ou Jogo da Velha
US\$	Dólar dos Estados Unidos
@	Arroba, podendo significar uma chamada a um perfil em rede social
®	Marca registrada
♥	Caractere do coração
↩	Replay, ou resposta em um serviço de rede social
:)	Caractere do sorriso
☺	Caractere do rosto feliz
❤	<i>Emoji do coração</i>
😍	<i>Emoji da pessoa apaixonada</i>
😊	<i>Emoji do rosto feliz</i>
😄	<i>Emoji do sorriso contagiante</i>
🙌	<i>Emoji do agradecimento ou “aleluia”</i>
😱	<i>Emoji do espanto ou surpresa</i>
👍	<i>Emoji de “like” ou curtida</i>
🙄	<i>Emoji de dúvida ou desinteresse</i>
🤠	<i>Emojis de “cowboy” ou fazendeiro</i>
🎉	<i>Emojis de “espanhola” ou festa</i>

## Sumário

PREFÁCIO .....	18
INTRODUÇÃO.....	23
1. ANCORAGENS DE ENQUADRAMENTOS TEMÁTICOS DA <i>POLÍTICA MÍDIA</i> .....	34
1.1 Ancoragens de interações por vínculos de efervescência.....	63
1.2 Ancoragens de interações por vínculos de modelagem.....	71
1.3 Ancoragens de interações por vínculos de reconhecimento.....	86
1.4 Ancoragens de interações por vínculos de temporalidade.....	135
2. SUÍTES METODOLÓGICAS PARA TRIANGULAÇÃO DA PESQUISA DE MÍDIA.....	166
2.1 Observação da observação como vigilância da pesquisa.....	181
2.2. Mineração de dados e uso de <i>softwares</i> na pesquisa de mídia.....	191
3. FIGURAÇÕES COMUNICATIVAS E A HIPERMIDIATIZAÇÃO DA POLÍTICA.....	206
3.1. Configurações da política diplomática: o arranque <i>Start! Up?</i> .....	209
3.2. Figurações comunicativas dos grupos informais da política mídia: a “datatização” da opinião pública?.....	236
ENCAMINHAMENTOS .....	262
REFERÊNCIAS .....	269
ANEXOS.....	289

## PREFÁCIO

Isso não é uma epígrafe: *Por exemplo, o retângulo alongado que representava um tronco de árvore, às vezes cortada, às vezes curvada, às vezes pouco visível, dependendo do seu papel. Estas formas totalmente livres não estavam em acordo com a natureza, que não se limita, em relação à árvore em questão, produzir árvores de uma cor, tamanho e forma estritamente invariáveis*<sup>1</sup>. Ela também não será normalizada por exceder três linhas. Ela não está entre aspas, e mesmo não pertencendo ao meu texto, pertence. Não se refere a um plágio. Refere-se a uma experiência no exato momento em que escrevo para descrever o que quero. Somente o itálico a distingue de meu texto. Ela representa um retângulo de ver a vida pelo olhar de René Magritte. Uma forma simbólica, simbólica forma.

Por um retângulo, figura geométrica de qualquer aparelho celular contemporâneo, as interações em grupo se mediatizam. Seria longe de nosso alcance descrever o procedimento técnico de como uma imagem, um símbolo ou um texto propõem matizes interacionais da ordem dos significados. Somente em querer, no entanto, propor as texturas de experiências dos atores sociais, define-se um ponto de partida de qualquer processo abstrato. Não são as texturas de experiência da mídia que quero explicar no centro do retângulo, sem embargo. Tampouco, fazer uma análise de conteúdo sobre as narrativas de um *medium*. Observar os enquadramentos temáticos à angulação dos quadros de interação de um grupo transpido os conteúdos conversacionais é um desafio necessário aos Estudos da Mídia. Aprofundar as interações com o objeto central dos estudos de mediatização é a proposta desta tese. Compreender o cálculo das formas para, então, sinalizar os enquadramentos necessário a um mergulho.

Problematiza-se que, pelo retângulo das funcionalidades técnicas interativas, as linguagens da comunicação de um grupo mediatizado incorpora elementos semelhantes e distintos da comunicação face a face. Se a linguagem na comunicação face a face é o próprio dispositivo, ou seja, a específica mídia *par excellence*, que permite interações plenas entre os atores sociais, propõe-se um olhar inverso, centrado em dois pontos: as configurações que

---

<sup>1</sup> “For example, the elongated rectangle that stood for a tree trunk was sometimes cut off, sometimes curved, sometimes hardly visible, depending on its role. These totally free forms were not at variance with nature, which doesn’t, as regards the tree in question, stick to producing trees of one colour, size and strictly invariable shape” (ROONEY; PLATTNER, 2016, p. 60; traduziu-se).

determinadas funcionalidades técnicas mimetizam do dispositivo da linguagem e as figurações em que os atores sociais ancoram suas interações pela linguagem do dispositivo mimetizado.

Magritte, na crônica “Life Line”, sinalizou o papel do retângulo-árvore tomado como observação. A forma retangular do ducto de uma “árvore” condiz com uma função inexorável de esta servir para algo: “tronco de uma árvore”. Tão importante quanto o consumo midiático dos galhos individuais de uma árvore é entender o enquadramento por usos, funções, atribuições e representações que cada “galho” significa como árvore. Tão importante quanto o consumo de mídia dos participantes de qualquer grupo de comunicação midiaticizada, o que interessa ver em sua *constelação* está nos vínculos de interacionismo simbólico. Recortada não pela pluralidade dos atores e seus *repertórios de mídia*, mas pela figuração desses em uma interação rotineiramente midiaticizada por técnicas e símbolos. Isto porque somente no todo de uma árvore, os galhos de uma cena são enquadráveis. Um grupo midiaticizado de interações informais apartadas da *política mídia* assume múltiplos papéis como parte de um todo político. Focalizá-lo por uma proposta de enquadramentos é a tarefa da tese.

A forma de um grupo midiaticizado é a interface do *medium* o qual seu conteúdo carrega. Também os traços digitais deixados pela troca de informações de uma constelação de atores. Um grupo de pessoas que interagem pelo WhatsApp encontra nas formas das funcionalidades técnicas elementos que mimetizam a comunicação face a face. Sorrisos, estão expressos por *emojis* personalizados. Dissimulações, por *silêncio*. Tristeza, por hipertextualidade dos *caracteres* computacionais. Piadas, por imagens chamadas por *memes*. Laços, por *links*. Atenção, por *notificações*. Entre tantas funcionalidades, a tese não faz uma discussão sobre a comunicação mediada por computador (CMC), ou a simbologia de tais funcionalidades. As Ciências da Comunicação e a Linguística Aplicada já as fizeram. O que os Estudos da Mídia ainda não propuseram no Brasil é uma aproximação da forma interacional com seu conteúdo. Observar uma interação por sua sistemática quantificável para então abstrair seu corpo simbólico produtor de sentido. “Grupo midiaticizado” é o compilador para alcançar o objeto desta tese, as interações que hoje ocorrem em grupos de WhatsApp (e qualquer outro *medium* de amanhã).

A *política mídia* expressa nesta tese é o esforço em metaforizar os grupos de comunicação instantânea que se enquadram tematicamente ao centro do debate político. O primeiro capítulo desta pesquisa é dedicado ao exercício de, empiricamente, analisar um destes grupos pelas ancoragens de quadros temáticos nascidos de uma política diplomática pró-empendedorismo. Sua escolha se deu por um metaprocesso. Também por uma identificação

pessoal, desde a defesa de dissertação de mestrado ocorrida em 2015. As “startups”, firma informacionais em estágio embrionário, foi o recorte principal dos estudos anteriores a esta pesquisa. A escolha de um grupo que debate política diplomática “startup” justificou a continuidade do estudo iniciado em 2013. O que se caracteriza por metaprocessos, no entanto, foram os constantes encontros, no centro da mídia, até a chegada e ingresso em um grupo que debatia a própria política, inicialmente pretendida como objeto. Somente no terceiro ano da pesquisa de doutoramento, ao pesquisar a política diplomática ianque, aqui narrada no primeiro e terceiro capítulo, ingressou-se em um grupo que a debatia no seio do *medium*, por excelência, decisor das políticas no Brasil. O WhatsApp se justicou como mídia escolhida porque ela habitava o grupo informal que debatia a política pretendida. Portanto, todas as considerações que esta tese sugere, orientam-se por uma experiência de pesquisa vivenciada em um grupo específico, que, agindo comunicativamente por padrões faziam tecer observações sobre forma e conteúdo. As categorias analíticas aqui encontradas são brechas para novas contextualizações. Especialmente, quando as releituras de Erving Goffman acerca dos marcadores de interação (parêntese, ancoragens ou *brackets*) são operacionalizadas nesta tese no intento comparativo entre uma suposta comunicação *face a face* *mediatizada*.

No decorrer da tese, o leitor perceberá que o termo “figurações comunicativa” é utilizado como substantivo, ao referir-se à rede de pesquisadores *Communicative Figurations*, sendo representado pela dicção em iniciais maiúsculas (“Figurações Comunicativas”), mas, em outros momentos, faz-se como locução adjetiva (“figurações comunicativas”) qualificando o enfoque goffmaniano sob o processo de representação na contínua configuração das formas de comunicação dos atores em um grupo de WhatsApp; enfatizando a mimese que as funcionalidades técnicas têm ao incorporar características da comunicação face a face. Não se pode considerar “figurações comunicativas” ou “Figurações Comunicativas” uma teoria, pelo menos até aqui, mas sim, um chamamento à proposta de compreender a mídia por vias configuracionais de Norbert Elias e figuracionais de Erving Goffman. A seção 3.2 explana esta questão.

Ao referir-se ao estágio corrente da mediação que entrelaça as interações em grupos como os do WhatsApp, optou-se por adotar o conceito de “deep mediatization”. Traduz-se “hipermediação” ao invés da tradução literal “mediação profunda”. A hipermediação tem sido considerada um processo contemporâneo cujos elementos do nosso mundo social estão, imbricadamente, associados aos meios digitais e as suas infraestruturas subjacentes. (COULDRY, HEPP, 2017; HEPP, 2019). Sendo debatida como uma fase da

mediatização cujo império dos algoritmos são firmados, o termo refere-se as configurações e figurações das interfaces de sentido via códigos computacionais, de uma suposta inteligência artificial entrelaçada ao cotidiano dos atores que agem comunicativamente pela mídia. A hipermidiatização refere-se a um metaprocessos associado com numerosos subprocessos, sendo socialmente vinculado com os enlaces da individualização, mercantilização e globalização (KROTZ, 2007; HEPP, 2019). Herdando de Hepp (2019), no texto, o leitor perceberá três ênfases dadas quando o termo hipermidiatização é apresentado: i) figurações de uma rede de atores, substituída neste trabalho por *constelação de atores*, sendo uma base estrutural interrelacionada; ii) firmamento dos quadros de relevância, entendidos aqui como *enquadramentos temáticos* orientadores das práticas e figurações comunicativas dos atores; e iii) figurações rearticuladoras de práticas comunicativas e práticas sociais enredadas por um conjunto de mídia por seu repertórios. No capítulo terceiro, essa dicção é mais bem aprofundada, especialmente, quando lançado o debate de que as características de entrelaces das constelações de atores às bases infraestruturais da mídia aprofundam-se imersos aos dados computacionais, à “datatização” (*datafication*) da realidade.

“Datatização” (ou “dadificação”, conforme Buzato (2018)) é adotada nesta tese ao traduzir a palavra “*datafication*”, apresentada nos trabalhos de Karanasios et al (2013), Couldry e Hepp (2017) e Hepp (2019). Segundos os autores, à medida que os meios de comunicação cada vez mais vem sendo baseado via *softwares*, “traços digitais” dos usuários vem se aglomerado em dados, sendo processados algoritmicamente de forma automatizada. No estabelecimento da “grande quantidade de dados” (*big data*), a representação de fenômenos sociais tem se expressada na quantificação dos dados. Ou seja, na proeminente quantificável de uma autocompreensão e autoconcepção dos sujeitos. Os assistentes virtuais, como Google Assistente ou Alexa, contextualizam o “entender” o outro pelo padrão pergunta-reposta, dito “inteligência artificial”. Tão quanto, as funcionalidades técnicas de *emojis* autossugeridos e autorrepresentáveis na comunicação de grupos de WhatsApp.

A tese orienta estudos futuros que desejem imergir na realidade hipermidiatizada das interações em grupo. Para acompanhar a ultravelocidade das interações contemporâneas, pela complexidade “datatizada” dos rastros digitais que os atores de uma constelação midiática deixam nas novas formas de relacionar-se em grupo, somente uma pesquisa sincrônica da mídia, utilizando dados quantitativos, torna-se viável. É desafio para Ciências Humanas e Sociais, aproximar-se às Exatas. O entendimento de que padrões moldam os entrelaces de uma interação, no entanto, permite averiguar as instâncias que o capítulo 1 e 2 propôs: a triangulação

da pesquisa de mídia. Os enquadramentos temáticos descritos nas extensas citações do diário de observação oculta do pesquisador impõem uma mescla de primeira pessoa e impessoalidade no decorrer desta pesquisa, a exemplo com que ocorreu neste prefácio. Para preservação dos atores envolvidos nesta pesquisa, optou-se em excluir as 216 páginas do diário de pesquisa, até a defesa desta tese anexado como um único documento. Por mais que a distância impere no estilo narrativo aqui utilizado, há mesclas de proximidade com o leitor e o objeto investigado. Os quadros temáticos que as citações dos diários se atêm foram frutos dos cálculos apurados por meio de *software*, dando uma característica interdisciplinar do lado que o pesquisador se posiciona: a democratização de ferramentas aos Estudos da Mídia.

Por fim, destaco que se optou por redigir “Estudos da Mídia” com iniciais maiúsculas, denotando o infante terreno ainda apêndice às Ciências da Comunicação. Os esforços da Universidade Estadual de Campinas em criar uma habilitação intitulada “Midialogia” no bacharelado em Comunicação Social são presságios de um estágio embrionário de uma ciência. Sem falar dos esforços do curso de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em assumir “Estudos da Mídia” no nome de seu programa.

A compreensão da realidade de uma suposta opinião pública oriundo de grupos midiáticos como o WhatsApp implicam em ameaçadoras escolhas políticas. Hoje, somente o Facebook Inc. a detém. Também firmas especulativas associadas a essa antiga “startup”. A tese, acima de tudo, tece caminhos para observar os entrelaces temáticos dos atores de uma constelação midiática que se ancoram por funcionalidades técnicas que mimetizam a comunicação face a face.

Um chamado a *política mídia* é lançado.

Um olhar à comunicação *face a face* midiaticizada se faz.

Como um quadro de Magritte, as formas devem estar no centro do conteúdo.

@NobleCavalcante

*Em um verão chuvoso de Campinas*

## INTRODUÇÃO

Compreender as interações de grupos de conversação instantâneas é um simbólico ato problematizador das contemporâneas investigações dos Estudos da Mídia que buscam interdisciplinares procedimentos metodológicos ante a complexidade da mediação política. Afinal, são mais de 1,5 bilhão de usuários ativos que utilizam os serviços de trocas de mensagens pelo aplicativo WhatsApp. O Brasil encabeça a lista de usuários do WhatsApp, com 19,91% do total de usuários provenientes deste país, somando um total de 120 milhões de usuários ativos (Digital Information World, 2019).

Buscar procedimentos metodológicos que acompanhem a ultravelocidade das interações no WhatsApp motiva este projeto de pesquisa a desvendar em outras áreas do conhecimento orientações analíticas pertinentes a produção de sentidos oriundas das interações em grupos mediados. Estudos recentes que investigam o uso desse aplicativo como repertório de mídia (BAYER *et al.*, 2016; BOCZKOWSKI *et al.*, 2018; HEPP *et al.*, 2018) vem sido empreendido, sinalizando limitações metodológicas em aliar métodos mistos para amplitude em diferentes contextos. O recorte empírico delineando a influência do uso deste dispositivo midiático ao prisma temático também encontra alicerce no campo da comunicação política (DOYLE, 2015; BARGAS, MAIA, 2017; SANCHEZ *et al.*, 2018; MACHADO *et al.*, 2019; GIL DE ZÚÑIGA *et al.*, 2019). Esta tese aproxima procedimentos qualitativos, oriundos dos estudos etnometodológicos da Linguística, ao campo das Ciências da Comunicação, dos Estudos da Mídia e da Ciência Política. Bem como pretende somar-se às técnicas quantitativas de mineração de dados originada na Ciência da Computação.

A Etnometodologia exprime a linguagem como um campo magnetizador das interações dos atores sociais. Tornou-se um estudo referencial por observar as configurações da interação social como indutora de um senso contínuo de realidade. (GARFINKEL, 1984; ATKINSON, HERITAGE, 1984; HAGUETTE, 1992; MYERS, 2002; GARCEZ, 2008; GAGO; MAGALHÃES, 2009; GOFFMAN, 2012a). Aplicando os “métodos pessoais<sup>2</sup>”, Atkinson e Heritage (1984) utilizam-se de um rigoroso aparato técnico para observar sistematicamente as dinâmicas que ocorrem enquanto os atores interagem cotidianamente. Creditam a Harold Garfinkel o pioneirismo do campo etnometodológico e a Erving Goffman a

---

<sup>2</sup> Johnson (1997, p. 101).

contextualização aprofundada aos quadros de interação da vida urbana, centro das questões sociológicas da geração estadunidense<sup>3</sup> de 1960 (ATKINSON, HERITAGE, 1984, p. 411).

Na compreensão das análises de *frames* de conversação, Goffman refere-se a um quadro social como um esquema mental que permite aos usuários organizar experiências. Goffman (2012a; 2012b) fornece<sup>4</sup> elementos-chave para entender a estrutura simbólica nas interações do cotidiano, e toma na comunicação dialogal face a face a empiria propícia para observar o sistema interativo da relação entre as pessoas. Especialmente, as posições dos jogos e papéis que os atores se posicionam nos recortes temáticos de realidade. Examinando as faixas de atividades cotidianas, encontra evidências cognitivas e simbólicas que rodeiam as interações dos atores sociais. Em *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, publicado em 1974, oito anos antes de sua morte, o autor compreende uma limitação que a corrente fenomenológica tratou acerca das “realidades múltiplas” e da “província de sentidos”. Esses tópicos, discutidos por William James e Alfred Schutz, permitiram que Goffman ampliasse a ideia de organização da experiência, recusando uma distinção entre a realidade da vida cotidiana e dos demais domínios das realidades. “Falar aqui da ‘vida cotidiana’, ou, como faz Schutz, do ‘mundo das realidades práticas plenamente conscientes’, é simplesmente atirar no escuro”. (GOFFMAN, 2012a, p. 50). Goffman expressa com fundamento que os participantes de uma situação social se movem em torno de duas perguntas centrais quando confrontados cotidianamente: “O que está acontecendo aqui?” e “Em que circunstância pensamos que as coisas são reais?” (GOFFMAN, 2012a, p. 31). As fronteiras entre as formas de organização do “mundo” das experiências cotidianas e o “mundo dos sonhos”, empreendida por James e Schutz, na visão de Goffman (2012a, p. 28), mesmo tendo sido fundamentais para distinguir seus distintos domínios de realidade, foram carentes quanto ao plano metodológico de debruçar-se sobre regras constitutivas da atividade cotidiana. As atividades servem de modelo para as transformações que Goffman enxerga nas ideias sobre “literalidade”. A compreensão acerca desse conceito com suporte nos quadros de análise, põe em contexto a ideia de transformações como um processo em que uma atividade cotidiana é associada a um modelo primário de

---

<sup>3</sup> Referindo-se à geração de pesquisadores que, no final dos anos de 1960, alocados na região da Califórnia, trabalharam (apoiando, revisitando ou criticando) a Etnometodologia fundada em 1967 por Harold Garfinkel após a publicação de *Studies in Ethnomethodology*. Garfinkel teve seu trabalho influenciado por Talcott Parsons e Alfred Schutz, e por sua vez influenciou Goffman (1986 [1974]) e outros pesquisadores interessados na aplicação dos conceitos de “Quadros” (especialmente encontrados na obra de Heringer, 1977; Schegloff, 1979; Levinson, 1983). Além de Harold Garfinkel e Alfred Schutz Goffman, William James e, especialmente, Gregory Bateson foram os fortes apelos teóricos da concepção de Quadros de Interação de Goffman 1986 [1974].

<sup>4</sup> Denzin e Keller (1981, p. 52) relembra os trabalhos originais relativos a semelhantes concepções goffmanianas publicadas anteriormente à obra *Frames Analysis* (1974): *Encounters* (1961), *Behavior in Public Places* (1963), *Stigma* (1964), *Relations in Public* (1971), e *Strategic Interaction* (1972).

quadros, permutados em “cópias” submetidas à modalização e às remodelações. Em um esquema primário, Goffman exemplifica que determinados enquadramentos sociais, oriundos de cenas cotidianas de surpresas, proezas, trapalhadas, casualidades e brincadeiras, transformam-se ao toque do encontro interacional, ou seja, “literalizam-se”, figurando cópias de realidade pela manutenção de quadros de interação transformados: cópias da realidade.

Recentemente, o debate de análises de quadros de interação na proposta goffmaniana aguça o olhar do pesquisador para a aplicação deste ao campo dos estudos de midiatização, mais especificamente nos debates teóricos da rede de investigação intitulada Figurações Comunicativa, propostos por Hepp (2013), Hepp e Hasebrink (2013) e Hepp, Breiter e Hasebrink (2018). Frente a complexidade exponencial das experiências com os *medium* em curso, a tese orienta que os estudos de interação midiática sobrepassem as fronteiras que por décadas separaram investigações qualitativas de quantitativas. Pesquisadores do Centro de Pesquisa da Mídia, Comunicação e Informação (ZeMKI) da Universidade de Bremen, ao qual esta tese denomina de Escola de Bremen, propõem um sistemático encontro qualitativo e quantitativo aos estudos da mídia contemporâneos. Abordam, processual e figurativamente, uma visão centrada nas práticas oriundas dos repertórios de mídia das redes de atores que experienciam suas adesões a ideia e valores morais por enquadramentos temáticos nas diferenciações dos dispositivos midiáticos utilizados. A proposta corrobora outros debates que permitem aos campos dos estudos da interação social e da mídia uma interseção. Mackenzie (2019) atualiza as leituras de Goffman no campo da interação simbólica aplicada à automação dos algoritmos, entendido como entidade material que age como em conjunto e torna seus efeitos entrelaçados, como uma cadeia de “algoritmos de negociação automatizada”. Também Puente Bienvenido e Bruna (2019), tomando as noções goffmanianas de drama, ritual, quadros de interação e jogos, compreendem a cultura dos *games* estudadas como traços subjacentes mais sutis de interação do jogo. Martínez Ortega e Pecourt Gracia (2019) chamam atenção para o conjunto de ritualizações provenientes nas comunicações por dispositivos móveis tomando as leituras de *Rituais de Interação* (2012), de Goffman. Thompson (2018), recentemente revisitou os estudos de interação de Goffman (2012b), mas prende-se apenas à concepção de fachadas sociais (*front stage* e *back stage*), atualizando sua teoria migrando às noções de *quase-interação mediada para interação on-line*.

O fundamento da corrente teórica intitulada Figurações Comunicativa parte do entendimento de que as práticas de consumo midiático da denominada *constelação de atores*, caracterizada pela configuração em rede de atores que partilham quadro de relevância temática

especificado, entrelaçam-se aos repertórios de mídia da vida cotidiana. A rede de pesquisadores vinculados ao ZeMKI chama, por este prisma, os Estudos da Mídia contemporâneos ao foco na visão egocêntrica da relação mídia-sujeito. A noção permite ampliar considerações a respeito da ideia de *enquadramento temático* (quadros de relevância ou quadros temáticos de interação), que aqui é aprofundada na concepção de *frames* goffmanianos, avançam ao diagnosticarem que as figurações comunicativas são “padrões de processos de entrelaçamento comunicativo”, aos quais a existência de várias mídias nas peculiaridades de seus enquadramentos temáticos (*frame of relevance*) são preponderantes na orientação das ações comunicativas. As contribuições acerca dos *frames of relevances* carecem de contextualizações, a começar pelo significado de certos termos utilizados por Erving Goffman, base da concepção de “enquadramentos temáticos”<sup>5</sup>.

*Frames of relevance* nas leituras teóricas sobre a concepção da Figurações Comunicativa de Hepp e Hasebrink (2013) é traduzido no Brasil como “enquadramentos temáticos” (HEPP, 2014; HEPP, HASEBRINK, 2015). Contrastando a mesma dicção com a edição brasileira de Erving Goffman (2012a), “quadros de relevância”, é utilizado como equivalência a “*frames of relevance*”<sup>6</sup>, não havendo referência traduzida pela expressão “enquadramentos temáticos”. Em Goffman (1986 [1974]; 2012a; 2012b), o significado pretendido pela Escola de Bremen ocorre massivamente pelo termo isolado *frames*, enquadramentos ou quadros, sendo este aplicado à noção de experiência simbólica e cognitiva pela interação cotidiana. Sendo a abordagem da Figurações Comunicativa um dos eixos teóricos de base para esta pesquisa, exprime-se que não há uma distinção concreta<sup>7</sup> entre *thematic*

---

<sup>5</sup> Andreas Hepp, pesquisador do Zentrum für Medien-, Kommunikations- und Informationsforschung (ZeMKI) da Universidade de Bremen, em conjunto com Uwe Hasebrink, pontua quatro instâncias às quais seus estudos sobre figuração comunicativa focalizam-se: constelação de atores, enquadramento temático, formas de comunicação e conjunto ou repertório de mídia. Pela rede de pesquisa intitulada Figurações Comunicativas (HEPP; HASEBRINK, 2013), os autores discorrem detalhadamente sobre as quatro vertentes. Esta tese prima pelo detalhamento do conceito do termo *frames of relevance*, na tradução brasileira entendida como enquadramento temático (HEPP, 2014; HEPP; HASEBRINK, 2015) e aprofunda este debate sobre a noção de quadros de interação dos estudos sobre *frames* de Erving Goffman. Hepp e Hasebrink (2015) detalham o sentido problematizado nesta tese enquanto *enquadramento temático*: “Talvez o ponto mais complexo das configurações comunicativas seja o seu enquadramento temático. Ao usar este termo, nós nos referimos menos à “análise de enquadramento” como é bem conhecida na pesquisa de conteúdo de mídia e de comunicação. Nosso termo é muito mais baseado no fundamento da teoria social e na “análise de quadros” esboçada por Erving Goffman (1974, p. 21-40). Quadros, ou enquadramentos, no entendimento de Goffman, possuem um momento interacionista assim como cognitivo: Por um lado, os quadros orientam nossa interação na medida em que a tornam compreensível, por exemplo, se nós consideramos uma situação de ensino em uma sala de aula como um quadro: Nós “produzimos” essa situação pela nossa interação sendo orientada por um quadro compartilhado de ação. Por outro lado, reconhecer quadros torna possível a uma pessoa que entra em uma sala entender “o que está acontecendo”. [...]”

<sup>6</sup> Buscando os termos no livro em inglês original, foram encontradas três ocorrências. Goffman (1986 [1974]).

<sup>7</sup> Estes termos são utilizados por diversos autores na obra organizada por Hepp e Hasebrink (2018) na intenção de referir-se a *frames* goffmanianos.

*frames* e *frames of relevance* para representar a releitura dos conceitos de *frames* de Goffman. A fraqueza lexical desta tese não abordará este aspecto. Deixa-se claro que o *usum loquendi* aqui empregado na maioria das ocorrências será quadros de interação; o que interessa atenção é: i) revisitar a teoria goffmaniana em que as experiências dos quadros de interação serão tomado na realidade face a face da comunicação, podendo, como se pensa, ser aplicada no contexto das interações midiáticas em grupos informais de comunicação; e ii) problematizar os ganchos que as correntes sobre a Figurações Comunicativa, ao assumir a relevância do “enquadramento temático” no processo de midiática, deixam brechas por não aprofundarem os quadros de interação de maneira empírica. Respectivamente, o capítulo 1 e 3 exprimem este interesse.

A tese propõe que o enfoque dos quadros de interação, aqui assumidos como “*enquadramentos temáticos*”, seja aprofundado, abrindo seara para estudos futuros semelhantes acerca dos conceitos de *constelação de atores*, *formas de comunicação e diferenciação de mídia*. Ratifica-se o embasamento focalizado na interação midiática da constelação de atores como centro constituinte da experiência do sujeito, mas recortado pelas ancoragens temáticas propostas por quadros de análise. Em um grupo midiático, é possível diagnosticar a constelação de atores por suas formas de comunicação, por seus repertórios de mídias provenientes da interação na leitura dos entrelaçamentos das *pessoas-papéis* da *política mídia*. Para isso, os objetivos centrais têm a seguinte divisão.

1) Propor categorias analíticas de enquadramentos temáticos por uma proposta de quadros de ancoragens de interação das trocas de mensagens instantâneas em grupos midiáticos, destacando perspectivas interacionistas e cognitivas. 2) Evidenciar como as ancoragens de interação de um grupo informal enquadrado como político-diplomático relaciona-se como parte do processo de figuração comunicativa da noção de uma política mídia. 3) Analisar como um específico ambiente midiático do WhatsApp aponta conjuntamente o repertório de mídias que moldam a formulação comunicativa de uma política diplomática. 4) Exemplificar a composição de membros de um grupo de interação informal como constelação de atores, destacando as relações sequenciais de entrelaçamentos por meio de símbolos provenientes das funcionalidades técnicas do WhatsApp. Estes objetivos são operacionalizados por triangulação da pesquisa de mídia, explorado em sua metodologia quantiqualitativa no capítulo 2 da tese, e apresentando resultados no capítulo 1.

A Escola de Bremen deixa evidência para se pesquisar o vetor de ancoragens de interação processo de midiática e de enquadramento temático de uma *política mídia*. Deixa

brechas, mas sem destrinchar<sup>8</sup>. É importante considerar que, em uma interação de uma rede informal de conversação, o quadro teatral persiste sem dependência em relação ao conteúdo diagnosticado que esta rede aponta. Os enquadramentos temáticos devem ser considerados como palco, palco das experiências com a “realidade”. Sim, com a “ação” que o processo de interação abalizará. Alguns detalhamentos sobre as influências goffmaniana e eliasiana nos recentes estudos de hipermediatização são melhor explorados no capítulo 3 desta tese.

Entre todas as redes formais de comunicação de uma política midiaticizada – pode-se aqui exemplificar com os veículos oficiais de redes sociais<sup>9</sup> – emerge uma rede informal, não menos significativa e até então considerada não administrada pela instituição detentora da ação. A primazia de conteúdo oriundo das mensagens trocadas em um grupo informal midiaticizado aqui em foco se refere à realidade interpretada e interpretável acerca da temática que involucra a constituição do próprio grupo. Um mergulho nas formas de interpretação da “realidade” de uma literalidade proveniente da essência, do conteúdo-elo do grupo, no caso do proposta analisada, de um novo tipo de empreendedorismo já dito<sup>10</sup> como doutrinado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, exemplifica que qualquer outro organismo semelhante patrocinador de uma política midiaticizada passe por um processo semelhante de figuração comunicativa pelo ângulo de enquadramento temático.

As redes informais de interação midiaticizadas de uma política específica são como qualquer quadro de conversação dos canais oficiais de suas “redes sociais” oficiais. O viés institucionalistas e sociodiscursivos configura-se de modo distinto. Esta tese se atém a ideia de que uma rede de conversação “invisível” (e informal, por não ser administrável institucionalmente) é constituinte do processo de midiaticização da *política mídia*. As análises aferidas nessa seção provêm das observações e da imersão em um grupo informal de uma política que promulga a “cultura do empreendedorismo *startup*”. O grupo midiaticizado no WhatsApp é constituído por atores brasileiros patrocinados na terceira edição do programa<sup>11</sup>, financiado pelo Departamento de Estado dos EUA e organizado por uma empresa privada que, desde os anos 1950, firma “alianças diplomáticas” entre líderes latino-americanos e

---

<sup>8</sup> Os esforços dos pesquisadores da rede do ZeMKI ainda rondam no sentido de contextualizar empiricamente a noção de enquadramento temático (*frames of relevance*), elemento dos estudos sobre figuração comunicativa.

<sup>9</sup> Perfis públicos em redes sociais que intitulam o nome da política estudada “YLAI Netwok” são exemplo das ferramentas oficiais de comunicação do que se exemplifica como rede formal, oficial, de comunicação diplomática institucional.

<sup>10</sup> Discorrido no capítulo primeiro da tese.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://br.usembassy.gov/pt/20-jovens-empresendedores-brasileiros-sao-selecionados-para-intercambio-profissional-nos-eua-iniciativa-jovens-lideres-das-americas-ylai/>>. Acesso em: 1º out. 2018.

estadunidense. Na rede informal criada por esses membros, o centro é a rotinização das experiências vividas antes, durante e depois da imersão de um mês nos EUA. Patrocinados por essa política, a criaram para falar dela. Em consonância com distintas instituições privadas que patrocinam os novos ares das redes de empreendedorismo locais de Fortaleza, da Cidade do México, de São Paulo, ou de qualquer cidade situada como “capital em eminência cosmopolita”, os canais de comunicação institucionais são parte de um todo da *política mídia*. O que se destaca ao ser considerado como conjunto desse todo são as redes informais, ambas compõem a “realidade” da *política mídia*. Por isso, a consideração *política mídia*<sup>12</sup>. Mesmo não sendo canais oficiais de comunicação, estas redes fluem como um aparato de comunicação dentro do mesmo âmbito de análise da midiatização de uma *política mídia*. Postas como recorte empírico, as observações daqui em diante são exercícios desta tese para fecundidade do vetor sugerido pela Escola de Bremen, especificamente, aprofundando a análise de quadros de interação.

Na apreciação do fluxo de interação dos membros participantes da *política mídia*, o enquadramento teatral amplia os argumentos linguísticos, atentos ao conteúdo de interação. Ampliam, colocando como foco não o dito, mas a composição das dinâmicas de interação. Com amparo no processo de interacionismo simbólico<sup>13</sup> emergente das escutas, observações e experiências fecundizadas, vislumbram-se novos horizontes para análise de uma mídia que tem conteúdo político interacionado com um grupo *par excellence* informal; nunca administrada diretamente pela política, mas distintivamente ordenada pela lógica da experiência da *política mídia*.

Se o alocamento dos novos Estudos da Mídia é a centralidade no sujeito, é na consideração dos grupos informais dos mesmos sujeitos que esta vertente poderá ser finalmente posta. Isso contribuirá com os avanços empíricos qualitativos e quantitativos que a Escola de Bremen pontuou até aqui.

---

<sup>12</sup> *Política mídia* refere-se a um neologismo para metaforizar e ratificar a midiatização de uma política. Desperta atenção para as configurações “datatizadas” ao centro das políticas que enunciam e produzem sentidos, primordialmente, por dispositivos midiáticos. Esta *via dicens* é abordado no capítulo 3 da tese.

<sup>13</sup> Refere-se à corrente teórica de Erving Goffman. É necessário pontuar que os críticos do autor, como Denzin e Keller (1981) problematizam essa “etiquetagem” de interacionismo simbólico *versus* estruturalismo. A exemplo: “Os trabalhos de Goffman foram comumente definidos como interacionistas simbólicos e dentro do ramo James-Cooley-Mead da psicologia social pragmática (Gamson, 1975; Davis, 1975). Sugerimos que esse não seja o caso. Antes, o trabalho de Goffman deve ser lido de uma perspectiva “estrutural” (ver Geertz, 1967; Gonos, 1977; Lane, 1970). Com essa interpretação, é possível localizar o trabalho de Goffman epistemologicamente e avaliar sua contribuição para um entendimento da interação, experiência e vida cotidiana.” (DENZIN; KELLER, 1981, p. 52, traduziu-se).

No início desta pesquisa, pensou-se em considerar a quantificação do conteúdo emergente do grupo analisado. Mesmo com o vislumbre<sup>14</sup> qualitativo que a teoria enraizada propõe, imaturamente aqui sintetizado na prática de codificação, deixou-se de ter este como foco. As linhas a seguir justificam a consideração da *política mídia* como um propício recorte de *quadros gerais da experiência*.

Nos diários de observação desta pesquisa, foram inúmeros os relatos da forma de se entender a materialidade dos atos compartilhados por membros da política diplomática estudada. Escrevem-se e compartilham-se (em tempo real, por meio da disponibilidade de um *link*) via dispositivos midiáticos em um grupo de WhatsApp fechado para participantes não brasileiros e não pertencentes à terceira edição do programa. Como já detalhado<sup>15</sup>, o grupo informal, por muito tempo, se apresentou e se representou como uma realidade, para os outros e para esta pesquisa. A vida social do grupo diante da visão que se tinha congelou-se por todo o período de aproximados seis meses de observação e imersão. Durante a busca por aquela realidade, a fantasia se mesclava no “irracional” e no “racional” do pesquisador e dos pesquisadores<sup>16</sup>; do observador e dos observadores. Por isso, recorreu-se ao detalhamento da vertente que Andreas Hepp atribui como legado de Erving Goffman. O considerado “enquadramento temático” (*frames of relevance, frames/quadros de relevância*) da abordagem sobre Figurações Comunicativa aqui mergulha na raiz do enquadramento das experiências sociais figuradas.

São os padrões culturais que determinam os fazimentos dos papéis sociais. A atividade cotidiana oferece um duelo entre o original e as cópias dessas atividades. Elas devem ser vistas como sempre em curso, moldadas pelos padrões culturais e pelas experiências da hipermidiatização em que se está inserido. Cópias ou originais, a vida cotidiana permite-se,

---

<sup>14</sup> Reporta-se ao processo de codificação seletiva elaborado por Glaser e Strauss, que desde 1967, vem sido sistematizado na noção de teoria enraizada (*grounded theory*), cito referência de Laperrière (2014) que apresenta um rico debate sobre o tema. Hoje, se percebe o domínio dos usos de *softwares* denominados de pesquisa qualitativa (a exemplo do ATLAS.ti) que, como se entende, contextualiza um peculiar encontro entre dados qualitativos e quantitativos.

<sup>15</sup> Desde o início do programa acompanha-se as transmutações dessa política diplomática que visa a desenvolver o ecossistema das empresas *startups* na América Latina e no Caribe. Serviu como estratégia de observação, a entrevista pessoal com uma das participantes que foi a vedete principal da última vinda do ex-presidente dos EUA, Barack Obama, em sua última viagem diplomática ao Peru em novembro de 2016. A vinda oficial do Político marcou o início da Parceria Transpácífica meses antes de uma disputa presidencial e do lançamento do YLAI Network, programa político diplomático e midiático que aqui se aglutina na expressão *política mídia*. Informações detalhadas da viagem diplomática são encontradas no seguinte *link*: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2016/11/20/press-conference-president-obama-lima-peru>.

<sup>16</sup> Não há referência à relação pesquisador-pesquisado. A noção é debatida na seção da tese sobre o processo de observação da pesquisa da mídia.

como lembra Goffman (2012a, p. 675) “um esboço laminado de um padrão ou modelo que em si é uma tipificação de um *status* de âmbito incerto”. Ou seja, modelos de aparência cotidiana, um faz de conta do que a realidade representa e padroniza.

A vida representacional, pontuada por Schutz (1962) como “mundo da vida cotidiana” é detentora de uma província finita de significados. Sendo o *medium* da linguagem o elo codificador das múltiplas realidades de sentido, antes de tudo, subjetivas.

Se, por exemplo, a comunicação ocorre através de um *medium* vernacular da linguagem comum, eu tomo como certo que Outros que se expressam nesta língua querem dizer, pela expressão linguística que eles usam substancialmente, a mesma coisa que eu os entendo significar, e vice-versa: se o termo “mundo da vida cotidiana” ou “realidade da vida diária” não designa meramente o mundo da natureza como vivido por mim mas também o mundo sociocultural em que eu vivo, então fica claro que este mundo não coincide com o mundo dos objetos, fatos e eventos externos. Sem dúvida, isso inclui aqueles objetos exteriores, fatos e eventos que estão dentro da minha realidade e aqueles que estão dentro das várias zonas do meu alcance potencial (incluindo aqueles que estão dentro do alcance real e potencial dos meus semelhantes). Ademais, isso inclui todas as funções representacionais de tais objetos, fatos ou eventos que transformam coisas em objetos culturais, corpos humanos em semelhantes, seus movimentos corporais em ações ou gestos significativos, ondas de som em fala etc. (SCHUTZ, 1962, p. 328, grifo do autor; traduziu-se<sup>17</sup>).

A “realidade” da vida cotidiana compõe-se por *frames*, os quais são permeados por indicadores baluartes que definem uma interação. Essas estruturas moldam a significação da experiência de cada sujeito em interação; agem funcionalmente, organizando as interações sociais e cognitivas dos atores. É na vida cotidiana que se encontram os vestígios dos fragmentos, em parte conectados pelas relações transcendentais dos signos. Um grupo informal mediatizado possui marcas representacionais que promovem a transcendência da *política mídia*, fragmentada em partes, mas moldadas em um todo de experiência pelos *frames* de interação dos membros observadores-observadores. Antes de padronizáveis, os vínculos em um grupo são transcendentais. O problema de fazer um recorte da vida cotidiana já foi posto por Schutz

---

<sup>17</sup> Texto original: “If, for instance, communication occurs through the *medium* of the vernacular of ordinary language, I take it for granted that Others who express themselves in this idiom mean by the linguistic expression they use substantially the same thing that I understand them to mean, and vice versa. If the term “world of everyday life” or “reality of everyday life” does not merely designate the world of nature as experienced by me but also the sociocultural world in which I live, then it becomes clear that this world does not coincide with the world of outer objects, facts, and events. To be sure, it includes those outer objects, facts, and events which are within my actual reach and those which are within the several zones of my potential reach (comprising those within actual and potential reach of my fellow-men). It includes, however, in addition, all the appresentational functions of such objects, facts, or events which transform things into cultural objects, human bodies into fellow men, their bodily movements into actions or significant gestures, waves of sound into speech, etc.” (SCHUTZ, 1962, p. 328)

(1962) e, como crê o autor, há uma transcendência parcialmente sensível. O avanço de Schutz permitiu visualizar a estruturação gradual da vida cotidiana; o interesse dos atores em conhecer o mundo é prioritariamente pragmático. É nos signos que a vida representacional se revela em uma interação. É pelo Outro que as construções da realidade são postas.

O mundo da vida cotidiana é assim permeado por referências representacionais que são simplesmente tomadas como certas e entre as quais eu desenvolvo minhas atividades práticas - minhas atividades de trabalho, como as referimos anteriormente - em termos de pensamento de bom senso. Mas todas essas referências representacionais ainda pertencem à província finita do significado, chamada de realidade da vida cotidiana. Ainda assim nada precisa ser mudado em nossa tese de que todas as referências representacionais são meios de chegar a um acordo com experiências transcendentais, o que temos tentado demonstrar em relação às referências representacionais estudadas até agora, a saber, marcas, indicações e sinais. Todas as transcendências dessas referências ajudam a chegar a um acordo com o que elas mesmas pertencem ao que agora caracterizamos como a realidade da vida cotidiana. Sendo transcendências - do meu atual Aqui e Agora, do Outro, do mundo do Outro, etc. - eles ainda estavam imanentes no mundo de senso comum da minha vida cotidiana, co-construindo a situação em que me encontro colocado neste mundo. (SCHUTZ, 1962, p. 328, traduziu-se<sup>18</sup>).

O Outro, por diversas vezes narrado no diário, donde se revelam as experiências que se detém com a realidade do grupo, original ou cópias, se apresentaram com codinomes de pintores (artistas dos movimentos dadaísta ou surrealista). A tomada dos codinomes foi aleatória, após o processo burocrático<sup>19</sup> e da entrada no grupo mediatizado. As atividades ordinárias deles e deste pesquisador seguiam no princípio com um acento de realidade. A verdade é que até o rompimento oficial e a saída da imersão, houve uma parcela de “*real*”, de *realidade suprema*.

Fantasia, do último sonho que se teve com eles – no qual o elefante que sugava meu corpo com sua tromba gigante para me permitir entrar em uma casa na qual eles estavam – até os devaneios presenciado da experiência deles, antes, durante e depois da imersão nos

---

<sup>18</sup> Texto original: “The world of everyday life is thus permeated by appresentational references which are simply taken for granted and among which I carry on my practical activities -my working activities, as we have referred to them before - in terms of common-sense thinking. But all these appresentational references still belong to the finite province of meaning, called the reality of everyday life. Nevertheless, nothing has to be changed in our thesis that all appresentational references are means of coming to terms with experiences of transcendences. This we have tried to show with respect to the appresentational references studied so far, namely, marks, indications, and signs. All the transcendences they helped to come to terms with themselves belong to what we have now characterized as the reality of everyday life. As transcendences - of my actual Hereand Now, of the Other, of the Other's world, etc. - they were still immanent in the common-sense world of my everyday life, coconstituting the situation in which I find myself placed in this world.”

<sup>19</sup> Refiro-me ao CEP (Comitê de Ética da Pesquisa), fazendo saber o número do parecer da pesquisa consubstanciado: 3.088.806.

EUA. As realidades supremas seguiram-se no diário e no grupo como roteiros dramatizados; mesmo antes de encontrar as propostas de Goffman, James ou Schutz. Aqui, os dois últimos são pincelados. O primeiro é mais mergulhado, assim como Hepp, que me empurrou no lago da abstração. No lago da realidade. Foram relatados cotidianos de diversão, caridade, engano, rituais, vitórias, despedidas, demonstrações, prestações de serviços e fofoca. O empreendedorismo que emergia do grupo estava arrodado dessas atividades concretas.

Como *faixas*. Faixas dos episódios da vida cotidiana deles e da minha. “Sem dúvida, esta faixa constitui o tipo de coisa que os escritores, a partir de James, consideraram como realidade cotidiana.” (GOFFMAN, 1992a, p. 674). Como sugerido, um sistema de trânsito em que os papéis de Arp, Bacon, Breton, Carrington, Chagall, Dalí, Duchamp, Ernst, Giacometti, Kahlo, Klee, Kush, Maar, Masson, Picabia, Picasso, Tanguy e Varo se constituíam.

Nesses enquadramentos agrupadores dos papéis ocupacionais e representativos, a rotina entregou-se a momentos de fantasia, laminações e tonalizações.

Evidentemente, toda faixa estratificada de enquadramentos sobrepostos poderia ser transformada como um todo para ser apresentada na tela e seria ali sistematicamente diferente por uma única laminação, conferindo ao todo um status de âmbito diferente em relação ao original. (GOFFMAN, 1992a, p. 674).

Para contextualizar o endosso ao enquadramento temático da leitura goffmaniana à leitura dos quadros temáticos da *política mídia*, se privilegia a noção das representações, dos roteiros dramáticos, das figuras das fontes do enunciado e dos quadros primários no cotidiano de interação via mídia de conversação. No capítulo 1, dados qualitativos e quantitativos serão confrontados, comparados ou interseccionados.

A hipótese que impera nas próximas seções é a de que as funcionalidades técnicas de representação de escrita, fala e gestos, pela interação midiaticizada, simbolizam as intenções e emoções, forjam as representações dos atores e roteirizam as narrativas de um grupo em uma rede informal da política mídia - como o *medium* da linguagem, dispositivo do enunciado motor da comunicação face a face.

## 1. ANCORAGENS DE ENQUADRAMENTOS TEMÁTICOS DA *POLÍTICA MÍDIA*

*Política mídia* é o conceito figurativo utilizado neste estudo para operacionalizar as noções acerca da midiaticização de uma rede de interação informal, recortada empiricamente aqui como parte de um todo das ações comunicativas da política diplomática em foco. A *política mídia* metaforiza as experiências da vida cotidiana e o processo de incorporação de uma política às ordens sociais e de interações dos membros participantes de um jogo diplomático. As experiências recortadas nesta tese provêm das cotidianas mensagens trocadas por participantes brasileiros, membros de um grupo midiaticizado, durante meses de imersão a uma *política mídia*. Esta como *usum loquendi* propõe papéis emotivos e cognitivos do uso lógico-referencial da linguagem nos recortes da experiência dos atores ao centro dos enquadramentos temáticos. Estudar as ancoragens de interação de um grupo midiaticizado, seja ou não pertencente a uma *política mídia*, é um simbólico ato problematizador das contemporâneas investigações das Ciências da Comunicação que frearam diante a complexidade da *mediaticização de tudo*. Se as propostas empíricas destas ciências se mantêm aos exclusivos usos metodológicos de ferramentas qualitativas, não vislumbrando as conjunturas de trocas de informação exponenciais centradas aos monopólios da comunicação digital, a tese endossa propostas quali-quantitativas ao novo campo do conhecimento que se formaliza no Brasil: os Estudos da Mídia.

Priorizar as ancoragens de interação é assumir as barreiras física e humana em qualificar a datatização que ocorre nos grupos de interação concentrados nas mídias. Pelos vieses sociodiscursivos e institucionais das teorias sobre mediaticização, considerar as ancoragens de interação permitem aferir aberturas e fechamentos a *frames* temáticos nas infindáveis trocas de mensagens de um grupo hipermediaticizado. Antes de tudo, trocas padronizáveis quali e quantitativamente. Este capítulo propõe triangular estes métodos, pondo tipos ideais acerca das ações comunicativas interligadas em grupo acerca de uma temática debatida (mas não sondada a princípio), sem ater-se ao conteúdo, mas a forma de encontrar marcadores de início e finalização de *frames*. Os estudos das ancoragens midiaticizadas possibilita investigar níveis de aderência a determinados temas, valores, princípios, regras ou qualquer outro sentido de adesões frente à hipermediaticização das esferas plurais de pertencimento.

Analisar os quadros temáticos midiaticizados – ou como aqui se prefere adotar, quadros de interação da *política mídia* – permite preponderar que a subjetividade dos membros participantes do grupo estudado é emergida na relação entre a interação e as condições estruturais e processuais de como estas prosseguem nas distintas experiências de um grupo

informal. Como quadros organizativos interdependentes e, não exclusivamente, focados “con-te-u-ti-za-ção<sup>20</sup>” da interação, a forma é mister. Como empuxos para interação em grupo, as âncoras são marcadores (*brackets*) cíclicos de início e fim, como formas que delimitam conteúdos experienciados momentaneamente por um indivíduo. O estudo dos quadros de interação, mais do que priorizar a relação entre os sujeitos e seus momentos, prefere crer na postura inversa, ao considerar a relação dos momentos com os sujeitos. Das “[...] relações sintáticas entre os atos de pessoas diferentes mutuamente presentes umas às outras.” (GOFFMAN, 2012b, p. 10), sendo a análise de quadros “[...] um *slogan* para referir-me ao exame, nesses termos da organização da experiência.” (GOFFMAN, 2012a, p. 34). As articulações entre a ordem social e a ordem de interação da *política mídia* é a que esta seção se dedica, principalmente. Dois são os desafios travados nas próximas linhas: atualizar os vetores da análise dos quadros goffmanianos ao paradigma da midiatização (e não mais da comunicação face a face); e interseccionar a grande quantidade de dados coletados da rede de conversação instantânea do grupo estudado com a subjetividade dos dados relatados pelo diário aberto da pesquisa.

Não se acredita que em um grupo informal de comunicação instantânea, centralizado em um dispositivo midiático e criado por algum participante de uma política (diplomática) para discorrer sobre determinados assuntos com outros membros, as interações entre esses atores não possam ser compreendidas pelos mesmos aspectos de uma comunicação face a face. Da mesma forma que as situações cotidianas corporalmente postas em contato entre humanizadas, a imputação da realidade (e irrealidade) está presente, à medida que as situações se aparelham como vias de articulação e interpretação àquilo que se dispõe, a vivência pela experiência “do que está acontecendo” e do “como se posicionar”, abraçam a complexidade das interações midiatizadas. Com uma diferença: os entrelaces das experiências dos atores com os acontecimentos decorrem-se “embedadas<sup>21</sup>” pelas funcionalidades técnicas dos dispositivos midiáticos. Se Goffman (2012a, p. 10) define por *frames* “uma coletividade de definições de situações que governam eventos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles”, esta seção abrirá caminhos para ver no conceito de *ancoragem* o chamamento aos enquadramentos iminentes de uma interação de “emolduramento de experiência à cena”. Aos Estudos da Mídia,

---

<sup>20</sup> Neologismo criado para denotar sentido crítico do gosto intensivo que os atuais estudos de Comunicação e da Mídia se colocam na análise de conteúdo dos meios. Este estudo não deve ser usado como referência aos interesses da Análise de Conteúdo, em suas vertentes Críticas de Discurso ou de Discurso Crítica. Este se atém à forma da complexidade publicizável de interação na mídia.

<sup>21</sup> Neologismo com a intencionalidade de significar “incorporar”, aludindo aos atos de *embed* da linguagem computacional do HTML (HyperText Markup Language) (“Linguagem de Marcação de Hipertexto”).

mais contemporaneamente, abraçando os conceitos institucionalistas e sociodiscursivos no empiricismo centralizado à constelação de atores, nesta seção, a tese pretende colaborar com novas miradas às interações em grupos informais. Como coparticipantes da gama *crossmidiática* não manejada por políticas comunicativas institucionais, as experiências entre participantes de uma ordenação discursiva-política, das chamadas contas oficiais das redes sociais, alocam tão ou mais a atenção aos grupos informais do que uma “rede oficial<sup>22</sup>”. Observar a experiência dos atores sociais ao centro de uma *política mídia* pelo viés dos quadros é aprofundar e contextualizar o que Goffman (2012a, p. 15) enfatizou como “[...] processo de enquadramento da realidade aquele exercido pela mídia de acordo com as notícias cotidianas veiculadas [...]”. Ou seja, é expandir as leituras sobre as configurações que novas mídias de conversação entre participantes de uma política diplomática, em especial, “[...] nas narrativas engendradas pelos *frames* que se fortalecem as crenças sobre o funcionamento do mundo.” (GOFFMAN, 2012a, p. 15).

Portanto, entendendo que os ganchos das ancoragens da interação de uma comunicação face a face e midiaticizada em um grupo informal se assemelham a quadros que representam uma *coletividade de definições de situações que governam eventos sociais e nosso envolvimento subjetivo*, propõem-se deixar de lado o esforço que Thompson (2018), atualizando sua teoria, contextualizou alguns conceitos de interação à luz de Goffman. Válida é a noção de diferenciar as interações dos sujeitos dependendo do tipo de mediação a que estes se vinculam, sem embargo, parece reduzida<sup>23</sup> a noção de sintetizar o trabalho de Goffman apenas no conceito de *front stage e back stage* expressivamente exposto em *Rituais de Interação (2012). Frame Analysis (1986 [1974])* permite ampliar o entendimento de interação face a face às redes de comunicação da *política mídia* no âmbito das articulações dos sujeitos aos processos figurados de *ancoragem, estatutos de participação, funções no grupo e canais de atividade exercidos* pelos membros de uma interação midiaticizada. A compreensão de *ancoragens* midiaticizadas, ganchos de chamamentos e entrelaçados que atraem os participantes a uma interação, é a proposta central a ser debatida nesta seção. Antes, é necessário retomar alguns pontos da Teoria dos Quadros de Interação.

---

<sup>22</sup> Refiro-me à diversidade de contas institucionais em redes sociais de qualquer política de Estado. Os seguidores dos conceitos cibercultura, hipertextualidade, representados por Pierre Lévy, exaustivamente, já debateram sobre a linguagem em redes sociais como, Facebook e Twitter.

<sup>23</sup> Exprime-se uma ampliação dos estudos sociológicos e da área da Comunicação e dos Estudos da Mídia acerca do conceito de interação social de Erving Goffman que se entende, estão estritamente explorados nas leituras das obras *Interaction Ritual*, de 1937, e *The Presentation of Self in Everyday Life* de 1956.

Mesmo tendo tomado como grande fonte empírica elementos da comunicação face a face contidas em anedotas extraídas de jornais estadunidenses de grande circulação, livros populares e biografias, histórias em quadrinhos, roteiros de peças teatrais e variados materiais de críticas literárias, bem como as conversas de esquina. Goffman abriu um leque teórico-metodológico aos estudos da mídiatização. Não se compreende que a transformação tecnológica exclua as transformações da ordem de “literalidade”, empreendidas pelo autor. É importante, no entanto, mencionar que as próprias fontes empíricas utilizadas na obra original foram alvo de críticas e, dentro de uma interpretação estruturalista, considerada estando *no limite da vida cotidiana da maioria das pessoas*. “[...] Suas molduras são formas congeladas. Seu conceito de realidade é ilusório e obscuro. Suas transformações postuladas não têm causa ou processo por trás delas. Suas molduras captam eventos que estão na periferia da vida cotidiana<sup>24</sup>.” (DENZIN; KELLER; 1981, p. 59, traduziu-se).

A análise dos quadros, na proposta goffmaniana, emprega procedimentos capazes de, pela prática da observação, diagnosticar dimensões identificáveis para qualquer atividade ou episódio de interação. Na comunicação face a face, conforme exemplificado por Goffman (2012a; 2012b) em inúmeros exemplos de representações teatrais ou por jogos sociais cotidianos em espaços públicos, a presença corporal é fundamental no mapeamento dos quadros. Como o próprio autor sugere, entretanto, essa necessidade não é suficiente para caracterizar a complexidade das interações humanas. Sem os corpos e com a noção de espaço-tempo sobradamente dilatados por dispositivos técnicos, o desafio em materializar os vetores analíticos de diagnósticos dos quadros das interações de membros da *política mídia* é lançado. O que interessa nesta análise é abrir espaço para uma atualização teórica de Goffman aos Estudos da Mídia contemporâneos; na compreensão que se tem, essa pode se aplicar em um grupo informal mídiatizado. A corporeidade, em grupos informais mídiatizados, assume outras configurações, dentro da condução de funcionalidades técnicas permissíveis à compleição de uma rede simbólica disposta. A noção de espaço-tempo configura-se em outras dinâmicas, que dissolvem ou aglutinam o estar em a um tempo presente, passado ou futuro. Esses paradigmas são aplicáveis a que se procederá entre comunicação face a face tecida por Goffman e a mídiatizada. Insiste-se em que o domínio proeminente das empresas privadas de tecnologia provedora dos serviços de comunicação entre usuários deve se estender aos estudos independentes ou acadêmicos no campo das Ciências da Comunicação dos Estudos da Mídia.

---

<sup>24</sup> “His frames are frozen forms. His concept of reality is illusive and blurred. His posited transformations have no cause or process behind them. His frames catch events that are on the periphery of everyday life.” (DENZIN; KELLER; 1981, p. 59).

A subjetividade elevada pelas análises de conteúdo, densamente exploradas nas análises dessas áreas disciplinares, pode ser ampliada à subjetividade emanante dos dados padronizáveis quantitativos e qualitativos de uma *política mídia*.

Poder-se-ia contextualizar todas as experiências tocantes às contribuições da análise de quadros pelos gostos intuitivos provenientes do diário de observação participante oculta. Prefere-se, entretanto, desafiar o apego íntimo que Goffman concedia à unicidade qualitativa. Tão qualificáveis como os padrões goffmanianos da comunicação gestual face a face cotidiana, são os quantificáveis padrões de entradas e saídas dos toques de tela por membros de um grupo que interagem por uma mídia. Será apenas um toque. E, por certo, ele deve ser considerado no processo metodológico e nas condições do fazimento da pesquisa. A *política mídia*, na esfera do grupo informal, aqui ponderada, jamais poderia ser replicada a outra condição. A escolha e as funcionalidades dos dispositivos analisados e tomados como coleta, *momentum* de entrada e finalização do campo, a jocosidade da sistematização da observação por certo não se repetiriam. Bem assim, a condição social que tornou os membros da *política mídia* componentes de um “grupo”, externo a qualquer controle, não incidiria. Restam, contudo, os vetores extraíveis dos quadros de interação. Quatro destes, compreensíveis nas leituras de Goffman (2012a), são materializáveis na tentativa de se observar níveis de vínculos em uma *política mídia*.

*Delimitações temporais e espaciais* de episódios interacionais são os primeiros destaques observáveis na contextualização das variantes interacionais midiaticizadas em um grupo informal. Estreitar as modalidades de ancoragem de uma atividade cotidiana, firmar, ou situar o tempo e o espaço de uma função que transcende um episódio particular aqui é tratado como ancoragens ou parênteses (*brackets*), também como os marcadores pontuados por Goffman. “Estes marcadores, tal como moldura de um quadro, presumivelmente não fazem parte nem do conteúdo da atividade propriamente dita nem tampouco do mundo externo à atividade, mas antes ambas as coisas, internos ou externos, uma condição paradoxal [...]” (GOFFMAN, 2012a, p. 312). Essas convenções episódicas, anunciadoras de atos de início ou desfecho, podem ser analisáveis, seguindo o que o Sociólogo desmembrou como parênteses externos (delimitadores de um episódio interacional) e parênteses internos (estruturantes internamente dos atos cênicos ou dos *rounds*). Ambos estão associados à preparação e à orientação dos membros de uma interação. Os resultantes são visualizados em quantidades padronizáveis de atividade de pré-representação e pós-representação.

Os parênteses operam como sinalizadores das marcações internas e externas de uma interação. Os parênteses externos são o início e o fim dos assuntos considerados por um grupo pertencente ao “espetáculo” em andamento ou aos acontecimentos oficiais internos. Em uma interação face a face, Goffman distingue os encontros cotidianos e rotineiros semelhantes a um “jogo” ou um “espetáculo”, aos quais as faixas de atividades empiricamente vistas pelo vetor parênteses são aplicáveis. O que aparenta serem como marcadores externo brota, em parte, dos marcadores internos de uma cena social. A óptica comparável pertencente à inerência da interação ou externa a ela é o que os distingue. O ritual de despedida de um membro de um grupo, por exemplo, ou o derrame de uma cortina em um palco teatral, finda o encerramento de um expediente de trabalho ou o fecho de uma noite de apresentações. O fato primeiro visto comparável a uma jornada de trabalho é considerado por Goffman como um parêntese externo. É o anúncio de encerrar um dia no escritório; de saída, do adeus do ator; mas, se o mesmo fato for comparado à saída de um ciclo particular do trabalho, o retorno a este será um parêntese interno. As colocações literais do entre parênteses “()”, ou entre aspas, por um falante, é um tema com o qual a operação lógica dos *brackets* ocorre. Literal ou não, “A colocação entre parênteses torna-se uma questão óbvia quando a atividade que está para ocorrer é em si frágil ou vulnerável em relação à definição e suscetível de produzir tensão de esquema.” (GOFFMAN, 2012a, p. 316).

Dou munição à aplicabilidade de parênteses na interação da rede informal da *política mídia*. Chamo atenção para o que ocorreu no dia 17 de outubro de 2018, registrado no diário de observação:

Os que ficam. O que sai. [*Título do dia relatado*]

Bacon saiu. Parece retornar hoje ao Brasil. No fluxo das informações do dia, foi assustador saber deste fato. Soube quando as notificações chegaram exponencialmente instantâneas. Havia saído do Rio Pacoti e estava no departamento de Sociologia da UFC em um curso sobre Democracia, Fascismo e Ditaduras. Estava desconcentrado vendo toda fala de Bacon. Era dia 17.

[...]

Uma verdadeira estatística se formava. Ernst freava o ritmo energizante da conversa “Alguém recebeu um e-mail dizendo que não foi selecionado.” [*sobre a competição que estava próximo do fim*]. Eram 16h02. Breton entristeceu “EU”. Bacon selou o desvio do percurso às 16h02:

“**Queridos**, tenho uma triste notícia pra **compartilhar com vocês**”. 16h03: “**Estou escrevendo isso pois fiz novos amigos aqui e admiro todos vocês**”. Breton: “**FALA LOGO BACON**”. Suspense no grupo. No intervalo até a revelação o foco era em Bacon, mesmo que Ernst tenha atualizado o ranking [*dos selecionados para*

*competição final*<sup>25</sup>] às 16h05. O motivo da saída de Bacon foi o descumprimento de uma das regras do programa: faltar os dias de trabalho no placement<sup>26</sup>. Mas o motivo parece não ter sido ouvido. Houve uma reincidência, e Bacon detalhou às 16h11:

“**Como alguns já sabem**, uma semana antes da viagem, a minha funcionária que cuidaria dos negócios me abandonou. Eu resolvi viajar para os EUA mesmo assim, mas desde o primeiro dia tem sido muito difícil. Ir para o placement, participar dos workshops, enviar as *atividades*, tudo enquanto eu tentava segurar as pontas lá na [Startup do participante]. Os clientes estavam insatisfeitos com as demoras na entrega e tudo mais. Em função de todo o stress, acabei ficando deprimido e teve uns dias em que nem consegui levantar da cama. Cheguei até a ir no hospital com a minha city host<sup>27</sup> pra ver se estava tudo ok fisicamente comigo. No fim, era só o stress mesmo, mas perdi uns 3 dias no placement. Minha host<sup>28</sup> me apoio demais durante o processo, pois já passou por coisas semelhantes, mas a Meridian<sup>29</sup> não gostou de saber. Recebi uma ligação da diretora do YLAI na semana passada, expliquei a situação, e a princípio achei que tinha conseguido me resolver com eles. Porém ontem tive um dia foda, perdi um dos meus clientes mais antigos e descobri por um acaso que outro irá encerrar o contrato comigo também. Não consegui ir para o placement novamente... Hoje recebi uma ligação dizendo para eu não ir para o placement hoje nem amanhã. Daí minha city host veio aqui no hotel, me colocou numa call com a Meridian, e me desligaram do programa. Praticamente me expulsaram, pois tenho uma hora pra arrumar minha mala e vou direto pro aeroporto. **Então, amigos, infelizmente vocês não me verão em Washington.**”

[Bacon] 16h12: “**Só posso dizer que tentei muito**, mas muito mesmo desde que cheguei aqui, mas aparentemente não foi o suficiente. Prejudiquei minha saúde, minha empresa, mas disse pra mim mesmo que conseguiria ir até o **fim com o YLAI.**”

[Bacon] 16h12: “**Faltando dois dias para acabar aqui**, eles decidiram me desligar, e estou extremamente **triste.**”

[Bacon] 16h12: “**Parece** que todo o esforço que fiz foi **em vão.**”

[Bacon] 16h12: “**Falei pra ela** no telefone: poxa, mas estou dando o meu melhor há quase 4 semanas, e vocês estão me desligando faltando exatos **dois dias pra acabar!**”

[Bacon] 16h13: “Mas ela ficou falando das políticas do programa e tudo mais. Disse que eu assinei me comprometendo... **Enfim.**”

[Bacon] 16h13: “**It's over for me.**”

Uma grande [*solidariedade*<sup>30</sup>] *começou a surgir*. Breton, Varo, Duchamp, Arp, Tanguy, Picabia, Giacometti, Ray, Klee, Magritte, Chagall, Kush, Dalí se sensibilizaram. Até às 17h58.

Carrington às 18h51 mudou de assunto: “The top three winners of the Pitch Competition will receive a YLAI Innovation Grant and a trip to The 2019 Global Entrepreneurs Summit in The Netherlands.” (DIÁRIO ABERTO, 17/10/18; grifou-se).

Em negrito, destacou-se os componentes do primeiro vetor da análise do quadro de interação da rede informal da *política média*: ancoração da interação por parênteses internos

<sup>25</sup> Em itálico, alteram-se as palavras com erros de digitação.

<sup>26</sup> Local de trabalho na empresa estadunidense onde o participante estava em imersão.

<sup>27</sup> Estado-unidense responsável pelo acolhimento do participante na cidade de imersão.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Empresa privada organizadora do programa sob encomenda do Departamento de Estado dos EUA.

<sup>30</sup> Palavra editada do Diário após verificar a desconexão da frase.

e externos. Os parênteses são tratados como funções calibradoras das convenções episódicas. Também expõem os preparativos de entradas e saídas dos cenários e enquadramentos. Goffman trata as “palavras iniciais” como indício importante para o diagnóstico dos marcadores dos ganchos. A estrutura do desabafo de Bacon, citado no excerto acima, se deu por 9 pausas, 15 marcações grifadas em negrito. Todos anunciavam a saída de Bacon do programa de imergência nos EUA, o qual o grupo naquele momento estava prestes a finalizar. Eram parênteses externos ao mesmo tempo que a cortina de Bacon se fechava aos outros membros. Mesmo isso não tendo ocorrido, mas se após a última frase do momento de desabado (It's over for me.), Bacon tivesse saído do grupo de interação, ali seria um fechamento do parêntese externo. “Queridos, tenho uma triste notícia pra compartilhar com vocês”, a abertura do mesmo. O tempo total da despedida foi de 11 minutos. Do anúncio de um adeus. “Parece”, “em vão” parênteses internos composto por palavras iniciais e finais.

As convenções episódicas como funções calibradoras do vetor parênteses estabelece uma linha de análise centrada na tensão do esquema de interação. Na rede informal da *política mídia*, elas apresentam diferentes perceptivas do “real”, exigindo de quem a observa, de quem participa, entrar ou não na cena. Solidarizar-se como os 13 participantes que ali o fizeram, ou calar-se como os sete restantes. Oito se calaram. Não houve dispersão nos 13 minutos de desabafo de Bacon. Dá-se indícios quando se escreveu: “Soube quando as notificações chegaram exponencialmente instantâneas”, que as notificações, o *status* de escrita (funcionalidade do WhatsApp que permite que um usuário visualize que o outro está digitando), são exemplos de prosclênio-bastidor dos entrelaces de membros após um ato.

Analisar o conteúdo por uma ordem discursiva, identificando as palavras de entrada e saída dos parênteses de um quadro interacional, permitiria ampliar a visão sobre a tensão do esquema em jogo. A disponibilidade técnica, domínio das empresas criadoras da plataforma de interação, é exclusiva a ela. Aqui, se apontam caminhos para observar nos parênteses atos pré e pós-cênicos. A depender do ângulo sobre a delimitação temporal do episódio, interno ou externo, propõem-se as seguintes evidências coletadas de forma qualitativa e quantitativa<sup>31</sup> desde a visão dos parênteses de ancoragem de uma interação no grupo informal

---

<sup>31</sup> Esforços de um olhar estritamente quantitativo à análise em grupos de WhatsApp já vem sendo pontuado no Brasil, especialmente, por um laboratório de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. O enfoque tem sido para análise de grupos que se expressam politicamente sobre alguma temática, em especial, acerca período eleitoral. Um coletivo de professores e estudantes de diferentes cursos de pós-graduação lançaram recentemente uma plataforma chamada “Whatsapp Monitor”. Disponível em: <http://www.monitor-de-whatsapp.dcc.ufmg.br/>. Acesso: 11/05/19. Nos trabalhos sobre este sistema, contidos na publicação de Resende et al. (2018), há pouca densidade nas análises cruzadas dos dados coletados e ínfimo olhar qualitativo sobre o processo de interação. Em

de uma *política mídia*. “[...] existe um conjunto especial de atividades calculadas para nos lembrar da ancoragem de nossos atos, a saber, aquelas que nos afastam por um tempo prolongado do abastecimento social institucionalizado.” (GOFFMAN, 2012a, p. 310). Antes, se relembra o intuito aqui reclamado: “em quais circunstâncias pensamos que as coisas são realidade”. Em grupo, os parênteses estacionam nos instantes do seu uso o caráter imitado e falsificado das interações assumidas como reais pelos participantes da *política mídia*. As ancoragens aos entrelaçamentos dos membros de um grupo de interação informal, acima de tudo, são possibilitadas pelas funcionalidades técnicas da teatralização disponível.

Além das palavras iniciais e finais dos anúncios de ancoragem de uma interação, silêncios e pausas, mudanças de *rounds*<sup>32</sup> e o recebimento de notificações juntamente com a possibilidade de visualização do *status* de digitação e leitura das mensagens dos outros atores são as evidências de parênteses internos aplicadas à midiaticização da interação de um grupo. Houve momentos no Diário em que os silêncios e as pausas foram percebidos e relatados. Contribuindo com a reflexão sobre a participação dos atores na cena e permitindo um gancho analítico para orientações a estudos futuros, que melhor se atenham à padronização dos usos de parênteses em uma interação midiaticizada, rastros são postos.

A realidade Midiaticizada pode estar escondida em esferas. Em grupos. E entrelaçam-se entre seus componentes primordiais que aqui tenho apontado: participante, tema, mensagem e interação. E isso talvez ajude a entender os silêncios. Em especial, em reconhecer o valor do silêncio. Não sendo uma pausa, mas uma abertura a outras esferas que não as detenho. O silêncio do grupo entre 10h e 13h, pode me apontar uma outra ~~realidade~~ *realidade* [realidade<sup>33</sup>], mas abrir brechas a outras esferas de comunicação que porventura se abriam nesses momentos. Com quantas pessoas Magritte<sup>34</sup> falou neste intervalo por aplicativos de celular? Quanto olhares Magritte trocou enquanto expunha seus ~~ideias~~ *ideias* [ideias ou ideais]? Quantos pensamentos passaram por ~~suas~~ [sua] cabeça?

Esta realidade é imensurável. Pelo menos na nossa realidade humanizada de hoje. Mas um simples silêncio ou uma turbulência de dados trocados pode apontar outros caminhos que aqui jamais serão mensurados. (DIÁRIO ABERTO, 21/10/18, grifou-se<sup>35</sup>).

---

Resende et al. (2019) há uma maior evolução na análise quantitativa com a categorização das mensagens trocadas pelos usuários em: “Notícias”, “Política”, “Sátira”, “Publicidade”, “Inapropriada”, “Ativismo” e “Outros”. Há uma extrema carência de problematização teórica nestes trabalhos apresentados em congressos. A empresa IBM foi uma parceria do trabalho do coletivo de pesquisa. Não foi encontrado, até maio de 2019, nenhum registro da pesquisa no Comitê de Ética da Plataforma Brasil.

<sup>32</sup> Entendeu-se aqui como mudanças de tópico em uma mesma linha temporal interativa.

<sup>33</sup> A palavra apresentou erro de digitação, não havendo como identificá-la claramente.

<sup>34</sup> O dia relatado no Diário referia-se à classificação de Magritte no *ranking* de finalistas da competição.

<sup>35</sup> Em itálico, alterações para que a frase tenha maior coerência.

Como se exprimiu, mesmo na impossibilidade técnica de análise dos indícios de ancoragem à roda de interação, pontuar os parênteses internos como um momento de preparação e orientação de um autor torna-se necessário para contextualizar os movimentos de uma cena. “A questão dos parênteses internos pode ser abordada examinando a maneira de manejar o tempo nos roteiros dramáticos.” (GOFMANN, 2012a, p. 329). Há imbricações óbvias permutadas incessantemente entre os acontecimentos externos, fora da esfera de interação. Retroalimentadores da *política mídia*.

Bacon finalizou a conversa às 21h11. Era uma imagem e um emoji. O texto se referia à mesma mensagem que Bruno havia recebido de nosso amigo Roger: “Saíam da sede do partido<sup>36</sup>. Eles irão atacar...”. Bacon compartilhou o mesmo medo, contextualizado a Curitiba na praça Rui Barbosa.

O grupo calou-se.

Silenciou.

Manifestaram os que puderam manifestar. Mas, calou-se. Com aproximadas duas horas de interação. Já no Brasil<sup>37</sup>, exceto Magritte, o grupo colocou seu ponto político.

Seu/s/ pontos políticos.

Pelo silêncio.

Pela mensagem.

Pelo emoji.

Pela imagem.

Pela voz.

Calou-se. Midiaticamente, calaram-se. (DIÁRIO ABERTO, 18/10/18, grifou-se<sup>38</sup>).

É possível considerar que as ancoragens de interação levem ao entendimento de que durante as posições de silêncio, ou pausas<sup>39</sup>, o desempenho de que qualquer tomada de cena, mais tarde aqui tratada como papel, seria atrelado ao desejo do eu [self]. Por mais que Goffman não tenha considerado essa vertente, propõe-se<sup>40</sup> que um silêncio momentâneo de interação, os desejos dos atores são expostos e oprimidos a todo tempo, mesmo que estes não

---

<sup>36</sup> Referente às experiências que se tem na apuração do resultado das eleições presidenciais de 2019. As notificações recebidas pelo WhatsApp no dispositivo móvel de comunicação foi uma das características da observação realizada no grupo.

<sup>37</sup> Os participantes do grupo neste momento já haviam retornado ao Brasil após a imersão nos EUA. Magritte havia estendido um pouco mais a imersão fazendo reuniões após sua vitória na competição final promovida pelo programa.

<sup>38</sup> Em itálico, alterações para que a frase tenha maior coerência.

<sup>39</sup> Não se considera nesta análise as pausas atraídas por fatores externos de tomada de atenção, as quais não poderiam ser analisadas com os dados coletados. Não pelos dispositivos acessíveis à pesquisa.

<sup>40</sup> A tese, neste momento, não tem a intenção de mergulhar nessa questão lançada. Propõe como hipótese a ser esmiuçada por um estudo futuro.

sejam manifestados publicamente. Momentos de vitória ou sucesso compartilhados por algum membro do grupo eram arraigados de extremos de ordem interativa expressa. Elogios eram feitos por alguns (ordinariamente, os mesmos) ou silêncio/pausa por outros (idem). Seria possível perceber padrões quantitativos das ancoragens por parênteses dessas categorias, mas nunca<sup>41</sup>, pelo menos até a mera compreensão, sobre a dinâmica do desejo ou do reconhecimento.

Magritte quase cinco horas depois do anúncio de partida a NYC postou uma foto da fachada do Madison Square Garden. Breton e Picasso comemoram e depois um intervalo silencioso se fez no grupo. (DIÁRIO ABERTO, 28/10/18).

Como se dá o processo de mediação da política para Chirico e Ray durante o intervalo recortado dessa pesquisa? Ele [*o processo*] segue o silêncio do que não se pode ver (o que ~~chama~~ *é chamado* de presencial) e do que pode ver (o que de fato observado)?

São 18h24. Meia hora reservado pra vocês. Eu tentarei retornar amanhã. E espero, com todo Amor, que vocês tenham um pouco mais de paciência de aturar o meu silêncio no grupo para tentarmos lograr o fim da observação.

Eu desejo um bom pré-carnaval para vocês. O meu em breve começará. (DIÁRIO ABERTO, 23/10/18, grifou-se<sup>42</sup>).

Exprime-se, também, que a escolha pelo silêncio ou intervalo de pausas em uma interação mediada pode ser substituída por símbolos, imagens estáticas ou em movimento, mesmo por vídeos (ou os chamados “*gifs*”). Interromper, pôr uns parênteses internos, além do silêncio literal, pode ser simbolizado em desvios de papéis não detectáveis, os mesmos que Goffman insistiu em colocar situações rotineiras de uma comunicação face a face como “[...] algum direito legítimo de remexer-se, coçar-se, fungar tossir e também procurar uma posição confortável e corrigir pequenos desalinhos nas vestes.” (GOFFMAN, 2012a, p. 337). Há indícios de entrelaçamento entre membros da *política mídia* pelo silêncio que o compõe ou os símbolos que o representam.

Já falamos algumas vezes no diário que um silêncio, uma fala, um emoji ou uma declaração qualquer pode ser cheia intenções e significados. A mudança de telefone de Chirico, a mensagem solitária de Chagall e Arp, as mensagens de Picasso e o

<sup>41</sup> Por certo, com o aprimoramento de ferramentas de coletas de dados, os Estudos da Mídia, da Comunicação ou das Ciências Sociais aplicáveis relativizam os “nunca”. Aos estudos da Linguagem ou Psicanálise, os desejos podem ser mais bem compreendidos, aos estudos sobre conflitos sociais ou por correntes hegelianas o reconhecido poderia ser depurado. Hancock e Garner (2015) propõem que as questões de interioridade e exterioridade do sujeito seriam uma relação dos trabalhos de Goffman e Freud no tocante à consciência dos “sintomas”.

<sup>42</sup> Em itálico, alterações para que a frase tenha maior coerência.

bombardeiro de Ray tem muito mais a nos falar também do que nossas ~~infeções~~ [informações] e rede de significados que podemos destacar. A presença intensa ou não presença na comunicação mediada por um dispositivo midiático é fractalmente<sup>43</sup> associada à comunicação presencial que não poderíamos presenciar nesta pesquisa. Fractalmente, por poder haver uma incidência de padronizações que determinados agentes pontuam em sua realidade construtiva do mundo. A realidade midiática não é solitária ao processo comunicacional do dispositivo. Esta é associada, imbricado e entrelaçadø[a]. (DIÁRIO ABERTO, 23/10/18, p. 185<sup>44</sup>).

Bacon puxava o encontro. Às 23h estava no lobby. Ray perguntava que[m] iria. Kahlo sinalizou positivo. Bacon postou uma localização e seguiu. Finalizou a conversa com um áudio às 23h52. Ernst saiu uma mensagem anterior para mesma direção: Marble Bar.

O que ocorreu por lá?

Somente eles sabem. É impossível entendê-los. Essa pesquisa em nenhum momento apontou caminhos para isso. Por mais que quisesse. Por mais que pretendesse entender a realidade do silêncio do Marble Bar<sup>45</sup>.

Talvez o rastro do Marble seja um único áudio postado por Chirico às 00:18. Breton, Duchamp e Ray responderam. Deve ter sido engraçado. Mas, infelizmente continuará em silêncio para mim.

Estes não são os limites da pesquisa. O silêncio é o início do problema. (DIÁRIO ABERTO, 21/10/18, p. 59).

As mudanças de *rounds* foram um dos pontos mais críticos para que a observação se ativesse à linearidade<sup>46</sup> da interação. A comunicação face a face permite observar melhor essas cenas de aberturas e encerramentos. Mudanças de tópicos de um discurso proferido por um apresentador em uma conferência podem ser vistas de modo mais claro. Em um grupo de WhatsApp, a extrema distorção temporal e de espacialidade confunde a ordem de leitura. A pesquisa, mesmo que tenha em algum momento pretendido apurar as mudanças de *rounds*, compreendeu a limitação da tentativa de padronizá-las.

Duchamp às 11h35 perguntou sobre o Reverse, aquele programa que já comentamos outro dia no diário. “Gente, a menina acabou de falar sobre fazer coisas em conjunto com fellows. Quem vai tentar o reverse, vamos conversar? Eu posso facilmente ajudar vários de vocês com imprensa brasileira e americana. 🤔”. Ela deveria ter se referido

<sup>43</sup> Durante o diário, pôde-se ter aconselhamentos acerca do pensamento da Teoria Fractal, devendo o agradecimento ao Dr. Júlio Torres. Esta não foi explorada nos cunhos analíticos expostos nessa tese.

<sup>44</sup> Em itálico, alterações para que a frase tenha maior coerência.

<sup>45</sup> Local de despedida informal de Detroit, cidade acolhedora dos duzentos membros da política da primeira recepção formal realizada com todos. O bar foi escolhido pelos brasileiros, conforme observado nas interações do grupo, mas, por certo, outras nacionalidades estiveram presentes.

<sup>46</sup> De longe, a linearidade em uma interação em grupo midiaticizada seria possível.

a alguma palestra que no momento falava sobre esse programa. As observações formais do grupo finalizaram no dia 31 de outubro, mas lembro que, de fato, esta temática foi tratada mais recentemente no grupo e creio que tenha a formatação tenha se concretizado para alguns dos participantes. Klee endossou em seguida e Picasso detalhou que no dia 27 seria a primeira conversa por Skype. Este tópico, e o sobre a Embaixada Brasileira intercalavam-se durante as horas de interação da manhã/tarde. Ernst deu uma boa notícia, que ficou despercebido por mim no primeiro olhar, mas que agora parece ser relevante pontuar. Outro tópico falado, seu encontro com um fundo de investimento. “Tava em uma reunião com um fundo agora e acho que vão fechar mesmo conosco 🙏 só quero gritar hahahaha” isso ocorreu antes do Reverse, às 11h48.” (DIÁRIO ABERTO, 22/10/18, p. 159).

É possível que o grupo se movimente mais tarde. Os tópicos de hoje foram poucos. Sobre uma plataforma<sup>47</sup> que Breton questionava e Ray ajudou a lembrar. Valeria saber se essa teria relação com o Pitch. Ainda tenho dúvida quando este ocorrerá. (DIÁRIO ABERTO, 10/10/18, p. 102).

O próximo tópico foi iniciado por Ernst que postou um *print* de e-mail enviado pelos organizadores do programa sobre erros na submissão do Pitch final. Enviado às 18h06 a diversidade de mídias estava no canto superior da imagem. Vale detalhar. E rever. Klee e Breton parecem ter seguido as regras: fotos ao invés de pdf. Magritte ficou na dúvida e iria rever a submissão do material. Duchamp lançou outro tópico sobre #EleNão. (DIÁRIO ABERTO, 16/10/18, p. 114).

Os recortes do diário expostos anteriormente mostram os momentos que os *rounds* puderam ter sido depurados na observação. Suas percepções são puras percepções. Não se prioriza mostrar uma linearidade depurável sobre o conteúdo dos fatos observados. Afinal, não há linearidade sobre as interações dos grupos informais da *política mídia*. As notas de rodapé exploram, exageradamente ou não, apêndices explicativos sobre um fato que eventualmente cause dúvida na leitura dos fragmentos do diário. Não é essencial aqui compreender quem é Magritte, Arp ou Carrington. Mais essencial do que um julgamento sobre o recorte empírico deste trabalho, se a política diplomática é “assim” ou “não assim”, é importante proporcionar alicerce ao rejuvenescimento das interações midiáticas em grupo. A tese se preocupa mais em encontrar as vertentes de análise dessas interações, cuida mais em

---

<sup>47</sup> Refere-se a uma plataforma de treinamento, um dos itens de obrigatoriedades de participação e pontuação do programa. Chama-se de Canvas, espécie de ambiente de aprendizagem virtual, com aulas sobre empreendedorismo e inovação. Os participantes tinham um tempo e quantidade de atividades a serem feitas semanalmente, antes, durante a pós a imersão.

saber como os participantes do grupo deixam brechas que sirvam a uma observação sobre as questões da cena “O que está acontecendo aqui?” ou “Em que circunstância pensamos que as coisas são reais?” A velocidade da informação e a diversidade da rede simbólica de expressão do grupo foram refletidas no diário. E por diversas vezes os rituais que se seguiu durante seis meses de observação foram compartilhados aos participantes. Durante a observação, ou *rounds* foram chamados de “tópicos”, “temas” ou “temáticas”. Mostrar prismas analíticos sobre as ancoragens da cena, por palavras iniciais e finais dos anúncios, pelo silêncio, como dito anteriormente, e sobre os *rounds* de interação, é uma proposta complexa. No início da pesquisa, a preocupação em minerar o conteúdo trocado em rede foi categorizada em código, na chamada mineração de dados. A impossibilidade técnica de coletar e centrar-se na atenção nas dezenas de milhares de mensagens, no entanto, freou o intuito de classificar os *rounds* de interação. Em um curtíssimo intervalo, assuntos diversos são tomados, e retomados a disponibilidade de participação dos membros da esfera de interação de uma *política mídia*. Seria raso classificar as mensagens em assuntos-guia, mesmo possível, mensurar as experiências dos usuários quantitativamente ainda é um desafio infundável<sup>48</sup>. E, até aqui, parece que as empresas privadas e os órgãos de governo já avançam a largos passos da academia. Passos, ao menos. Largos, não se sabe!

Aprendi hoje que a sistematização da Observação de grande quantidade de dados e a chave para uma mínima coerência. É impossível acompanhar a velocidade e processamento da informação sendo humano. Elias releu inúmeras cartas e isso também era grande quantidade de informação. Mas pesquisar em um grupo de WhatsApp requer entender os lugares de fala de cada um e de cada símbolo ironizado. O *emji* [emojis] de Picasso e Arp sobre esse jovem de NY, por exemplo, fala tanto quanto a música de Carrington. Tenho me disciplinado mais para manter a sincronia do tempo<sup>49</sup>. É importante acompanhar instantaneamente, especialmente por notificações, pois ao longo do dia já dá pra ter ideia dos tópicos debatidos. (DIÁRIO ABERTO, 16/10/18, p. 115<sup>50</sup>).

<sup>48</sup> Pelo menos cinco tentativas de classificar os conteúdos das mensagens por códigos qualitativos, seguindo os defensores da teoria enraizada (*grounded theory*) foram feitas. O diário registra por diversas vezes as dificuldade e limitações. “São 11:02 do dia 28/09. Eu estou na metade da mineração deste dia. E não deveria retomar ao dia 14. Parece que quanto mais eu escrever, maior será o trabalho de analisar os dados da observação. Mas, é necessário. Na Observação limpa e crua e tenho feito, muitas coisas passam despercebidas. O primeiro olhar é necessário para não deixar a questão técnica dominar a subjetividade “sem filtros”. Mas o que eu tenho proposto é justamente a triangulação da pesquisa. A ida e volta quanti e quali. Neste exato momento, acabo de criar um diário de apoio das retomadas da mineração. Ele é frio, curto e grosso. Começo a perceber as relações temáticas de cada tópico conversado. E visualizo correlações e contradições. [...] Agora que finalizo a mineração. Uau! Sistematizar um “furo” não é nada fácil. Quebrei cabeça para tentar colocar em um nível quantitativo a visão qualitativa. Admito, **desisti**. O nível qualitativo será feita mediante as principais temáticas debatidas e da própria observação. Foram mais de 8 horas... Mas isso já era esperado.” DIÁRIO ABERTO, 14/10/18, p. 2, grifou-se)

<sup>49</sup> Observa-se que durante o processo de escrita do diário, momentos em que o tempo, de início a fim, não seguia a sincronia das informações trocadas no grupo. Houve momentos que o dia narrado no diário era simultâneo ao da interação, mas isso não foi comum. A questão do tempo na observação é trabalhada com detalhe na seção segunda deste capítulo, na página 74.

<sup>50</sup> Em itálico alterações para que a frase tenha maior coerência.

Sexta, 19, chegou. São 19h23 do dia 23. A segunda Observação do dia. Resíduos do dia 18 e uma nova que começo a fazer do dia posterior. O método de hoje foi diferente. Ao invés de observar a cronologia priorizei os tópicos gerais do grupo. Tenho testado a melhor forma de escrever as observações. E, na verdade, aprendido já na aproximação do desfecho. A lua está próxima da telha da varanda. Mas eu a vi primeiro a 17h quando diz o backup das mensagens. Eu não queria perder mais nenhum dia<sup>51</sup>, como já ocorreu. (DIÁRIO ABERTO, 16/10/18, p. 130).

Quatro tópicos emergidos de guiarão a Observação de hoje: os preparativos para a exposição; o tour em DC<sup>52</sup>; os contatos presenciais dos participantes e o anúncio dos selecionados para a última competição que escolherá os finalistas. Mas antes, gostaria de pontuar alguns fatos que desde a última escrita ocorreram. Estou próximo à sombra de meu coqueiro em um dia parcialmente nublado. No escritório a céu aberto desta pesquisa. O cheiro fresco das árvores, de terra molhada, se mistura com o do cloro da piscina que está do meu outro lado, esquerdo. A minha frente seis árvores. Não sei identificar o nome de nenhuma dela. Apenas de uma palmeira ainda nanica. Café, os restos das cascas de ovos e minha caixa rosa de som. Do centro a esquerda de meu olha. A tampa no meio. E o cigarro, isqueiro e mocinha do centro a minha direita. Todos sobre a mesa. Acabo de levantar. São 10h29. Pego a caixa de som, o cigarro e caminho ao banco. Também o café e isqueiro. Aumento o som. E ouço neste momento "I love Rick..." trecho da música Home de Edward Sharpe. Está rotina é inspiradora. (DIÁRIO ABERTO, 21/10/18, p. 138).

Atém-se aqui à função das notificações, ou alertas, das ancoragens de interação. Antes, insisto na hipótese expressa no início deste capítulo: *as funcionalidades técnicas de representação da escrita, fala e gestos, pela interação midiaticizada, simbolizam as intenções e emoções, forjam as representações dos atores e roteirizam as narrativas de um grupo em uma rede informal da política mídia.* A quarta fonte de evidências acerca dos parênteses internos, elementos do vetor primeiro de análises dos quadros, nas suas ancoragens de interação, é um dos outros pontos que se experienciou pelos recebimentos de notificações e a possibilidade de visualização do *status* de digitação e leitura das mensagens. As notificações são mensagens provenientes de algum aplicativo móvel que despertam e dispersam a atenção de um usuário para o centro de atenção de alguma mídia. O usuário, como e mais do que um ator em cena, pode controlar as notificações que queira receber sobre algum grupo de WhatsApp previamente participante. Essas podem atrair a atenção ou envolver os atores nas esferas de interação. As

---

<sup>51</sup> A frustração colocada refere-se ao problema técnico de coleta de dados acerca da perda das mensagens relatada na seção segunda deste capítulo.

<sup>52</sup> Capital dos EUA.

notificações, tais quais âncoras, agarram os usuários. Os prendem, os penetram para o início da cena. Sem ou com elas é possível visualizar os *starts* de uma interação em grupo. Marcam o vínculo, ou o não vínculo, dos atores à cena. Com estas disponibilidades técnicas, veem-se os ganchos para a encenação do ato. Pelas notificações, pôde-se experienciar os ganchos que atraíam os participantes para a “fala”. Elas foram o tormento que experimentou durante os meses de observação. Enclausuraram o meu *eu* na fantasiosa magia do grupo. “É importante acompanhar instantaneamente, especialmente por notificações, pois ao longo do dia já dá pra ter ideia dos tópicos debatidos.” (DIÁRIO ABERTO, 16/10/18, p. 115). E como foi difícil se sair delas!... As notificações podem ser o puxo à trama do roteiro narrativo de um grupo.

No diário sobre o dia 22 de outubro de 2018, narrada em distintos momentos<sup>53</sup> a função de ancoragem das notificações do grupo, foi revelado detalhamento mostrando envolvimento que se teve, puxado por uma constância de alertas recebidos no dispositivo móvel quando descasava da observação feita de um dia. Era 21 de novembro do mesmo ano, e a delimitação de ter a menor interferência possível no andamento das conversas já tinha cessado.

Era por volta de 22h30 da sexta. Eu estava no primeiro copo de cerveja. Bruno escrevia um texto e eu na varanda olhando para uma lua que não existia no céu. Eu olhava para uma azeitona e um queijo, falava com minha mãe via vídeo WhatsApp. Quando notificações começaram a surgir na minha tela, em frente ao meu olho, com minha mãe em minha cara. Eram mais algumas notificações que eu para acompanhar já estava cansado. Eles se intensificaram... quando citaram o nome “pesquisador”, eu já não respondia minha mãe, era bla bla bla que ela falava. Mas ainda ela estava estampada. E as notificações continuavam. Dei o primeiro *print*. E além anunciou, “ele deve estar dando *prints* e compartilhando”. Não recordo quem falou, talvez Breton...mas também lembro que Ray também estava. Sim, foi Ray quem enviou um vídeo de Breton com e Magritte juntos tomando uma cerveja. Aquilo foi instigante...perguntei ao Bruno se deveria mandar uma mensagem. Meu coração começou a acelerar. Gravei um vídeo, enviei. Foi a primeira interação não planejada.

Eu não queria ser um robô, um inerte observador que não tinha uma brasilidade para sorrir ao gole da cerveja gelada. Eu não era esse! Eu não sou esse. Tampouco, sou o que compartilharia com amigos *prints* de conversas de uma pesquisa que fazia. Nunca compartilharia com amigos e nunca com ninguém. Aguardei a reação dos que estavam ao vivo em minha sintonia. Klee, Duchamp, Breton, Ray, Ernst. Creio que depois Arp entrou ou Chagall.

Foi o começo de um coração pulsante. E como foi pulsante. Fiquei com medo de confundir minhas impressões no retorno das observações. Deixei claro que vídeo que as observações tinham sido finalizadas no dia 31, e portanto, não via algo de errado interagir conforme os anseios dos participantes. Finalizei com um brinde e com a certeza da unidade. Foi uma boa reação. Não recordo como ela ocorreu, mas foram quase 20 minutos. Quinze a vinte minutos de intensa troca de mensagens.

Alguns dos codinomes começaram a ser relevados, achei um momento oportuno. Somente aí tive certeza que o diário estava sendo acompanhado por alguns dos

---

<sup>53</sup> O detalhe na seção segunda deste capítulo aclara o papel do tempo na tessitura do diário.

participantes. Alguns *prints* foram postados. Outros não recordavam da ideia ou do *link* do diário compartilhado. Mas as imagens dos escritos foi o que mais me freou.

Me senti completamente desnudo. Fiquei tímido quando um dos participantes, creio que Ernst mostrou algo detalhado sobre os codinomes Filho do Homem e O Grito. Expliquei, mas toda aquela emoção da alegria de me sentir igual, amigo, incluído no grupo, começou a se reverter em uma estranha vergonha. Uma vergonha tão mesma quando eu me despia nos vestiários dos colégios depois de uma aula de educação física. Estava completamente revelando os códigos<sup>54</sup> Cactus, Filho do Homem, O Grito. Como o de alguns dos participantes...

A curiosidade era sobre alguns codinomes e minha vergonha era do que eles achariam do meu olhar sobre eles. Creio que o mesmo aconteceu com alguns dos participantes. Creio que em algum momento eles também se sentiram despidos diante meu olhar.

Eu sempre fui o mais perverso em termos de fetiches eróticos. Mas o voyeurismo nunca foi minha praia. Eu não tenho vocação para ser *voyer*, e se o diário em algum momento denotou essa possibilidade, a intenção nunca foi essa. O voyeur se bloqueia quando é descoberto. E minha intenção na Observação da Observação era de fato de ser visto e descoberto. Era um caminho apontado para um Observação Participante Mdiatizada. O medo talvez se justifique pelo fato de ter me sentido solitário durante muitos dias da Observação. Foram quase inexistentes as impressões deles sobre meus escritos no grupo. Sozinho, no silêncio de uma observar que parecia ser até então mais não-participante do que participante, fui me revelando. Fui me despidendo. Quando todos na sexta, subitamente me pegaram nu. Não digo todos, mas todos que estavam naquela interação.

Talvez isso justifique a vergonha. Aos poucos fui me despedindo, respondi cada pergunta de forma direta, mas fui me desprendendo. Algumas perguntas surgiam...Eu sinalizei que estava um pouco envergonhado...para mim, poderíamos falar pelo diário. O celular foi perdendo as forças. E fui salvo pela bateria. (DIÁRIO ABERTO, 23/10/18).

As funções de notificações, até o momento, constituem um recurso pessoal que o WhatsApp disponibiliza a um singular usuário. A impossibilidade de mensurá-la só é possibilidade por meio qualitativo. O sistema de criptografia e segurança da informação da empresa não permite que as notificações das mensagens recebidas por outros usuários, que estas evidências de ancoragens, sejam detectadas. Tal qual, a possibilidade de visualização do *status* de digitação e leitura das mensagens. A Figura 1 mostra a função “Dados da mensagem” da maneira como ocorre atualmente na interface do WhatsApp. Exemplifica-se com a última mensagem trocada, no dia 21 de novembro, pertencente ao conteúdo do relato exposto anteriormente. Na coluna direita da mensagem enviada por um ator, aparece o *status* de leitura e recebimento “Lido por” e “Entregue para”. Pela quantidade de participantes do grupo, apenas parte do “Lido por” pode ser verificado. São especificados data e horário de leitura e entrega da mensagem. Esta função só é disponibilizada a quem enviou a mensagem.

---

<sup>54</sup> Esses códigos, assim como os codinomes dos participantes, foram uma estratégia para manter ocultas informações precisas que poderiam mudar os cursos da interação do grupo mais drasticamente por conta da presença do autor. “Cactus”, “cactus” ou “cacto” representam o termo “startup”, “Filho do Homem”, o programa YLAI e “O Grito”, o Departamento de Estado dos EEUU.

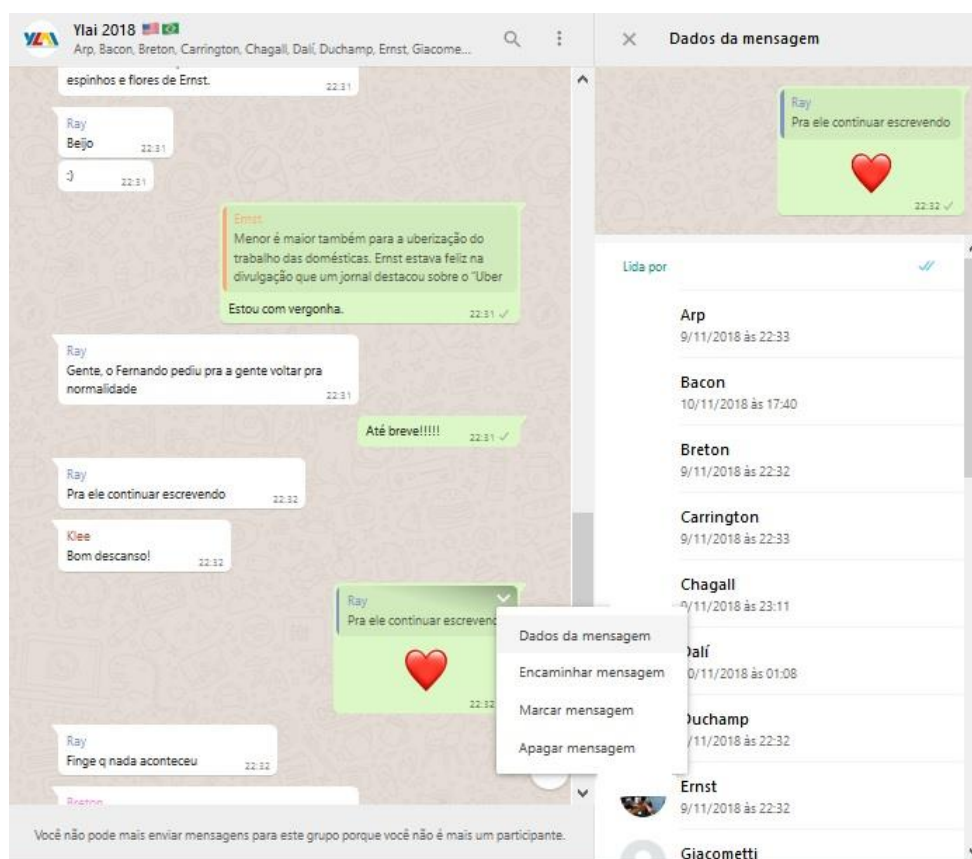


Figura 1 – Função “Dados da mensagem” do WhatsApp

Fonte: Acervo do autor.

O *status* de digitação, tal qual as notificações e os dados da mensagem, é outra funcionalidade técnica que permite ao ator acompanhar ou não a dinâmica da interação. Na observação<sup>55</sup> anotada no dia 14 de setembro de 2018, foi registrado o momento em que um dos atores do grupo, Arp, digitava durante a interação no grupo, conforme exemplifica a Figura 2, com destaque no retângulo vermelho.

<sup>55</sup> Antes de se entrar no grupo fechado do WhatsApp, a dinâmica de observação do grupo se dava via registro das imagens que visualizava no celular, chamada de *print (print screen)*, ou recorte da tela. A prática não era sistemática como o diário, mas crê-se ter sido o primeiro esboço da pretensão de documentar a itinerância processual da pesquisa.



Figura 2 – *Status "Digitando"* do WhatsApp

Fonte: Acervo do autor.

O espaço de interação face a face de um grupo da *política mídia*, presencialmente, é o lugar onde os encontros ocorrem<sup>56</sup>; aqui, são parênteses externos. Nos Estudos da Mídia, estas ações comunicacionais podem aclarar os olhos de algum leitor. Futuramente. O que se considera nesta pesquisa são espaços de interação midiáticos nas interfaces de comunicação do coletivo dos grupos que perpassam uma política oficial. Especificamente uma: do grupo informal da *política mídia* composto por participantes brasileiros da política diplomática pró-startup em questão (esmiuçada na seção 3.1 da tese). Os espaços desta política são múltiplos, presencial e digitalmente. Múltiplos também pelas interfaces nas palmas das mãos dos observadores desta pesquisa. É a interface processual do sistema computacional que o provém, mas também os lugares físicos de cada ator-observador. A interface materializada em um aparelho móvel de comunicação tem suas inúmeras disposições conforme os atributos tecnológicos das firmas informacionais. E, como a própria lógica das infantis informacionais especulativas, as *startups*, as inovações ditam sua espacialidade. Reinventam sua velha lógica. Os espaços físicos presenciais disputam os espaços físicos virtuais da rede informal da *política mídia*. O *status* “digitando”, como os “dados das mensagens” e “notificações”, são os parênteses internos de ancoragem à experiência. Quando

<sup>56</sup> No Brasil, houve encontros na Embaixada Brasileira e no local de recepção de boas-vindas ao programa, antes da imersão. Durante a vivência nos EUA, dois encontros foram marcados, Detroit (recepção inicial) e Washington DC (competição final). Não se atém aos encontros informais presenciais dos participantes, ou às rotinas diárias nas empresas de imersão nos EUA.

o olfato será incrementado à funcionalidade das interações midiaticizadas? Quando o tato, além do tocar dos dedos na tela do aparelho celular, aproximará a compreensão de Goffman sobre os gestos de interação aos quais se considerará mais tarde nessa seção? Há um espaço físico virtual que merece ser explorado posteriormente, não neste trabalho: a experiência com a tela.

Roteiros dramáticos e representações são forjados por estes parênteses de ancoragem de interação. Se em uma dinâmica teatral-comunicacional midiaticizada, gestos e falas da comunicação face a face inexistem, pelas aplicabilidades técnicas dos dispositivos midiáticos a inovações de funcionalidades reinventam o processo interacional. Portanto, estas são as searas às experiências dos atores, do engajamento e dos vínculos de um grupo. Pelas “notificações” e pelo *status* dos “dados da mensagem” e “digitação”, a cena pode dar-se à abertura ou ao fechamento das cortinas.

Os parênteses internos do primeiro vetor da análise dos quadros são pontuados aqui como as ancoragens de interação. Foi falado anteriormente que a relação entre parênteses internos e externo é uma questão paradoxal na proposta goffmaniana; sua delimitação dependerá não da perspectiva sobre o conteúdo das interações, mas da condição temporal e espacial de quem a observa. Assim como os marcadores internos, exemplificados até aqui, os parênteses externos compõem as esferas das interações de um grupo informal na *política mídia*, mas denotam evidências materializáveis no recorte de análise. Mesmo que Goffman mescle ambas as definições, aqui se reduz a função dos fatores externos não mensuráveis pela coleta de dados. “Os parênteses temporais de abertura e fechamento até aqui considerados deveriam às vezes ser chamados de parênteses internos, ou seja, parênteses que assinalam rápidas pausas no interior de uma atividade em curso, as pausas a serem consideradas como tempo-fora-de-quadro.” (GOFFMAN, 2012a, p. 321). A depender da delimitação temporal e espacial, os marcadores internos e externos assumem delimitações internas mais estritamente vinculadas à ordem interativa e aos marcadores internos delimitados.

Os pontos exatos onde termina as atividades internas e começa a atividade externa – a própria borda de quadro – são generalizados pelo indivíduo e incorporados em seu esquema de interpretação, tornando-se assim, recursivamente, uma parte adicional do quadro. Em geral, portanto, os pressupostos que isolam uma atividade do ambiente externo assinalam também as maneiras como esta atividade está inevitavelmente vinculada ao mundo circulante. (GOFFMAN, 2012a, p. 309).

A fixação de Goffman pela inclusão dos parênteses na consideração das análises de quadro é uma tentativa<sup>57</sup> de considerar as limitações das correntes fenomenológicas. E, possivelmente, à própria proposta. É possível que o termo tenha se inspirado nas leituras de Schutz (1962), que destacou a necessidade de excluir fatores externos a determinados níveis de análise. “O que temos de colocar entre parênteses não é apenas a existência do mundo exterior, juntamente com todas as coisas em inanimado e animado, incluindo companheiros, objetos culturais, sociedade e suas instituições” (SCHUTZ, 1962, p. 105, livre tradução<sup>58</sup>). Schutz, além de entender a delimitação do mundo exterior ao centro de análise, exorta à crença na validade dessas declarações sobre este mundo e seu conteúdo, concebido no centro das “esferas cotidianas” (*mundane sphere*).

O fenomenólogo não nega a existência do mundo exterior, mas para seu propósito analítico, ele se decide a suspender a crença na sua existência - isto é, abster-se intencionalmente e sistematicamente de todas as sentenças relacionadas de forma direta ou indireta à existência do mundo exterior. Termos de empréstimo de técnica matemática, Husserl chamou este procedimento de “colocar o mundo entre parênteses” ou “fazimento da redução fenomenológica.” (SCHUTZ, 1962, p. 104, traduziu-se<sup>59</sup>).

As esferas cotidianas do grupo da rede informal da *política mídia* neste estudo são impenetráveis, tanto quanto as dinâmicas de ancoragem dos parênteses internos e externos. Aqui, são sinalizadas evidências dos parênteses internos, mas analisá-las tomando como a realidade da experiência de cada sujeito não entra no campo da possibilidade. Possivelmente, as experiências que se detém acerca das ancoragens vistas possam ser esboçadas. As críticas que Denzin e Keller (1981, p. 56) enumeraram como limitações no pensamento de Goffman abarcam o conceito de ancoragem que se trabalha, tocam explicitamente ao que o recorte das

---

<sup>57</sup> As ancoragens da proposta de Goffman, parte constituinte da análise das faixas de atividades dos quadros interacionais, são representadas pelos parênteses internos e externos como um expediente heurístico assumido pelo Sociólogo. Não são colocados como parte das propriedades organizativas da experiência real. “[...] a tradição fenomenológica usam os parênteses, em minha opinião, num sentido ligeiramente diferente, para referir-se não às fronteiras naturais dos episódios da atividade, mas antes às fronteiras auto impostas que o estudioso pode explorar a fim de deter o fluxo da experiência com o propósito de um exame autoconsciente, reprimindo assim quaisquer noções preconcebidas sobre os elementos ou forças presentes nessa experiência.”

<sup>58</sup> “What we have to put in brackets is not only the existence of the outer world, along with all the things in inanimate and animate, including fellow-men, cultural objects, society and its institutions.” (SCHUTZ, 1962, p. 105).

<sup>59</sup> “The phenomenologist does not deny the existence of the outer world, but for his analytical purpose he makes up his mind to suspend belief in its existence - that is, to refrain intentionally and systematically from all judgments related directly or indirectly to the existence of the outer world. Borrowing terms from mathematical technique, Husserl called this procedure “putting the world in brackets” or “performing the phenomenological reduction” (SCHUTZ, 1962, p. 104)

conversações cotidianas poderiam ter maior minuciosidade sobre as ancoragem como momento de transição para a representação social. Pelo fato de o sociólogo não ter dado margem empírica e fundamento teórico, na visão dos críticos, mais precisamente a resposta de Goffman a Denzin e Keller se concentrou em carimbos teóricos. “D&K argumentam que se o que eu tenho escrito é entendido como estruturalista, não como interacionista simbólico [...]” (GOFFMAN, 1983, p. 60). Prossegue: “[...] então torna-se possível ver a minha ‘contribuição para um entendimento de interação, experiência e vida cotidiana’, pelo que é e (presumivelmente) por tudo o que tem sido: trivial, periférica e meramente classificatório.”<sup>60</sup> (GOFFMAN, 1983, p. 60). Consideradas, criadas ou não nas limitações teóricas de Goffman, o que é importante ponderar na análise de quadro, especialmente pelo primeiro vetor aqui disposto como ancoragem pelos parênteses internos e externos, são os traços que a teoria consolida sobre as dimensões simbólicas e cognitivas no campo das experiências dos atores em interação num grupo mediatizado.

As dimensões expressas podem ser aprofundadas se as padronizações das interações da esfera de recorte da *política mídia* puderem elucidar hipóteses mais contundentes aos episódios que guiaram a dramatização do grupo. O diário, ao mesmo tempo em que é um recurso importante na coleta das percepções do eu pesquisador, é também um limitador perante a velocidade das informações trocadas no grupo. Durante a dramatizada escrita do diário, expressou-se a pretendida triangulação das análises dos dados.

Por isso que metodologicamente está tese optar por uma triangulação. Não presa às impressões subjetivas desse diário, mas ampliada ao olhar subjetivo da quantificação de atos de fala soma da a análise qualitativa proposta.

Triangular é entender o processo de entrelaçamento hipermediatizado na construção da política estudada e dos empreendedores impactados por ela. Entender a realidade é impossível. Ela é complexa. Mas, padronizadamente, processualmente ~~ele~~ *[a triangulação]* poder ser *[a chave]* ~~¶~~ mais *[da]* realidade real entendível. (DIÁRIO ABERTO, 23/10/18, p. 186).

Quase contradizendo Goffman, defensor da concepção “soft” (qualitativa) da geração dos anos de 1960, de Berkeley, da Sociologia, ante a à preponderância “hard” de seu tempo, propõe-se uma chamada quanti ao intuito da triangulação quali-quanti buscada na

---

<sup>60</sup> “D&K argue that if what I've written is understood as structuralist, not symbolic interactionist (the latter a view allied o theirs), then it becomes possible to see my ‘contribution to an understanding of interaction, experience, and everyday life’ for what it is and (presumably) all along has been: trivial, peripheral, and merely classificatory” (GOFFMAN, 1983, p. 60).

pesquisa. Por dentro dos parênteses internos de ancoragem de uma interação midiaticizada, retoma-se a ideia de i) o recebimento de notificações, juntamente com a possibilidade de visualização do *status* de digitação e leitura dos distintos tipos de mensagens dos atores do grupo informal da *política mídia* (textual, sonoro e imagético); ii) as palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas de uma mensagem contrastando maquinações e tonalizações dos participantes; iii) as mudanças de *rounds* por laminações de um *frame* temático; e iv) silêncio e pausas em uma interação midiaticizada, padronizavelmente, podem ser observados pelo perspectiva de um retrato triangulado quanti-qualitativamente.

O uso de *dashboards*<sup>61</sup>, espécie de gráficos dinâmicos aos quais distintas variáveis podem ser contrastadas, nos quase seis meses<sup>62</sup> de observação participante oculta no grupo, conferiu inúmeras análises e gráficos e estão dispostos no Apêndice da tese. Priorizam-se aqui algumas das informações, as quais é possível contrastar com as quatro evidências das ancoragens de interação, a fim de, em outra oportunidade, elucidar hipóteses e validá-las pelos cruzamentos quantitativos e qualitativos.

A Observação da Observação, instrumentalizada pelo Diário Aberto, disponibilizada aos membros do grupo, dá a esta pesquisa o prisma qualitativo em que detalhes esmiuçados sobre o material coletado fazem cumprir um dos objetivos específicos da tese: *Propor categorias analíticas*<sup>63</sup> *de enquadramentos por uma proposta de quadros de ancoragens de interação das trocas de mensagens instantâneas em grupos midiaticizados, destacando perspectivas interacionistas e cognitivas.* É importante ratificar o fato de que o diário se debruçou apenas sobre os meses de setembro e outubro de 2018. Não se optou aqui por detalhar uma visão qualitativa sobre o conteúdo das mensagens do grupo estudado, mesmo que por procedimentos de codificação sugeridos pela Teoria Enraizada (*Grounded Theory*). Tampouco se aferiu propriedade à análise de conteúdo ou discurso das informações trocados no grupo. As dificuldades com o tratamento de mineração de dados, além de serem empecilhos, ou a extrema redução de dinâmicas tão dispersa nos critérios semióticos, não corroboraria o apelo teórico escolhido. Para propor ganchos analíticos sobre o primeiro vetor da análise dos quadros, dinâmicas de ancoragem de uma interação, até aqui se indicaram evidências

---

<sup>61</sup> Na seção 2.2 da tese, a utilização de “*dashboard*” (painéis dinâmicos) como fruto do processo de mineração de mensagens foi mais bem detalhado.

<sup>62</sup> Foram aproximados dois meses de observação recortáveis, coletadas e sistematizada no Diário Aberto qualitativamente e aproximados seis meses de coleta integral de todas as mensagens disponibilizadas à coleta.

<sup>63</sup> Ver Tabela 3 e Quadro 4.

qualitativas oriundas da análise da observação participante oculta que, pelo recorte reduzido do diário de pesquisa, merecem ser conduzidos por espectros de retratos quantitativos.

Destaca-se para os Estudos da Mídia maior centralidade na interação face a face, ou *face a face midiaticizada* (como se denominam algumas vezes nesta seção no intento comparativo). O encontro entre as concepções goffmanianas de ancoragem da análise dos quadros aos enquadramentos temáticos da figuração comunicativa permite adentrar no magnetismo transcendental de um grupo midiaticizado. Ao dever ser compreendido nas análises de interação os pontos de encontro e desencontros nas ordens de sequência encontra-se um mar a ser explorado. Na rede simbólica dos grupos, estão incorporadas as funcionalidades técnicas miméticas o do processo de linguagem. Entender o enquadramento temático de vínculo dos grupos pelo processo de sequência interativa, e não apenas pelo conteúdo intrínseco a cada conjunto de mensagens, é um desafio necessário.

As escolhas pelos excertos do Diário Aberto mencionadas até agora se deram pela subjetividade em materializar os cunhos analítico-teóricos apresentados dentro do esquema da análise dos quadros. Esses aferem a realidade acerca das experiências que se guarda, vividas na textura das interações do grupo informal da *política mídia*. As escolhas pelos retratos quantitativos também são procedimentos subjetivos que aqui se pontuam, no entanto, mais do que uma escolha estritamente pessoal pelo olhar “intuitivo”, alguns gráficos ou tabelas podem traduzir padronizações de ocorrências orgânicas dentro ou fora de uma perspectiva recortável. O primeiro componente qualitativo observado nas ancoragens de interação poderá ser explorado na dinâmica das trocas de mensagens do Gráfico 1. As *palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas* em uma cena de interação podem ser contrastadas com os fatores não explorados nesta tese no panorama dos parênteses externos, mas, antes, como já expresse, inserem-se na compreensão de marcadores internos. Pela leitura do gráfico, na linha vermelha intitulada “QTD\_Mensagens” (Quantidade de Mensagens trocadas<sup>64</sup>) pode-se exprimir que um mês específico foi relevante no entrelaçamento dos atores à experiência da imersão da *política mídia*. O foco do Diário nos meses de setembro e outubro de 2019 podem ser justificados com

---

<sup>64</sup> Na interação da vida cotidiana de expressões como “Oi. Tudo bem? Como você está passando?”, pode ser compreendido que o todo entre parênteses são uma mensagem trocada. Até o presente momento, em um grupo de interação no WhatsApp, esta mesma mensagem pode aparecer de inúmeras maneiras, como “Oi”, “Tudo bem?”, “Como você está passando?”, ou “Oi”, “Tudo”, “Bem”, “?”... O que foi considerado na definição de “QTD\_Mensagens” refere-se a qualquer informação colocada em uma linha do campo de escrita do aplicativo seguida da tecla “enter” ou botão “enviar”. Mesmo algum espaço em branco, raridade no grupo analisado, pode ser considerada como mensagem, a incluir caracteres de texto (letras, números, sinais de pontuação), imagens, áudios, vídeos, símbolos, “memes”, “figuras”, “gifs”, “links” da web, informações de saída do grupo ou mudança de número de celular pelo usuário, entre outros.

maior propriedade quando for contrastado que estes foram os meses com maior troca de mensagens, de acordo com o Gráfico 1.

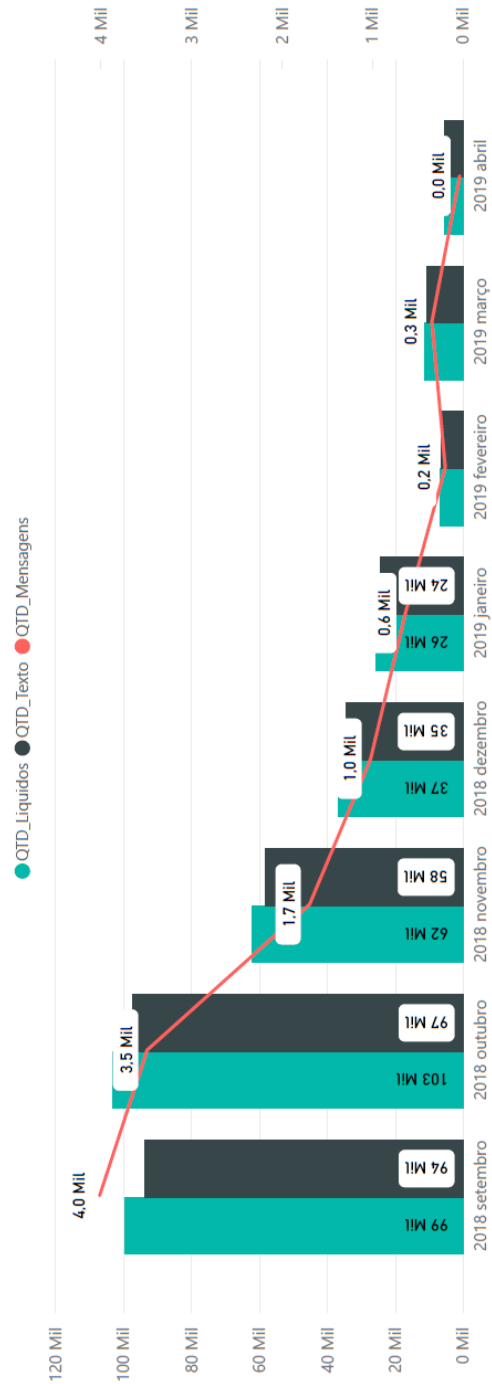


Gráfico 1 – Qtd. de mensagens interagidas e Total de Caracteres (14/09/18 - 08/04/19)

Fonte: Elaborado pelo Autor.

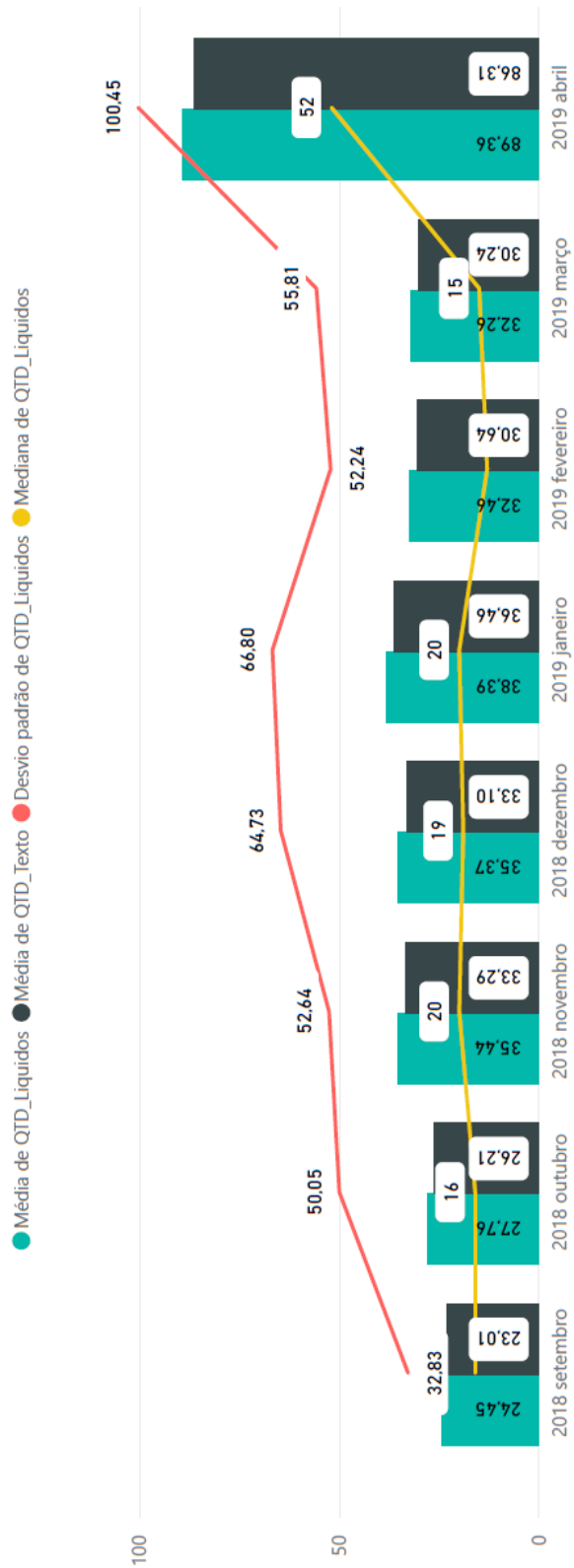


Gráfico 2 – Média, Desvio Padrão e Mediana dos Caracteres das Mensagens interagidas (14/09/18 - 08/04/19)

Fonte: Elaborado pelo Autor.

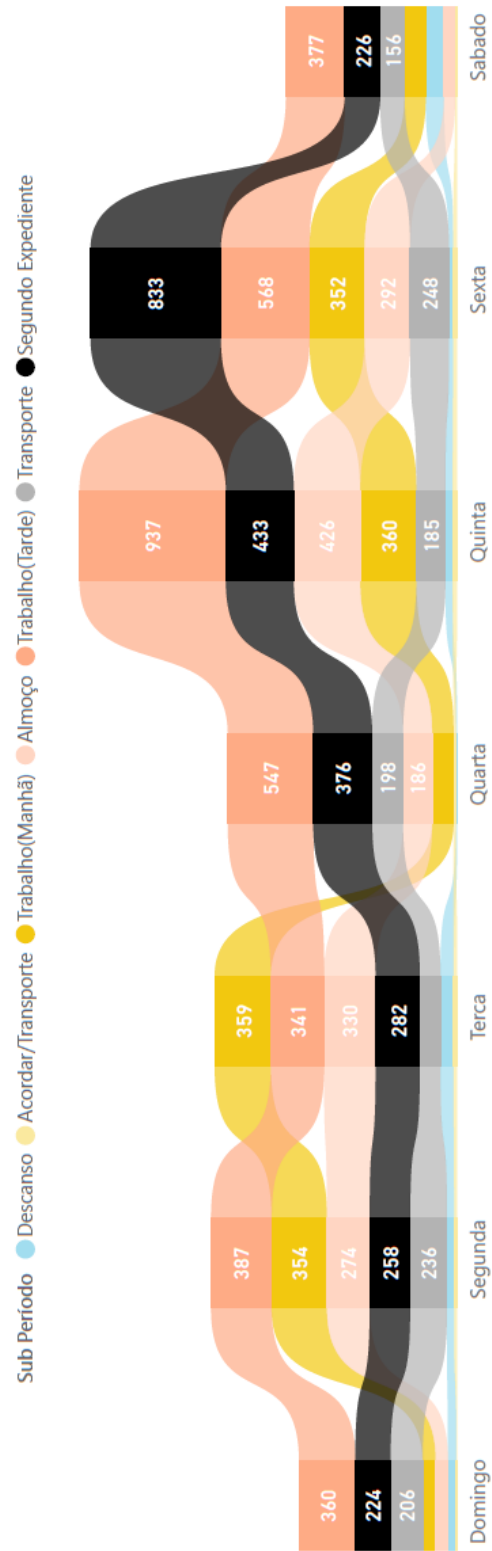


Gráfico 3 – Qtd. de mensagens interagidas por turno (14/09/18 - 08/04/19)  
 Fonte: Elaborado pelo Autor.

Se as palavras iniciais ou finais fazem as “cortinas” de Goffman se abrirem à cena, se o que foi visto acerca desses componentes do parênteses internos de uma ancoragem de interação no diário que narrou o drama da expulsão<sup>65</sup> de Bacon pelo programa diplomático, pelos Gráficos 1 e 2, também se visualizam os aportes disponíveis a uma futura análise esmiuçada sobre evidência que denotam à importância dos caracteres líquidos<sup>66</sup> e de texto<sup>67</sup> na composição de uma mensagem. Assim como pela quantidade de mensagens trocadas, pode-se colocar nós hipotéticos sobre o decréscimo de interações ocorridas ao longo do tempo da formação de um grupo midiaticado, caracteres líquidos e de texto, na visão sobre suas totalidades, médias<sup>68</sup>, medianas<sup>69</sup> e desvios-padrão<sup>70</sup> comparativos, futuros ganchos podem ser observados.

O período de imersão às startups estado-unidenses, que os membros do grupo informal da *política mídia* vivenciaram, ocorreu de 19 de setembro a 24 de outubro de 2018. O diário de observação abraçou cinco dias anteriores à chegada aos EUA até 31 de outubro estavam no Brasil. Ao detalhar o Gráfico 3, pela funcionalidade de filtragem de dados do *dashboard* elaborado para a tese, facilmente, se observam aspectos relevantes ao volume totais

---

<sup>65</sup> Ver detalhes nas páginas 39 e 40.

<sup>66</sup> Ponderar a quantidade de mensagens com caracteres líquidos mantém a integridade de elementos mínimos que estruturam uma interação “face a face” contextualizada em um ambiente midiaticado, incluindo as manifestações de jocosidades (brincadeiras expressas em risos). No processo de mineração de dados, a quantidade de caracteres líquidos (QTD\_Líquidos) foi definida pela seguinte fórmula utilizada no Microsoft Excel: “Qntd\_Líquido = Qntd\_Mensagem - (Qntd\_Caract\_Chamadas + Qntd\_Caract\_Links + Qntd\_Caract\_Emails + Qntd\_Caract\_Emoji/Simbolo). O que motivou esta distinção foi a considerável quantidade de mensagens trocadas que usaram prioritariamente chamada, *links*, emails ou símbolos (676 elementos entre setembro/18 e abril/19). Destes, 592 elementos continham símbolos.

<sup>67</sup> A quantidade de caracteres texto (QTD\_Texto) refere-se ao conjunto de mensagens à qual a seguinte fórmula foi aplicada no processo de mineração: “Qntd\_Caract\_Texto = Qntd\_Líquidos - (Qntd\_Caract\_Risos + Qntd\_Caract\_Pontuacao + Qntd\_Caract\_Numeros)”. Neste sentido, além de desconsiderar (Qntd\_Caract\_Chamadas + Qntd\_Caract\_Links + Qntd\_Caract\_Emails + Qntd\_Caract\_Emoji/Simbolo) excluiu-se risadas, pontuações e números de uma determinada mensagem. Assim, no cálculo da QTD\_Texto, 712 elementos, durante todo período analisado, foram excluídos da amostra. Somado estes componentes com os elementos líquidos excluídos o total atinge 1.388 caracteres ignorados do universo de mensagens úteis analisadas (10.296) de 14 setembro de 2018 a 08 de abril de 2019.

<sup>68</sup> O cálculo da média do total de caracteres líquidos ou de textos permite visualizar a tendência geral da quantidade de caracteres utilizados nas trocas de mensagens da amostra coletada no período analisado de interação por WhatsApp. É calculada pela soma dos caracteres estruturais de todas as mensagens (visão sobre QTD\_Líquidos) dividida pela quantidade de mensagens úteis e não úteis da amostra, trocadas no período analisado. No caso do Gráfico 2, os valores da média referem-se ao cálculo da QTD\_Líquidos e QTD\_Texto.

<sup>69</sup> O Gráfico 2 apresenta a Mediana da QTD\_Líquidos. Isso permite observar a quantidade de caracteres líquidos que ocupa o centro da amostra coletada, comparada em seu conjunto de mensagens trocadas (visão sobre QTD\_Líquidos) durante um determinado período. O cálculo da mediana permite enxergar uma visão cêntrica da distribuição da amostra de quantidade de caracteres líquidos utilizados.

<sup>70</sup> Desvio-padrão é uma das medidas de dispersão que serve para analisar o comportamento dos dados em relação à média de um conjunto de dados. Somente o cálculo da média não é suficiente para observar a distribuição das quantidades de caracteres líquidos de uma amostra de estrutura de uma mensagem. O desvio-padrão da QTD\_Líquido, assim, indica a variação média da QTD\_Líquidos de cada mensagem útil em torno da média desses valores. Quanto maior o desvio-padrão, mais dispersa a QTD\_Líquidos do período analisado está a sua respectiva média.

de mensagens interagidas no grupo - distintivamente diferenciados nos períodos anteriores, durante e posteriores à imergência dos participantes no EUA. Se no período da tarde das quartas e quintas-feiras os volumes de conversa imperavam durante a imersão, a sexta-feira à noite assume a temporalidade da interação com o desfecho do programa em solo ianque. No mesmo comparativo, se o sábado pela madrugada era mais expressivo no grupo, este é praticamente inexistente após a volta ao Brasil. O mesmo ocorre com o domingo. Antes da imergência, os participantes abraçavam o sol da tarde em suas interações e, após o período, a lua da noite contagiava o grupo.

Este exercício de interpretar o Gráfico 3 (página 60), iluminado pela experiência em campo durante observação participante oculta por vezes aqui será reproduzido. Dados qualitativos triangulados pelos quantitativos permite apontar vetores para compreensão dos enquadramentos temáticos, problematizando a teoria goffmaniana à corrente da Figurações Comunicativa. Para isso, assumem-se os vetores quantitativos expressos nas i) Quantidades de Mensagens ii) Quantidade de Caracteres Líquidos de uma mensagem; iii) Quantidade de Caracteres texto de uma mensagem; e iv) Intervalo de tempo das mensagens totais e líquidas trocadas pelos participantes investigados. Estes condutos possuem correlação com parênteses internos de ancoragem de interação. Quantifica, a fim de colaborar para automatização dos métodos de triangulação dos Estudos da Mídia. Qualifica, pois entendem-se que as ancoragens chamam os participantes de um grupo informal da *política mídia* a interagirem conduzidos pelas funcionalidades técnicas de um dispositivo midiático.

A proposta deste capítulo em ater-se às categorias analíticas de enquadramentos temáticos da figuração comunicativa pode ser compreendida com as evidências quantitativas dos puxadores-âncora de uma interação. Sugerem-se os seguintes cruzamentos quati e quali sobre a óptica do **vetor ancoragem** nas análises de quadros de uma interação midiaticizada. a) As incidências de mensagens ao longo prazo de uma interação, ponderadas às evidências qualitativas acerca das notificações; *status* de digitação; e leitura das mensagens recebidas pelos atores. b) A quantidade de caracteres-texto de uma mensagem com as palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas a um quadro temática de interação. c) Também, a quantidade de caracteres líquidos de uma mensagem correlacionadas com as mudanças temáticas de *rounds* debatidos. d) Intervalos de tempo das mensagens trocadas contrastados com os momentos de silêncio e pausas do grupo.

## 1.1 Ancoragens de interações por vínculos de efervescência

As trocas de informações de um grupo midiaticizado, cada vez mais complexas à construção da realidade hipermediaticizada, carece de procedimentos metodológicos e legais. As regulamentações acerca de como se investigar e nos parâmetros comerciais sobre as informações armazenadas e analisadas dos usuários, até então detidos livremente pelos monopólios da comunicação digital mais recentemente tiveram de submeter-se aos procedimentos de regulamentação da União Europeia, viabilizados pelo *General Data Protection Regulation* (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados). Houve avanço também no Brasil com a Lei 13.709, popularmente conhecida como *Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais* (LGPD), sancionada em 2018. Somente as análises de conteúdo não suportam os caminhos de datatização da comunicação. Um singular dia pode remeter milhares de mensagens trocadas pelos membros de um grupo. Seria humanamente possível um pesquisador fitado, exclusivamente pelo viés qualitativo, compreender, minimamente, algo sensato em meio a grande quantidade de dados trocadas? Ao passo da competição acadêmica quali *versus* quanti, instituições avançam na compreensão do outro. Retroalimentar-se do capital simbólico, resultado das análises feitas pelos dispositivos que operam inteligência artificial, não pode ser a lógica rentista-especulativa, secreta e privada, dos impérios da comunicação. Mas, é. Esta seção inicia o exercício de triangulação da pesquisa, aliando dados qualitativos com quantitativos, pretendendo, assim, propor maneira de compreensão de enquadramentos temáticos pelos estudos das ancoragens de interação.

A análise de enquadramentos temáticos de adesão a ideias e valores de um grupo midiaticizado pode ser delimitada à medida que as ancoragens de interação, pelas funcionalidades técnicas do aplicativo onde a interação ocorre, mimetizam a comunicação face a face. Quatro vetores são estudados pelo capítulo primeiro da tese: efervescência, modelagem, reconhecimento e temporalidade. Isso permite delimitar como os *frames* debatidos por um grupo podem ser organizar quantiqualitativamente em investigações acadêmicas.

O vetor de efervescência de uma interação em grupo, debatido nesta seção, correlaciona-se com o quantitativo das mensagens trocadas em um grupo de WhatsApp. Esse traduz-se pela frequência das trocas de mensagens de um grupo, ancoradas pelas funcionalidades de “*status*” e notificações do WhatsApp. Até o desenvolvimento desta tese, exprimiu-se que os membros de um grupo tendem a iniciar ou finalizar uma interação ao i) Visualizem os status de dados das mensagens enviadas; ii) Interajam com a função “*status*”

(que o próprio aplicativo denomina) dos participantes da rede (mensagens instantâneas através de vídeos e imagens com tempo de duração de 24h; iii) Leiam as notificações de mensagens trocadas emitidas ao aparelho celular de um participante sem que, necessariamente, este esteja conectado ao aplicativo. Gradual e imprevisivelmente, estas funcionalidades aproximar-se-ão da comunicação face a face. As ancoragens goffmanianas dos relatos de participar ou sair de uma interação pelas i) Fofocas do “ver, por quem viu”; ii) Voyeurismos do “olhar, sem que ninguém olhe”; e iii) Espionagens do “ler, sem que ninguém veja”, hoje, são entregues às inovações das startups de Tecnologia da Informação e Comunicação, um dia monopólios da mídia. A identificação das temáticas debatidas pelo grupo não foi operacionalizada, por não ter sido proposta deste estudo. Esta tese abre caminhos para um debate mais esmiuçado sobre como detectar *frames* temáticos, a partir das ancoragens aqui propostas.

O quantitativo das incidências de mensagens a longo prazo de uma interação midiaticizada, ponderadas às evidências qualitativas acerca das notificações; *status* de digitação; e leitura das mensagens recebidas pelos atores são marcadores de uma cena figurativa em grupos hipermediaticizados. Não se aterá às 41 mensagens trocadas em abril de 2019 ou à diferença entre as 348 mensagens de março às 201 mensagens de fevereiro do mesmo ano. Se falará sobre a diferença de 147 mensagens dos comparativos desses meses. Os “quantitativistas” adorariam se ater aos detalhes proporcionais ou a qualquer coisa do tipo. Destaca-se, porém, o que estava diante dos seus olhos, leitor. Retorne e vide Gráfico 2 (página 59).

Instrumentalizando, dramaticamente, o raciocínio... permita. Você percebe que a linha vermelha salta um pulo exponencial, como a lógica das startups, no mesmo período em que a linha vermelha do Gráfico Hum<sup>71</sup> apresenta o menor decréscimo? Ter-se-iam dados qualitativos para considerar qualquer eventual hipótese que explicasse por que em um período com menor quantidade de palavras o desvio-padrão e a mediana do quantitativo dos números de caracteres líquidos tenham disparado. O respeito ao acordo estabelecido<sup>72</sup> permite, porém, hipóteses que se sondem sobre o recorte quali e quanti possível.

Parece que, em um grupo midiaticizado, os movimentos de ancoragens são circulados à cena, onde todos os atores estão dispostos junto a um imaginário círculo. As engrenagens começam trabalhando intensamente, apontando o “c” do gancho da âncora rotacionado sobre a velocidade de seu motor. A âncora gira, seu parêntese interno é seu “c”.

---

<sup>71</sup> Refere-se a “1”. “Hum” seria incorreto nas regras gramaticais.

<sup>72</sup> Reporta-se junto ao Comitê de Ética o qual esta pesquisa está inscrita que reduz a análise qualitativa ao período acordado com o grupo como “observável” em diário.

Puxa o ator para dentro da esfera e a quem esteja na roda, no círculo, e, a qual seja a força tensionada do “c”, outros entram no moinho. A pergunta é: o que move a força do motor?

A frequência das incidências de notificações move o motor. O hábito de *voyerismo* em “ver quem viu”, pelo registro de leitura de dados de mensagens disponibilizado pelo recurso funcional tecnológico, move o motor. A notificação, ou *status*, de “ver quem está digitando”, acelera as engrenagens. E mais, não menos do que estes pontos, os parênteses externos (longe de qualquer leitura), o duelo entre o “mundo da vida” e a ordem do sistema orquestrado pelo maestro da sinfonia dá o gás à roda que gira.

A *política mídia*, em seu corpo figurativo (enquadramento temático, formas de comunicação, diferenciação de mídia e constelação de atores), magnetiza a interação do grupo informal. À exceção do dia nove de novembro/18 (549, 4º maior posição), que está longe da observação do Diário, e seis de dezembro/18 (265, 13º maior posição), somente os dias de setembro e outubro de 2018 põem-se no topo dos 15 dias com maior frequência de mensagens trocadas pelos atores. Ou seja, os meses em que os participantes surrealistas<sup>73</sup> mais interagiram em mensagens brutas trocadas foram condicionados pelo “c” das ancoragens dos parênteses externos dos fatores externos. Vinte de outubro de 2018 foi o dia com maior interação (617), atrás, dezanove (594) e dezoito (583) ocuparam o segundo e terceiro lugares respectivamente no *ranking* de maior quantidade de mensagens trocadas. No diário, o dia 20 de outubro intitulava-se: “Reencontrando a turma”.

Um duplo reencontro. Desde quinta, 25, não ainda por aqui. O dia 20 foi marcado pelo reencontro do grupo. Finalmente um encontro pessoal. Fora, mas ainda dentro das redes. O dia foi marcado pelas informações de chegada à DC e para saídas para jantar e uma eventual baladinha no final da noite. **O fluxo de informações não se alongou.**

Ernst iniciou anunciando a partida de Denver. Klee partiu de Chicago. Breton foi o primeiro a anunciar sua chegada em DC às 14h12. “Cheguei, family” “😁” “Donde estan?” “(Tá automático aqui já kkkk)”. O contato com a comunidade latina, pessoal e virtualmente estava contagiado no portunhol. E logo também contagiou Ernst “Jo voy a chegar daqui 2 horitas”.

Breton lembrava o endereço do hotel, postando uma foto possivelmente tirada em um livro com orientações gerais sobre o programa. Iriam ficar todo em um Merriott. Breton e Ernst pareciam ter chegado juntos no hotel. Arp era o “YLAI raíz”, como dizia e estava orgulhosa(o) da bicicleta que levava em uma caixa. Chagall só chegaria às 20h. Ainda estava em Albuquerque. Na foto postava à vista da janela do avião anunciando que estaria de volta em um ano. (DIÁRIO ABERTO, 20/10/18, grifou-se).

<sup>73</sup> Referente ao codinome dados aos membros do grupo pesquisado.

Iguais à observação destacada na citação, os números dizem muito sobre o ponto de interseção que se conclui neste cruzamento de evidências quali e quanti. O dia 20 de outubro 2018 foi marcado por ser o início do último estágio oficial da interação face a face do grupo. Seriam cinco dias na cidade, registrados no diário. A impressão em “O fluxo de informações não se alongou<sup>74</sup>.” escrita no diário contradiz a informação colocada de que esse mesmo dia foi o de maior número de interações (617). Olhando o detalhamento por visualização de dados do *dashboards*, baixo o nível de análise “mês” para o “dia”, percebe-se que a média de quantidade líquida de caracteres de uma mensagem e a média de quantidade de caracteres de texto estão bem abaixo do padrão dos meses de seguinte, totalizando, respectivamente; 20,35 e 19,10. A mediana de quantidade de mensagens com caracteres líquidos também está bem abaixo dos números apresentados dos outros meses, 24,45. Ora, entendido que a velocidade de informações deva ter ocorrido de maneira mais rápida nesse dia, compondo-se por um volume maior de mensagens mais dissipadas, picotadas, sugere-se um indicador não necessariamente diagnosticado no diário, mas, sim no cruzamento realizado. A percepção de “O fluxo de informações não se alongou<sup>75</sup>.” como contradição alimenta ainda mais as discrepâncias entre as evidências quantitativas elencadas. *O quantitativo das incidências de mensagens a longo prazo de uma interação mediados, ponderadas às evidências qualitativas acerca das notificações; status de digitação; e leitura das mensagens recebidas pelos atores são indicadores do nível de efervescência à política mídia.*

Os olhares quantitativos ampliam a percepção qualitativa. Ambas subjetivas, diferentes formas de ver a quantidade de mensagens e quantidades de caracteres trocados em um grupo mediados permite aos Estudos da Mídia uma compreensão dos níveis de efervescência a uma *política mídia*. As funcionalidades técnicas de um dispositivo de comunicação instantânea mimetizam as interações face a face por suas ancoragens de parênteses internos de chamamento ao jogo. A maior frequência de mensagens pode levar um detalhamento qualitativo mais minudente. Simbologias por trás das ações comunicativas que uma política diplomática transcende da esfera face a face a grupos informais moldam-se em texturas de experiência dos atores. Tanto quanto a permissão de um *status* de visualização de interesse (expresso na funcionalidade de “digitando...”, “lido”, ou “setas verdes indicativas” de qualquer *app*<sup>76</sup>) determinadas funcionalidades técnicas, a quantidade de mensagens e

---

<sup>74</sup> (DIÁRIO ABERTO, 20/10/18).

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> Abreviação de aplicativo de telefone celular.

quantidade de caracteres líquidos e de textos, em seus significantes apartados do cálculo quanti, permite explorar efervescência do estar disponível ao jogo.

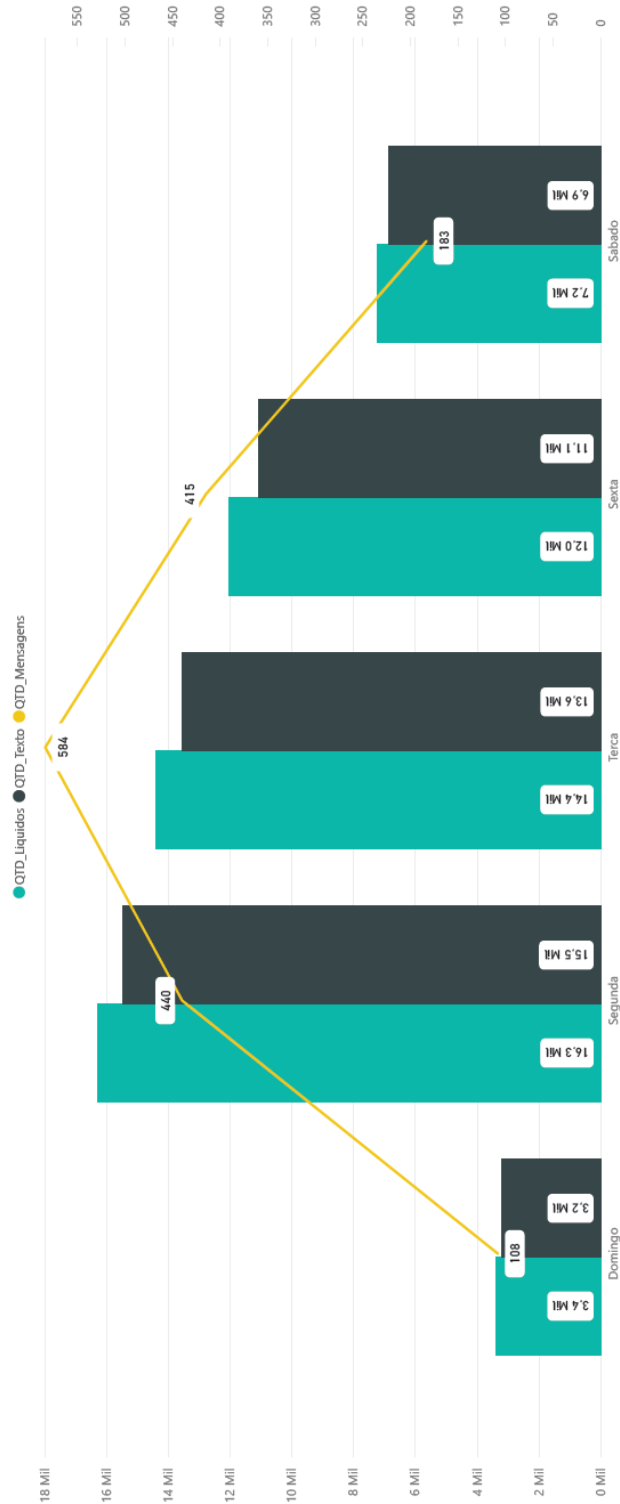


Gráfico 4 – Indicadores de Efervescência da Interação por Dia da Semana Antes da Imersão (14/09/18 - 18/09/18)  
Fonte: Elaborado pelo Autor.

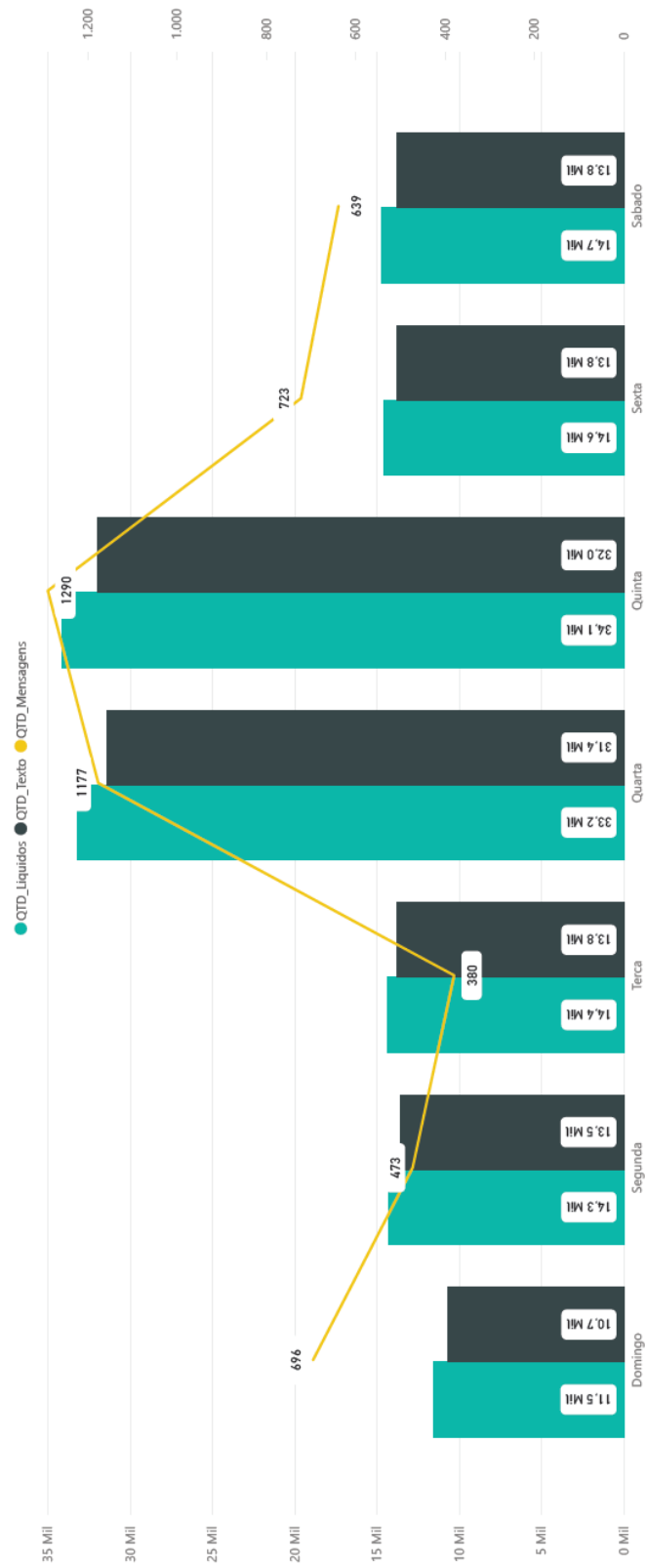


Gráfico 5 – Indicadores de Efervescência da Interação por Dia da Semana Durante a Imersão (19/09/18 - 24/10/18)

Fonte: Elaborado pelo Autor.

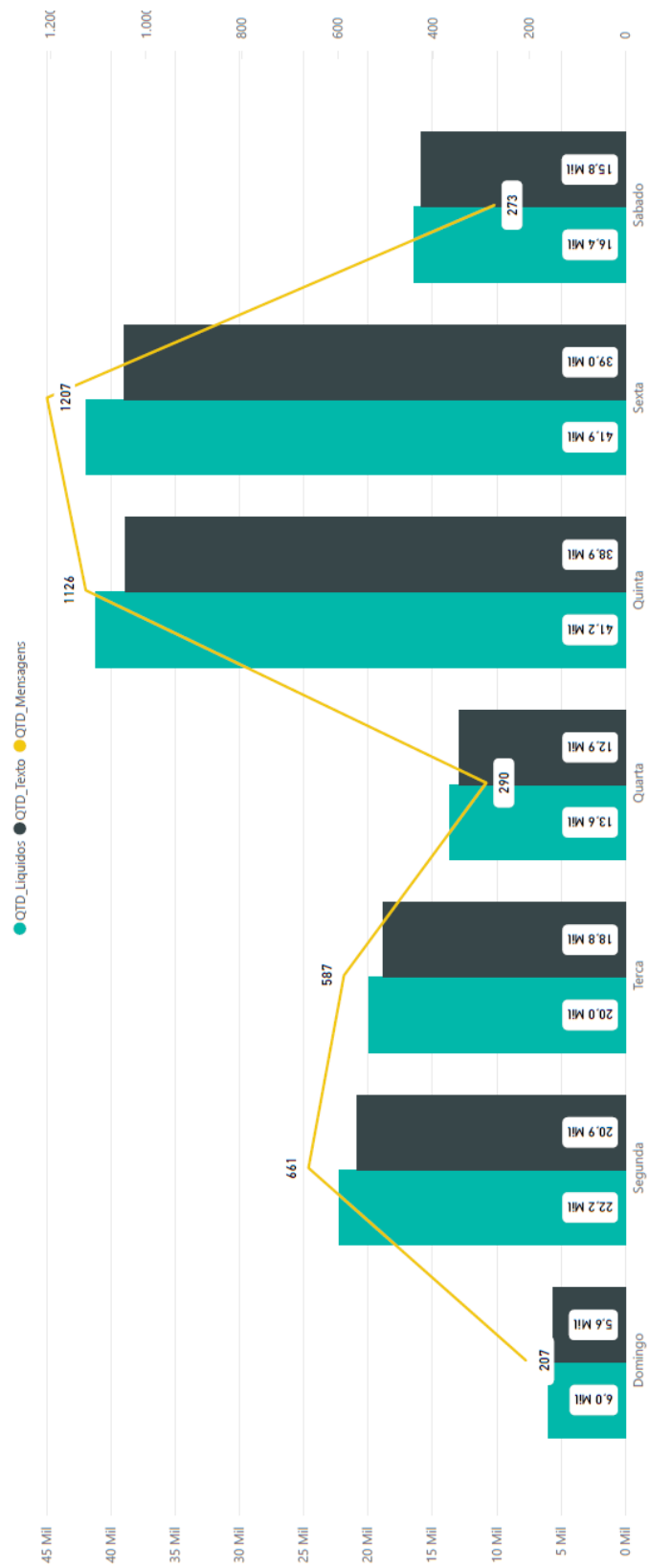


Gráfico 6 – Indicadores de Efervescência da Interação por Dia da Semana Após a Imersão (25/10/18 - 08/04/19)  
 Fonte: Elaborado pelo Autor.

A sequência comparativa entre os Gráficos 4, 5 e 6 materializa os indicadores do nível de efervescência à *política mídia*. Os dias da semana, no *eixo x* dos gráficos, permitem contrastar o movimento de quantidade de caracteres líquidos e de textos às mensagens totais trocadas no grupo estudado em três distintos períodos: antes da imergência dos atores nas *startups* estadunidenses (ápice da política diplomática), durante e depois com o retorno ao Brasil. Pelo volume insignificante de dados coletados antes da chegada do grupos ao EUA, qualquer conclusão comparativa sobre essa data seria um equívoco, mas vale destacar que em uma terça-feira incomum (véspera da viagem) ultrapassou o somatório de quantidade de mensagens de qualquer terça-feira durante a imersão. Uma só terça diferenciou-se apenas de três mensagens a menos do que o somatório de todas as terças feiras em sete meses. Ou seja, a expectativa sobre o período de imergência expresso na quantidade de mensagens trocadas de apenas um dia representou 42% das interações do total de terças-feiras. Que símbolos representaram as angústias, aflições, ânimos em tais expectativas? Que construções lexicais e que gramáticas dos sentidos se desenrolaram nesse dia? Que conteúdos os sinais de ancoragens das notificações, *status* de leituras e digitação de uma mensagem mais puxaram os atores ao jogo? Não apenas indicadores de efervescência dariam conta.

Outro exemplo comparativo dos gráficos de efervescência denota-se na padronização dos dias da semana, exceto a quarta e a sexta-feira. Mergulhados no molde “ser empreendedor” pela experiência dos atores nos EUA, a quarta destacou-se junto à quinta-feira como os dias de maior quantidade de caracteres e mensagens trocadas. Após o retorno ao Brasil, a sexta-feira, juntamente com a quinta, passaram a ser os dias com maior ancoragem de chamamentos à roda interativa. Especialmente nos domingos, a ínfima diferenciação em quantidade de caracteres líquidos (QTD\_Líquidos) e de Texto (QTD\_Texto) apresentaram linearidade nos componentes da mensagem.

Sinais de excitações podem ser mais bem explicitados pelos ganchos de ancoragem de uma comunicação face a face, mas, comparativamente, também podem ser monitoradas pelo esquema proposto de indicadores de efervescência. No grupo estudado, a dependência das interações midiáticas aos esquemas participativos face a face orquestrados pelo Departamento de Estado dos EUA corrobora a insistente pretensão de equivalência analítica nestas duas categorias de ações comunicativas, uma formal inerente ao emissor institucional da política diplomática e outra informal pela constelação de atores do grupo da *política mídia*. Essencialmente, pela utilização dos aparatos funcionais dos dispositivos midiáticos de interação como os recursos de incluir caracteres de texto (letras, números, sinais

de pontuação), imagens, áudios, vídeos, símbolos, “memes”, “figuras”, “gifs”, *links* da web, informações de saída do grupo ou mudança de número de celular pelo usuário, entre outros. Reduzir tantas funcionalidades às ópticas mais enxutas pode dar margem a outras perspectivas.

## 1.2 Ancoragens de interações por vínculos de modelagem

Maquinações benignas e tonalizações alocadas nas trocas de mensagens instantâneas de um grupo informal destoam a integralidade da “conversação”, quando comparadas aos entrelaces das ancoragens dos *frames* midiáticos de interação aos quadros face a face da vida cotidiana. A *quantidade de caracteres do texto*<sup>77</sup> de uma mensagem, no segundo cruzamento quali e quanti da análise das ancoragens aqui apontado, é tencionada à composição das palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas para exemplificar a garimpagem do intento da fórmula. Como já se destacou, a escolha das mensagens a serem aqui expostas não ocorre de maneira aleatória ou exclusiva das observações contidas no diário de pesquisa. Por mais que na nota de rodapé 61 detalhe a definição aqui tomada por QTD\_Texto, destacam-se alguns pontos.

Em uma interação por um dispositivo midiático como o WhatsApp, o ambiente externo do usuário é indecifrável para os participantes de um jogo midiático no formato de conversação instantânea. Incompreensível ao observador-observador. O diário de pesquisa nunca ousou mergulha nas questões invisíveis, mesmo que em alguns momentos de conversa oculta ao grupo isso tenha se revelado.

Retornei ao mesmo banco, o que não é comum aos outros dias. O banco do outro lado do bosque, do campus. Busco aqui me entregar a você que ainda persiste em me decifrar. Eu também persisto em te decifrar. Entender a tua força motriz empreendedora, a tua experiência midiática com a política cultural, inventiva, corporativa, educacional, diplomática e quantos mais sobrenomes houver. (DIÁRIO ABERTO, 20/10/18).

As evidências qualitativas de ancoragem da interação não serão aqui contrastadas às inúmeras possibilidades de cruzamento de dados extraídas dos Gráficos 1 (página 58) e 2 (página 59). O pequeno exercício que se sugere nas linhas seguintes exemplifica o esforço pela triangulação dos dados em apontar caminhos para um eixo mais empírico sobre

---

<sup>77</sup> Ver nota de rodapé 67 na página 36.

a análise dos quadros. Tomando o caso do anúncio do desligamento de Bacon<sup>78</sup>, ocorrida no dia 17 de outubro, quantitativamente, se observa um desvio-padrão acima<sup>79</sup> dos outros dias de outubro. Esse dia é o 16º com maior desvio-padrão de todo o período analisado (concentrados no Diário Aberto) o segundo maior do mês de outubro. À frente desse dia, o maior desvio é sinalizado em 28 de outubro. O dia 28 de outubro é intitulado no diário “O Anúncio de Ernst no domingo, 28 de outubro de 2018”, enquanto o dia 17 de outubro “Os que ficam. O que sai”. Já foi observada a estrutura da mensagem pelas entradas e saídas de caracteres utilizadas por Bacon, quando este detalhou no dia 17/10/18 sua expulsão do programa, dias antes do encerramento oficial. No dia 28 de outubro, destaca-se que os parênteses externos eram moldados pelo domingo da eleição presidencial no Brasil. Um dia atípico, polêmico e de intensidade da interação, não necessariamente vista no diário, mas detectado pelo desvio-padrão exposto no Gráfico 2. “Ernst, rompendo silêncio, anunciou: ‘[19:21, 28/10/2018] Ernst: **Oficialmente** eleito [19:21, 28/10/2018] Ernst: 4 anos de **bolsonaro**” (DIÁRIO ABERTO, 28/10/18, grifou-se).

Sem desconsiderar nessa observação a função do cálculo da QTD\_Líquidos, mas delimitando ao objetivo central desse item, é referente à média da QTD\_Texto que se gostaria de ater. Nessa análise, relacionar essa vertente quantitativa com a composição das palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas no processo de ancoragem de uma interação mediatizada é o intento primordial. O Gráfico 2 permite visualizar um relativo nivelamento entre QTD\_Texto e QTD\_Líquidos. Há, porém, uma distinção crucial entre estas duas vertentes quantitativas. A quantidade de caracteres líquidos, na observação das mensagens úteis analisadas, exclui chamadas, *link*, e-mails e caracteres de *emojis*<sup>80</sup> ou símbolos. A quantidade de caracteres de texto aprofunda a “pureza” de uma mensagem. No sentido de excluir as marcas de maquinações benignas, especificamente os enganos jocosos, e das tonalizações alegadas referentes às brincadeiras; ambas pertencentes à concepção goffmaniana das ancoragens de quadros de interação.

<sup>78</sup> Ver citação do Diário Aberto do dia 17/10/18, páginas 39 e 40.

<sup>79</sup> Ao detalhar o Gráfico 2 em um nível de profundidade no comparativo de dias de um mês, se observa que o dia 17 de outubro de 2019 apresenta um desvio-padrão de quantidade de caracteres líquido 83,70; média de quantidade de caracteres líquida de 37,5; e mediana de quantidade de caracteres líquida de 14. Já o dia 28 de outubro de 2019, desvio padrão de quantidade de caracteres líquido de 135,92; média de 46,36 e mediana de 20.

<sup>80</sup> Surgido no Japão no início da década de 1990, os *emojis*, *emoticons* são elementos visuais que traduzem significados diversos por meio de expressões faciais ou símbolos específicos. (HSIEH; TSENG, 2017; POMPEU; SATO, 2018). Os *emojis* são codificados por computacionalmente por uma linguagem decimal ou hexadecimal. A exemplo de “😊” que é processada como “128512” ou “1F600”, respectivamente. Para verificar como estes símbolos podem ser codificados consultar <[https://www.w3schools.com/charsets/ref\\_emoji\\_smileys.asp](https://www.w3schools.com/charsets/ref_emoji_smileys.asp)>. Acesso em: 7 ago. 2019.

As brincadeiras, zombarias ou trotes, expressivamente, são colocados em uma interação midiaticizada pela frequência incessante de risos, numerações e pontuações. “De todas as tonalizações alegadas que podem eximir de responsabilidade, a alegação de que se estava apenas brincando parece ser mais importante”. (GOFFMAN, 2012a, p. 406). Goffman confunde por alguns exemplos da comunicação face a face relatados na obra as maquinações benignas e tonalizações alegadas ao tom das brincadeiras. De fato, para o autor, há uma relação intrínseca entre estes componentes de uma interação. “As alegações referentes à brincadeira declarada (em que está envolvida uma tonalização) não são muito diferentes das alegações referentes ao engano jocoso (em que está envolvida uma maquinação benigna)”. (GOFFMAN, 2012a, p. 409). A ausência de seriedade pelos atos de intencionalidade, sem embargo, pode distinguir os usos dessas maquinações ou tonalizações.

Nas interações midiaticizadas da *política mídia* as maquinações e tonalizações estão presentes na ancoragem pelas palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas, mas podem estar confundidos nas inúmeras mensagens de expressões dessas jocosidades ou brincadeiras alegadas. “Kkkk” “Hehehe” “Huahuahua” desmascarariam facilmente os elementos de entradas e saídas de uma só mensagem enviada. Por este motivo, optou-se pela filtragem mais “pura” dos caracteres de uma mensagem, e ampliadas aos risos<sup>81</sup>, o cálculo da QTD\_Texto exclui números e pontuações. Exemplifica-se com algumas mensagens oriundas dos dias de maiores e menores médias QTD\_Texto.

Pelo detalhamento do Gráfico 2 no *dashboard* do programa Power BI, os dias 16 de outubro e 28 de outubro de 2018 apresentaram as maiores médias da QTD\_Texto. Respectivamente, 55,44 e 45,06, valores superiores à média do mês de outubro que pontuou 26,21, a segunda menor média mensal após setembro de 2018. Outubro era o mês da imersão dos participantes da *política mídia* nos EUA, e a segunda menor média de QTD\_Texto entra contraponto à segunda maior quantidade de mensagens úteis, 3030 mensagens, trocadas no mesmo mês. O cruzamento com o Gráfico 1 e com o Gráfico 2, na visão panorâmica mensal, aguça o entendimento de que *quanto mais mensagens foram trocadas em uma interação midiaticizada menor será a quantidade de caracteres texto*; no entanto, quando detalhada a visão quantitativa e cruzada com a qualitativa, essa postulação não se valida. Vale detalhar.

---

<sup>81</sup> No estágio de mineração de dados, foram considerados como risos os seguintes caracteres isoladamente e/ou repetidamente: “he”, “há”, “hi”, “hu”, “hh”, “ja”, “je”, “ka”, “kk”, “rs”. Não foi incluído “lol”, comuns nas mensagens instantâneas nos países de língua anglo-saxônica; tampouco, as variações orientais.

Entre 13h13 e 14h30 foram quase contínuas interações sobre as experiências individuais sobre os outros oficiais agentes do programa: city host e placement fellowship. Em entrevista, devo explorar mais as ações comunicativas entre eles. Breton início o desabafo. E arrastou multidões. São 23h47. E estou a caminho do Aquaville. La ficarei para amanhecer no dia 17. Retornarei...

*[Foto pessoal postada]*

Deverei retornar...

9h41 do dia 18. 428 mensagens acumulados só referentes ao dia 17. Mas nestas linhas voltarei ao dia 16. Breton no início do dia insistiu nos seus problemas de comunicação com seu “chefe”. Ele havia tentado falar várias vezes. Mas não recebia a atenção esperada. Parecia que não via muito sentido naquilo tudo. Na proposta original de intercâmbio profissional. Arp, Tanguy, Ernst e Magritte estavam felizes com a condução com o placement fellowship. E tentava apontar um outro lado dos lamentos de Breton [...] (DIÁRIO ABERTO, 16/10/18, alguns elementos foram excluídos).

Pelo Diário, evidencia-se que a intensidade da frequência do dia 16 de outubro se dava pelos desabafos das boas e más experiências com outros atores do programa, especificamente, “os chefes americanos”. Durante a imersão, os participantes vivenciavam a rotina de uma startup americana, cumprindo horários e funções como qualquer outro funcionário. Isso justifica que, no Gráfico 3, os horários de trabalho<sup>82</sup> (manhã e tarde) de segunda a terça-feira apresentarem o maior volume de interações, bem como o horário de trabalho (tarde) que imperam às quartas e quintas-feiras.

Breton não tinha conseguido o interesse da city host neste reverse. Revelou isso por meio de um *print*. Ernst, em seguida, colocou um ponto importante: “**Nós latinos** tendemos a não dizer as coisas pra não magoar os **sentimentos dos outros**”. [...] Ernst pontuou: “**Eu achava que meu placement** não queria um reserve, pq não tem oq a gente fazer juntos no BR (eu pelo menos não vejo nada) mas ele me disse ontem que a esposa liberou ele pra ir ao Brasil 🇧🇷👤 [caracter não identificado] então **ele quer aplicar um projeto kkkk**”. Um pouco depois, Arp concordou.

Na finaleira do tópico Klee apareceu o conciliou: “**Que droga @Breton**. Acho q foi um azar. Isso pode acontecer em qqr empresa fora e no Brasil. As vezes a empresa eh incrível, o programa, etc mas o gerente/diretor da área eh ruim e **acaba impactando a experiência em geral**”. [...] (DIÁRIO ABERTO, 16/10/18, grifou-se, alguns elementos foram excluídos).

Há indícios até aqui de que as *palavras iniciais e finais podem ser ancoragens quando enxergadas pela “pureza” dos caracteres em uma interação midiaticizada*. Os ganchos

<sup>82</sup> Desconsiderando as diferenças de fuso horário e a realidade vivenciada pelos participantes, na mineração de dados definiu-se a seguinte faixa de horários. Descanso (00h - 06h); Acordar/Transporte (06h - 09h); Trabalho (Manhã) (09h - 12h); Almoço (12h - 15h); Trabalho (Tarde) (15h - 18h); Transporte (18h - 21h); Segundo Expediente (21h - 00h). Ver detalhes no Gráfico 3.

inserir ou expurgam os atores do jogo. Quem se toca, pode falar ou calar. Diga-se, interagir ou não interagir. A fim de evidenciar as maiores médias de QTD\_Texto apresentadas no comparativo, expõe-se a continuidade da conversa do dia 28 de outubro, dia de eleições presidenciais e domingo atípico do padrão de médias de caracteres altas em um domingo.

“**A gente infelizmente vamos voltar para 1964.** Eu não era nem nascida, não sei como era isso, mas é assim...não sei como saberei lidar com isso...**e é foda!**” [mensagem em áudio às 19h23] desabafou Magritte em um áudio enviado pouco depois do anúncio de Ernst, às 19h23. O papo rolou entre Picasso, Ray e Breton até ser encaminhada por Magritte uma imagem que se tornaria relevante para o fato vivido. Temido.

Bacon e Klee entraram.

“[20:10, 28/10/2018] Klee: **A vida segue normal.** Não dependemos de política para fazer mudança. Que continuemos cada vez **mais forte com nossos projetos sociais.**”

[20:51, 28/10/2018] Bacon: **Eu estou bem preocupado,** especialmente porque o Bolsonaro possui apoio na câmara. Teremos que aguardar pra ver, mas infelizmente o impacto já começou. Pessoas têm sido agredidas nas ruas, discursos de ódio têm sido feitos dentro e fora das redes sociais, enfim... A gente vem lutando contra o preconceito desde sempre, e temos a falsa impressão de que estamos progredindo aos poucos. Mas a gente vê que não há progresso real. O mindset das pessoas continua o mesmo, elas só passaram a "engolir seco" suas opiniões sobre os negros, gays, mulheres... A partir do momento que uma liderança passou a exercer discursos de ódio em grande escala, as pessoas passaram a se sentir confortáveis para expor todo o preconceito, racismo, homofobia de novo. Estava tudo lá dentro delas, não saiu nada do lugar. Elas só precisavam de um exemplo pra ver que é OK ter essas atitudes nocivas novamente. Eu honestamente não sei o quanto a constituição brasileira nos protege de voltar para uma ditadura ou algum regime extremista, mas a incitação à violência por si só me deixa preocupado. **Enfim, é um dia triste para o Brasil.** (DIÁRIO ABERTO, 28/10/18, grifou-se, alguns elementos foram excluídos).

Elaborar a QTD\_Texto como estratégia para coletar interações longe de rastros de brincadeiras por tonalizações ou maquinações permite identificar nos dois dias com maiores médias de QTD\_Texto e contrapontos pro serem dias com poucos índices<sup>83</sup> de frequência de mensagens totais trocadas que ajudaram os dias a dar voz aos quantitativistas. O olhar quali, se disposto a analisar o conteúdo das palavras iniciais e finais destacadas, teria margem para ver criticamente os discursos dos atores. Cabe, no entanto, aqui apontar tensões analíticas nos vetores teóricos, quali e quanti. É possível, que pelas visualizações das palavras iniciais e finais, as dinâmicas de entradas e saídas dos *frames* tenham ocorrido entre os atores participantes da conversa sobre política do dia 28 de outubro. Vale destacar o fato de que a limitação recortável pela visão quantitativa (em considerar apenas mensagens úteis) permite apurar o conteúdo da

---

<sup>83</sup> 16/10/18, terça-feira, (173) e 28/10/18, domingo, (173). Situa-se em contraponto a quantidade de mensagens totais trocadas em um período próximo as duas datas, 18 de outubro, quinta-feira, com 520 mensagens, apresentando-se como o dia de maior QTD\_Mensagens (Totais) em outubro de 2018.

mensagem em áudio de Magritte. Essa, porém, fez a ancoragem da interação girar. Pelo diário, o desabafo foi registrado.

As maiores médias de QTD\_texto de setembro e outubro, respectivamente, 57,44 (16 de outubro) e 45,06 (28 de outubro), valores superiores à média do mês de outubro que pontuou 26,21, se contrastadas com as observações oriundas do diário, podem apontar caminhos sobre a especificidade da segunda ancoragem descrita. A maior média da QTD\_Texto presente no dia 16 de outubro de 2018 quando comparado aos meses de setembro e outubro, deixa rastros para se observar que o mesmo indício ocorrido nos excertos do diário seja a razão do mês de abril apresentar o maior desvio-padrão do período e maior média de QTD\_texto. Se, analisada com detalhes a dinâmica das mensagens trocadas, qualitativamente, e não apenas pelo diário, mas por um recorte de maior detalhamento etnometodológico, a consideração de excluir das jocosidades inerentes a uma interação midiaticizada, teria aberto outros pontos nessa análise. Sem embargo, a necessidade de considerar o entrelaçamento dos atores por suas entradas e saídas de um *frame* na tensão de suas atrações pelas mensagens iniciais e finais de uma fala midiaticizada, aqui é posta em debate. Ratifica-se o segundo indicador de vínculo na interação: o **nível de modelagem da interação**. *A maior “pureza” de caracteres molda a interação em ganchos de ancoragens contidos nas palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas do jogo de interação.*

O ponto encontrado sobre os níveis de modelagens condutor de *frames* de interação compreendidos na associação entre QTD\_Texto às mensagens iniciais e finais de uma interação permite apurar a importância dos elementos excluídos do cálculo da quantidade de caracteres-texto. Na tentativa de apurar a modelagem na entonação ou no questionamento das mensagens de um *frame* debatido, sem atentar ao conteúdo qualitativo, uma proposta quantitativa pode ser feita. Se tomada a média dos elementos de pontuação “!” e/ou “?”, conforme sinalizado no Gráfico 7 e 8, as tonalizações de afirmação ou questionamento, puxador de quadros temáticos, que circundam o grupo foram bem maiores nos últimos meses delineados da pesquisa: fevereiro, março e abril de 2019. Como a frequência de mensagens nesse período era bem inferior aos meses iniciais da pesquisa, pressupõem-se que a modelagem do grupo se tornou mais consultiva ou com caráter de aconselhamento. O desvio-padrão de quantidade de exclamações “!” ou afirmações incisivas teve especial desalinhamento a uma tendência central nos meses de fevereiro e abril de 2019. Mesmo isso, não foi relevante para aumentar a frequência de mensagens do grupo com o passar do tempo. Os Gráficos 7 e 8 permitem entender as modelagens afirmativas e exclamativas do grupo durante todo período de análise.

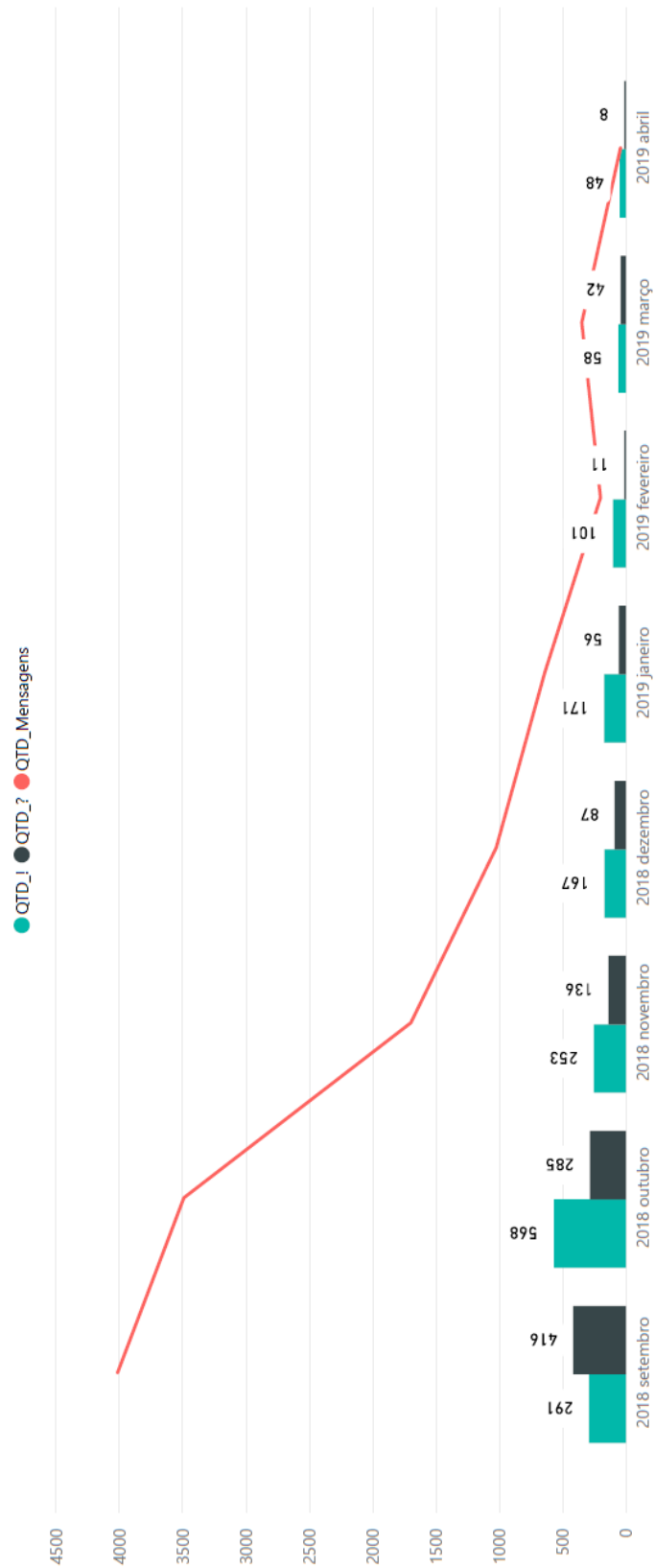


Gráfico 7 – Comparação entre pontuação de interrogação e exclamação (Set/18 - Abr/2019)  
 Fonte: Elaborado pelo autor.

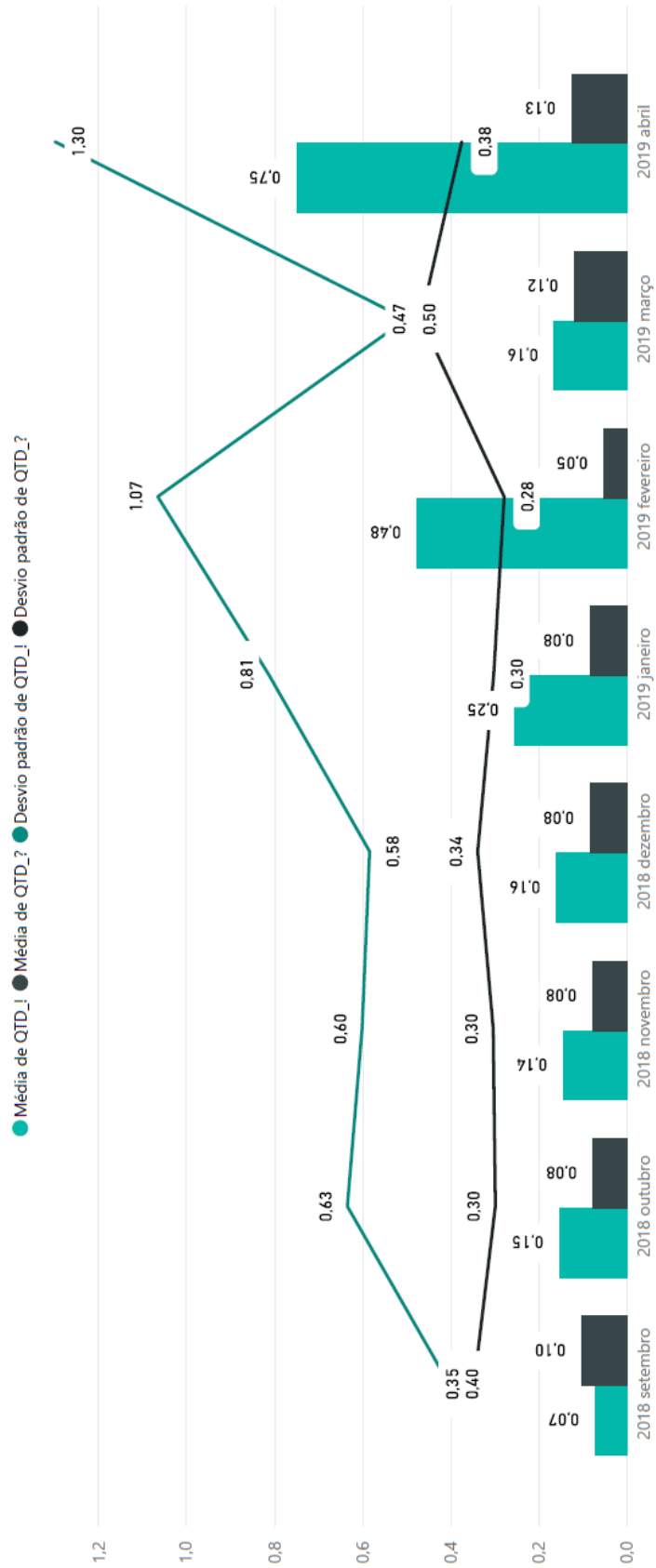


Gráfico 8 – Média e desvio padrão entre pontuações de interrogação e exclamação (Set/18 - Abr/2019)  
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Ancoragens de dúvidas<sup>84</sup> fisgaram mais membros do grupo anteriormente à imersão nos EUA. Certezas, atenção ou demonstração de desempenho içaram<sup>85</sup> os mesmos membros durante o mês de plenitude da experiência com a *política mídia*. Estas são umas das muitas possibilidades de conclusões com os indicadores de *níveis de modelagem de interação midiaticizada* propostos. Os Gráficos 9 e 10 permitem verificar os indicadores de modelagem da interação durante todo o período de coleta de dados, sendo primeiro na visão de dias da semana e o segundo por meses. Para isso a linha QTD\_Texto foi contrastada com a quantidade de caracteres de números, pontuação e risos. Aglutinando indicadores de modelagem de uma interação aos ganchos de ancoragens contidos nas palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas do jogo de interação uma análise futura que contemple melhor detalhamento poderá ser esboçada.

Quando filtrado<sup>86</sup> o período de 19 de setembro a 24 de outubro, meses da imersão dos participantes nos EUA, os indicadores de Modelagem da Interação na sexta-feira diferem bruscamente do Gráfico 9. A quantidade de caracteres de pontuação e de risos radicalmente diminui, tornando-se equivalente a um sábado ou domingo. Ao analisar todo o período, no entanto, percebe-se semelhança à modelagem de sextas e quintas-feiras; sábados e domingos; e segundas terças e quartas-feiras. Três categorias de modelagens se aplicariam ao grupo nos dias da semana e poderiam ser tratadas qualitativamente em posterior estudo. Quais os padrões de ancoragem à interação as palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas poderiam ser vistas ao sondar a QTD\_Texto? Como um dia da semana se padroniza com outros nos chamamentos das incorporações içadas pelas modelagens dos parênteses internos de interação?

---

<sup>84</sup> Cruzando o comparativo desvio-padrão e média de “QTD\_?” e “QTD\_Mensagens”.

<sup>85</sup> Cruzando o comparativo desvio-padrão e média de “QTS\_!” e “QTD\_Mensagens”.

<sup>86</sup> Utilizando o recurso de seleção de data no *dashboard* criado no Power BI.

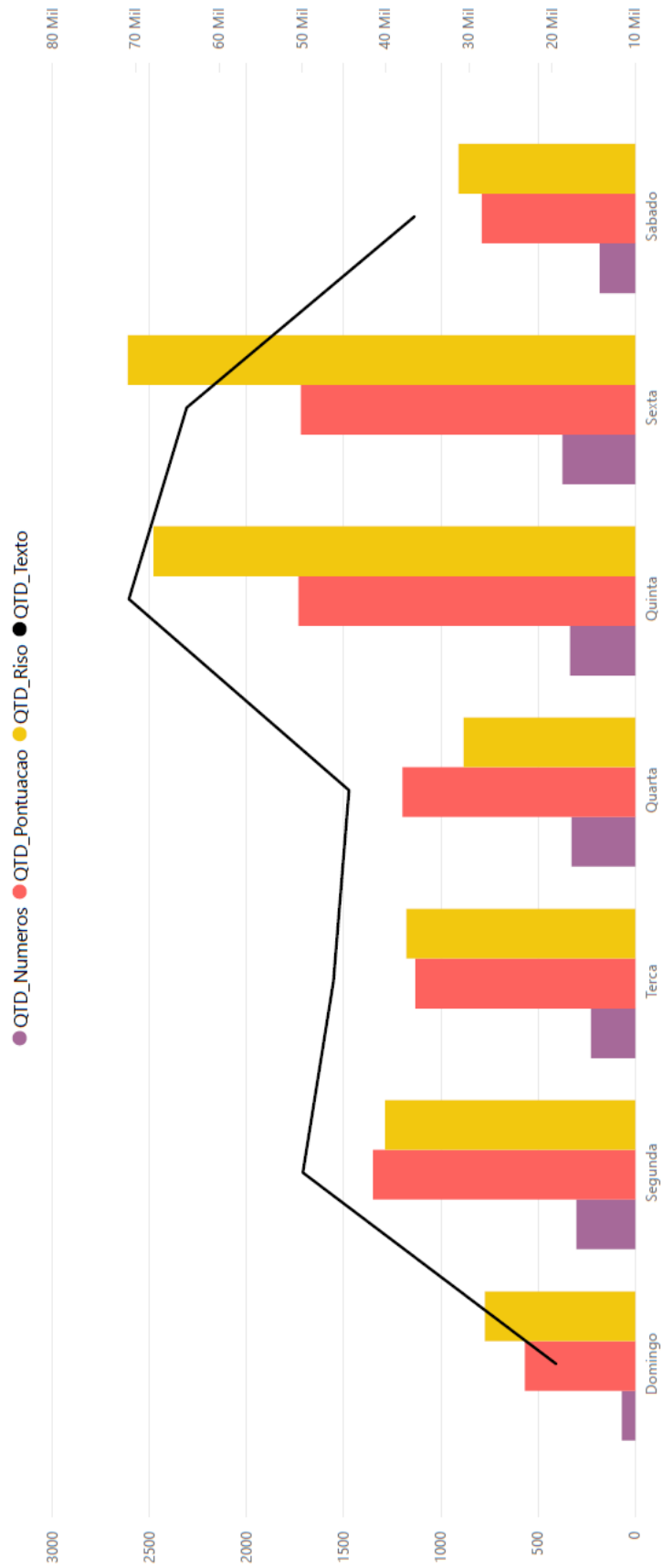


Gráfico 9 – Indicadores de Modelagem da Interação por Dia da Semana (Set/18 - Abr/2019)  
 Fonte: Elaborado pelo autor.

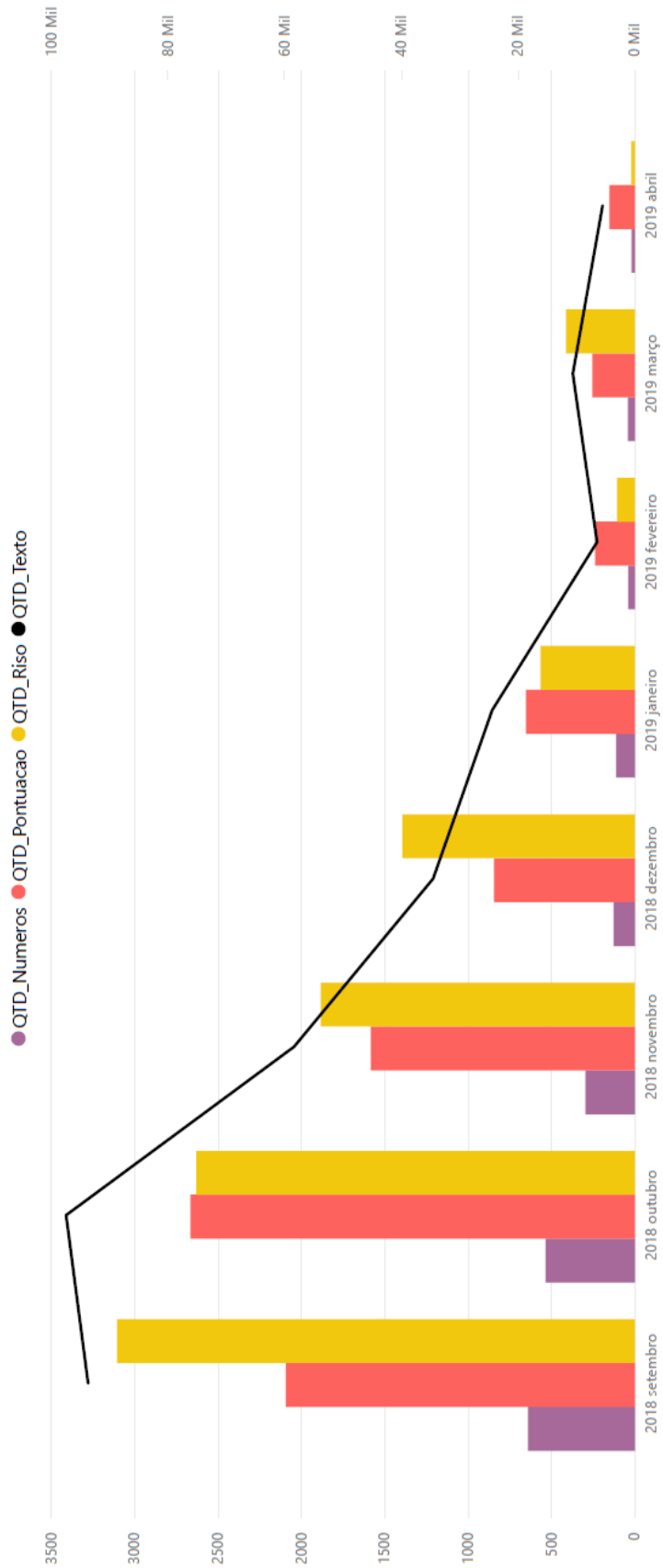


Gráfico 10 – Indicadores de Modelagem da Interação por Mês (Set/18 - Abr/2019)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A quantidade de caracteres de texto, se contrastada aos seus elementos excluídos do cálculo QTD\_Texto, permite ver moldes de maior interação com caracteres úteis. Outubro de 2018 e janeiro de 2019 foram meses em que a QTD\_Texto ultrapassou os números, risos e pontuação nas trocas de mensagens. O Gráfico 10 amplia ao longo do período dos meses de coleta de dados outras questões acerca dos indicadores de modelagem da interação. Se os risos de setembro de 2018 foram maiores do que as pontuações utilizadas pelos atores do grupo informal analisado, que modelagens permitiram que em outubro de 2018 esse cenário se revertesse?

A força empreendedora das startups é permeada de regras e senso de pertencimento. A política diplomática cultural estudada, na constituição de sua constelação de atores latino-americanos, se torna possível e presente pelos conjuntos de mídia utilizadas, pelas formas de comunicação padronizadas (também diria automatizadas) moldadas por enquadramento temáticos que guiam a ação empreendedora dos sujeitos fazedores da rede YLAI. (DIÁRIO ABERTO, 19/09/18)

As regras e sentidos de pertencimento à *política mídia* já eram sinalizados na observação sobre o dia 19 de setembro, feita no dia 27 de março de 2019 às 16h24min. “Levar a sério”. Por certo, esse era do molde que articulava as ancoragens de palavras de entradas e saídas trocadas no grupo no mês de outubro. Ponderar mais, com pontos. E rir menos do que no início do sonho. Setembro, o molde do riso, do fazer as contas. Outubro, do levar a sério. Novembro, do marco do falar com menos conteúdo textual. Dezembro, o alicerce do rir mais do que falar. Janeiro, papear com bem mais caracteres úteis. Fevereiro, o mês da pontuação. Março, o retorno do novembro e dezembro. Abril, o retorno de fevereiro.

Qualquer análise mais esmiuçada sobre as categorias da segunda tipificação de ancoragens de interação até aqui discorrida precisaria atentar para um maior detalhamento nas estruturas de formação das palavras que aqui não se pretende fazer. Para propor categorias analíticas de enquadramentos temáticos por uma proposta de quadros de ancoragens de interação das trocas de mensagens instantâneas em grupos midiáticos, destacando perspectivas interacionistas e cognitivas, os quatro níveis de ancoragem pontuados nesta seção abarcariam o primeiro objetivo central desta tese.

A constituição comparável da interação midiática à da frente a frente, reforçada pelos argumentos tecidos sobre a incorporação das funcionalidades técnicas do dispositivo de comunicação instantânea na rede simbólica e cognitiva da comunicação entre membros de um grupo informal da *política mídia*, permite propor o que se chamará de *Nível de*

*Modelagem das Ancoragens Midiatizadas.* Atento ao contraste triangular analítico dos dados quali e quantitativos dos dados coletados, sintetizam-se as funcionalidades do vetor modelagem da vertente de *ancoragem midiaticizada* constituinte do processo de figuração comunicativa da *política mídia*.

Aplicação um. Trazendo ao resultado da quantidade de caracteres de texto o olhar para uma relação morfológica e semântica, a estrutura de formação de palavras dos anúncios de entradas e saídas de uma mensagem, pode-se verificar a modelagem da interação de um grupo. Modelagem, na apropriação desta tese, refere-se às estruturas de formação de uma sentença linear similar a uma fala em uma comunicação face a face. Nos grupos midiaticizados, estas tornam-se fragmentadas mediante diferentes intervenções de outros participantes de um grupo. Futuros estudos podem explorar nestes moldes a construção das unidades gramaticais (artigos, pronomes, preposições, conjunções e verbos auxiliares) e lexicais (verbos, substantivos, adjetivos e advérbios) aos chamamentos que as ancoragens de interação retumbam aos atores prestes a entrar no jogo. O arcabouço de análises de conteúdo a serem feitos nesta proposta são vastos. Ao adentrar-se em esferas qualitativas, à luz da triangulação da pesquisa, põem-se aqui marcadores quantitativos do intitulado vetor de modelagem de uma interação. Incluindo as estruturas “puras”, resultantes do cálculo de quantidade de caracteres de texto, ao analisar as entradas e saídas contidas em sucessivas sequências de mensagens trocadas por usuários. As palavras/expressões iniciais e finais dos atos de digitar uma ideia podem ser incrementadas quando depuradas a correlação da QTD\_Texto expressa entre os participantes de uma interação. Bem como, a relação deste cálculo com os atos de: i) Verbalizar um sentido ao gravar uma voz; ii) Silenciar ao não responder; iii) Fotografar/filmar ao retratar as ancoragens externas; iv) “*Printar*”<sup>87</sup> ao registrar a presente da tela; e v) Demonstrar emoção pela rede simbólicas dos *emojis* e *stickers* (detalhado na seção 1.3). À medida que as funcionalidades técnicas dos impérios da comunicação digital incrementarem tecnologias que mimetizam a linguagem face a face, moldar-se-ão ancoragens de entradas e saídas à “pureza” textual das maquinações benignas e tonalizações alocadas no jogo de interação.

Ampliação dois. Os numerais como função semântica na composição de início e fim das ancoragens de mensagens trocadas são os exemplos primeiros de quantificação de um significado. A proposta de excluir, mas ao mesmo tempo, destacar a quantidade de números de uma mensagem de interação *face a face midiaticizada* sobreleva o argumento de mais uma

---

<sup>87</sup> Neologismo referente ao ato de capturar a imagem da tela de um dispositivo midiático de comunicação.

alavanca puxadora das ancoragens sobre as ordens tecnicistas da funcionalidade dos *apps*. Quanto à orientação morfológica, a quantificação, em um estudo futuro que pretenda tomar o cálculo e percepção exposta nesta tese com maior minudência ao dos significantes limitados dos algarismos numerais “1, 2 e 3<sup>88</sup>” aqui feito, pode ser alargada a desinência de plural (ex: atores), de prefixos (*supertalento*) e sufixos (ex: *talentósíssimo*) composta pelas mensagens trocadas. Quanto ao domínio da sintaxe<sup>89</sup> advérbios e locuções adverbiais; algarismos romanos (*I, II, III*), numerais cardinais (ex: *um, dois, três*), ordinais (*primeiro, segundo*) multiplicativos (ex: *dobro*) e fracionários (ex: *meio*); e duplicações de palavras (ex: eu *não* vou *não*; *sim, sim* eu sei) complementariam a função semântica de quantificação como ancoragens de interação presentes nas palavras finais e iniciais.

Alargamento três. Transcrita, a interação face a face utiliza-se da pontuação como um recurso rítmico e melódico da representação oral. O movimento de elocução oral que a pontuação apresenta nas mensagens instantâneas midiaticizadas pode ser idêntico aos reproduzidos da língua escrita. Dois grupos implicam as classificações possíveis no *nível de modelagem das ancoragens midiaticizadas* a ser fecundamente analisado pela gramática portuguesa das entradas e saídas de anúncios às incorporações em um grupo informal. O primeiro destina-se a marcar pausas na troca de mensagem pelos sinais de *vírgula* (“;”), *ponto* (“.”) e *ponto e vírgula* (“;.”); o segundo abrange os sinais marcadores de melodias e entonações: os *dois pontos* (“:.”), o *ponto de interrogação* (“?”), o *ponto de exclamação* (“!”) as reticências (“...”), as aspas (““””), os parênteses (“( )”), os colchetes (“[ ]”), o hífen (“-”). Na ordem exposta, o seguintes moldes podem ser empregados baseando-se na padronização dos usos de sinais em uma interação *face a face midiaticizada*: i) pequenas pausas; pausas máximas; finalizações reduzidas e pausas alongadas; ii) suspensão de voz ao emprego de um futuro anúncio, enumeração ou esclarecimento; iii) interrogação direta, mesmo que uma resposta não tenha sido obtida; iv) exclamação de surpresa, entusiasmo, alegria, ironia, ódio; súplica dependendo do contexto; v) interrupção por uma suspensão; vi) distinção de um contexto, sobressalto, valor significativo ou ironia, dependendo do contexto; vii) indicação, explicação, reflexão ou emoção; viii) transcrição, isolamento de elementos ou referenciação; ix) diálogos ou pausas isoladas. Na textura da experiência da *hipermidiaticização* e da *cultura da midiaticização*, a mescla dos sinais exemplificados, no contexto de língua latina e quiçá anglo-saxônica, ressignificam

<sup>88</sup> Referente a fórmula de quantidade de caracteres de números (QTD\_Numeros) que considera somente as formas de quantificação em caracteres de números (ex: 1, 2, 3).

<sup>89</sup> A sintaxe refere-se aos mecanismos gramaticais que estruturam internamente o período a partir das palavras. Juntamente com a morfologia e o léxico, a sintaxe fundamenta a organização do significado das frases. (AZEREDO, 2000).

expressões dos atores em símbolos e *emojis* (ex: “:-)”, “;)” “=)”). Isso será tratado na próxima seção. Vale ratificar que sinais matemáticos como “=”, “+”, “-”; sinais diacríticos como *til*, *agudo*, *circunflexo*, *trema*, ou caracteres especiais como *underline*, *barras* (“\_”, “|”, “/”) ajudam a compor os moldes que as funcionalidades técnicas ao centro da mediação e mediação da interação fornecem aos atores da roda ao se expressarem. “=)”, composto por “=” e “)”; como elementos iniciais e finais de uma mensagem, puxam a imantação do jogo de incorporação dos *frames*. Como ancoragens. Os estudos de interacionismo simbólico são férteis para identificação do contexto de utilização de cada expressão composta por pontuação. E, como já visto, determinados usos de “!” e “?” podem dar o tom padronizável do molde dos *frames* da figuração comunicativas em grupo.

A quarta dilação é tornar o *nível de modelagem das ancoragens midiaticizadas* tangível em estudos futuros. Especialmente ao campo da psicanálise e etnometodologia. As limitações<sup>90</sup> quantitativas quanto à proposta de categorização analítica sobre as risadas de uma interação se assemelham às tentativas inférteis em classificá-las qualitativamente por vertentes gramaticais ou lexicais. Os risos são parênteses importantes nos jogos de interação midiaticizados. Alegria, hesitação, pausa, interrupção, facécia, gracejo, interesse, ironia e nervosismo são ressignificações em uma roda discursiva. O contexto modela as risotas. Estes marcadores caracterizam um dos mais importantes componentes comparativos da rede simbólica, entre a mediação instantânea da comunicação e da interação face a face *quotidianum*. Podem marcar mudanças de *rounds*, como será tratado na próxima subseção pelo processo de maquinações benignas e tonalizações alocadas. E, dentro do nível de modelagem nas ancoragens midiaticizadas, os risos, na composição dos anúncios iniciais e finais de uma mensagem, são elementos imantados às incorporações de *frames* interativos iminentes. As risadas, como atividades vocais emitidas sonoramente nas interações face a face, são equiparadas às diferenciações por modelagens de caracteres que o representam (a exemplo do que foi utilizado<sup>91</sup> nessa pesquisa: *he, ha, hi, hu, hh, ja, je, ka, kk* e *rs*). A escolha pelo signo que as representem (“Kk”, “Rs” ou “Je”), a sucessiva força de repetição dos caracteres que as compõem (“Kk” ou “Kkkkkkkk”), ou a mescla de elementos (“Huahuahua”, “Kakakkkkk”) que as fortalecem, vertem atenção ao *estilo*, *intensidade* e *diversificação* das risadas. Dois

<sup>90</sup> A proposta do cálculo de QTD\_Texto descarta as manifestações de risadas ao excluir a QTD\_Riso, diferentemente, de QTD\_Líquidos que a incluem. Não se acredita que os avanços das *análises da conversa etnometodológica* ou dos *estudos linguísticos-computacionais* abarquem caminhos para compreensão das risadas manifestadas em mensagens instantânea isoladamente, longe do contexto ao qual estas se inserem. Por isso, a proposta de diferenciar a quantidade de caracteres líquidos e de texto.

<sup>91</sup> Explicado pelo cálculo de quantidade de caracteres de texto na página 37.

campos poderão tratar estes elementos como modelagens analíticas para estudos próximos: as considerações de *chiste* nas manifestações do inconsciente pelos psicanalistas e as técnicas etnometodológicas<sup>92</sup> ao classificar os risos em unilaterais, mútuos, sequenciais, compartilhados. Ou, ainda, por categorizar etnometodologicamente<sup>93</sup> em risotas de significação momentânea, de afiliação/desfiliação ou de afirmação e renovação do contexto.

### 1.3 Ancoragens de interações por vínculos de reconhecimento

Há distinção entre as laminações do processo de ancoragem e das maquinações benignas e tonalização alocadas nos quadros de interação. As camadas, ou laminações, são prelúdios das segundas. Por isso, se pontua, na relação entre a *quantidade de caracteres líquidos*<sup>94</sup> de uma mensagem com o prisma qualitativo das mudanças de *rounds*, o terceiro cruzamento para observar a dinâmicas de ancoragens de um grupo midiaticizado. No momento da mineração dos dados,<sup>95</sup> foi definido que caracteres líquidos são componentes de uma mensagem trocada pelo WhatsApp, subtraindo da quantidade da caracteres totais de uma mensagem, os seguintes componentes: “caracteres de chamada<sup>96</sup>” (ex: “@Magritte”), “caracteres de *links*<sup>97</sup>” (ex: <https://www>), “caracteres de e-mail<sup>98</sup>” (ex: “nome@provedor.com”), “caracteres de símbolos<sup>99</sup>” (ex: “=” ou “:”) . Na quantidade de caracteres líquidas, os elementos de tonalizações alegadas e maquinações benignas são mantidos. Os símbolos excluídos de QTD\_Líquidos aqui referidos são também conhecidos como *emojis* ou *emoticons*, e a decisão por sua eliminação no cálculo para encontrar a quantidade de caracteres líquidos se deu devido a significativa quantidade desse tipo de caracteres utilizados nos meses com maior frequência de mensagens trocadas. Além disso, a exclusão ocorreu por amplas razões. Explica-se por pretextos subjetivos oriundos da vivência no diário qualitativo.

Antes, ratifica-se a nota de rodapé 66 (página 61), possivelmente ignorada, copiando-a quase por interior. *Ponderar a quantidade de mensagens com caracteres líquidos*

<sup>92</sup> O estudo sobre as risadas na interação cotidiana é bem desenvolvido por Glenn (2003) e Glenn e Holt (2013).

<sup>93</sup> Heritage (1984).

<sup>94</sup> Ver nota de rodapé 66 na página 61.

<sup>95</sup> Refere-se ao tratamento de dados quantitativos coletados e trabalho no Microsoft Excel, antes da criação do *dashboards* no Power BI.

<sup>96</sup> Qntd\_Caract\_Chamadas é um componente excludente da fórmula QTD\_Líquidos.

<sup>97</sup> Qntd\_Caract\_Links é um componente excludente da fórmula QTD\_Líquidos.

<sup>98</sup> Qntd\_Caract\_Emails é um componente excludente da fórmula QTD\_Líquidos.

<sup>99</sup> Qntd\_Caract\_Emoji/Simbolo é um componente excludente da fórmula QTD\_Líquidos.

mantem a integridade de elementos mínimos que estruturam uma interação “face a face” contextualizada em um ambiente midiático, incluindo as manifestações de jociedades (nesse caso, brincadeiras expressas por símbolos). No processo de mineração de dados, a quantidade de caracteres líquidos (*QTD\_Liquidos*) foi definida pela seguinte fórmula utilizada no Microsoft Excel:  $Qntd\_Liquido = Qntd\_Mensagem - (Qntd\_Caract\_Chamadas + Qntd\_Caract\_Links + Qntd\_Caract\_E-mails + Qntd\_Caract\_Emoji/Simbolo)$ . Se por algum aspecto as interações face a face dão lugar às interações midiáticas, no centro de uma política mídia, torna-se urgente garimpar as inúmeras mensagens que as *pessoas-papéis* imbuíram em suas laminações diante um determinado quadro no espectro *papel-personagem*. Pela oralidade, mesmo com a ostensiva presença do corpo, as situações em que as faixas de atividades se apresentam, as laminações dizem muito sobre a cena e seus participantes. Os canais de atividade, ainda não tratados aqui, também têm real interferência nesse processo. Não é nas laminações nos quadros de interação, porém, que se intenta exemplificar os pontos extraídos da visão estritamente quantitativa que argumentou a lógica do cálculo de caracteres líquidos na identificação de ancoragens. “[...] [sobre o prisma das laminações] dever-se-ia considerar que não é provável que se mantenha por um longo período. [...]. A ausência de laminações deve ser vista, portanto, como algo que vale a pena ser considerado.” (GOFFMAN, 2012a, p. 678).

Na possibilidade de que uma faixa de atividade iminentemente se transforme em um quadro de interação face a face, as *camadas* ou *laminações* têm papel fundamental. Especialmente, quando estas são consideradas ancoragens da interação, na figuração e configuração midiática da interação. Assim como as fotos comerciais de qualquer anúncio publicitário, as laminações das interações dos atores ao posarem para uma foto, rapidamente, se visualizam camadas internas e externas de atuação antes da cena em si (GOFFMAN, 1987, p. 17).

Nas camadas internas e externas da figuração interativa em grupo, as laminações dão à luz as atividades cotidianas da comunicação midiática. Nas laminações externas, essas revelam a borda do quadro de interação. Tal qual o ato de desbaste por um gume cortante, a ancoragem ocorrida em um quadro de interação face a face, midiático à interação figura-se metaforizada como um ato das buscas pelo melhor fio de uma faca. Amola-se internamente para provocar o furo externo. O campo da intenção pelo rebote do fio ou da morte pelo punho do opositor antecede a transformação do ator em cena. Morte não sangrenta, mas elemento simbólico da disputa.

Reporta-se à preparação do jogo figurativo pelo vetor de mudanças de *rounds* associadas às ancoragens da laminação. Laminar é preparo do ato a ser posto posteriormente, o arranjo à incorporação. Questionando sobre a própria ideia de laminação como a camada antecessora ao jogo de incorporação, Goffman (1987, p.17; 2012a; p. 236) sugere que, permeada de uma profunda estratificação à imersão em uma interação, o fio da laminação corta a condução da representação da realidade. Ou seja, para diagnosticar as mudanças de *rounds*, de atos figurados em um grupo midiaticizado, parece essencial examinar as ações de preparações para as transformações. Quantas laminações seriam necessárias para a constituição dos *frames*? Nessa autopromoção do questionamento similarmente levantado, Goffman dá brechas ao que foi exemplificado: “Não perguntamos quantas laminações podem acumular-se antes que ocorra a suspeita generalizada ou se torne provável o descrédito, mas antes, se o *propósito dos personagens envolvidos é cooperar para a realização de tal espetáculo* [...]” (GOFFMAN, 2012a, 236, grifou-se). O desbaste do gume ou o momento da maquiagem do ator são harmonizados pelo barulho do amolador de facas ou pelos três toques do sino do teatro. Ambos são anúncio do laminar condutor ao centro do palco. Da morte ou do gozo. Preparar a cena<sup>100</sup>, requer a manutenção das maquinações benignas e tonalizações alegadas dos atores de uma interação. Requer o encontro dos risos de gozo maquinados ou tonalizados. Diligenciar as exclusões, as mortes dos significados laminados, em contraponto, também, é necessário. Para isso, observar as laminações no centro das mudanças de *rounds*, objetificado no cálculo aqui proposto pela quantidade de caracteres líquidos, requer algumas exclusões para então delimitá-las. Os chamamentos pelo nome, as extensões do pronunciamento, os direcionamentos diretos ao contato e os símbolos da roteirização dramática são componentes subtraídos da composição da mensagem trocada no grupo informal da *política mídia*.

A proposta não é complexa. Se o intento é montar um quadrante analítico de vertentes, ao qual, primeiramente, as ancoragens de interação possam ser moldadas no diagnóstico, de quem crê que os elementos constitutivos da comunicação face a face pode ser visto por primas semelhantes às figurações comunicativas das trocas de mensagens instantâneas, o horizonte dos enquadramentos temático deve aplicar as seguintes compreensões

---

<sup>100</sup> Esse motivo fortalece o argumento de que a QTD\_Líquidos inclui em seu cálculos as risadas dos membro de uma interação, diferentemente do cálculo da QTD\_Texto. As manutenções das maquinações e tonalização expressas por elementos que compõem “risadas” dos participantes do grupo estudado corrobora o argumento de uma das distinções de QTD\_Líquidos e QTD\_Texto. Em QTD\_Líquidos incluiu-se a quantidade de risadas provenientes das mensagens trocadas pelo membro do grupo, diferentemente do cálculo da QTD\_Texto que as exclui no intento de garimpar eventuais maquinações e tonalizações expressas nesses elementos. O objetivo da QTD\_Líquidos é garimpar as laminações, prelúdios de maquinações e tonalização.

oriundas dos *frames* goffmanianos. Um. As laminações, as preparações para cena, são prelúdios de maquinações e tonalização incorporáveis na figuração do jogo interativo. Internas, as risadas dos atores devem ser preservadas para o diagnóstico das mudanças dos *rounds*. Externas, há elementos integrantes de uma mensagem instantânea que na composição da laminação criada, amotina a pacífica ordem compreensível da “interação-face-a-face-mediatizada”. Pelo último elemento da palavra composta criada, retificaria por complexa ordem. Os itens excluídos, pertencentes a integrantes das laminações externas, são os itens subtraídos do cálculo da quantidade de caracteres líquidos. Dois. As laminações são estádios iniciais de quaisquer processos de maquinação, tonalização ou retonalização nas atividades dramáticas de uma “interação-face-a-face-mediatizada”. Portanto, a proximidade que laminações, maquinações e tonalização têm válida a semelhança e distinção do cálculo de quantidade de caracteres líquidos e de texto.

Se para encontrar na interação mediatizada em grupos informais a “originalidade” menos falseada da interação face a face, foi necessário constituir a garimpagem dos caracteres da QTD\_Texto, o cálculo de QTD\_Líquidos mereceu esforços semelhantes. À exceção das manifestações de caracteres de risos, pontuação e números garimpados na QTD\_Texto, a QTD\_Líquidos subtraiu os menos elementos da primeira fórmula: “@nomes”, “links”, “e-mails” e “símbolos/emojis”.

Dessarte, quatro aplicações ao objeto estudado unem o conceito em laminações internas e externas aos de ancoragem de quadros de interação. Em um grupo informal mediatizado, o *chamamento pelo nome* de um participante, configurado no “@Fulano”; as *extensões* das intenções pronunciadas pelas referências aos “links” em seus “www”; o *direcionamento direto* ao centro do contato contido na presunção dos “e-mails” estendido à futuras relações de suas “@”; e os componentes *par excellence* da roteirização dramática, os símbolos ou *emojis* dos “=” distribuídos ao deus-dará; são novas configurações de laminações. Internas, consideradas na resultante da fórmula quantitativa. Externas, excluídas a fim de preservar a modelagem da “interação-face-a-face-mediatizada”.

Excluem-se estes componentes das laminações externas para analisar o gancho do terceiro cruzamento para diagnóstico das ancoragens pontuado neste item: mudanças de *rounds*<sup>101</sup> alternativamente à quantidade de caracteres líquidos. Na proposta de sondar caminhos para observar as mudanças de *rounds* nos grupos informais da *política mídia* –

---

<sup>101</sup> Ver introdução ao debate teórico sobre “literalidade” nas páginas 30 e 31.

conforme referido no diário como “tópicos”, “temas” ou “temáticas” - a exclusão de itens tomada pelo cálculo da quantidade de caracteres líquidos evita lições na identificação dos marcadores de interação. A preservação das maquinações benignas e tonalizações alegadas, empiricamente diagnosticadas nas “risadas” de um grupo, contempla os itens não excluídos na QTD\_Líquidos<sup>102</sup>. Neste sentido, sabendo que a QTD\_Líquidos representa o universo da quantidade de mensagens subtraído pelo elementos lamináveis, justificar-se-ão, individualmente, as quatro frações apartadas.

O *chamamento do nome* em um grupo informal midiaticizado assume distintas configurações. Estas estão atreladas à forma de intimidade que os membros têm uns com os outros. O WhatsApp, e outras possíveis inovações de comunicação instantânea, permitem uma codificação dos atores participantes de um grupo, a exemplo do uso do “@Fulano” na menção do Fulano membro do grupo. O uso do “@” indica um *hiperlink*<sup>103</sup> ao participante da rede referido. Pode ser visualizado pelo leitor da mensagem conforme o nome atribuído a este em sua agenda de contatos do dispositivo móvel. Ou seja, Fulano de Tal pode assumir o papel de “@Fulano de Tal”, “@Fulano”, “@Número\_do\_Celular”. Em geral, o que se notou na imersão, registrada no diário, o ato de atribuir um nome a um Fulano de Tal, como “Fulano”, salvando o contato na agenda telefônica, já denota um possível interesse na relação de Fulano e Sicrano.

Hoje, digo, hoje-ontem cada participante recebeu um codinome. Ficaria mais fácil pra mim entender que Breton se fará assim, e não um número ou uma cor. Breton surgirá cheio de personalidade. Longe talvez da sua realidade, mas próxima como eu a verei. Cada participante recebeu um nome surrealístico: Arp, Bacon, Breton, Carrington, Chagall, Dalí, Duchamp, Ernst, Giacometti, Kahlo, Klee, Kush, Maar, Masson, Picabia, Picasso, Tanguy e Varo. Vinte e dois surrealistas. Vanguardistas. Embaixadores da política mídia. (DIÁRIO ABERTO, 14/09/18)

Atribuir uma significação, dita no diário como personalidade, é a primeira possível motivação do salvamento de um chamado, sendo estimulado pela função que este ator ocupa na relação do outro, seja pelo nível de atração, proximidade ou intenção. Todos os atores do grupo informal da *política mídia* receberam por este pesquisador nomes surrealistas, havendo um esforço para não haver prejulgamento por sexo ou gosto na primeira impressão. Entre eles, no entanto, a diversidade das nomenclaturas dos salvamentos dos nomes era enorme

<sup>102</sup> Daí sua distinção das QTD\_Texto que exclui elementos de “risadas”, brincadeiras, o que para Goffman é considerado como parte das maquinações benignas e tonalizações alegadas.

<sup>103</sup> Sinônimo de *link* significando que qualquer coisa a isso relacionada leva o usuário por um clique a outra instância. No caso do WhatsApp, as possíveis e atuais funcionalidades do *hiperlink* “@fulano” permitem mandar uma mensagem direta, ver contatos, fazer ligação, entre outros.

e não explorada aqui. A propósito, vale destacar que o olhar ao rosto dos atores do grupo se deu apenas após quatro meses de imersão no grupo, ocorrida no dia 25 de janeiro.

Hoje, 25 de janeiro o dia foi longe. Além de uma pequena reforma no banheiro da casa, dediquei parte da tarde para organizar duas coisas que já procrastinado há algum tempo: fazer a primeira e única edição deste diário (substituindo o nome Maar por Arp) e, finalmente, ver cara a cara quem era quem. No documento da tese havia organizado uma tabela com número de telefone e codinomes apenas. Fez parte do processo do diário o artifício de não reconhecer o rosto dos codinomes para evitar primeiras impressões. Nem sexo, nem Cacto, nem lugar estava descrito na tabela. Aproveitei para hoje reconhecer face a face. Confesso que tive bastante dificuldade de localizar Chirico, Picabia e Kush, pela respectiva ordem de dificuldade. Devo ter demorado entre dez a vinte minuto [...]. (DIÁRIO ABERTO, 17/09/18)

Se na comunicação face a face ocasional, o chamamento pelo nome se dá pela forma da apresentação de um ator a outro, em um grupo midiaticizado o “@Número\_do\_Celular” é maneira mais orgânica do início de uma relação. Quando, e, se, estabelecida, esse *hiperlink* poderá se dar pela significação estabelecidas pelos atores: “@Fulano”, “@Fu”, “@Lano”, virtual ou presencialmente. No grupo observado houve momentos específicos do maior e menor uso do “@Fulano”. Em outras etapas de observação dos quadros, isso será explorado. O que aqui interessa, no entanto, é pontuar o motivo de essa informação ter sido excluída da QTD\_Líquidos; e como isso se atrela a mudanças de *rounds* na ancoragem. Vejamos: “[12:12, 24/9/2018] Ray: Uau! Incrível!!! Parabéns, [Magritte, chamando pela primeira sílaba do nome]! Tem uma programação rolando em pitt que vc ia amar [Em resposta direta à Magritte]”. (DIÁRIO ABERTO, 24/09/18). Ray chamou Magritte pela abreviação do primeiro nome, como usualmente essa era chamada pelos outros membros. De modo geral, durante e, especialmente, após a imersão dos atores nos EUA, esse era o tratamento mais comum entre os participantes. Primeiro nome, abreviação do primeiro nome (muitas vezes, dependendo da relação e do ator, no diminutivo) e sobrenome (tendo ou não diminutivo). Essa familiaridade se desdobra quantitativamente. A incidência de “@Fulano” foi exponencialmente decrescente à medida que os atores estabeleceram relação face a face. O cálculo do desvio-padrão da QTD\_Líquidos auxilia o panorama quanti, especialmente, quando contrastado com a incidência deste elemento excluído do cálculo.

No Gráfico 2<sup>104</sup>, o cálculo do desvio-padrão, de setembro a outubro de 2018, oscilou de 32,83 para 50,05, com as respectivas médias de QTD\_Líquidos de 24,45 para 27,76.

---

<sup>104</sup> Ver página 59.

Esse aumento de dispersão é o anúncio do crescimento dessa taxa durante todos os outros meses, com exceção de fevereiro de 2019 (52,24) que apresentou uma queda em relação a janeiro do mesmo ano). Mesmo com a pequena diferença da média entre esses meses de setembro e outubro de 2018, o desvio-padrão, ou seja, a dispersão da QTD\_Líquidos entre esses meses, cresceu significativamente, polarizando extremos (mais distantes para mais, ou mais distantes mais menos) da média de caracteres líquidos. No *dashboard* elaborado, quando selecionadas apenas as opções que compõem a exclusão da QTD\_Líquidos (chamadas, *links*, e-mails e símbolos) observam-se os valores radicalmente decrescentes<sup>105</sup> ao longo do tempo. Isso é influenciado pela diminuição da interação, se vista ao recorte dos meses analisados, obviamente. Mais que isso, porém. Sabendo que outubro/18 foi o mês de maior interação<sup>106</sup>, a observação pressupõe que, com a tendência de queda dos itens excluídos de QTD\_Líquidos, é justificada também pela “*familiaridade*” oriunda dos momentos presenciais face a face compartilhados, configurando o chamamento de “@ Número\_do\_Celular”, de setembro a outubro de 2018, para “@Fulano”, “@Fu”, “@Lano” ou “Fulano”, “Fu”, “Lano”. Portanto, o salto da dispersão de setembro a outubro de 2018 resvalou ao nível de intimidade entre os operadores da imantação circular dos *rounds*. “@Fulano” configurou-se ao longo do tempo em “Fulano”, “Fu”, “Lano”.

Os cruzamentos quali e quanti permitiram verificar a segunda justificativa para o decréscimo de uso dos chamados de “@Fulano”. Uma ratificação desse tipo de referenciamento, para além da familiaridade: o uso pelo caráter distintivo. Em dar um alerta específico ao “@Fulano” em vez de Fulano; mas também por premiar o “@”. Recorre-se ao diário, exemplificando um fato que validou a interpretação da segunda justificativa. “Breton às 19h10 facilitou minha Observação como já comentei ‘Gente, parabéns para todos os 5 brasileiros que estavam lá representando a gente. Vcs são maravilhosos. @Ernst @Giacometti @Carrington @Magritte e @Varo’”. (DIÁRIO ABERTO, 21/10/18). A mensagem de Breton contempla o período do início do menor uso de “@Fulano” pelo panorama quantitativo oriundo do cálculo de QTD\_Líquidos, justamente no período de anúncio dos semifinalistas brasileiros durante o período de imergência nos EUA - na faceta de competição do programa diplomático.

A utilidade que Breton conferiu “@Fulanos” possivelmente, além de ressaltar mesclas de *familiaridade*, existentes ou não para com os outros membros, também representou

---

<sup>105</sup> Os itens excluídos do cálculo caem na seguinte ordem quando os elementos apartados são selecionados (exceto janeiro/19) : Set/18 (203), Out/18 (192), Nov/18 (129), Dez (45), Jan/19 (52), Fev/19 (30), Mar/19 (24), Abr (1).

<sup>106</sup> Entendendo aqui interações no sentido de quantitativo de mensagens totais trocadas. Não é este o sentido que a tese utiliza para esse termo.

indícios de *distinção*. Láureas, honrarias aos mais ou menos próximos, dentro do bolo cognitivo de simbólico de condecorações: “Parabéns @Fulanos”. Não obstante, a atitude de chamar atenção pelo nome, poderia ser um indício de notificação, mas nesse caso não sendo funcionalidade atual da rede analisada (diferente de outras redes como Twitter, LinkedIn, Facebook ou Instagram), a opção por “@Fulano” requer, pelo exemplo de Breton, a usabilidade de um ato de reconhecimento. De distinção. O diagnóstico deu-se pela observação do desvio-padrão ao sinalizar um elevado crescimento, no mês exemplificado (outubro/18). Sem as duas evidências encontradas (quali e quanti), possivelmente essas compreensões não poderiam ser levantadas.

Distinção e familiaridade são motores para mudanças de *rounds*. Puderam ser encontradas nas ancoragens das laminações externas distintivas e familiares pelo uso do “@Fulano”. Reforça-se o argumento, tomando o segundo elemento excluído e que compõe a fórmula de QTD\_Líquidos: o uso de *links*, extensão de uma conversa midiaticizada ocorrida ou a ocorrer em grupo.

No “palco temático” do *round* Picasso, Magritte e Arp (na primeira citação), Chagall (na segunda), Breton, Picasso e Ray (na terceira menção) - todas ajudam a exemplificar o segundo elemento pertencente às observações da laminação externa considerada no cálculo de QTD\_Líquidos; como em outras inúmeras atividades dramáticas interativas.

Chagall, 19h29, compartilhou um **link** de um grupo recém-criado no WhatsApp que unia todos os integrantes da edição 2018.

Conversas, comentários, mais brincadeiras e a cervejinha no final do dia que Magritte tinha reservado. Foi assim, o dia 22. (DIÁRIO ABERTO, 22/10, grifou-se).

Eu lembro...meu tempo agora pertence a ti, Breton. Agora posso mergulhar mais nas dores de Picasso. Talvez Picasso já retome algo sobre a cidade que viveu experiências que só a Catedral do Conhecimento<sup>107</sup> poderia saber.

Ray logo postou um **link** complementar...dois minutos depois de Breton às 16h23. O grupo silenciou. (DIÁRIO ABERTO, 27/10, grifou-se).

---

<sup>107</sup> Refere-se à estada de Picasso em Pittsburgh, mesma cidade onde parte da pesquisa de mestrado deste pesquisador foi realizada.

O sábado começou com um **link** compartilhado por Picasso sobre uma premiação de empreendedorismo social no Brasil divulgado pela Folha de São Paulo. Magritte lembrava que no Brasil quem mais fazia empreendedores social eram as mulheres. E Arp antes de entrar no Circo convidara mais cedo com Magritte. “Um desafio contínuo”, ponderava.

O Circo é a mistura de ilusão e realidade. Os Cactus<sup>108</sup> também.

E nisso Cactus e Circo se assemelham.

São muitos sobrenomes para explicar a mesma lógica. A mesmíssima lógica. (DIÁRIO ABERTO, 13/10, grifou-se).

O uso dos *links* por Ray, Chagall e Picasso são camadas externas para incorporação dos *papéis-personagens* que se assumiriam nos *rounds* posteriores ao compartilhamento. São elementos de extensão das experiências intencionadas pelos atores no desenrolar dos *frames* subsequentes ou anteriores. Diz da familiaridade ou não familiaridade dos eventuais envolvidos na constituição de um quadro interativo; e articula as honrarias estendidas da experiência individual e/ou coletiva. Com exceção do dia 27 de outubro, as citações dos dias 22 e 13 de outubro denotaram os maiores usos de *links* na composição de uma mensagem trocada. A informação é vista pelo *dashboard* na consideração do desvio-padrão da QTD\_Líquidos e QTD\_Mensagens quando filtrada ao exclusivo uso de *links*. Ao detalhar o QTD\_Mensagens pelo filtro “*links*”, há um exponencial decrescimento<sup>109</sup> da utilização dos *links* de extensão à web entre 2018 e 2019; tão proporcional e vista pelo crescente<sup>110</sup> desvio-padrão de QTD\_Líquidos de 46,75 (2018, meses acumulados) para 65,08 (2019, meses acumulados).

Vale detalhar a conversa expressa na tela do retângulo<sup>111</sup> alongado do pesquisador, citados os excertos do diário acima mencionado. As mudanças de *rounds* diagnosticadas pela presença de elementos-âncoras lamináveis externos se exemplificam no Quadro 1, em que o uso de *links* e menções de chamadas, na interação ocorrida no sábado, 13 de outubro de 2018, estão em destaque.

<sup>108</sup> Codinome utilizado no diário para se referir à *startup* do participante.

<sup>109</sup> Oriundo do detalhamento por *dashboard* do Gráfico 1, página 58.

<sup>110</sup> Oriundo do detalhamento por *dashboard* do Gráfico 2, página 59.

<sup>111</sup> Metaforiza-se a crônica de René Magritte apresentada no início do capítulo, significando “retângulo” um aparelho de celular.

[02:39, 13/10/2018] Klee: vi casos aqui nos eua de chamarem a polícia por barulho dps das 22h mas em festas em casas... em bar eh estranho

[13:52, 13/10/2018] Picasso: [https://arte.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2018/premio/#=\\_](https://arte.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2018/premio/#=_)

[13:53, 13/10/2018] Picasso: Votação do prêmio de empreendedor social

[13:57, 13/10/2018] Magritte: Mais uma vez, no brasil quem mais fazer negócio social são mulheres

[13:57, 13/10/2018] Magritte: Mas no prêmio so duas estão concorrendo

[14:14, 13/10/2018] Arp: Desafio continuo @Magritte

[14:15, 13/10/2018] Picasso: Exato **[em resposta direta à Magritte]**

[19:02, 13/10/2018] Arp: Pessoal, voces compraram notebook aqui?

### Quadro 1: Interação por WhatsApp (13/10/18)

Fonte: Coleta de dados do autor.

O *chamamento* de Arp a “@Magritte” e a *extensão da conversa* pelo *link* compartilhado por Picasso, observado no Quadro 1, cruzada à QTD\_Líquidos excluíam dois elementos. i) integralmente, uma linha de mensagem “[13:52, 13/10/2018] Picasso: [https://arte.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2018/premio/#=\\_](https://arte.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2018/premio/#=_)” , e ii) parcialmente. “@Magritte” expresso na fala de Picasso às 14h15min do dia 13 de outubro de 2018. Como já expresso, o dia 13 foi um dos dias com significância no quantitativo de mensagens contendo *links*. Não se consolidou, no entanto, como o período de maior utilização desses dois elementos lamináveis. Foi o dia 19 de setembro, primeiro dia de chegada dos surrealistas ao período de imergência nos EUA, que denotou o maior uso de *links* e chamadas. No momento desta análise, pelo uso do *dashboard* e pela leitura do diário referente ao dia 19, teve-se que mergulhar na tela de retângulo, observando mais uma vez a razão de tanto compartilhamento de *links* atribuída a este dia. O diário não deixou rastros sobre os motivos principais dessa ação de ancoragem. Crê-se que explanar para o leitor a cena vivida é importante para chegar ao último ponto acerca da laminação externa dos *links* como elemento de ancoragem.

19/09/18 - O Primeiro Dia nos EUA.

O dia 19 de setembro começou com Carrington e finalizou com Kahlo. Kahlo se expressou bem mais que no dia anterior. Breton e Ernst menos.

Eles não mudaram. Mas algo os fizeram falar mais ou menos.

O dia 19 foi o primeiro dia nos EUA. Eles estavam em Washington DC<sup>112</sup>. Não pareceu haver atividades. Outro um intervalo de fala no período da manhã. Por certo, o procedimento de entrada no país e transfer para o hotel. Foi um mar de Goffman.

<sup>112</sup> Posteriormente, percebeu-se que a primeira Washington DC foi uma cidade de passagem (escala área) para o primeiro destino do encontro de todos, Detroit.

Sentimentos para todos os lugares e sem explicitações de saudosismo em estar no programa ou no EUA.

No início da tarde percebi divisões de grupos, seria bom averiguar. Mas, sinceramente, depois de quase quatro dias de trabalho para tematizar e codificar o dia 18, a pretensão em ver o dia perfeitamente como é ficará na ideação. Eu mal poderia imaginar que teria de recuar a pretensão em entender o todos...mas assim é.

Meus sentimentos se juntaram aos deles durante a leitura de aproxima dos 20 minutos. Eu estava por alguns momentos com Ernst quando ele precisava fazer funcionar o chuveiro, com Tanguy “Galera como liga a luz do quarto?” as 20h55, Carrington ao tentar colocar o chip que O Filho do Homem deu, e com Kahlo, Breton quando estavam fazendo o exercício on line exigido.

É profundo o mergulho no dia dos surrealistas. Eu me sinto próximo.

Voltando a manhã...Masson fez um único comentário, havia encaminhado um *print*...talvez alguma matéria no jornal (pelo fato de ter feito o backup no Outro celular, eu não consigo ver as imagens ou ouvir áudio trocados). Somente Magritte a respondeu.

Os meninos do Rio de sentiram um pouco isolado no período da tarde. Bacon saiu com uma das *hostcity*. E veio uma chuva de me espera, me espera para o almoço. Seria interessante ver a correria da espera [com] mais detalhamento.

O dia foi marcado por muitas fotos também. E uma **constância menor que das mensagens com respostas diretas**. Seria incrível poder fazer um comparativo das mensagens totais trocadas com as mensagens direta respondidas. Carrington apontou indício que o programa emprestava um aparelho celular para cada participante, além de um chip.

Os enquadramentos temáticos do dia 18, pareciam um pouco diferentes destes. Houve engajamento de participantes que são mais recatados que os três primeiros dos dias 18. Mas creio que seja possível apostar na ideia de padronização.

À tarde foi marcada pela urgência de se fazer os exercícios onlines como falei, além de um passeio. A noite pelo jantar informal que eles fizeram. O grupo não estava integrado como um todo, mesmo em momentos de encontro presencial de todos. É possível que uns priorizassem suas próprias regiões de onde vinham, ou os próximos colegas de outros países para onde iriam.

Percebi momentos de solidariedade como a pista de dente que Ray ofereceu ao grupo e que Breton não havia trazido. Dalí deu indícios que passou a tarde dormindo. Bacon precisou de um cigarro no fim do dia por volta de 23h30. Chagall esqueceu o passaporte e não pode entrar no bar.

O tema Viagem ainda parecia imperar.

Chagall também havia comentado sobre seu Cacto. Fazendo também pontuar a temática Startup. E o YLAI ainda era constante na conversa dos membros do grupo: por Detroit, pelos chip e celular e pelo cartão de crédito do programa comentado por um participante que não recorde quem.

Bacon e Tanguy se expressaram mais no grupo.

E tantos outros fatos poderiam aqui ser lançados.

Sentimentos como alegria, ansiedade, vibração, ironia, tons de brincadeiras, solidão, expectativas...foram visto. Mas, você já sabe. Já anunciei. Ver o todo é complexo. Especialmente como, tocando as palavras de Bacon às 13h40: “Elas falam muito rápido”.

O grupo fala muito rápido.

Levanto um ponto que já foi percebido em outros dias de observação. **O encontro presencial, e uma outras séries de eventos, modifica a lógica de interação do grupo**. Mas mesmo assim pode haver determinados padrões de lugares de fala e de formas de comunicação. **Há também padrões nos papéis que cada Surrealista tem assumido no grupo**.

**É nesses papéis que devemos focar.** (DIÁRIO ABERTO, 19/09/18, grifou-se).

A usabilidade de *links* puxa os atores com maior familiaridade entre si ao compartilhamento das experiências vividas. Também é movida por intenções de honrarias, distinções do membro que expõem a extensão de suas ações midiáticas. Ao mergulhar no dia

19 de setembro, após a leitura do diário, dentro do ambiente midiaticizado da interação (WhatsApp<sup>113</sup>), concluiu-se que a principal motivação dos envios de *links* se dava pelo compartilhamento da “localização em tempo real” dos integrantes do grupo no instante do compartilhamento desses locais, codificados por *link* de geolocalização na exportação dos dados coletados. As Figuras 3 e 4 demonstram o uso dos *links* como elementos lamináveis de ancoragem sob a perspectiva da familiaridade e distinções. Assim, como destacado no grifo do diário “O encontro presencial, e outras séries de eventos, modifica a lógica de interação do grupo.” (DIÁRIO ABERTO, 19/09/18), as ocorrências não vividas partilhadas pelos participantes por meio de *links* de localização possibilita compreender as laminações externa oriundas desses, e internas resultantes dos caracteres computados por QTD\_Líquidos.

As ocorrências externas às interações midiaticizadas, marcadas em laminações externas dos itens subtraídos da QTD\_Líquidos (a exemplo dos *links*), anunciam mudanças de *rounds* que são mais expressas nas camadas internas mais próximas a uma comunicação face a face; ou seja, os caracteres resultantes da subtração dos elementos lamináveis externos na fórmula dos líquidos permitirá uma análise mais esmiuçada das laminações internas. Assim, semelhantes a uma comunicação face a face, o resultante do cálculo dos caracteres líquidos na interação midiaticizada permitirá observar mudanças de *rounds*. Em seu centro, fragmentos oriundos da exclusão das lâminas externas, restantes as lâminas internas anunciadores de *frames*.

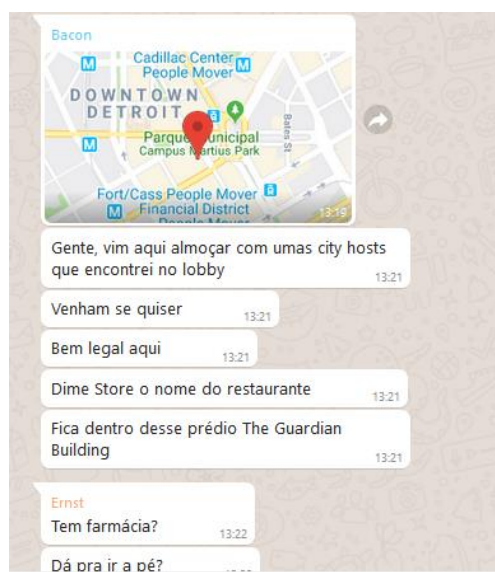


Figura 3 – Ancoragem de Interação - Uso de *Links* #1 - (19/09/18)

Fonte: Acervo do autor.

<sup>113</sup> Por mais que se tenha “saído” do grupo no dia 17 de abril de 2019, as conversas dos membros ainda ficaram salvas no dispositivo móvel ao acessar o aplicativo WhatsApp.



Figura 4 – Ancoragem de Interação - Uso de *Links* #2 - (19/09/18)

Fonte: Acervo do autor.

Outubro e novembro de 2018 foram os meses com menor ocorrência da terceira vertente considerada no cálculo de QTD\_Líquidos pertencente às laminações externas das ancoragens de interação: o uso de e-mail em uma mensagem. Uma só ocorrência<sup>114</sup> em outubro, mês da imersão nos EUA, e duas outras em novembro. O Diário Aberto, como expresso aqui, não contemplou os meses posteriores ao intermédio setembro-outubro de 2018. Tocou apenas nos dias anteriores e posteriores à imergência do grupo nas ações comunicativas da *política mídia*. A exemplo do que ocorreu no dia 29 de outubro, dias depois do retorno dos atores ao Brasil, o diário sugere a ação coletiva que Klee tomou a disponibilizar um endereço de e-mail ao grupo.

<sup>114</sup> A ocorrência foi detectada na lógica de busca durante a mineração de dados “@”. Não se mensurou a palavra “email” ou suas devidas variações para esse cálculo específico.

29/10/18 - Os Frutos Interdependentes

Grupo, como vocês tem passado a semana? Como tem sido a vida no final de janeiro pós experiência com o Filho do Homem<sup>115</sup>?

São nove em ponto. Nove da noite do dia 21 de janeiro de 2019. Sabe, talvez uma das maiores dificuldades da Observação da Observação seja a sincronia do nosso tempo. Eu evito, a todo instante, penetrar no seu mundo pós 31 de outubro. Mas, às vezes é difícil não ver determinadas coisas. Essas tem sido pontuada aqui com sua autorização.

O dia foi corrido, início de fim do descanso. Início da da vida dura que tentamos todos os dias, não? O trânsito da cidade me mata. É difícil manter a paz em filas quilométricas de carro. Talvez uma bicicleta resolvesse todo os problemas de esperar e esperar. Talvez...

O dia 29 começou com Ray. Com um vídeo da bela Ray. Hoje, meu olhar se entrelaçou ao dela. Justamente na espreita de uma notificação que já me despertava curiosidade, mas que eu tinha evitado olhar. São duas segundas-feiras. A de hoje e a do dia 29. Nas duas, Ray conseguiu penetrar em minha atenção. Em um belo texto a qual ela expunha suas dificuldades com as voltas, os ciclos, os desafios que a vida pontua. Que mulher! Uma pena que não seria justo ou ético revelar a síntese ou a essência de seu longo texto.

[...]

Klee logo compartilhou ao grupo que estava escrevendo uma notinha de agradecimento ao embaixador Brasileiro nos EUA, às 23h04. Para que caso alguém quisesse acrescentar algo...Um quatro para meia-noite, **Klee deu um *print* no contato e compartilhou publicamente endereço, telefone e e-mail.** (DIÁRIO ABERTO, 29/10/18, grifou-se, citação editada).

A pouca ocorrência do uso de e-mails não exclui a proposta analítica dos mesmos pontos de motivação que as laminações de ancoragem sugeriram às noções de familiaridade e distinção. No grupo informal, pelo mergulho no diário, o uso das lâminas externas de “senso coletivo” ficou expresso pela funcionalidade do compartilhamento de e-mail ao grupo. Ou seja, se compartilharam e-mails que porventura interessassem a todos. Foi notado também um apontamento da mídia (WhatsApp) à mídia (E-mail) como componente laminável antes do entrelace dos membros do grupo. Isso poderia ser mais bem explorado na análise de repertório de mídia que emerge de uma *política mídia*, que, assim como os enquadramentos temáticos, fazem parte do processo de midiatização debatido pela corrente teórica das Figurações Comunicativas. O *status* de participação de quem compartilha e-mails se torna mais familiar e distintivo, quando esse ator assume a função coletiva estabelecida para esta ação. No caso de Klee, foi distintivo na função que esta representava não oficialmente, reconhecida como relações-públicas do grupo. Essa percepção se firmou nas observações do diário. Uso das lâminas familiar e de honorarias no “senso coletivo” representadas na prática do

---

<sup>115</sup> Codinome referente à empresa privada que organizou o programa diplomático estudado, patrocinado pelo Departamento de Estado dos EUA.

compartilhamento de e-mails (por vezes ocultadas) e a função lícitada por seu uso, são destacados nas citações seguintes:

**Klee ficou feliz com um e-mail** que recebia com orientações para uma visita técnica a um escritório do Google. Deve ser gratificante receber um e-mail desses. Ernst, Giacometti, Magritte, Arp, Dalí, Breton, Chagall, Picasso e Ray comemoravam. Fazia tempo que não via uma unidade dessas. Quase que consecutiva. O grupo parecia estar mais próximo na última semana. (DIÁRIO ABERTO, 08/10/18).

Dois minutos para as nove da noite Breton postou a foto dos que o acolheram em sua empresa. O único que não estava era seu “chefe”. Aquele que já havia tido momentos de tensão durante toda estadia. E depois, três minutos para às dez da noite acabou com o suspense do dia anterior divulgando a lista de finalistas do programa.

*[Imagem postada]*

Mas outras especulações começavam. Os critérios para escolha dos três finalistas. **Klee iniciou depois de apagar uma mensagem “Tá bem balanceado. Mas infelizmente não acho que vão dois do mesmo país pra final. Meu City host fala tudo”**. Ernst: “Nao vejo a meridian<sup>116</sup> alterando as notas pra não ter 2 do mesmo país”. Magritte: “O meridian é escrotinho... apenax!”. Mas Carrington dava esperança: “ano passado tiveram 2 brasileiros na final, depois de Giacometti dizer que queria “cinco” na final. Klee lembra que havia políticas de cotas na escolha. Ernst colocou mais um ponto de tensão “Eu fiquei triste pq nenhum dos jurados é do mundo tech”. “Tudo negócio tradicional” “E geralmente empresários de negócios tradicionais não entendem a dinâmica das coisas pra startups” “Mas, c'est la vie”. (DIÁRIO ABERTO, 18/10/18, citação editada, grifo nosso).

Ernst colocou um novo tópico em debate às 15h35 “Alguém escreveu a nossa embaixada pedindo p gente bater um papo com o embaixador?”. Paraguaio e Colombianos (dito por Klee) já tinham tido o contato com suas embaixadas. “Já quero passeio grátis 🍷”. Carrington sugeriu que uma participante entrasse em contato. “Nossa PR E\*\*\*\*r hahah”.

Sempre quando eles se identificam a por seus nomes próprios era difícil minha compreensão. **Seria a Klee a RP do grupo?** Ernst já havia checado que a embaixada ficava a 20 minutos do hotel. (DIÁRIO ABERTO, 20/10/18, grifou-se, citação editada).

A primeira citação de Klee denota um e-mail recebido (não necessariamente, compartilhado) sobre uma ação de visita a um dos escritórios da Google. O ar de coletividade em um grupo mediatizado tem vertentes lamináveis antecessoras a maquinações benignas e tonalizações alocadas, que em um futuro poderiam ser aprofundadas. O segundo destaque demonstram a função que Klee estava assumindo no grupo, no dia 18 de outubro, após a imersão nos EUA, especialmente ao conotar o tom de estranhamento dos participantes sobre os critérios

---

<sup>116</sup> Empresa privada que organizou a política diplomática junto ao Departamento de Estados dos EUA.

de seleção dos finalistas por parte dos organizadores da política diplomática. Nas mudanças de *rounds*, fragmentos de fofocas coletivas são endossadas no que mais obtém a credibilidade de moldar externamente um quadro pelo direcionamento de “cont@tos” via e-mails. A terceira colocação oriunda do diário demonstra o esclarecimento do observador-pesquisador da “função Relações-Públicas (RP)” que Klee estava assumindo. Pelas três exemplificações pontuadas, laminadas a “senso coletivo”, “fofocas” e “funções estabelecidas no grupo”, compreende-se que, corroborando a fórmula empregada de QTD\_Líquidos, as mudanças de *rounds* oriundas desses elementos (e-mails, menções e *links*) abrem caminhos para leitura mais detalhada acerca dos papéis-personagens das interações *face a face* *mediatizadas*.





Pela quantidade de caracteres líquidos, as facetas de interações dos membros de um grupo *mediatizado* podem ser comparadas a similares propostas das análises de conteúdo aplicadas na comunicação *face a face*. O empreendimento da QTD\_Líquidos, pelo emprego de análises como o desvio-padrão (mostrado no Gráfico 2, página 59), permite identificar polarizações que podem ser detalhadas no esmiuçamento dos itens excluídos na “filtragem” do *dashboard* criado. Isso permite visualizar nos elementos excluídos (e-mail, chamadas, *links* e símbolos) componentes anunciadores de mudanças de *rounds* de uma interação. Com o cruzamento qualitativo, entendeu-se que os mesmos elementos subtraídos do cálculo da quantidade de caracteres líquidos potencializaram que estes marcadores distinguem padrões lamináveis de conotação de familiaridade e distinção. O que isso interessa aos estudos das ancoragens de quadros de interação *mediatizada*? O que no detalhamento dos elementos excludente (lâminas externas) da quantidade de caracteres líquidos interessa aos estudos das ancoragens de quadros de interação *mediatizada*? A delimitação e necessidade de aproximação dos métodos analíticos da interação *mediatizada* comparadas à comunicação *face a face*. Especialmente, quando a pretensão em transcrevê-las permitiria uma análise minuciosa sobre o conteúdo (que não é a pretensão desta tese). A noção de QTD\_Líquidos é o estágio de filtragem do processo de tratamento de uma “água-discursiva”<sup>117</sup>. Chama o pesquisador à “purificação” dos elementos discursivos de uma interação por um dispositivo *mediático*, que destoa a comunicação *mediatizada* da *face a face*, a exemplo do uso de e-mails, compartilhamento de *links* e chamamentos pelo “@Fulano”. A análise de quantidade de caracteres líquidos associada às laminações das mudanças de *rounds* são um estágio transicional para a profundidade dos quadros. Os padrões de familiaridade e distinção na proposta dos elementos lamináveis

---

<sup>117</sup> Tão importante quanto este cálculo é a concepção de QTD\_Texto, já debatida, que, pela rede simbólica utilizada seria um estágio de cloração e fluoretação da “água-discursiva”.

cruzados à quantidade de caracteres líquidos sugere a constituição de um terceiro indicador, o de *níveis de reconhecimento*. Esses poderão ser mais ampliados quando o quarto elemento subtraído da quantidade de caracteres líquidos for mais fortemente debatido: os símbolos/*emojis* utilizados em uma interação. Estes elementos, permeados por um lastramento de familiaridade, distinção e representação, propiciam reconhecer os papéis-personagens na análise das ancoragens dos *frames*, transpondo mudanças de *rounds*.

Na proposta da sondagem aos elementos de laminações externas de uma interação midiaticizada correlacionados com puxadas à roda discursiva face a face, aos quais assumiu-se a definição goffmaniana de ancoragens, definiram-se em “QTD\_Líquidos” quatro subsídios subtraídos do quantitativo de caracteres de uma mensagem: chamamentos pelo “@Nome” codificado na rede; ondas de *links* externos à web; unidades de “senso comum” por “cont@to” pronunciado pelo uso de e-mails; e o mar dos novos símbolos interativos midiaticizados, ditos *emojis*. O último ainda não foi explorado. Faz-se uma rápida chamada a esta ancoragem que poderá ser trabalhada em um segundo prisma da análise dos quadros: os *estatutos de participação* (não esmiuçado em sua totalidade nesta tese – ver Tabela 3, página 164).

Tais e quais as funcionalidades técnicas do uso de e-mails, *links* e chamadas por “@Fulano” em uma figuração comunicativa, os símbolos e *emojis* compilam-se em elementos lamináveis de familiaridade e distinções na busca de mudanças de *round* assumida em quadro de interação midiaticizada. Exclui-se da compreensão de quantidade de caracteres líquidos como as molduras retiradas de um quadro. Ou seja, como componentes externos lamináveis, para obter a centralidade das pinceladas que compõem uma cena pintada, laminações internas dos *frames* antecessoras às incorporações de eventuais maquinações benignas e tonalizações alocadas. Recorrendo a uma aleatória mensagem que se componha por símbolos/*emojis* subtraídos de QTD\_Líquidos, procede-se a uma breve exemplificação do manejo como esses novos elementos simbólicos de ancoragem, nas interações face a face e midiaticizada, entregam-se ao mesmo eixo analítico. Vejamos a mensagem enviada no dia 14 de setembro por Chagall: “Este é o video *teaser* pro evento de segunda feira, quem puder compartilhar nas suas mídias sociais @waas.ninja #CWBrumoaNASA #EmbraceYourImpact #JunoRadio     wohoooo vamos contar pra geral as histórias dos meninos” . Nesse fragmento discursivo, a estrutura definida na mineração de dados considerou: 219, a quantidade total de caracteres da mensagem (QTD\_Mensagem) e 212, a quantidade de caracteres líquidos (QTD\_Líquidos). Para que uma eventual análise semântica detalhada acerca da ordem discursiva dos elementos

empreendeu-se a exclusão de sete caracteres. Quatro: “❤️🚀🔗👉” notados visualmente. Sete, dos mesmos, codificadamente por uma linguagem computacional. Na decodificação utilizada para mineração de dados, a sequência do fragmento compõe-se de três elementos somados a um outro terceiro, incógnita: “❤️🚀🔗❓”. O último elemento, “❓”, apresenta uma sequência decodificada de mais outros três caracteres ocultos. Ou seja, no total, foram excluídos 7 caracteres “❤️🚀🔗👉” mesmo que estes visualmente representem quatro. Pela vivência da imersão no grupo, o uso desses símbolos pode sinalizar novos *rounds* de interação, por parênteses de abertura como parênteses de fechamento do quadro. Já foi visto, em Goffman, que, no momento de interação, a “atividade social é dividida em episódios por meio de parênteses e que haverá uma espécie de período de bastidores antes de a atividade começar e depois de ela acabar” (GOFFMAN, 2012a, p. 565). *Emojis* aqui são compreendidos como as laminações ou camadas dos bastidores de ancoragem. A entrada ou não no *round* é o momento em que os indivíduos estão prestes a encenar seu papel; e encontrando-se “desprotegidos em aspectos em que não o estarão logo que começar a atividade propriamente dita.” (GOFFMAN, 2012a, p. 565). Tanto na mensagem de Chagall do dia 14 de setembro, quanto no diário relatado no dia 22 de outubro, quando os *rounds* foram exemplificados como vertente qualitativa<sup>118</sup>, a presença dos novos símbolos de interação no conteúdo da mensagem trocada, descartados no cálculo de QTD\_Líquidos para serem mais bem enxergados isoladamente: “Tava em uma reunião com um fundo agora e acho que vão fechar mesmo conosco 🙌 só quero gritar hahahaha”. (DIÁRIO ABERTO, 22/10/18). Em mudanças de *rounds* nos grupos informais mediatizados, eventualmente, o uso dos símbolos mascara o olhar quantitativo do rumo tomado pela conversa, bem como os outros caracteres mencionados<sup>119</sup>.

O indicador de níveis de reconhecimento ancorados às mudanças de *rounds* imanta o interesse pela entrada em um *frame* de interação em um grupo mediatizado. Sob um prisma geral, tomando o Gráfico 11, entre todos os períodos de coleta dos dados quantitativos, determinados dias da semana foram pontuais para o compartilhamento de emails, *links* e usos de símbolos/*emojis* e a funcionalidade de chamada direta de um membro do grupo. Às quartas e terças-feiras, chamou-se mais participantes pelo “@Fulano” do que nos outros dias. Nos domingos, quartas e sábados o compartilhamento de emails era insignificante. As sextas-feiras eram os dias com maior manifestação de símbolos de expressão. As quintas-feiras foram os

<sup>118</sup> A interação citada revela a ansiedade de Ernst no encontro com um fundo de investimento; a citação ao Diário Aberto (22/10/18) é mais bem detalhada na página 46.

<sup>119</sup> Qntd\_Caract\_Chamadas, Qntd\_Caract\_Links, Qntd\_Caract\_Emails.

dias com maior quantidade de caracteres líquidos que permitem uma análise detalhada, gramatical e lexicalmente.

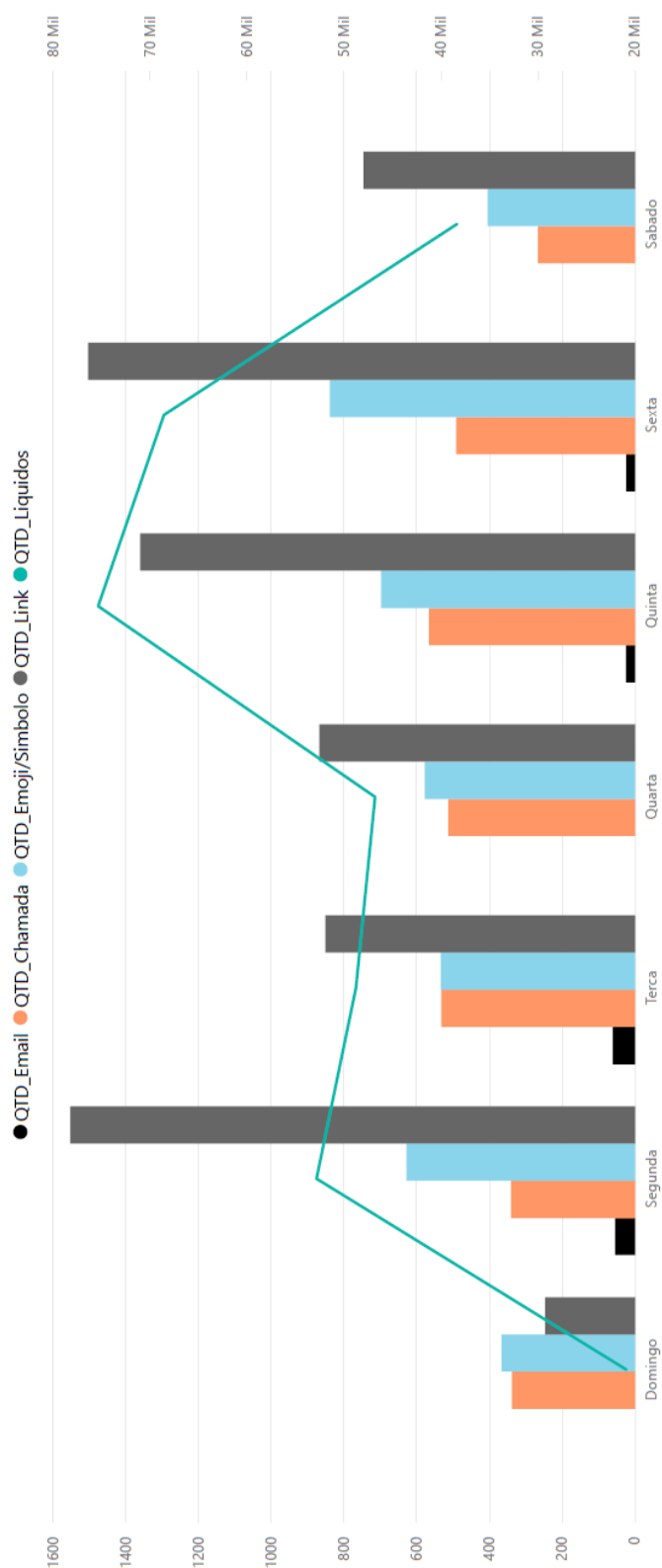


Gráfico 11 – Indicadores de Reconhecimento na Interação por Dia da Semana (Set/18 - Abr/2019)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tomando a proposta de que os *frames* de interação figuram-se comunicativamente circundados pela ancoragens de mudanças de *rounds*, as funcionalidades técnicas pontuadas nos indicadores dos Gráficos 11 e 12, são capazes de ser vetores puxadores de ações comunicativas padronizáveis. Novembro de 2018 tencionou o uso de mais *links* para mudanças temáticas pelos atores do grupo informal da *política mídia*, mesmo com o volume de caracteres líquidos menor do que em outubro do mesmo ano. Que configurações externas permitiram a incidência de mais extensão das ações midiaticizadas dos participantes pelo maior uso de *links* em novembro de 2018? Os registros do diário não contemplaram esse mês, e brechas ficam em aberto para análises futuras. Semelhante pergunta, sendo inversa, poderia ser feita sobre o mês de abril de 2019. Confirme as informações dos indicadores de reconhecimento na interação do Gráfico 12, o uso de *emojis*, se comparado proporcionalmente aos outros elementos da ancoragem de mudanças de *rounds*, percebe-se que foi maior que todos os períodos. O que atraía o grupo a expressar-se por símbolos tanto quanto por caracteres líquidos?

Problematizar os indicadores de reconhecimento do processo de ancoragem das interações midiaticizadas consiste em fixar uma proposta de mapeamento temático de interesse e identificação dos membros do grupo. O que os leva a manter um elo transcendental? Pela cognição e simbolização fecundizadas pelas funcionalidades técnicas do dispositivo midiático as *pessoas-papéis* imbuídas em suas laminações diante um determinado quadro no espectro *papel-personagem*, é possível observar mais uma semelhança entre a comunicação instantânea na *política mídia* e a comunicação face a face. As rugas no rosto, os balanços de cabeça de concordância ou não concordância, bem como qualquer outro elemento de laminação ao jogo, em redes de comunicação midiaticizadas, pelas funções técnicas de expressão dos aplicativos frutos das chamadas startups, são ressignificados pelas inovações incrementadas nas funcionalidades das emoções e intenções. Portanto, um *link*, uma chamada, o repassar de email e, acima de tudo, os símbolos/*emojis*, por caracteres de emoção/intenção, são as novas rugas e balanços de cabeças corporificadas e laminados pela técnica. Os indicadores de reconhecimento, não tocando em qualquer sentido hegeliano, toma o sentido gramatical do português brasileiro ao ser uma “ação ou efeito de averiguar, exame, verificação”<sup>120</sup>. Um ponto de ancoragem laminável nas diferenciações temáticas que atraem ao palco da interação.

---

<sup>120</sup> HOUAISS (2009, p. 2403).

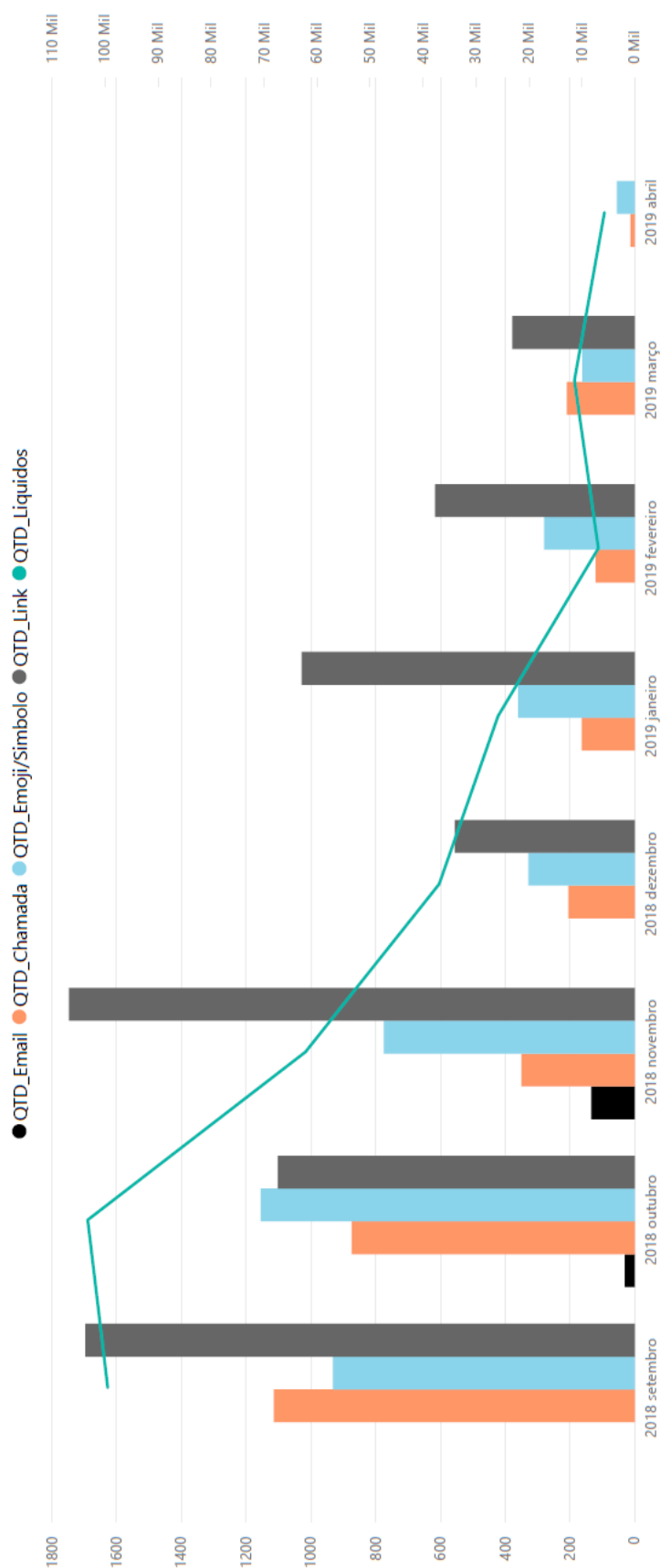


Gráfico 12 – Indicadores de Reconhecimento na Interação por Mês (Set/18 - Abr/2019)  
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisar em estudos futuros a quantidade de caracteres líquidos é um arcabouço para pesquisa de análise de conversação etnometodológica. Sua resultante mantém os itens excluídos da quantidade de caracteres de texto (números, risos e pontuação), preservando os valores interacionais, gramaticais e lexicais, e abre espaço para quantificação e qualificação dos elementos excluídos como *links*, chamadas e *emojis*/símbolos, como componentes parte de um todo. Assim, o outubro de 2018 pode ser visto como o período em que a quantidade de caracteres líquidos ultrapassou seus elementos descartáveis, igualmente ao ocorrido com quantidade de caracteres de texto<sup>121</sup>. Algo semelhante, mas com menor diferença, ocorreu também em abril de 2019. O que os motivou a compartilhar suas extensões lamináveis? Que iscas os puxaram ao desbunde do exterior à roda?

A primeira aplicação é a de que, pelas mudanças de *round* nas ancoragens mediatizadas, níveis de reconhecimentos em interação podem ser aferidos, o que conduz a se retomar o conceito de *repertórios de mídia* (ou conjunto de mídia em algumas traduções) oriundo da corrente teórica Figurações Comunicativa. Vale destacar: “Se identificarmos os conjuntos de mídia e as práticas de comunicação de diferentes atores dentro de uma figuração, podemos esperar que outras constelações de atores entrem em jogo em um estado de profunda mediatização<sup>122</sup>.” (HEPP; BREITER; HASEBRINK, 2018, Kindle, Localização 7436-7437). Nesse sentido, o elemento *links* coloca-se como um componente importante do processo de interação em grupo *hipermediatizado*<sup>123</sup>. De fato, para isso, há que se voltar ao momento da mineração dos dados, quando as seguinte palavras-chave para identificação de uma primeira perspectiva de repertório de mídia utilizados pelos membros do grupo estudado foram incluídas: “http”, “.com”, “.www” e “.org”. Pontuar a usabilidade destes vínculos às outras mídias não pode ser feito apenas pelo olhar genérico do Gráfico 12. Quem mais ou menos se reconhece entre membros de uma constelação de atores pelas extensões ao externo à *política mídia*?

A noção de que *links* como direcionados às diferenciações de usabilidade de mídias externas ao grupo informal é ampliada no Quadro 2. Uma série de palavras-chave, deste o nome de algumas das emissoras televisivas brasileiras, até redes sociais como Twitter, LinkedIn, Facebook e Youtube, também contemplaram do alargamento da noção de *links*. Os elos da constelação de atores da rede informal, subjetivamente escolhidos, oriundos da

<sup>121</sup> Ver detalhamento no Gráfico 2, página 59.

<sup>122</sup> “If we identify the media ensembles and communication practices of different actors within a figuration, we can expect that additional actor constellations come into play in a state of deep mediatization.” (HEPP; BREITER; HASEBRINK, 2018, Kindle, Loc. 7436-7437).

<sup>123</sup> Aludido ao conceito de *deep mediatization* de Nick Coudry e Andreas Hepp.

experiência da observação na tessitura da pesquisa, são no sentido aqui dado à essência de “ser *links*”. Foram escolhidos para detectar a composição dos reportórios de mídia do grupo, longe as categorizações “site”. Estes foram divididos em duas grandes categorias, como já expresseo, ao explicar o que se entende na linguagem computacional como elementos de um *link* (“http”, “.com”, “www” e “.org”) e a segunda de modo mais implícito, exemplificada no Quadro 2 e analisável pelo Gráfico 13. Acredita-se que este gráfico, perdido nos meandros de tantos outros desta tese, traz inúmeras possibilidades de que os *dashboards* gerados para pesquisa seriam capazes de quantificar ao tocante da composição da constelação de atores da *política mídia*. Uma delas é a especificidade dos usos dos membros do grupo (revelados por codinomes) da segunda categorização que amplia as mídias-*links* como conjuntos descritos no Quadro 2.

A visão geral do gráfico<sup>124</sup> refere-se aos apontamentos de reportórios de mídias pelos membros do grupo durante todos os meses de imersão no grupo (setembro/18 – abril/19). Se os filtros do *software* Power BI forem aplicados e detalhados a fundo, muitos *insights* (intuições) e detalhamentos dos usos de mídias externas como *links*, um dos elos de reconhecimento da interação do grupo poderá ser diagnosticado. Sem embargo, este não é o objetivo do rumo ao desfecho desta subseção. De maneira ampla, e fazendo cumprir um dos objetivos que a tese propõe<sup>125</sup> alguns caminhos podem ser abertos a fim de consolidar a noção de mudanças de *rounds* nas ancoragens de interação.

---

<sup>124</sup> Esclareço, em melhor detalhamentos, a legenda do Gráfico 13. “Qtd\_Mensagens” foi definido como todas as mensagens trocadas pelos usuários no grupo e coletadas durante minha imersão, sendo elas texto, áudio, símbolos, imagens ou mesmo as mensagens deletadas. “Conj\_Termos\_R\_S\_S” inclui o somatório de todos os termos do Quadro 2. “Conj\_Comunicacao\_Direta\_S” inclui “emails”, “WhatsApp” e “Skype”. “Conj\_Web\_S” soma a categorização “Site” e “Internet” do Quadro 2. “Conj\_Rede\_Social\_S” engloba a categorização “Facebook”, “Twitter”, “Instagram”, “LinkedIn” e “Youtube” do Quadro 2. “Conj\_Midia\_S” inclui os demais elementos da legenda das categorias do Quadro 2.

<sup>125</sup> Recolha-se o terceiro objetivo específico já pontuado no início da seção. “3) Analisar como um específico ambiente midiático do WhatsApp aponta conjuntamente o repertório de mídias que moldam a construção comunicativa de uma política diplomática.”

Link	Site	Internet	Grupo	Mensagem	Post	Site Notícias	TV	Radio	App	Rede Social	Mídia	Face book	Instagram	Twitter	Linkedin	Youtube
link	site	net	grupo	mensagem	post	estadao	globo	radio	app	rede	mídia	face	Insta	tt	linken	yout
links	sites	internet	grupos	mensagen	posts	estadao	sbt	rádio		redes	mídia	facebook	Instagram	twe	linked	youtube
	website	web		mensagens	post's	folha	record			social		fb		tweet	linkedin	youtube
	página	rede		mensagem	posta	oglobo	band			social				twit		yfb
	página			msg	postar	valor	rede tv							twitter		yt
					postagem	nyt	globonews									
					postagen	wsj	tv									
					postagens	istoe	televisao									
						istoé	televisão									
						epoca										
						época										
						veja										
						gl										
						uol										
						jornal										

Quadro 2: Palavras-chaves utilizadas para categorização do repertório de mídia dos membros do grupo estudado  
 Fonte: Elaborado pelo autor.

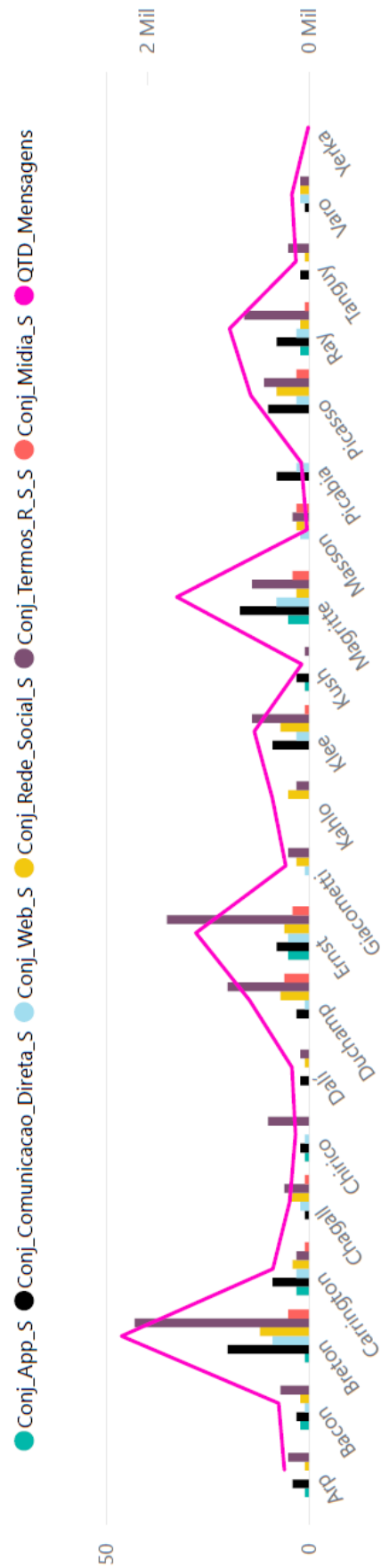


Gráfico 13 – Categorização dos links como reconhecimento de repertórios de mídia  
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Breton, Magritte, Ernst e Ray foram, respectivamente, os membros da *política mídia* que tiveram a maior frequência do quantitativo geral de mensagens. A lógica se torna distinta quando são consideradas as categorizações gerais dos termos do repertório de mídia que foram colocados: Breton, Ernst, Duchamp e Ray, respectivamente, como uma constelação de *apontadores de links* externos; reconhecíveis como qualquer tipologia que queira ser dada a este elenco (subgrupo) de atores. Yerka, um dos membros do grupo que apresenta as menores frequência, corrobora<sup>126</sup> a completa não participação na *política mídia*. Carrington e Magritte mais falaram sobre Instagram – uma rede social pouco apontada no grupo. Facebook foi a rede social mais comentada no grupo e Klee foi quem mais estimulou elos a estas. Klee também foi quem mais destacou a rede LinkedIn, a única preferida de Dalí que não apontou nenhuma outra rede social a não ser esta. Breton foi quem mais se vinculou<sup>127</sup> a “redes sociais” e “grupos”; era a expressão que mais o fortalecia nessa categoria, como “Facebook” e “Instagram”. Duchamp juntamente com Picasso, foram os que mais seguiram Breton neste prisma. Ernst guiou-se por Breton no sentido de mais comentar sobre os grupos de WhatsApp.

Se observado apenas o aspecto gráfico de categorização de mensagens contendo palavras-chave que denotem o sentido que se quis destacar, o repertórios de mídia, esta tese seria puramente quantitativa. Esta nunca foi a proposta. Estudar os repertórios de mídia requer uma atenção ao padrão quanti, sondável por propostas qualitativas. A fim de ratificar a triangulação pretendida, retoma-se um fato narrado no diário do dia 16 de outubro de 2018.

Carrington rompeu.

Rompeu inspirado de todo surrealismo ao postar uma música que apresentaria no fórum final. Que bela música. Que suave melodia.

/ Falava de um jovem que desde a escola pensava em muda tudo. Que queria um mundo melhor. (inglês). / “Camino al cielo, Camino as las estrellas. Voy. Camino a mi futuro” (espanhol). / “Tell me why I say Y-L-A-I? YLAI 2018. / “Nós somos os agentes da mudança. Essa é uma grande família unida. Um irmão inspira um ao outro. E inspirando os outros a fazer o mesmo. Perseguindo sonhos para fazer um mundo melhor juntos”. (Inglês).

3’38” de toque suave nas cordas de um violão e um assobio pleno. Duchamp, Magritte, Dalí, como eu, gostaram da proposta.

<sup>126</sup> Já foi narrada a impossibilidade de não participação do(a) brasileiro(a) em questão pelo fato de no decorrer do processo da seleção o programa não aceitar pessoas com filhos de colo. O fato foi detalhado no diário de pesquisa anexo à tese.

<sup>127</sup> Refiro-me ao cálculo das categorizações do Quadro 2, página 109.

Faltava o português nos versos. E Ernst percebeu também. Mas para ter português ele teria que cantar...e não parecia este ser seu talento. Não o cantar. Duchamp propôs ajudar.

O próximo tópico foi iniciado por Ernst que postou um *print* de e-mail enviado pelos organizadores do programa sobre erros na submissão do Pitch final. Enviado às 18h06 a diversidade de mídias estava no canto superior da imagem. Vale detalhar. E rever. Klee e Breton parecem ter seguido as regras: fotos ao invés de pdf. Magritte ficou na dúvida e iria rever a submissão do material.

(DIÁRIO ABERTO, 16/10/18).

Como são belos os pés do mensageiro... Carrington não precisa ser definido como cantante, carioca ou tatuado. Nordestino, sulista ou qualquer tipo das inúmeras definições de empreendedor que seja. Nem mensageiro da melodia do “bem... do “START!UP?<sup>128</sup>” da *política mídia*. Carrington era Carrington. O do Diário e o mensageiro “triangulado” por esta pesquisa... Em números, Carrington foi quem mais apontou “Skype” no grupo. Expresso na experiência vivida, pela imersão oculta que se fez naquele dia, do citado 16 de outubro. Ocultamente, como Ernst, que, após sua cantoria, homenageara o programa diplomático de que participou, o repertório de mídia foi pontuado sem qualquer técnica quantitativa. Era apenas o olhar, de que no conjunto da técnica qualitativa encontrou um suposto mapa de interação. O passo que se deu naquele dia foi um descompassado pelo cansaço do pesquisador. Se, no diário, ambos denotaram ter uma relação oculta temática, entre o canto em áudio de Carrington, e e-mail, mídia-elo de Ernst, na interação da tela, da tela que cabe em apenas uma imagem nesta tese, a relação seria outra. Dois minutos calaram o canto de Carrington ao reconhecimento das estrelas na constelação de Ernst. No céu da *política mídia* estavam duas constelações. Os atores entrelaçados entre eles. Em *rounds*. Supostamente, falivelmente, fragmentado na Tela, no Quadro, na Rede. Digo, no jogo do recolhimento do processo de ancoragem de interação.

E dos *rounds*, porventura não operacionalizados pelo leitor, que se gostaria de tratar agora. Eles são marcações empíricas para dados quanti e quali, por primazia, referem-se a um conjunto de dados observáveis. Os *rounds*, em uma interação mediatizada, ou seja, no jogo de sequência da linguagem, compõem-se por laminações figurativas tanto quanto por seu conteúdo. O conteúdo é único e subjetivo da linguagem humana. Mas não só. Amplia-se a percepção também para o campo da linguagem dos atores computacionais que mimetizarão os esquemas esboçados no Quadro 3 e na Figura 5. Para compreensão das mudanças temáticas, a

---

<sup>128</sup> Referente ao estudo sociológico que iniciei em 2013 sobre o movimento das startups, culminando em minha dissertação de mestrado, cujo parte do título era este termo, denotando criticidade ao movimento de empreendedores do tipo *startup*.

tese dá um olhar à elaboração do laminado pelas máquinas, atores sociais da linguagem de um grupo da *política mídia*. O que foi observado no dia 16/10/18 no diário transcrito acima veio à tase depois da análise do Gráfico 13; e contextualizando a definição de que tipo de reconhecimento as mudanças de *rounds* e os cálculos quantitativas aplicados nesta subseção podem aferir, especificamente, quando o uso de *links* pela busca dos repertórios de mídia é empregado.

A Figura 5, interface em uma primeira tela de um recorte feito no diário citado acima, é descrita de forma detalhada no Quadro seguinte. Aí, a linguagem computacional pelo formato de *links*, pode ser vista no áudio gravado por Carrington. O conteúdo da música compartilhada, produção própria do ator envolvido, foi detalhada no transcrito do dia 16/10/18. E convertido em “<anexado: 00004773-AUDIO-2018-10-16-16-23-54.mp3>”, conforme colocado na linha 1. Na linha 14, a fala de Ernst, computacionalmente, se expressou “<anexado: 00004786-PHOTO-2018-10-16-18-06-28.jpg>” no processo de extração de dados mineráveis. É destes *links* que se revelam os elos entre os envolvidos no *frame* exemplificado do Quadro abaixo, que duas mudanças de *rounds* qualitativamente são pontuadas.

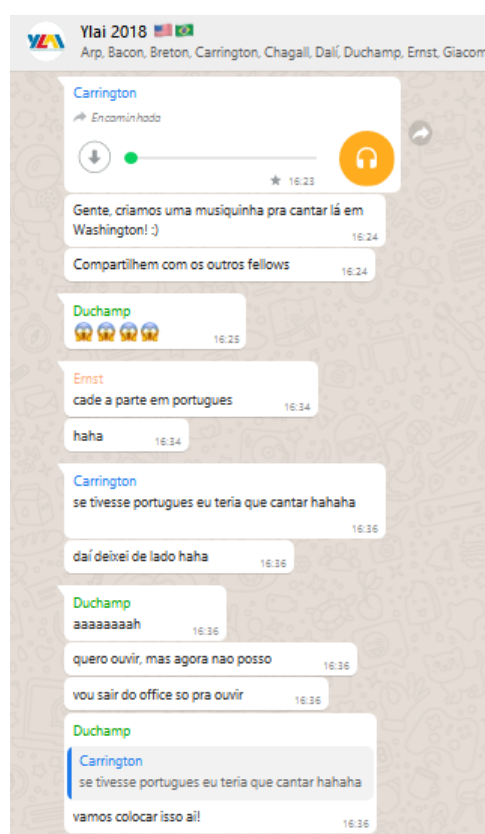




Figura 5 – Interface do grupo informal no WhatsApp em 16/10/18  
Fonte: Acervo da pesquisa.

As linhas 1 e 14 do Quadro, a seguir, foram processadas computacionalmente assim como todas as outras linhas. Há, porém, uma distinção. O digitado por um humano na linha 1 e a imagem anexa na linha 14 processaram-se de maneira distinta, computacionalmente. Sendo a mineração de dados, feita no Quadro 3, referente a interface expressa na Figura 5.

Linha	Horário	Ator	Mensagem
1	16:23:54	Carrington	<anexado: 00004773-AUDIO-2018-10-16-16-23-54.mp3>
2	16:24:05	Carrington	Gente, criamos uma musiquinha pra cantar lá em Washington! :)
3	16:24:19	Carrington	Compartilhem com os outros fellows
4	16:25:59	Duchamp	
5	16:34:49	Ernst	cade a parte em portugues
6	16:34:51	Ernst	Haha
7	16:36:05	Carrington	se tivesse portugues eu teria que cantar hahaha
8	16:36:12	Carrington	daí deixei de lado haha
9	16:36:30	Duchamp	aaaaaaaah
10	16:36:38	Duchamp	quero ouvir, mas agora nao posso
11	16:36:38	Duchamp	vou sair do office so pra ouvir
12	16:36:45	Duchamp	vamos colocar isso ai! <i>[em resposta direta a Carrington]</i>
13	16:41:58	Magritte	Ficou ótimo!!!
14	18:06:28	Ernst	<anexado: 00004786-PHOTO-2018-10-16-18-06-28.jpg>
15	18:06:31	Ernst	Eles querem fotos mesmo 
16	18:06:41	Ernst	Minhas imagens estava tao lindas :(
17	18:10:58	Dalí	Porra @Carrington
18	18:11:04	Dalí	Ficou profissa demais o som
19	18:11:14	Dalí	Galera miou o placement pra ficar no studio hahaha
20	18:17:50	Arp	Ficou massa hein
21	18:19:01	Magritte	não, eles querem imagens em alta resolução
22	18:19:24	Magritte	eu recebi esse <b>email</b> tb
23	18:19:57	Carrington	Não tem como mandar imagem em alta resolução, pq o limite do formulário era de 1mb por arquivo
24	18:19:58	Carrington	rs
25	18:21:57	Klee	Eu só fiz uma foto do ppt e mandei
26	18:22:03	Klee	Três, quer dizer
27	18:43:04	Magritte	Eu li agora de novo e to na dúvida se tem q ser imagem mesmo

Quadro 3: Parte do conteúdo das interações do grupo informal no WhatsApp no dia 16/10/19

Fonte: Acervo de pesquisa.

A linha 14 mostra o processamento da linguagem computacional do aplicativo WhatsApp quando as informações extraídas de lá foram armazenadas em uma planilha de Excel a seguinte mensagem anexada: “<anexado: 00004786-PHOTO-2018-10-16-18-06-28.jpg>”. Esta, visualmente aos atores do grupo, e pelos dedos de Ernst, foram vistas com outra codificação, exatamente como descreve a Figura 6.



Figura 6 – Imagem postada por um participante do grupo informal do WhatsApp no dia 16/10/18

Fonte: Acervo de pesquisa.

O texto do email recebido por Ernst não foi detalhado no diário nem no corpo da Figura 6 por questões éticas. Tratava-se de uma mensagem oficial do programa, acerca de uma das milhares de ações no universo das regras de atividade que os membros deveriam fazer para obtenção de pontos de participação na competição. A tese não tem interesse pelo estudo no prisma que bem mais detalhado a Ciências Políticas validariam sobre a diplomacia política em que os participantes estavam envolvidos. O destaque dado à Figura 6 muito mais interessa ao

Estudos da Mídia. Se o agente computador da tela de Ernst anunciava que seu aparelho telefônico estava ao final da carga da bateria, os ícones destacados com uma seta na imagem revelam um pouco do repertório de mídia de Ernst: Facebook, Google Fotos, Instagram e um aplicativo de relacionamento. A análise quantitativa seria cega para este detalhe. Somente pela observação da proposta do diário na imersão do autor no grupo, ao mar de mais de 12 mil mensagens a serem analisadas, uma das mensagens-imagens, *link* na linguagem computacional, foi recortada como importante. “O próximo tópico foi iniciado por Ernst que postou um *print* de e-mail enviado pelos organizadores do programa sobre erros na submissão do Pitch final. Enviado às 18h06 a diversidade de mídias estava no canto superior da imagem. Vale detalhar.” (DIÁRIO ABERTO, 16/10/18). Somente o olhar ao diário, porém, deixaria o contexto sob figuração comunicativa longe da proposta dos pesquisadores de Bremen. A pesquisa qualitativa nos métodos sobre diário de mídia é conduzida pelos pesquisadores do projeto Figurações Comunicativa, liderado por Andreas Hepp. A proposta de oferecer aos participantes uma pesquisa um diário que narraria suas experiências com diferentes meios já foi pontuado em Hepp, Breiter e Hasebrink (2018). Priorizou-se entender o repertório de mídia dentro no universo hipermediatizado focando nas interações que os atores colocaram no grupo informacional por meio das palavras-chave do Quadro 2.

A triangulação da pesquisa de mídia, pelo cruzamento de dados quantitativos e qualitativos, focando menos no conteúdo e mais relação sequencial da linguagem entre agentes humanos e não humanos, permite pelo reconhecimento das laminações dos atores verificar mudanças de *rounds*. Possibilita um olhar mais específico à diferenciação de mídias em uma mídia específica: um grupo informal do WhatsApp. Detalhar os usos das mídias da própria linguagem em cada meio utilizado por uma constelação de atores de um grupo informal da *política mídia* será um trabalho mais adiante aqui não abraçado. Os dados do diário e dos gráficos que esta subseção apontou até aqui permitem elaborar um diagrama que representa constelações de constelações, quando o uso das mídias dentro da interação do grupo foi averiguado. Destaca-se a composição de variadas mídias, dentro de uma mídia específica sobre suas experiências com a *política mídia*. Olvida-se, porém, a mídia maior, a linguagem, em não

esmiuçar o conteúdo de cada uma destas incorporadas pelos jogadores. Na verdade, mimetiza-se o que os ares de Bremen sopram em Fortaleza:

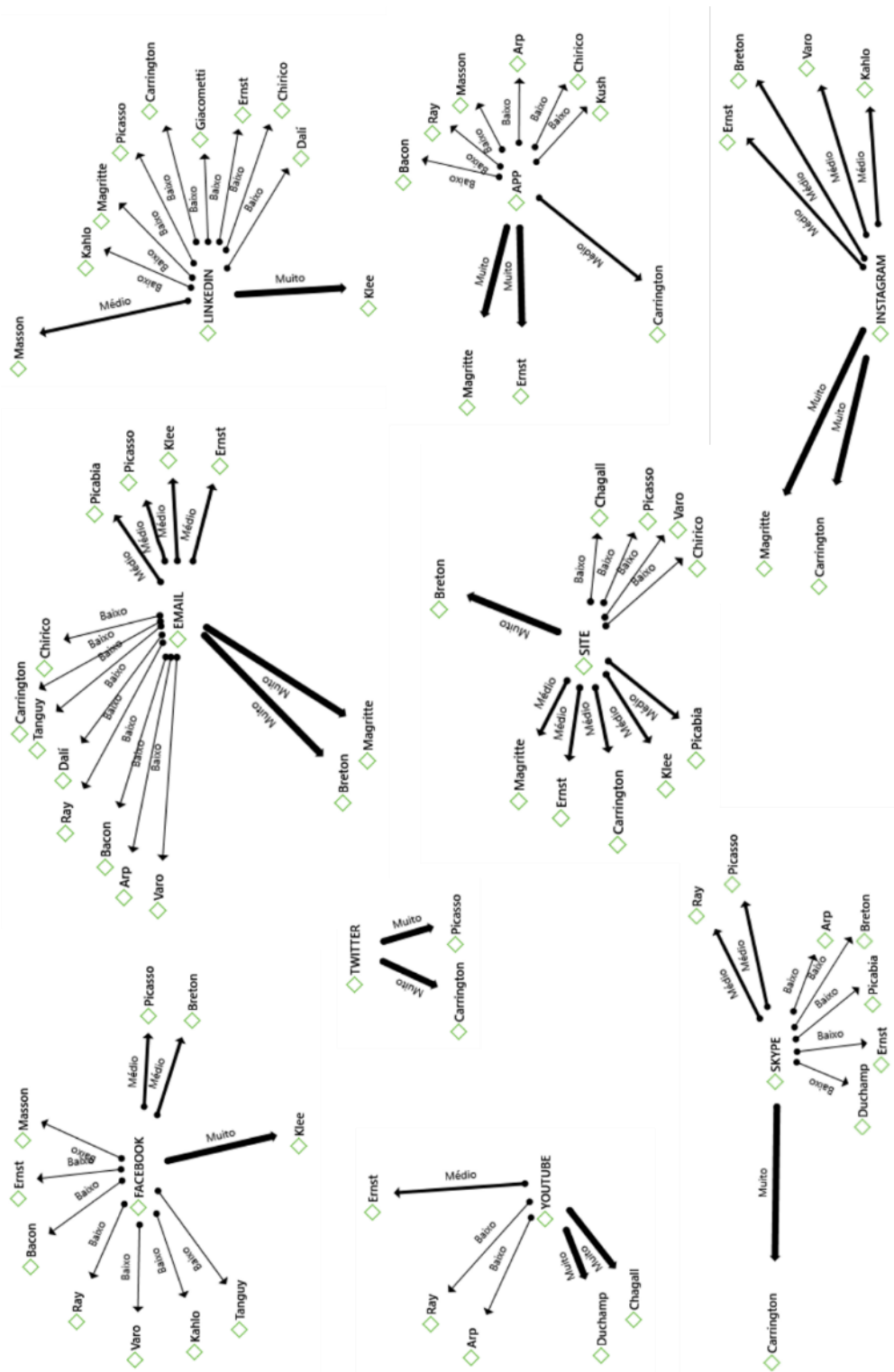


Figura 7 – Nível de Reconhecimento da Interação sobre o Repertório de Mídia da Constelação de Atores

Fonte: Elaborado pelo autor no software Atlas.TI.

Observar a diferenciação de mídia dos repertórios dos atores por seus lugares de fala, ou por palavras-chaves qualitativamente definidas e buscadas roboticamente em um acervo de grandes quantidades de números, pode ter a mesma miopia que qualquer frenético por análise de discurso em sua obsessão por provar o já achado. Pergunta sobre “que mídia você usa”, mineração de dados sobre “Palavra-chave X”, ou os mais arrojados mapas de mídia<sup>129</sup> do “desenhe a sua relação com as principais mídia em um papel partindo de um ponto x” estão longe de dar o concretismo que a mídia-linguagem permite na vida cotidiana acerca dos conjuntos de mídia dos sujeitos. A Figura 7 mostra o esboço de uma tentativa em representar níveis de reconhecimento pelos atores do grupo informal acerca do repertório das mídias que envolvem a política diplomática em questão. O esforço contextualiza o que seria entendido como reconhecimento nessa subseção. As duas entrevistas que se fez por Skype, antes de entrar oficialmente no grupo, uma com Dalí e outra com Kahlo, bem poderiam contrastar a usabilidade das mídias e a validação dos três níveis de reconhecimento que se entendem na Figura 7. Estas, porém, foram esquecidas. Transcritas, mas, se utilizadas como análise, desmunicionariam o argumento de fazer pesquisa atentando para o esquecido no Brasil: as interações em grupos midiáticos. Destaca-se a urgente necessidade de estudar a sequência da mídia-linguagem dentro de um segundo dispositivo técnico do enunciado, não mais pela análise de entrevistas. As falas de Kahlo e Dalí, sem embargo, se expressarão melhor, se eu retornar ao diário...

Não foi um diálogo com intervalos tão curtos...mas é bom observar que todos estão no mesmo local, em diferentes lugares e se comunicando quase que como um ao lado do outro para mim-observador.

Breton confirmou que eles não estavam em Washington e anunciava que seriam somente ao fim da imersão que estariam juntos novamente.

Chirico queria lançar um ELE NÃO para acordar a galera, perto das 11h, Duchamp e Kahlo responderam, diretamente, concordando. Mas, o que Dalí compartilhou em seguida motivava mais nossa intenção de pesquisa.

Cansado de esperar a motivação de alguém, membro do Filho do Homem, falar ao microfone pedindo para as pessoas ligarem seu bluetooth para se conectarem

---

<sup>129</sup> Técnica encontrada em Hepp, Breiter e Hasebrink (2018).

automaticamente no LinkedIn...fez um post com instruções em inglês pra galera mandar para seus grupos informais de whatsapp.  
 “[11:49, 21/9/2018] Dalí: Guys  
 [11:49, 21/9/2018] Dalí: Go into linkedin  
 [11:49, 21/9/2018] Dalí: Turn the bluetooth on  
**[mandou uma imagem]**  
 And click "your area"  
 [11:49, 21/9/2018] Dalí: Then we can connect with each other  
 [11:49, 21/9/2018] Dalí: Passem pros grupos de vcs. Vamos tentar conectar com a galera  
 [11:49, 21/9/2018] Breton: Okey  
 [11:51, 21/9/2018] Varo: Passa isso no grupo do city hub tb”  
 Era importante aquela conexão.  
 São importantes os grupos informais.  
 Mais do que importantes...são peculiares os grupos informais.  
 (DIÁRIO ABERTO, 21/09/18).

A constelação criada na Figura 7 pode ser lida de maneira diversas, uma delas, ao destacar a linha 22 do Quadro 3 (página 114), quando Magritte revela o recebimento do mesmo email que Ersnt recebera no dia 16/10/18. Magritte e Breton são duas estrelas solitárias na constelação de Email, um dos elos de mídia da interação do grupo. São as estrelas que mais representam um nível de reconhecimento desta mídia no grupo e com a *política mídia*. Ersnt está junto a Picasso, Picabia e Klee em outro conjunto de estrela, mas com mediano reconhecimento na mídia Email. Outra leitura deixa brechas para ineficiência do foco exacerbado nos dados quantitativos dado na representação da Figura 7. É por isso que triangular é importante. Contrastar parece não ter o mesmo significado de validar. Na Figura 7 o reconhecimento atribuído a Dalí em relação ao LinkedIn, “a rede social dos profissionais de mercado”, foi classificado como nível baixo. Na citação do diário do dia 21/09/18, porém, a imagem, processada na linguagem computacional como um *link*, percebe-se como importante marcador da interação do dia. Prefere-se dizer - uma importante laminação ancorada por Dalí. Um adendo que faria sobre este dia vem quando se detalha o Gráfico 13 no *dashboard* elaborado para a tese. Setembro e outubro de 2018 foram os únicos meses de reconhecimento de mídia por parte de Dalí. O papel de Dalí e de outros atores como constelação será mais bem observado ao retomar o recorte de interação do dia 16/10/18. “Exemplificar a composição de membros de um grupo de interação informal enquanto constelação de atores destacando as relações sequenciais de entrelaçamentos por meio de símbolos provenientes das funcionalidades técnicas do WhatsApp.”. Esta foi umas das promessas da tese.

O ponto central desta subseção exprime que o conceito de laminação, mudanças de *round*, podem ser empiricamente triangulados pelos componentes do cálculo da quantidade líquida de caracteres. Chamadas, *links*, emails e *emojis*/símbolos são tão importantes quanto o

fragmento líquido proposto em uma oração, frase ou palavras das trocas de mensagens. Também aqui é central mostrar que *laminar* se refere ao preparo do ato a ser posto posteriormente, como expresso, **um arranjo à incorporação** pelo prisma goffmaniano. Os *links*, como elos da representação do homem e do não humano, são lâminas de ancoragem tão afiadas quanto os marcadores da etnometodologia. Por eles, enquadramentos temáticos são vistos como marcadores centrados em *rounds*; focados em rodadas de interação. No dia 16/10/18, pelo fragmento do diário<sup>130</sup> aqui pontuado, em cena, duas principais ancoragens marcadas pelo uso de *links* se firmaram. Uma introduzida pelo áudio cantado por Carrington e outra pela imagem sobre um email recebido por Ernst. A proposta de uma **microfiguração de reconhecimento na interação** acerca do repertório de mídia detectado no recorte feito exemplifica a tentativa de observar na Figura 8 e na Figura 9 a composição de membros de um grupo de interação informal como constelação de atores. Respectivamente, a primeira rodada, marcada por uma mensagem com *link* de áudio iniciada por Carrington, e o segundo *round*, firmado pelo *link* de Ernst por uma imagem compartilhadas com membros do grupo.

Aos Estudos da Mídia, cabe aqui constituir um chamamento à construção de um arsenal empírico para que os mesmos métodos de trabalho com grande quantidade de dados (*big data*), já utilizados nos departamentos de pesquisas de empresas e *startups*, como a corporação WhatsApp, comecem a ser instrumentos de pesquisas para trabalhos independentes de acadêmicos, que têm no conhecimento o capital simbólico como troca primeira, em vez dos interesses mascarados do chamado “mercado”. Categorizar os enquadramentos temáticos, em um processo de interação em grupo já é uma realidade nos monopólios de comunicação das chamadas empresas de redes sociais (LinkedIn, Facebook, Google etc). Cabe à tese oferecer outra visão aos trabalhos independentes de interesses coletivos e acadêmicos trilhar nas mesmas searas dos que um dia prometeram “democratizar” a comunicação e resvalaram na especulação das bolsas de valores mundiais, tendo como a interação do Outro o principal capital imaterial como abstração mais perversa e vendível.

Nesse sentido, as Figuras 8 e 9 traduzem a aplicação dos pontos analíticos desta subseção, propondo um modelo de organizar as informações trocadas em um grupo midiático. A Figura 8 tem como centro de interação a mensagem de Carrington, e a Figura 9 de Ernst. Microgrupos das mensagens do quadro da página **Erro! Indicador não definido.** estão destacados e dispostos ao centro de Carrington e Ernst. A legenda de ambas as figuras

---

<sup>130</sup> Exposto na página 85 e no quadro da página 88.

exemplifica a aplicação dos componentes da quantidade líquida de caracteres. Os marcadores em azul “Caracteres de *Links*” traduzem como as ancoragens podem laminar mudanças de rodadas temáticas. A técnica utilizada de *visual data*<sup>131</sup> (visualização de dados) baseou-se na organização das informações após o processo de codificação das mensagens do recorte feito da interação do dia 16/10/18 no *software* de análise qualitativa Atlas.TI.

A proposta de *rounds*, marcados por *links* no caso abaixo, também permite verificar *peçoas-papéis* da interação que se iniciou às 16h23min e finalizou às 18h43min. No diário da observação participante oculta do dia 16, o título sintetizava a experiência que se tinha com os *rounds* percebidos...“Não é bem assim...mas é!”<sup>132</sup>. Pelas linhas de relação entre os blocos de mensagens, denota-se o posicionamento geral como o ator se mantém no placo do ato da

---

<sup>131</sup> *Visual data*, tem sido um daqueles novos termos que prometem revolucionar o nada. Frisson na atual literatura dos departamentos de marketing das empresas, trata-se de um fazimento de diagramas aonde as informações possam ser organizadas de maneira a provocar *insights* ao pesquisador e leitor. Soukup e Davidson (2002) esclarecem o uso de *visual data* no processo de mineração de dados.

<sup>132</sup> Consultar apêndice da tese.

comunicação *face a face midiaticizada*. No primeiro *round*, Magritte, Arp, Dalí e Duchamp laminavam-se como suporte de reconhecimento à Carrington. Ernst era o antagonista.

Na segunda rodada, Magritte saltou da ponta do palco a outra, estando ao lado de Ernst no confronto simbólico com Carrington.

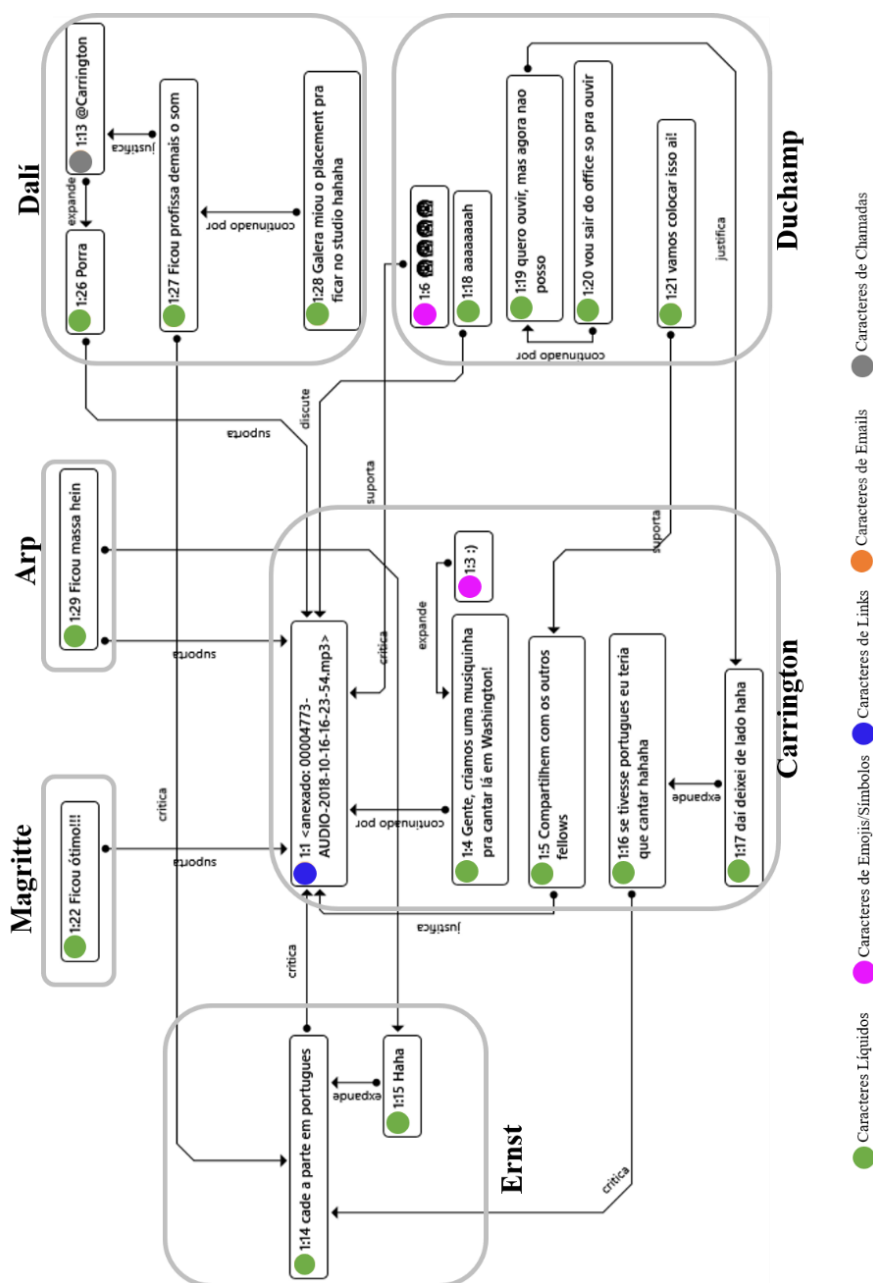


Figura 8 – Diagrama de Microfiguração de Reconhecimento na Interação em 16/10/18 (Round 1)

Fonte: Elaborado pelo autor no *software* Atlas.TI.

Destacam-se em ambos os diagramas os caracteres líquidos e de chamadas, *links*, emails, *emojis*/símbolos. A rede simula a interação observada no dia como uma fala da vida rotineira da cotidiana condição face a face; e credita lâminas de crítica, suporte, discursão, justificativa, continuidade e expansão de ideias. Chamadas e símbolos/*emojis* foram vistos como mensagens de expansão das anteriores. Os *emojis*/símbolos com suporte entre Carrington e Duchamp. Os caracteres líquidos continuidade, justificativa, expansão de ideias, mas especialmente de crítica entre Ernst e Carrington. **Confronto**. Ancorado por *links*. Laminável por meio de risos e meia palavras.

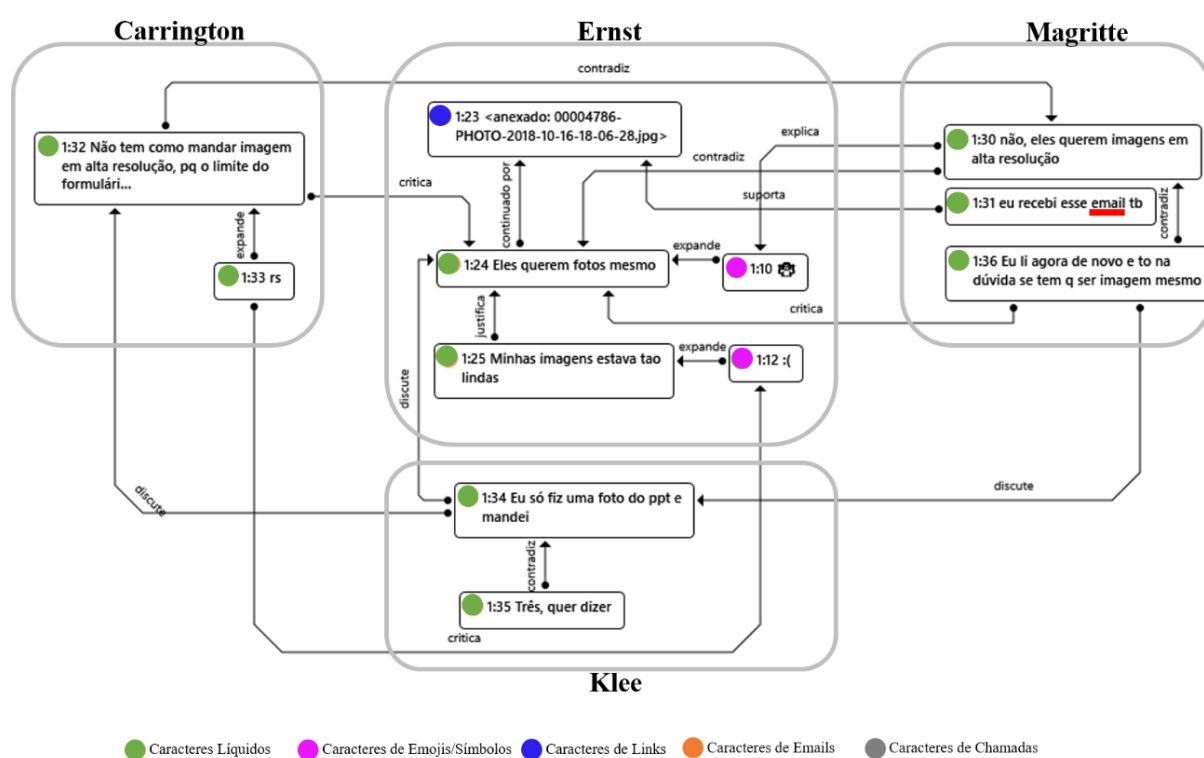


Figura 9 – Diagrama de Microfiguração de Reconhecimento na Interação em 16/10/18 (Round 2)

Fonte: Elaborado pelo autor no *software* Atlas.TI.

Agora, se percebe a Figura 9. O confronto entre Ernst e Carrington, implícito no diário de observação, é mais bem exemplificado quando as perguntas “O que está acontecendo aqui?” e “Em que circunstância pensamos que as coisas são reais?” (GOFFMAN, 2012a, p. 31) são devolvidas no segundo *round* encabeçado por Ernst. Redes de apoio, de discordância e noções de ironia podem ser mais bem aprofundadas qualitativamente, mas a proposta aqui foi explicar acervos empíricos os Estudos da Mídia, pelo recorte dos quadros temáticos lamináveis

por *brackets* (ancoragens). De fato, as microfigurações de reconhecimento entre membros acerca de alguma temática a ser estudada no futuro podem dar melhor solidez a aplicação de cruzamento quali e quanti nas mudanças de rounds e na composição de laminações de interação. O reconhecimento de mídia na mensagem de Magritte é destacado por uma linha em vermelho. Email. Era sua mídia de maior reconhecimento no momento daqueles poucos segundos trocados.

Os *links* são extensões de uma conversa midiaticizada ocorrida ou a ocorrer em grupo. Nos dispositivos de mídia, estas alocações variam. No caso do WhatsApp, a imersão em campo<sup>133</sup> pôde enfatizar alguns usos que, em maior detalhamento ao campo de pesquisa que interesse alhures, poderiam ser tomados. Os elos, vínculos ou ligações, em português...digo, os *links* podem expressar um olhar determinado a algum ambiente externo (usualmente site) ou a um ambiente ao qual a comunicação face a face está próxima a ocorrer na intenção ou concretude. Internos, eles podem expressar o compartilhamento de uma localização precisamente (ou não) espacial de um membro que utiliza a funcionalidade do aplicativo. Externos, os elos-*links* informam um sítio da web de início, meio ou fim das mudanças de um *round*. Talvez, as ansiedades por frutos da participação da política diplomática ou reconhecimento um ao outro estivessem expressas no mês de novembro, mês da volta ao Brasil pelos participantes da *política mídia*. Saber precisamente quem apontava mais elos-*links* é inerente à análise quantitativa - que não será exposto aqui, em ordem ao equilíbrio quali-quantitativo e delimitação dos objetivos específicos da pesquisa: *propor categorias analíticas*<sup>134</sup> *de enquadramentos temáticos por uma proposta de quadros de ancoragens de interação das trocas de mensagens instantâneas em grupos midiaticizados*, destacando perspectivas interacionistas e cognitivas.

O uso das funcionalidades técnicas de chamada por “@Fulano” em um grupo midiaticizado pode indicar ratificações temáticas em mudanças de *rounds* e uma personalização impessoal do não conhecido. Na Figura 8, Dalí dá propriedade ao chamamento por “@Carrington”. Oferece o reconhecimento acerca da proeza de sua música portada em *link*. Antes, durante e após a imergência dos atores nos EUA, os dias de meio da semana, especialmente às quartas e quintas-feiras, obtiveram a maior quantidade de chamadas comparando os outros dias da semana. O período da noite durante a estada em solo ianque, 19

---

<sup>133</sup> Ratifica-se a recomendação do observador do ato de “sair para entrar”. Após cinco anos sem, pessoalmente, utilizar este dispositivo de comunicação instantânea, pode-se, em campo, observar as dinâmicas de interação que, com maior fecundidade, estão registradas em diário.

<sup>134</sup> Ver Tabela 3 e Quadro 4.

de setembro a 25 de outubro de 2018, marcou o turno com mais incidência de chamadas. Na semana anterior à viagem coletiva, ainda no Brasil, a tarde ocupava o ranking de maior uso de “@Fulano”. Disparadamente, os dois meses iniciais do período da observação somavam-se em quase duas mil atribuições de chamamentos. Sendo compreendido como indicadores de familiaridade e distinção, estes elementos lamináveis de ancoragem de *frames* problematizam a dualidade de seus usos. É a intenção de estar próximo ao outro, o chamando pelo “@Nome” – mesmo que, em certas medidas, o desconhecido impere na relação; ou, a distinção em ratificar um determinado chamamento, sendo próximo do outro. Seu demasiado uso pode permear os dois campos ser próximo ou querer ser próximo. Os estudos interacionistas das correntes sociológicas ou antropológicas podem aprofundar melhor a relação entre este indicador com as mudanças de quadros temáticos. Este vetor analítico contextualiza o nível de reconhecimento na ancoragem midiaticizada emanado nas esferas de elo de um grupo informal da *política mídia*.

Remata-se esta subseção trazendo o marcador das ancoragens acerca das mudanças de *round*: a utilização de *emojis* e símbolos. Esta são vistas como o elemento laminável que maior maquinação pode ser utilizada no processo de interação em um grupo midiaticizado. Também representa uma perspectiva prioritária acerca do que foi falado sobre *reconhecimento* na interação. Assim, como “@Chamadas” e “<Links>”, sua utilização em uma mensagem contextualiza o universo do tecnicismo dos processos seculares de *ritos sociais*, emprestando o termo de Adriano Duarte Rodrigues (2001) que reflete um conjunto de regras presididos à criação, à estrutura e ao funcionamento das instituições sociais<sup>135</sup>. Na gama simbólica, a utilização das funcionalidades técnicas do WhatsApp permite uma interação social de autoidentidade profundamente pessoal e emocional em uma interação social (MILLER, 2014; KIAT & CHEN, 2015). O uso de *emojis*, meros símbolos reinventados, potencializa a ideia de máscaras sociais na laminação das *pessoas-papéis*; e, fortalece o argumento da tese de que a mídia linguagem dos grupos midiaticizados vêm sendo mimetizada a cada fase *beta*, ou seja, a cada “melhoria” dos sistemas de comunicação e interação. Vale falar de aproximação empírica comparativa entre a comunicação face a face e a midiaticizada em grupo, pelos domínios que os impérios da comunicação têm na vida cotidiana, especialmente na vida dos surrealistas da *política mídia* que figuram a cada “😱” trocado no jogo da cena.

---

<sup>135</sup> O autor refere-se especificamente às instituições de moda como abarcadora da experiência moderna no mundo constituindo um espaço público problemático. (RODRIGUES, 2001, p. 30). Crê-se, sem embargo, que o mesmo olhar pode ser dados aos monopólios de comunicação a que a tese verte atenção.

Permita que se retorne às Figuras 8 e 9. Observe:

“😱” de Magritte;

“👤” e “:( ”de Ernst, e o

“ :) ”de Carrington.

A obra de arte do norueguês Edvard Munch pintada em 1893 da série “*Der Schrei der Natur*” (*The Scream*, ou *O Grito*) talvez nunca tenha sido imaginada por ele que um dia estaria nas mãos de Duchamp. Munch, decerto, nunca imaginou a popularização da mimese “😱” de O Grito. Em uma interação em grupo midiaticado, no paradigma de multifacetagem cultural, do mar de significações e ressignificação, nas ondas de experiências não transcritível, como aferir em *emojis* e símbolos sentido? Como atribuir mudanças de *rounds* na utilização destas funcionalidades técnicas no processo de interação?



:)



Acima, perdido nas linhas, estes foram os nove *emojis* mais utilizados pelos atores da cena do grupo informal da *política mídia* durante todo período de observação. Como categorizar, estas e as inúmeras outras formas de expressão? No dia 23 de setembro de 2018, se desabafava nos diários sobre esta questão: “Descobri um *emoji* que nunca havia visto: 🤪. Você sabe que sou novo nos *emojis*. Aprendi aqui nesse diário o que uma “mulher rodando a saia” pode significar e o que um “foguetete” pode dizer.” (DIÁRIO ABERTO, 23/09/18). Também no dia seguinte: “Pela palavra, identificar as tonalidades seria um desafio, uma complexidade que aqui não seria discutido. Mas meu desafio será fazer o percurso por *emojis*

trocados em cada tonalidade mencionada.” (DIÁRIO ABERTO, 24/09/18). Alguns viram o desabado<sup>136</sup>

Então a CAIXA ALTA, como o intervalo, ou o Emoji da Saia que já mostramos, assume diferentes significâncias. Infinitas. São nos padrões que previsivelmente seremos menos pós-modernos. E assumir posição de isso poder ser aquilo ou aquilo outro. No recorte empírico de um grupo Mediatizada, mais ainda. Evitar um tudo pode ser tudo a todo tempo e toda hora em todo momento e encontrar os rastros de um tudo poder ser uma parte e uma parte o conjunto desse tudo. (DIÁRIO ABERTO, 22/10/18).

É possível, mesmo nos múltiplos contextos culturais, identificar padrões nas ancoragens de enquadramentos temáticos pelos usos destes símbolos. Mais do que uma intuição, este postulado é trabalhado pelas corporações como o Facebook, que detém atualmente a composição acionário do WhatsApp. Permitir ao usuário a criação de *stickers*<sup>137</sup>, adesivos simbólicos, que o usuário produz e representa sua própria emoção, recentemente, foi incorporado a gama de funcionalidades técnicas desta empresa. Mas a busca pela padronização dos símbolos mediatizáveis não são apenas mercadológicos. Uma corrente emergente da linguística pragmática vem disseminando-se nos ambientes acadêmicos da Europa e Ásia a intitulada Natural Semantic Metalanguage, NSM (Metalinguagem da Semântica Natural).

O modelo NSM mudou muito desde que foi introduzido pela primeira vez no início dos anos 70. No livro *Semantic Primitives*, de Anna Wierzbicka, de 1972, apenas 14 primitivas semânticas foram propostas e, no seu livro de 1980, *Lingua Mentalis*, o inventário não era muito maior. Nos anos 80 e 90, no entanto, o número de primos propostos expandiu-se muito, tendo agora atingido um total de 65. O mesmo período

<sup>136</sup> Foram três interferências que se fez no grupo. A primeira, saudação e agradecimento pelos membros do grupo terem permitido o acesso à observação. A segunda após o dia 31 de outubro, dia último da escrita do diário. E a última quando se saiu do grupo oficialmente e gravei no dia 17 de abril de 2019 quando se gravou quatro vídeos de agradecimento. Na segunda intervenção, Ernst enviou uma mensagem privada, explicando o que seria o *emoji* “👤” (13º mais utilizado). Agradeceu-se a explanação, mas se manteve o silêncio. Detalhamentos sobre o processo de observação participante oculta estão explanados na próxima seção deste capítulo.

<sup>137</sup> Os símbolos a que a tese se refere são vastos, e serão ainda mais, à medida que a mimese da linguagem seja a obsessão dos monopólios da informação: *emojis*, *stickers*, *gifs*, entre outros. Visando a não perder mercado para concorrentes de aplicativos de mensagens instantâneas, sistematicamente a empresa, antiga startup, WhatsApp “inova” em formas de representar disponibilizando ao público do permitir representar-se. Os *stickers*, ou adesivos, entram no contexto do que nos referimos aqui como símbolos mediatizáveis. Sua diferença em relação aos *emojis* é que o primeiro coloca o usuário no centro da construção representativa. Qualquer usuário pode confeccionar uma imagem, com ou sem descrição, para expressar suas ideias no momento da interação. Algo muito semelhante ocorre com a utilização dos chamados “*gif*” que aqui também contempla tal análise. É importante destacar que o algoritmo da empresa WhatsApp padroniza, por meio da personalização dos usos dos *emojis*, baseando-se na frequência de uso cruzadas com variáveis internas predefinidas no contexto da representação do usuário pelo aplicativo.

também viu o desenvolvimento de algumas novas ideias importantes sobre a sintaxe da metalinguagem semântica.<sup>138</sup> (GRIFFITH UNIVERSITY, [20--]).

A aplicação do método de **língua mental** é pontuada nesta tese como uma possibilidade oportuna para identificar padrões na troca de símbolos de um grupo midiaticado. Na prática do que Wierzbicka (1980b) propõe, aplicando na interação do dia 16 de outubro de 2018 representada na Figura 8, utiliza-se o *emoji* “:)” para exemplificar a utilização em trabalhos futuros do método NSM.

Emoji/Símbolo e Decimal Representativo	Modelo NSM	Estrutura categórica das primas <sup>139</sup> e moléculas semânticas
:)  581  <i>Observação:</i>  <i>7º emoji mais utilizado nas interações.</i>	<p>Eu sinto algo por alguma coisa ou alguma pessoa agora.</p> <p>Alguém pode fazer, dizer ou mostrar essa alguma coisa.</p> <p>Alguém pode não fazer, não dizer ou não mostrar essa alguma coisa quando eu sinto esse algo.</p> <p>Esse alguém vê eu sentindo esse algo quando eu escrevo dois pontos.</p> <p>Essa algo pode ser bom.</p>	<p><b>Substantivo: 18/5</b></p> <p>Eu (5) / Algo (5) / Alguém (4) / Alguma coisa (3) / Alguma pessoa (1)</p> <p><b>Predicado mental: 3/1</b></p> <p>Sinto (2) / Sentindo (1)</p> <p><b>Ação, evento e movimento: 3/2</b></p> <p>Fazer (2) / Vê (1)</p> <p><b>Discursivo: 3/1</b></p> <p>Dizer (3)</p>

<sup>138</sup> “The NSM model has changed a lot since it was first advanced in the early 1970s. In Anna Wierzbicka's 1972 book *Semantic Primitives*, only 14 semantic primitives were proposed and in her 1980 book *Lingua Mentalis*, the inventory was not much bigger. Over the 1980s and 1990s, however, the number of proposed primes was expanded greatly, and has now reached a total of 65. The same period also saw the development of some important new ideas about the syntax of the semantic metalanguage.” (GRIFFITH UNIVERSITY, [20--], traduziu-se).


<sup>139</sup> As palavras primas, de acordo com o método de língua mental, são sintetizadas por palavras que contenham significados semelhantes em cerca de 30 línguas. Cada uma destas palavras pode ser agrupadas na categorias do quadrante direito da tabela. Os números sinalizados nas categorias e nas palavras são adaptação da tentativa de quantificar a frequência representável. Exemplica-se: A palavra “Eu”pertence a categorias de “Substantivos”, teve 5 ocorrências na representação. A categorias “Substantivos” teve 18 incidências sendo 5 grupos de palavras.

<p>Eu acho que esse alguém acha que esse algo é bom.</p>	<p><b>Localizador, existência, especificador: 2/1</b>  É (1) / Ser (1)</p> <p><b>Conceito lógico: 6/2</b>  Pode (3) / Não (3)</p> <p><b>Determinante: 8/1</b>  Esse (5) / Essa (3)</p> <p><b>Avaliador: 2/1</b>  Bom (1) / Boa (1)</p> <p><b>Quantificador: 1/1</b>  Dois (1)</p> <p><b>Tempo: 1/1</b>  Agora (1)</p> <p><b>Molécula semântica: 4/3</b>  Escrevo (1) / Pontos (1) /  Mostrar (2)</p>
--	--

Tabela 1 – Aplicação do método NSM no emoji "👉"

Fonte: Elaborado pelo autor com base no método NSM.

O mesmo exemplo pode ser aplicado a qualquer símbolo, a exemplo de “👉” que obteve a oitava maior ocorrência em todo período de minha imersão no grupo.

Emoji/Símbolo e Decimal Representativo	Modelo NSM	Estrutura categórica das primas e moléculas semânticas
  128588  <i>Observação:</i> <i>8º emoji mais utilizado nas interações.</i>	<p>Eu ou alguém conseguiu fazer algo em um momento.</p> <p>Eu ou alguém acha esse algo bom.</p> <p>Se esse algo não ocorresse seria ruim.</p> <p>Por algum tempo eu levanto minhas mãos quando eu ou alguém faz esse algo.</p>	<p><b>Substantivo: 11/3</b>            Alguém (3) / Algo (4) / Eu (4)</p> <p><b>Ação, evento e movimento: 2/1</b>            Fazer (1) / Faz (1)</p> <p><b>Predicado mental: 1/1</b>            Acha (1)</p> <p><b>Conceito lógico: 1/1</b>            Não (1)</p> <p><b>Determinante: 3/1</b>            Esse (3)</p> <p><b>Avaliador: 2/2</b>            Bom (1) / Ruim (1)</p> <p><b>Localizador, existência, especificador: 1/1</b>            Seria (1)</p> <p><b>Posse: 2/1</b>            Minhas (2)</p>

	<p><b>Tempo: 2/2</b></p> <p>Quando (1) / Em um momento (1)</p> <p><b>Molécula semântica: 2/2</b></p> <p>Mãos (1) / Levanto (1)</p>
--	--

Tabela 2 – Aplicação do Método NSM no emoji “🙌”  
 Fonte: Elaborado pelo autor com base no método NSM.

Um símbolo colocado em um grupo midiaticado é um marcador de chamada para roda, uma âncora de reconhecimento para participação da interação. A tentativa de padronizar “🙌” como “louvor”, “entusiasmo”, ou qualquer outro significado, pode limitar as reais intenções ressignificadas aos membros do grupo. O modelo NSM ampliar a categorização em contextos culturais diferentes, onde “🙌” pode ser entendido como algum símbolo religioso ou como qualquer outra lâmina de orientação a um papel a ser desempenhado.

“:)” utilizado por Carrington na disputa dos *rounds* que já foi aqui descrito, pode dialogar com o “:( ” de Ernst. Alguém achar que “esse algo” pode ser bom ou ruim, como foi feito nas tabelas de NSM, permite enriquecer o campo analítico com menor cegueira da codificação taxativo do “X” significa “Y”.

Essa noção também pode ser contrastada com os dados quantitativos minerados e visualmente tratados no *dashboard* criado para a tese. Mesmo sendo difícil representar a dinâmica dos painéis quantitativos de análise, a Figura 10 permite verificar o comportamento das 42 incidências de Carrington e dos outros membros na utilização de “:)””. O comparativo entre membro, meses, dia de semana e horário utilizado, pode enriquecer os *insights* de uma pesquisa. Que personagens cada um assumia mascarado por “:)””?



Figura 10 – *Dashboard* destacando a utilização de ":)" por Carrington  
 Fonte: Elaborado pelo autor no *software* Power BI.

Que pessoas-papéis os membros vestidos “:( ” pretendiam incorporar na cena do jogo de interação?

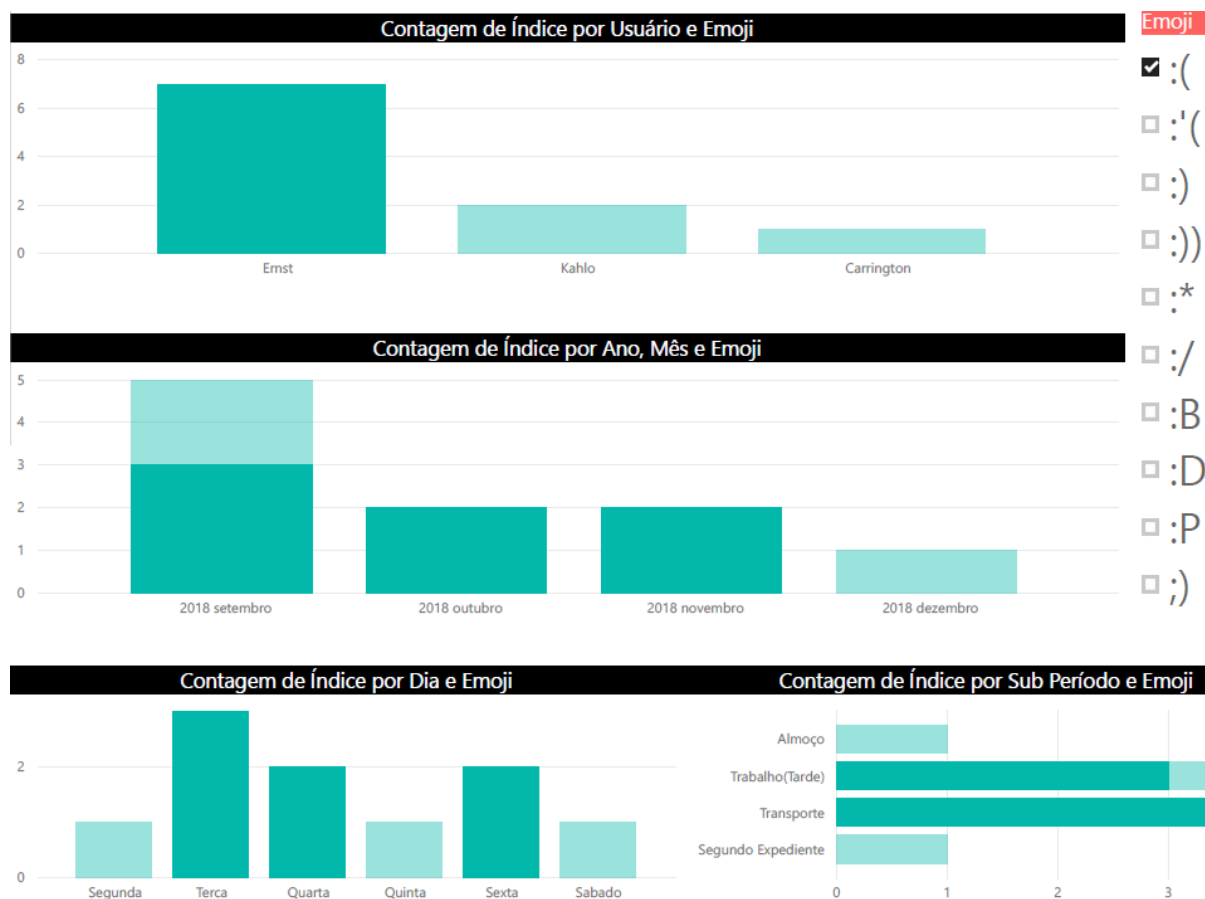


Figura 11 – *Dashboard* destacando a utilização de ":(" por Ernst  
 Fonte: Elaborado pelo autor no *software* Power BI.

A Figura 11 revela a mesma estratégia de utilização de filtro no *dashboard* criado. Tem como parâmetro verificar a utilização de “:(” destacando no quadrante de baixo Ernst na comparação com os outros membros envolvidos que utilizaram um dos 10 do total desses *emojis*. Inúmeras considerações e exemplos poderiam ser apontados a partir daqui, sem embargo, a delimitação dos objetivos centrais da tese já foram tecidos. Não cabe um trabalho quantitativo sem cruzar com as observações que a perspectiva qualitativa da triangulação proposta aos Estudos da Mídia. Não cabe uma exemplificação sobre a interação que tem como recorte o sequencial de um jogo de *rounds* lamináveis.

A preparação do jogo figurativo pelo vetor de mudanças de *rounds* associadas às ancoragens da laminação por *links*, chamadas, email e *emojis*/símbolos utilizados e contrastados com a noção de caracteres líquidos foram os principais pontos debatidos desta subseção. Nas camadas internas e externas da figuração interativa em grupo, as laminações dão à luz as atividades cotidianas da comunicação midiaticizada. Nas laminações externas, essas

revelam a borda do quadro de interação. Tal qual o ato de desbaste de um gume cortante, a ancoragem ocorrida em um quadro de interação face a face, midiaticizada a interação figura-se metaforizada como um ato das buscas pelo melhor fio de uma faca. Amola-se internamente para provocar o furo externo. O campo da intenção pelo rebate do fio ou da morte pelo punho do opositor antecede a transformação do ator em cena. Morte não sangrenta, mas elemento simbólico da disputa por um reconhecimento de interação.

O Quadro 4 sintetiza o apelo à triangulação da pesquisa da mídia que o capítulo 1 propõem aos estudos das ancoragens de interação. Até aqui, três propostas trianguladas por evidências quanti e qualitativas foram feitas. A próxima seção explora o último esclarecimento que colabora com o entendimento de *frames* de relevância temática da corrente Figurações Comunicativas: a temporalidade das interações.

<b>Eixos Teórico na Análise dos Quadros</b>	<b>Evidências Qualitativas</b>	<b>Evidências Quantitativas</b>	<b>Indicador de Vínculo na Interação</b>
<b>Ancoragens</b>	a) Notificações; <i>status</i> de digitação e leitura das mensagens.	a) Quantidade de mensagens de uma interação.	i) Nível de Efervescência da Interação
	b) Palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas;	b) Quantidade de caracteres de texto de uma mensagem;	ii) Nível de Modelagem da Interação
	c) Mudanças de <i>rounds</i> ; e	c) Quantidade de caracteres líquidos de uma mensagem; e	iii) Nível de Reconhecimento na Interação
	d) Silêncio e pausas	d) Intervalo de tempo das mensagens trocadas;	iv) Nível de Temporalidade da Interação.

Quadro 4: Vetores analíticos dos quadros de interação da *política mídia*

Fonte: Elaborado pelo autor.

#### 1.4 Ancoragens de interações por vínculos de temporalidade

Até aqui o leitor deve ter notado a tentativa de aproximar os aspectos analíticos das interações mediatizadas em grupo entre os estudos goffmanianos em torno dos quadros de experiência e os enquadramentos temáticos da corrente da figuração comunicativa. Foram pontuados três níveis mensuráveis de vínculos de uma determinada constelação de atores de uma interação a quadros de relevância pela perspectiva de marcadores (parênteses) ancoráveis no cruzamento de dados quantitativos e qualitativos: i) Nível de Efervescência da Interação; ii) Nível de Modelagem da Interação; e iii) Nível de Reconhecimento na Interação. Esta subseção se aterá à quarta e última proposta em ver nos processos de ancoragens pontos de contraste entre a comunicação *face a face mediatizada* em grupo: o iv) Nível de Temporalidade na Interação.

Antes dos argumentos e das análises a serem apresentadas, é importante fazer uma observação acerca da importância dos vetores analíticos focalizados às marcações de ancoragens dos estudos dos quadros de interação e das limitações que esta tese não se aprofundou sobre a perspectiva geral da proposta de Erving Goffman em *Frame Analysis*. As delimitações temporais acerca de *frames* aferidas nos momentos de ancoragens permitem marcações precisas acerca das representações por laminações e maquinações dos jogos figurativos incorporados pelos atores de uma interação verbal, escrita, narrada e mediatizada. Goffman pontuou nas representações cinematográficas e televisivas elementos fabricáveis próximos à comunicação *face a face* do cotidiano. Esta deixa levou a se ampliar nas interações figurativas a proposta até aqui defendida e contextualizada em grupos informais da *política mídia*. Sem embargo, para além das ancoragens, três outros aspectos da construção das análises de *frames* não foram e nem serão aqui explorados, merecendo uma atenção futura: as funções desempenhadas por atores de uma interação, a noção de canais de atividades como pistas da constituição de quadros e os estatutos de participação dos atores. Acredita-se que para melhor explorar a concepção de constelação de atores acerca da figuração comunicativa, estas três vias de análises, em estudos futuros, permitirão enriquecer os Estudos da Mídia nas leituras empíricas sobre a interação em grupos mediatizados. Se as ancoragens predizem as aberturas e encerramentos da temporalidade sequencial da interação, os estatutos de participação, os canais de atividades e as funções da constelação de atores em uma interação permitem aprofundar melhor os componentes de um *frame*.

Os estatutos de participação, pelo seu conjunto de regras e simbolização incorporadas pelos atores, permitem um entendimento de como as subjetivadas individuais se lastram à cena do jogo. As capacidades e privilégios que os participantes de uma interação possuem podem ratificar sua figuração na atividade desempenhada pelas diferenciações na participação de maneira secreta ou colusória. A subjetividade emergida na relação entre a interação e as condições estruturais e processuais organizadoras do quadro é um exemplo fecundo a ser aplicado aos ambientes nos quais as funcionalidades técnicas sobrepõem-se como dispositivos de enunciado. Os acontecimentos sequenciados temporalmente são arranjos da articulação estruturante na interação, bem como a espacialidade que envolve os atores de um quadro. “Um bate-papo a dois mantido num lugar retirado implica, numa primeira análise, um pleno compartilhar do estatuto de participação ratificado em sobreposto a isso, um intercâmbio entre os papéis de falante e de receptor.” (GOFFMAN, 2012a, p. 678). O papel do falante ou receptor da cena merece ser explorado com maior fecundidade no interior da constituição estatutária de uma constelação de atores imbricável às condições estruturais e processuais da atividade comunicativa mediatizada.

Aos participantes de boa-fé, ou seja, dos que aceitam em sua figuração no jogo enquadrado tematicamente de literalidade da atividade que nela se colocam, às pistas ou canais de atividade principal quatro outras subordinadas chamam atenção para vértice de análise mais ampla sobre os quadros a respeito dos canais de atividades. i) Canais direcionais que mesmo sendo uma das pistas principais para o desenrolar de um uma atividade de interação são exemplificadas como evidência que podem ser excluídas quando as interações são transcritas, a exemplo das pontuações utilizadas pelos participantes ; ii) Canais de sobreposição que “ao contrário das dicas [pistas] direcionais, contudo, elas não fazem nenhuma referência à trama narrativa e ilustram assim, da maneira mais clara possível, como a atenção (e a cognição) pode ser dividida em mais duas” (GOFFMAN, 2012a, p. 270); exemplificando as “mensagens impressas que desfilam na parte inferior ou superior da tela da televisão ou do cinema [...]” (GOFFMAN, 2012a, p. 270); iii) Os canais de desatenção, aonde os apartes gestuais imperam como sinal ignorado no decorrer da interação; e iv) Canais ocultos de colusões entre participantes que em uma interação juntamente com outros atores, apostam nas troca secreta de sinais, forma de comunicação não percebida pelos demais. Aos exemplos dos canais de atividades, principais, direcionais, sobrepostos e de ocultação, a importâncias dos gestos de expressão são fundamentais e, até aqui, o que fazem distinguir-se das evidências de comunicação em grupo mediatizadas. A gestão de elementos expressivos, como pistas diretivas

ou ocultas, permite considerar em ambiente de interação o espaço propício para a manipulação, maquinação e laminação dos participantes como figuras em cena. As gargalhadas, os sinais de pontuação, diversificação de símbolos de expressão, como os *emojis*, as pausas e o silêncio, podem contextualizar em um grupo mediatizado artifícios empíricos propícios para comparação com as pistas de atividades da comunicação cotidiana empreendida por Goffman.

As expressões corporais em uma interação mediatizada existem tanto quanto em uma comunicação face a face. Aceno de cabeça, contatos visuais, movimento para frente, para trás, mudanças posturais, movimento das sobrancelhas e um conjunto de ativos não verbais em uma interação um com um, ou um com outros, mediatizados pelos aplicativos de comunicação instantânea, fazem parte da cena. Estes podem ser claramente vistos quando a disponibilidade técnica de uma conferência em vídeo é acionada, mas também quando estas não são possibilitadas.

Em um grupo mediatizado, o envolvimento das pessoas pela gestão corporal é obviamente existente e mensurável. Mesmo que o outro não distinga o corpo alheio, as funcionalidades incrementadas na rede simbólica do jogo de troca de *emojis*, *stickers*, *gifs*, *memes* etc. são elementos que, na esfera dos anúncios das ancoragens e nas funções dos quadros, são colocados. Cada vez mais, tem-se visto a evolução dos aparatos de mimeses de expressões corporais desencadearem o desenrolar da interação. As expressões mediatizadas mobilizadas da situação existem não apenas por meio de uma troca de vídeo em tempo real. Distantes e longe da sincronia tempo-espaço, se verá nos próximos anos nas interações em grupos elementos tão concretos do encontro ocasional de esquina. Os departamentos de pesquisa e desenvolvimento das firmas informacionais reconstróem à velocidade dos encontros de esquinas a mimese do palco face a face. Por estas funcionalidades, que aqui foram apenas pontuadas no existente na subseção anterior, as funções da constelação de atores em grupo podem ser aprimoradas em um momento oportuno futuro, mas vale destacar que funções principais, animadoras, estrategistas e figuras são as quatro pontuadas por Goffman como possibilidades que as pessoas assumem nas trocas de expressões corporais em uma interação. A função cognitiva de diagnóstico pode ser desempenhada por um comitê ou por um computador.

“A manipulação pode ser feita por terceiros em resposta a comandos de voz, ou por um dispositivo elétrico ou pela própria figura no caso de partidas com pessoas reais num pátio” (GOFFMAN, 2012a, p. 681). Tomando o jogo de xadrez como recorte detectável de funções assumidas nos jogos cotidianos, Goffman permite ampliar o argumento de que a máquina, ator

oculto que se alimentam com informações nas interações em grupo mediados, também assume uma função nas trocas de expressão que mimetizam o corpo. Não obstante, o papel dos quadros analíticos das funções desempenhadas na interação em grupo, dos canais de atividades e dos estatutos de participação de uma constelação de atores ao centro de um grupo mediado, o retorno às ancoragens marcadas por parênteses é fundamental para começar a tecer conclusões acerca dos enquadramentos temáticos como vetores de vínculos de um grupo.

Nas interações mediadas em grupos, os parênteses de temporalidade, na concepção de seu pleno esvaziamento, são ancoragens empíricas para observar as consecutivas quebras e continuações dos quadros de interação. O ritmo do grupo é mediado pelas constâncias das pausas, da insistência de fazer presente a linearidade interrompida por parênteses externos. Atividades fora do quadro, rupturas de quadros e a concepção de fabricação de experiências negativas podem ser elementos causais a qual a temporalidade marcada seja um espaço propício para estes deslocamentos da ordem plena sequencial da interação. O esvaziamento das ancoragens na inconstância ou na findagem do silêncio é o ponto de arbitragem a que se gostaria de ater, trazendo a composição de enquadramentos temáticos a serem aprofundados pelas figurações comunicativas. É no vazio conceituado por um estágio de latência que o argumento de aproximar os elementos analíticos da construção de *frames* da comunicação face a face contrastadas à mediada em grupo se concebe.

Um grupo mediado constitui-se de um acervo pleno para a organização de experiência de sujeitos envolvidos em uma representação pura interativa. Sim, defende-se que em um grupo informal da *política mídia*, a constituição em si dos vínculos que ajudam a incorporação de papéis a serem empreendidos, exemplifica a denominada representação pura de Goffman, “visto que as competições e os roteiros dramáticos possuem parênteses nítidos – tanto temporais quanto espaciais (...)” (GOFFMAN, 2012a, p. 475). Pelas ancoragens padronizáveis, estruturadoras de *frames* temáticos, a mais pura das interações em ambientes mediados por processamento computacional são entendidas por outros elementos ancoráveis ainda não explorados nos grupos informais da *política mídia*. O descolamento do tempo e do espaço, a distância do jogo facial do olho no olho e da sincronia temporal de corpos presentes são argumentos que fazem cindir a interação face a face de uma mediada em grupo. Mas o que até aqui se mostra é a alegação de que a mimese da linguagem das funcionalidades dos dispositivos técnicos aproxima as duas realidades. Os argumentos de que a não sinergia entre espaço e tempo, aos quais os dispositivos do enunciado estejam afetados e diferenciados pela técnica, não fazem sentido quando um enquadramento temático de *frames* está no centro da

questão acerca das ancoragens. As ancoragens no uso de seus parênteses internos, as linhas personagem-plateia fixadas pela comunicação direta, as fórmulas papel-personagem, pela roupagem da pessoa-papel, e espetáculo-jogo, palco da cena dos surrealistas encontram nas experiências da interação este argumento primeiro de que a sequência temporal, sendo o cerne de qualquer tipo de interação, une as duas realidades pontuadas. O tempo e o espaço distanciados nos argumentos dos separatistas da comunicação face a face *versus* a mediatizada olvidam a empírica realidade dos grupos como laço da representação pura de uma experiência tencionada pela sequência de fala e representação de falas. Explica-se.

Um grupo com pessoas que se comunicam face a face é tão igual a um grupo que mediatiza experiências por dispositivos técnicos, não apenas porque ambos estão centrados na linguagem humana e na linguagem mimética humana pelas máquinas. As atividades fora do quadro, as rupturas de quadros e as fabricações das experiências negativas às ancoragens de enquadramentos temáticos são seus principiáveis elos habitadas pela consideração de uma ordem sequencial temporal. Assim como uma ruptura de um quadro, que pode resultar no desmanche total de um grupo mediatizado, ou uma despedida final do olhar penetrado da face, que culmina nos parênteses do “adeus”, as experiências negativas na ordem de sequência unem o tempo e o espaço em torno de um esvaziamento.

E é no esvaziamento do tempo e do espaço da interação *face a face mediatizada* que a ordem da sequência se encontra. É no esvaziamento de uma interação em grupo que o esvaziamento de uma conversão direcional que o vazio é elo entre as duas realidades comunicacionais. Só há interação se houver sequência temporal; presencial de dois ou mais corpos humanos agindo comunicativamente ou dois ou mais corpos distantes na tela de René Magritte. Com a mídia da linguagem dos humanos ou com a mídia dos humanos, a linguagem técnica, o tempo e o espaço se encontram; ou se desencontram por inteiro. Com ou sem a ordem da sequência falada, escrita, digitada, gravada, simbolizada ou gesticulada.

É no vazio. Na ausência de forma, a sequência morre e se resvala à ordem da constituição dos quadros, das atividades fora deles, de suas rupturas e da fabricação de experiências com a interação, negativas ou positivas. Portanto, é no silêncio, “presentificado” pela pausa, curta, curtíssima, média, longa ou longuíssima que o vazio se torna forma. O vazio do silêncio é o artifício empírico de maior nivelamento das experiências em um grupo que interage pela mídia dispositivo técnico e pela mídia dispositivo linguagem. A falta ou a plena sequência da linguagem torna pungente a experiência dos atores. Michel Bitbol (1998 *apud* CANELAS NETO, 2013) propõe um novo conceito de vazio inspirado na concepção oriental,

crendo em potencialidades criativas, não construído pelo saber ocidental que se apresenta não como um espaço que deva ser preenchido, mas sim por sua construção em torno de um espaço de latência, habitado potencialmente por sentidos iminentes a serem postos em forma (CANELAS NETO, 2007).

Destarte, é na ancoragem do esvaziamento como espaço latente que o silêncio e a pausa se tornam parênteses internos de interação empíricos, que o quarto vértice desta análise se justifica ratificando o indicador de vínculos de temporalidade em grupo informal da *política mídia*. “E porque aquilo que fazem tem um efeito de enquadramento, estruturando (ou reestruturando dramaticamente) o que veio antes ou virá depois, a mais silenciosa inexistência neste caso pode ser ouvida como ruidosa.” (GOFFMAN, 2012a, p. 270). Sob este prisma, considera-se um especial olhar aos momentos de pausas prolongadas, silêncios e interruptivas sequências como uma quarta ancoragens para dimensionar os enquadramentos temáticos da constelação de atores.

Voltando para o dia 24 de setembro. Olha... é difícil detectar tonalizações de “faz de conta”. Mas, talvez no exemplo de competição que falamos abaixo, uma conversa permeada a principal pontuada denote algo parecido.

Quando Magritte falou sobre o ingresso na HackBrazil, Chagall não participou daquela interação. Estava atento ao *donuts*. Postou uma foto 22 minutos depois de Magritte. E mais outra foto menos de dez minutos depois da primeira postagem. Não houve referência direta ou indireta uma a outra. Isso seria uma tonalidade “faz de conta”? Diz-se, o silêncio... poderia ser um indício desse enquadramento? Breton, como se expressou abaixo, foi o que mais se colocou com o fato de Magritte. Aqui seria uma oposição ao “fazer de conta”? Talvez não necessariamente... Crê-se que a concepção de “fazer de conta” poderia ser mais bem visto com uma expressão mínima oficializada. Em outros dias de observação isso foi mais notado. A exemplo de quando estavam em Detroit alguns participantes dormiam na apresentação, mesmo de corpo presente. O registro daquele momento, torna “oficialmente” um faz de conta... (DIÁRIO ABERTO, 24/09/18).

#### **A neve do silêncio**

**10/10/18**

Somente vinte mensagens trocadas. O silêncio imperou no grupo. Talvez eles estejam muito envolvidos nos trabalhos. Ou em outros grupos. Vale aprofundar.

Ray aparecia mais. Pelo menos iniciara os debates. Breton ainda ativo, mas bem menos que em outros dias. Ernst se encantava com a neve. A neve é amiga do silêncio. Magritte apareceu rapidamente encanta com a neve. Com o silêncio. Percebi hoje que a dinâmica dos grupos realmente segue a instantaneidade da ocasião em comum. Há uma grande possibilidade de eles estarem interagindo os outros ambientes. Do dia 14 para cá, creio que o pico já alcançou seu limite. E somente em encontros pessoais ou lugares-comuns a mesma dinâmica se assemelhe às do início da Observação. (DIÁRIO ABERTO, 10/10/18).

As duas citações oriundas do diário de observação pontuam a primeira evidência que diagnostica no silêncio dos intervalos uma vertente de vínculo de temporalidade de uma interação em grupo midiaticizada. O escrito do dia 24 de setembro de 2018 foi feito no final do período de observação, não sincrônico às interações observadas. A maturidade com a teoria trabalhada contextualizava o entendimento de Goffman acerca dos tipos de esquemas primários de uma interação. Funções de brincadeiras, jocosidades, devaneios e roteiros dramáticos entre os participantes de um quadro são exemplos do que o autor entende como o “faz de conta” das ações enquadráveis. São exemplos de tonalidade e elos de interdependência em uma interação nas tarefas de representar e condensar as laminações transformáveis de uma atividade encenada literalmente. Naquele dia, observando o início da trama do grupo informal da *política mídia*, o silêncio ainda se compunha como um enigma. Ao entendimento presente, os intervalos curtos e longos, sintetizados nos silêncios, podem ser tangenciados a enquadramentos temáticos que evidenciem i) uma fonte de envolvimento da constelação de atores no quadro o qual estão emergidos; ii) uma ruptura do quadro, literal ou parcial; e iii) um arranjo de desatenção dos atos internos da interação pelo foco ao externo fora do quadro.

No diário do dia 10/10/18, próximo ao desfecho à imersão dos EUA do programa diplomático, as duas últimas evidências apontadas já eram perceptíveis: “Há uma grande possibilidade de eles estarem interagindo em outros ambientes.” (DIÁRIO ABERTO, 10/10/18, editado pelo autor). Se o objetivo da subseção fosse diagnosticar elementos dos canais de atividades de uma interação pela ordem de temporalidade sequencial dos intervalos longos e curtos, de silêncio, ter-se-ia um aparato de evidências quantitativas rastreáveis ao campo de análise. Como as ancoragens, os delimitadores de entradas e saídas dos quadros são o foco desta seção. Demonstra-se na Figura 12 que pontuações, *emojis*/símbolos, risos, números e caracteres de texto são elementos que precedem ou sucedem o silêncio dos participantes e a forma de interação temporalizada na sequência.

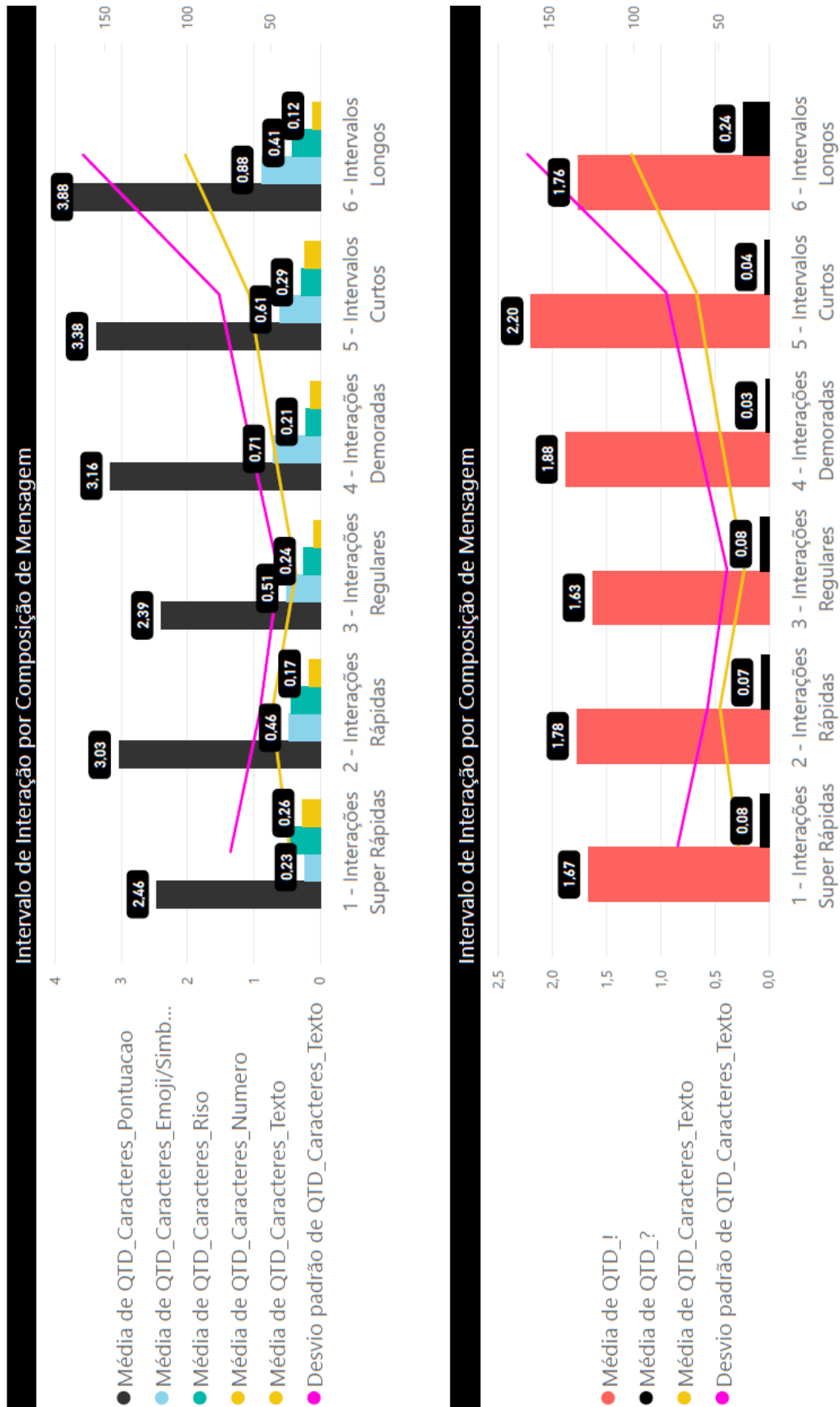


Figura 12 – *Dashboard* sobre Intervalo de Interação por Composição de Mensagem  
 Fonte: Elaborado pelo autor no *software* Power.BI.

O *dashboard* da Figura 12 mensura o papel do silêncio pelos intervalos curtos e longos e das pausas, categorizando as mensagens trocadas em todos os períodos de observação do grupo em interações “super-rápidas”, “rápidas”, “regulares” e “demoradas”. As médias sobre a quantidade de caracteres de pontuação, caracteres de *emojis*/símbolo, caracteres de risos, caracteres de números e caracteres de texto também foram contrastadas no quadrante superior da Figura 12. Observa-se uma padronização destes componentes de mensagens quando os tipos de interação e de intervalos são simulados; mas, afere-se que nas interações “super-rápidas” há um maior domínio dos caracteres de riso e nos “intervalos longos”, um maior domínio sobre os *emojis*/símbolos. Nos intervalos longos, ou seja, no que se definiu como momentos de silêncio, a presença do sinal de interrogação “?” sobressai-se às outras categorias. O desvio-padrão da quantidade de caracteres de texto também é maior nesta categoria de silêncio. Ou se fala (digita) muito mais ou muito menos próximo ao silenciar. Em momentos de silêncio mais curtos, de “intervalos curtos”, a exclamação “!” tem maior média. Pergunta-se mais nas ancoragens que antecedem momentos de silêncio maior. Afirma-se mais nas ancoragens que antecedem ou sucedem silêncio menor.

Quando os componentes de uma mensagem são esmiuçados nas categorias que exemplificam a temporalidade da interação, algumas observações podem ser entendidas. Nos intervalos longos, as imagens, juntamente com os *links* e as risadas, são parênteses importantes no jogo de interação. Nos “intervalos curtos”, além das imagens, os *emojis* e as risadas, respectivamente, estão na ordem de maior frequência de uso, arquivos anexos como documentos também aparecem como significativos. A partir das interações demoradas, o padrão se inverte quando há frequência dos primeiros componentes de uma mensagem. *Emojis* colocam-se como maior uso que as imagens trocadas quando as categorias de interações “demoradas”, “regulares” e “rápidas” são contrastadas. Isso é intensificado nas interações rápidas. Nas interações “super-rápidas”, as risadas são os elementos mais usados entre os atores do grupo estudado. A Figura 13 destaca os elementos que compõem uma mensagem quando combinadas as categorias que destacam o uso do silêncio ou das pausas da interação.

Os elementos categorizados na legenda da Figura 13, presentes no cálculo de quantidade de caracteres líquidos e de texto, merecem um aprofundamento mais qualitativo acerca da utilização destes elementos que compõem uma mensagem em uma constelação de atores que interagem em grupo. Uma vez sinalizada, a importância analítica do vínculo temporal, esta tese não se debruçará sobre esta percepção.

É um desafio mensurar em um grupo com mais de 12 mil mensagens trocadas os vieses dos membros participantes sobre os usos das imagens, *gifs*, *emojis*, *sticker* ou qualquer outro componente de uma mensagem. Para uma firma informacional que domina e controla a técnica mimetizadora da linguagem face a face, a exemplo do WhatsApp, mensurar qualitativamente a utilização destas formas de comunicação é uma aguilhada sem fim. Possivelmente, o filtro quantitativo e a estipulação de padrões dos elementos mais, médio e menos utilizados impulsiona as pesquisas de mercado mais qualitativas, como a criação de grupos focais e entrevistas em profundidades com participantes. A tese não foi dedicada à utilização destas metodologias de pesquisas, que por certo poderiam oferecer alguns *insights*. A principal etapa que guiou o olhar quanti e quali deu-se pela observação nos dias de imersão no grupo. O silêncio, a pausa prolongada, tal qual Yerka (a participante que não pode participar por programa diplomático pelo fato de ter filho de colo) são exemplos de envaziamentos indecifráveis que as mais desvoltas análises padronizáveis de quando quantidade de dados (*big data*) demorarão a chegar. Um pontapé há de ser dado. Não somente pelo mercado que já domina estas rotinas de investigação, mas pelos Estudos da Mídia que no silêncio dos grupos calou-se às dores do conteúdo de capas de revistas brasileiras.

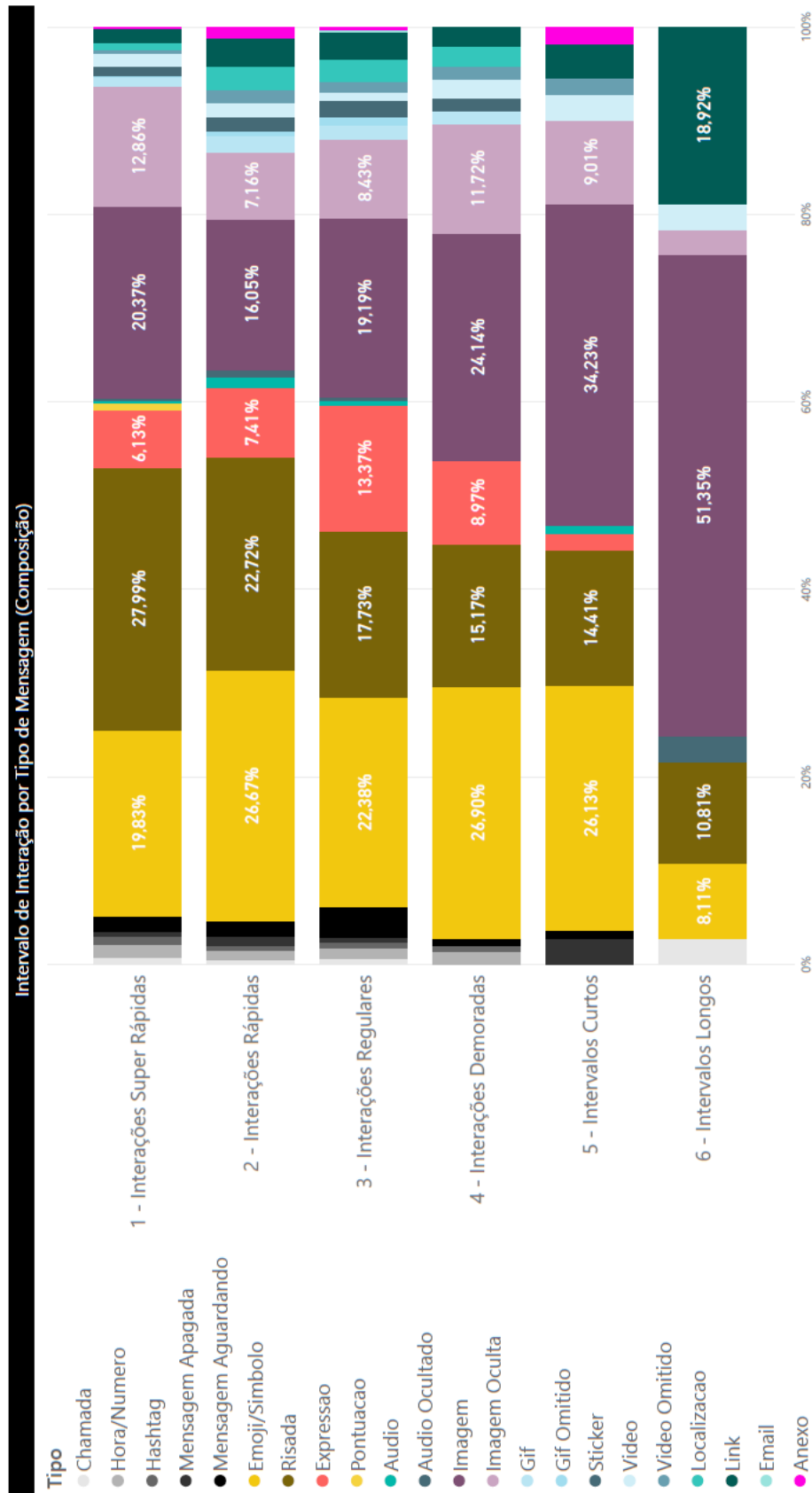


Figura 13 – *Dashboard* dos Elementos que Compõem uma Mensagem por Categoria de Temporalidade na Interação  
 Fonte: Elaborado pelo autor

Nos intervalos de interação, categorizada em silêncio ou pausas que denotam a velocidade temporal da sequência interativa, pelo prisma quantitativo, meses, dias da semana e horário também podem ser contrastados. Mais uma vez ratifica-se a dificuldade em dar dinâmica a esta folha de papel ou de *pixel* quando se refere a utilização dos *dashboards* como visualização de dados. Outrossim, a Figura 14 faz um comparativo importante das categorias de temporalidade previamente definidas com os dias da semana, meses e turno. De setembro de 2018 e abril de 2019, foi nas tardes das quintas-feiras que o grupo mais interagiu de forma super-rápida. Setembro e outubro de 2018 foram os meses de maior interação.

O silêncio habitou mais nas noites de terças de outubro de 2018. A *política mídia* nos meses de imersão às escolas de “*startup*” os cansavam. Isso em termos quantitativos em números reais. Proporcionalmente, fevereiro, o mês da entrega do corpo ao Carnaval, pontuou-se com maior percentagem de intervalos longos. Também este mês apresentou maior silêncio... quando se somam as proporções de interações regulares, demoradas e de intervalos curtos e longos. Excluindo setembro e outubro, meses de mergulho no EUA pelos participantes, e ainda olhando proporcionalmente, novembro e dezembro de 2018 foram os meses de interações super-rápidas. A dinâmica do uso de filhos pelo *dashboard* criado e estático na Figura 14 também releva que ao esvaziamento da *política mídia* na vida cotidiana dos atores surrealistas, participantes brasileiros do programa diplomático, o padrão de interação na ordem temporalizados da sequência inverteu-se. À medida que as experiências com a política mídia se esvaíram, os turnos e dias de semana modificaram-se. Observando as interações super-rápidas e rápidas, os meses de setembro e outubro de 2018 apresentaram quase que uniformidades de trocas de mensagens em todos os dias da semana. Esse padrão também é relativo às interações demoradas e regulares nestes meses.

A partir de novembro, o “despadrão”, o conflito da rotinização de interação dos participantes destoa dos meses de imersão. Ao comparar no viés proporcional nas mensagens trocadas por membro, isso se intensifica. Em abril de 2019, Ray interage mais por enquadramentos temáticos “super-rápidos” quando comparado na proporção dos outros membros. Masson, o membro do grupo que foi expulso do programa por sair do padrão de uma das regras criadas, torna-se o membro que mais interage de forma “super-rápida” em março e fevereiro de 2019. Em janeiro de 2019 é a vez de Picabia, conforme visto na Figura 13.

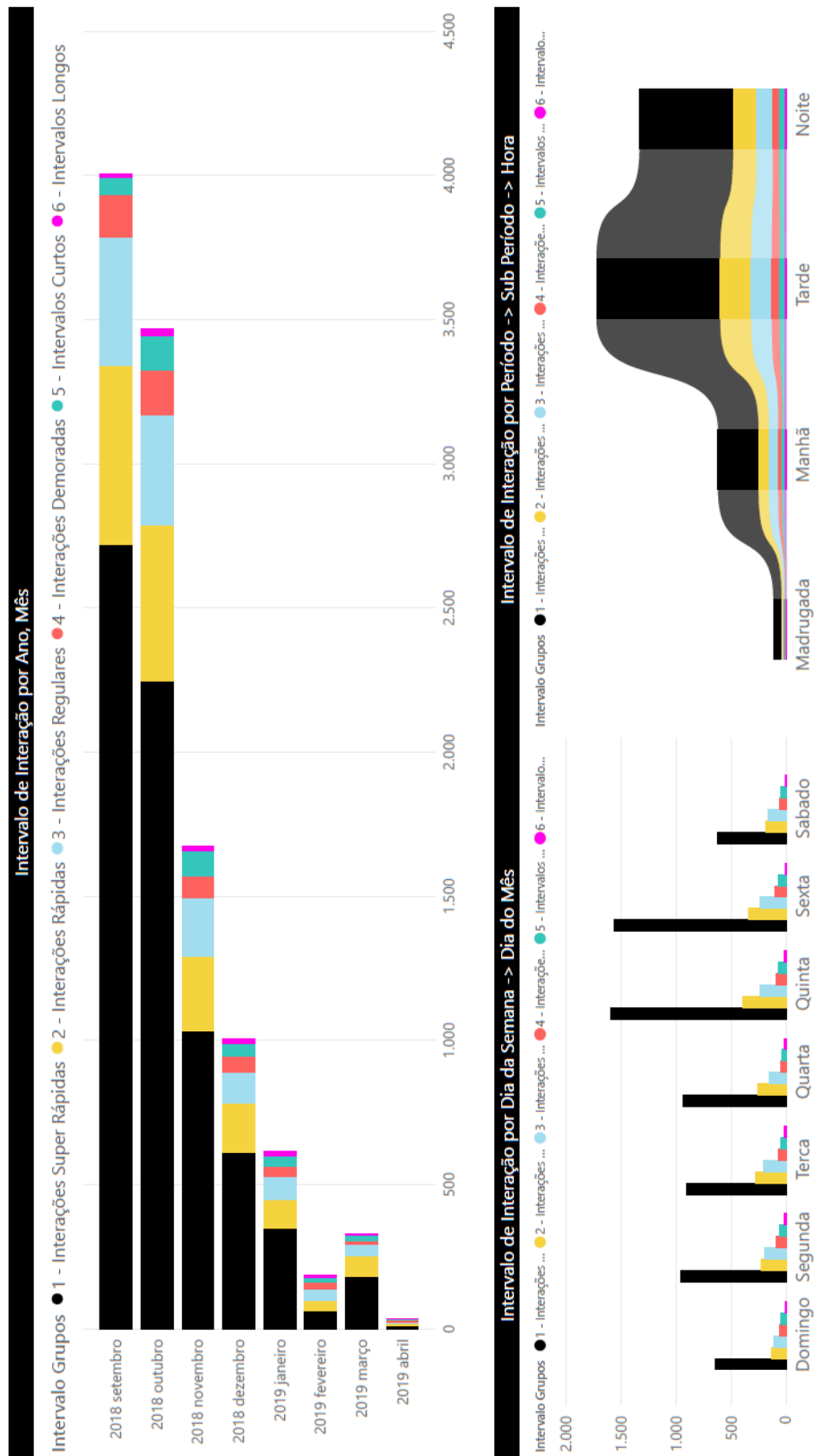


Figura 14 – Dashboard sobre Intervalo de Interação por Ano, Dia da Semana e Período do Dia

Fonte: Elaborado pelo autor no software Power BI.

Em números absolutos, Magritte, participante do grupo vitoriosa da competição final da política diplomática da terceira edição em 2018, tensionou enquadramentos temáticos “super-rápidos” após o desfecho de programa entre dezembro de 2018 a março de 2019. Ray puxou mais interações “super-rápidas” em abril de 2019. Nos meses de maior quantidade de interações do grupo, outubro e setembro de 2018, Breton, Ernst, Magritte, Ray e Duchamp lideravam as interações “super-rápidas”. Bacon competiu o quinto lugar com Picasso nestes meses.

Observando as interações “super-rápidas” na ordem do quantitativo geral das interações no grupo, Breton se comunicava mais às quintas e sextas feiras. Novembro foi o mês em que mais trocou mensagens nos quadros de interação “super rápidas”. Algo semelhante ocorreu com Magritte, que priorizou o mês de dezembro de 2018. O padrão se repete com Ernst. Ray agiu mais nas quintas e sextas de abril de 2019. Duchamp preferiu as sextas e quartas, novembro de 2018 foi o mês em que mais compartilhou informações em *frames* “super-rápidos”. Picasso, quintas e sextas de março de 2019. Assim como Klee, Kahlo, a informante que levou o autor ao grupo, priorizou as segundas e sextas de janeiro de 2019. Carrington o mesmo mês, só que às quintas e sextas. Estes dias da semana também foram os prediletos de Bacon, só que em setembro e outubro de 2018. Arp, às terças de abril de 2019. Giacometti, quintas e quarta de setembro. Chagall, quarta e sextas do mesmo mês. Dalí, sextas, quintas e um domingo relevante de outubro de 2018. Parecendo os enquadramentos de interações “super-rápidas” de Varo que trocou a quinta pela quarta, mas que também priorizou a sexta e o domingo. Chirico, terças, quarta e sextas de fevereiro de 2019. Tanguy, nas quintas e quartas de março. Picabia, quinta, terças e segundas de fevereiro. Kush só interagiu de forma “super-rápida” em setembro e outubro de 2019, tendo quase que uma uniformidade em todos os dias da semana. Masson, em março de 2019 e bem pouco em novembro de 2018 e menos ainda em setembro do mesmo ano; quartas, terças, segundas e domingos foram priorizados nas poucas pinceladas de interação. Yerka teve uma única interação dentro de *frames* “super-rápidos” em uma terça de setembro de 2019.

Não tendo como meta desenvolver pormenores de qualquer filtro das dinâmicas dos *dashboards* criados para triangulação da pesquisa, o que vale destacar são as inúmeras possibilidades de análise ao construir *corpus* de enquadramento temático sobre vínculo de temporalidade na interação no centro de uma constelação de atores. Este escopo é uma quarta possibilidade de se entender estratégias de ancoragem de interação dos atores proposto nesta subseção. Este olhar só foi possível com categorização dos conjuntos de mensagens dentro dos

seguintes parâmetros – já sinalizados em uma nota de rodapé desta subseção. Até 30 segundos: Interação Super Rápida. Entre 30 segundos e 1 minuto: Interação Rápida. Entre 1 minuto e 2 minutos: Interação Rápida. Entre 2 minutos e 5 minutos: Interação Regular. Entre 5 minutos e 10 minutos: Interação Regular. Entre 10 minutos e 15 minutos: Interação Demorada. Entre 15 minutos e 30 minutos: Interação Demorada. Entre 30 minutos e 1 hora: Intervalo Curto. Entre 1 hora e 2 horas: Intervalo Curto. Entre 2 horas e 3 horas: Intervalo Curto. Acima de 3 horas: Intervalo Longo.

Na Figura 15, a informação de intervalo de interação por membros do grupo foi feita por duas perspectivas, a quantitativa em números brutos de mensagens trocadas e pela proporcionalidade das categorias de temporalidade criadas. Um cruzamento mais preciso para também detectar variáveis de composição de uma mensagem que precedem ou sucedem estes pode ser feito pelo uso de filtros do *dashboard*. A exemplo da noção que Ernst, Ray e Duchamp eram os que utilizam mais *emojis* quando o enquadramento de interações “super-rápidas” foi lapidado. Breton, Magritte e Ernst são os quem mais riem quando o filtro risadas é escolhido no *dashboard* criado – contrastando as informações da Figura 13 e Figura 15. Magritte utilizou mais *stickers* (adesivos) nestes *frames*. Quem mais utilizou chamadas foram Ernst e Breton nas interações “super-rápidas”. Quem mais compartilhou áudio, vídeos e utilizou pontuações foi Breton neste espectro de análise. Breton e Magritte também utilizaram mais imagens se os “intervalos longos” foram olhados; no entanto, foi Ernst quem ficou na primeira posição dos usos de imagens em momentos nos quais o silêncio se anunciava. Inúmeras contraposições poderiam aqui ser arroladas ao único viés quantitativo; mas validar estas informações no diário de observação e ilustrar ao leitor alguns exemplos da composição de ancoragens por *frames* temporais torna-se mister. Transcreveu-se a íntegra, sem marcas de cortes com pequenas alterações gramaticais por erros de escritas ou digitação, do que foi escrito em referência ao dia 20 de setembro de 2018 no Diário Aberto.

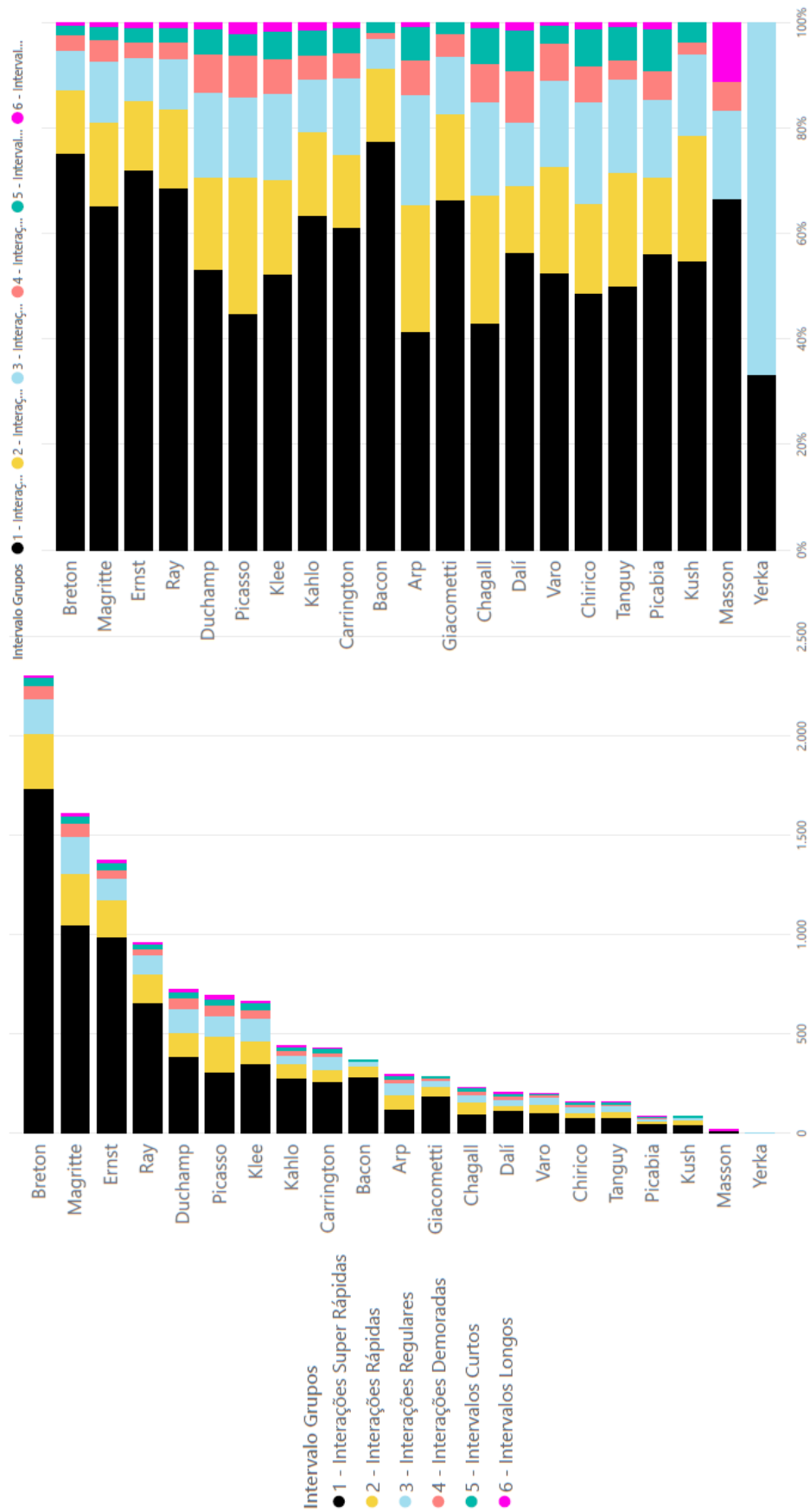


Figura 15 – Enquadramento Temático sobre Vínculo de Temporalidade na Interação  
 Fonte: Elaborado pelo autor no Power BI.

## Detroit

**20/09/18**

28 de março. 21h36. Amanhã irei para Natal. Será um dia importante para alinhar os procedimentos metodológicos que tenho tomado. A observação do segundo dia oficial nos EUA está sendo feito pelo laptop. Mais prático... selecionei mensagens que mais me chamaram atenção e estou tentando organizar em uma ordem que facilite o agrupamento delas para uma leitura futura.

Tenho estado muito atento as leves brincadeiras no grupo, são fortes os indícios que pequenos subgrupos estavam permeados no informal oficial de nossa pesquisa. Fui surpreendido pelo por algumas ocorrências importantes para nossa tese quanto a redes oficiais utilizadas pelo Filho do Homem. [continua...] (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18, grifou-se)

Decerto, nestes exemplos o objetivo em ilustrar enquadramentos temáticos compostos por ancoragens de vínculos de temporalidade ficará mais lúcido reforçando a importância da triangulação da pesquisa. O leitor notará que no diário atemporalmente escrito no dia 28 de março de 2019 (sobre o dia 20 de setembro de 2018), por uma maior maturidade ao jogo da observação participante oculta e pelo adensamento teórico da análise de quadros goffmanianas e sobre a figuração comunicativa, tentou-se fazer marcar enquadramentos temáticos das mensagens trocadas nestes dias. O tentame posto coloca o ponto problemático da tese em questão.

Como fazer marcações fecundas recortadas por *frames* de relevância fugindo do achismo intuitivo da observação do “selecionei mensagens que mais me chamaram atenção”? No paradigma da grande quantidade de dados, urgentes aos Estudos da Mídia, como contrastar a observação do pesquisador com os mecanismos exigíveis para a amplitude das interações tencionadas em uma constelação de atores? Como não perder o foco nas questões de literalidade do “O que está acontecendo aqui?” ou “Em que circunstância pensamos que as coisas são reais?”, se somente a intuição de um sujeito observador entra no domínio do entendimento da realidade de Outros? Estas e outras questões foram exemplos do que surgia no momento da escrita do diário. E podem ser respondidas à medida que o trabalho exercitado desta tese encontre diferentes objetos de investigação mais concretos e menos abstratos às regras de normalização.

A hipótese que impera nesta seção, repete-se, é a de que as funcionalidades técnicas de representação de escrita, fala e gestos, pela interação midiaticizada, simbolizam as intenções e emoções, forjam as representações dos atores e roteirizam as narrativas de um grupo em uma rede informal da *política mídia*. Que mimeses são dispostas às funcionalidades técnicas interativas ancorando marcadores de temporalidade? Como os vínculos temáticos marcados

pelo tempo da interação da constelação de atores podem ser extraídos a partir da observação em campo contratadas a gama quantitativa? A partir daqui, o leitor também notará que a tentativa de fazer enquadramentos temáticos movido ao achismo culminou na categorização e organização das mensagens de forma aleatória, mas nem tanto. Já no diário, a temporalidade da interação entrou no domínio dos *frames* narrados na sequência por títulos semelhantes aos capítulos das novelas latinas: Primeiros ganchos para interação; A roupa oficial pro café da manhã; Já já a hora chega; O primeiro anúncio; A foto oficial, A Festa; *Política mídia* e Brincadeiras. Parto para o primeiro *frame* detectado no diário.

[continua...]

*Primeiros ganchos para interação*

[07:21, 20/9/2018] Picasso: Bom dia!! Acordados? ☹☹

[07:26, 20/9/2018] Magritte: Bom dia!!!

[07:26, 20/9/2018] Magritte: Acordei tb

[07:26, 20/9/2018] Magritte: Minha roomtae botou o cel pra despertar cedo”

[07:40, 20/9/2018] Ray: Eu acordo 5:30 automático e aqui é o mesmo horário de Manaus [continua...] (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18, grifo do autor).

Além do texto que esta tese considera como caracteres de texto ou líquidos, arcabouço a ser explorado em ferramentas linguísticas, os pontos de exclamação e interrogação e o *emoji* “☹☹” foram utilizados como o primeiro planeamento entre uma interação regular e interação demorada. O *frame* iniciou com Picasso, e pelo recorte feito no diário, finalizou com os números de Ray, marcando o horário do canto do galo no segundo dia nos EUA. O segundo quadro marcou-se por “interação rápidas”:

[continua...]

*A roupa oficial pro café da manhã*

[08:14, 20/9/2018] Tanguy: Galera, hj é pra ir pique empresário?

[08:15, 20/9/2018] Breton: Não precisa ir todo empresário

[08:15, 20/9/2018] Breton: Hj é pra ir de estagiário de confiança do empresário hauahaua

[08:17, 20/9/2018] Tanguy: Kkkkk pra mim isso aí já é totalmente formal hehehee

[08:18, 20/9/2018] Ernst: Eu tava planejando cafe, depois academia pra depois me arrumar haha

[08:18, 20/9/2018] Breton: Pq o evento de fato começa às 9h

[08:18, 20/9/2018] Breton: Mas como a primeira impressão é a que fica eu já vou descer arrumado

[08:19, 20/9/2018] Breton: Estou me arrumando. Já já eu desço

[08:19, 20/9/2018] Breton: [Ray], o pessoal tá de blaser aí?

[08:20, 20/9/2018] Carrington: Eu nao tenho nem blazer

[08:20, 20/9/2018] Ray: Gente

[08:20, 20/9/2018] Ray: Venham vestidos  
[08:20, 20/9/2018] Ray: E será lindo  
[09:18, 20/9/2018] Kahlo: Nossa o clima tá cruel  
[continua...] (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18, grifou-se).

No segundo *frame*, destacado por interações rápidas, de um a dois minutos, houve maior envolvimento entre o número de participantes. As risadas, em suas diferentes formas de expressão (“hauhaua”, “hehehee”, “Kkkkk”, “haha”). Kahlo introduziu um imperceptível quadro dentro da categoria de intervalo curto, em que somente os caracteres de texto imperavam. Destaca-se a importância das risadas como nível de modelagem das ancoragens midiáticas. Permita que se amplie este entendimento contrastando o que foi outrora defendido ao nível de temporalidade das ancoragens.

Setembro foi o período em que ocorreu maior quantidade de risadas. No escrito do diário, Tanguy, Ernst e Breton manifestaram suas risadas de variadas formas. No presente, o dispositivo de mediação das experiências com a *política mídia* permite a manifestação de risadas por meio de texto, imagens, vídeos ou áudio (sem se prender a qualquer sobrenome que estas categorias recebam). Os atores priorizam manifestar suas risotas por meio de texto. Por certo, à medida que as funcionalidades técnicas incorporem outros artifícios que mimetizem a linguagem humana, em um futuro, o textual possivelmente não será a base simbólica destas expressões. Para a tese, esta laminação pertence ao cálculo da quantidade de caracteres de texto. É importante observar na Figura 16, recortada apenas no período de setembro de 2018, à qual o diário se referiu, que a média de risos de Tanguy e a quantidade bruta de risos de Breton (1º membro que mais ri) e Ernst (3º, depois de Magritte) são os destaques do *dashboard*, bem como o quadrante inferior que reflete o período do dia com maior quantidade. Por mais que as noites fossem preferidas para interações rápidas, não se pode excluir acontecimentos que marcaram as manhãs, a exemplo do *frame* sobre as dúvidas relativas à vestimenta para um dos eventos oficiais da *política mídia*.



[continua...]

*Já já a hora chega*

[intervalo curto, visto na mensagem continuada na citação anterior]

[09:58, 20/9/2018] Kahlo: Gente

[09:58, 20/9/2018] Kahlo: Onde é a conferência

[09:58, 20/9/2018] Ray: Venham pra bandeira

[09:58, 20/9/2018] Ray: Ahhhh

[09:59, 20/9/2018] Ray: Depois então

[09:59, 20/9/2018] Bacon: Mesmo lugar do café da manhã” [resposta direta à Kahlo]

[11:14, 20/9/2018] Ernst: Gente o Uber não tem desconto nenhum? Hahaha

[11:14, 20/9/2018] Ernst: Pelo que vi é só pra ensinar a gente a instalar o app

[11:14, 20/9/2018] Ernst: Haahhahaah

[continua...] (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18, grifou-se).

Depois dos quarenta minutos do segundo para o terceiro *frame*, a próxima interação puxada por Kahlo foi curta e ancorada por um intervalo curto de pouco mais de quarenta minutos. Os intervalos, anunciadores de silêncio, são âncoras para o sequencial enquadramento temático. Isso também ocorreu no fechamento do quadro, quando Ernst ficou solitário entre o terceiro e o quarto *frame* que iniciaria tencionado pelo intervalo curto segundo de uma hora e quatorze minutos antecessores e mais de duas horas posteriores.

Por mais que as citações exemplificadas denotem um pouco a dinâmica da velocidade da interação, os *frames* aqui colocados foram provenientes do olhar de pesquisa no fazimento do Diário. A tentativa em triangular a experiência de campo com informações padronizáveis por angulagens quantitativas não abraça o todo retratado nas trocas de mensagens. Houve uma prévia seleção, no momento em que o diário se teceu, organizadora dos quadros pontuados em títulos (destacados em negrito em algumas das transcrições). À época, não se atentou para o fato de que aos elementos analíticos defendidos nas subseções anteriores desta tese. Ou seja, somente na triangulação exercitada aqui os componentes do cálculo de caracteres de texto e líquidos aparecem como marcadores auxiliares das ancoragens temporais. O exercício que se faz aqui é vincular isso às categorias de temporalidade das interações colocadas. Ainda no terceiro quadro, marcado pelo intervalo curto de Kahlo, uma súbita interação “super-rápida” colocou-a no centro do palco. Destaca-se também a importância das respostas diretas.

[continua...]

*O primeiro anúncio*

A primeira conferência deve ter começado por volta do meio-dia, no mesmo lugar do café da manhã do Hotel. Talvez isso tenha motivado Ray a postar um pdf com “phrasal verbs”. “[12:28, 20/9/2018] Ray: Pode ajudar :) [12:29, 20/9/2018] Ray: Pra quem quer investir um tempinho no vocabulário”. Nada parecia ser tão motivador: [12:41, 20/9/2018] Arp: Entendi pq o pessoal dormiu ano passado

[12:46, 20/9/2018] Kush: 🤪 essa parte tá um cadiiinho dormivel  
 [12:46, 20/9/2018] Bacon: Uhum  
 [12:46, 20/9/2018] Klee: Mto chata”  
 [12:47, 20/9/2018] Bacon: Olhem em volta  
 [12:47, 20/9/2018] Bacon: Tá todo mundo mexendo no celular haha. (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18).

Varo compartilhou um vídeo de Arp, praticamente dormindo, por volta das 13h. Giacometti demonstrou gostar do tema de algumas palestras no início da tarde. Breton levou um certo tom de ironia pelo ainda cansaço da manhã.

[14:47, 20/9/2018] Giacometti: alguém vai nessas plaestras de agora  
 [14:47, 20/9/2018] Giacometti: Alguns bons temas  
 [14:47, 20/9/2018] Giacometti: Vou descer”  
 [14:47, 20/9/2018] Breton: Não é obrigado? Kkkk  
 [14:47, 20/9/2018] Varo: vou descer tb  
 [14:47, 20/9/2018] Ernst: Mas não ia começar só as 3h30m”  
 [continua...] (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18).

O quarto quadro iniciou com um documento que Ray postou. Um elo, um *link* compartilhado no grupo, foi gancho para o início da conversa. Também era um *link*, por meio da postagem de uma fotografia, o vínculo de Magritte a uma interação “super-rápida”. Destaca-se que, no momento da interação midiaticizada, os participantes se encaravam face a face por estarem todos juntos em um evento oficial. Era a maior representação de uma interação *face a face midiaticizada*. O envio de fotos no *frame* pontuado abaixo, tanto foi gancho marcador para o início da aceleração do ciclo de interação, quando também freio para novas rodadas que viriam, ou seja, da presença de intervalos curtos e longos. Isso corrobora informações da Figura 13, que coloca a categoria “Fotos” como componentes de uma mensagem significativa tanto em momentos de interações mais rápidas e intervalos mais silenciados. Ao lado do primeiro marcador de Magritte, estava ao chamamento do @Fulano. “@Breton a foto oficial”. Próximo ao encerramento do quadro, Breton também demonstrou a presença das citações de nomes, bastante explorado na seção 1.3. “[16:13, 20/9/2018] Breton: @Dalí @Chagall @Magritte @Kahlo @Chirico @Picasso @Carrington”. Os intervalos longos e curtos também são marcadores pelos parênteses externos oriundos da experiência do dia específico em que os anúncios oficiais da política diplomática ocupavam a atenção dos participantes do grupo informal da *política mídia*. Também são externos, mas dentro do mesmo ambiente midiáticos os diferentes grupos que podem levar à desatenção ou mesmo à ruptura de um quadro de interação, como ocorreu com Bacon ao confundir os grupos nos instantes finais do quadro.

Sendo externos ao fluxo da interação, sendo parênteses externos, aqui não podem ser contemplados.

[continua...]

*A foto oficial*

Logo depois Magritte postou uma foto intitulando “a foto oficial” “[13:07, 20/9/2018] Magritte: @Breton a foto oficial [13:07, 20/9/2018] Magritte: Correee [13:08, 20/9/2018] Duchamp: corre” . Na foto apreciam Magritte, Ray e Duchamp. (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18, grifou-se).

Ray, Arp e Breton responderam estar chegando pra foto; mas, ela acabou ficando para depois do almoço.

[13:22, 20/9/2018] Carrington: Galera  
 [13:22, 20/9/2018] Carrington: Foto com a bandeira  
 [13:22, 20/9/2018] Carrington: Ou deixa pra depois?  
 [13:23, 20/9/2018] Picasso: Já estão almoçando aqui  
 [13:23, 20/9/2018] Carrington: 🍷  
 [13:23, 20/9/2018] Picasso: Vamos tirar logo após o almoço?  
 [13:23, 20/9/2018] Breton: Depois do almoço  
 [13:24, 20/9/2018] Breton: Pq a galera dispersou”  
 Minutos depois Breton anunciou o horário da “foto oficial”: “[14:16, 20/9/2018] Breton: [FOTO OFICIAL DO BRASIL] 13h40”. Giacometti questionou se seria mesmo oficial. Bacon questionou se seria coisa do Filho do Homem... Breton respondeu que uma moça havia pedido. “[14:18, 20/9/2018] Breton: iu pra gente tirar pra enviar pro YlaiNetworking”. Talvez ele estivesse se referindo a alguma rede social específica. Um pouco mais tarde Dalí perguntou se a foto não poderia ser um pouco mais tarde “[14:20, 20/9/2018] Dalí: kk foi foda [14:21, 20/9/2018] Dalí: bora tirar a foto brasil 15h 15h galera [14:21, 20/9/2018] Dalí: to trampante aqui no quarto”. Giacometti e Bacon não entenderam o verbo trampante. Confesso que até aqui, eu usava “trampando” ao invés de “trampante”. Mas a gíria não era cearense: “[14:21, 20/9/2018] Giacometti: Transplante? [14:21, 20/9/2018] Giacometti: Essa gíria de paulista.. haha [14:21, 20/9/2018] Bacon: Oq ele disse? [14:21, 20/9/2018] Dalí: Trampo (verbo), Trampante (gerúndio) [14:22, 20/9/2018] Dalí: hahaha gíria de paulista”. (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18).

A foto oficial demorou mais um pouco do que o imaginado. Breton entendeu que o mesmo horário que Dalí havia sugerido fosse melhor. Ele compartilhou uma foto da página do programa oficial com um horário destacado, que poderia ser uma brecha para a “foto oficial”. Bacon confundiu os grupos, mas não se entendeu o motivo, pois não se tinha detectado nenhuma “falha”, erro, ou mensagem apagada. A fala foi logo após Breton firmar o horário.

[14:35, 20/9/2018] Breton: a gente tira as 15h  
 [14:36, 20/9/2018] Giacometti: 👍  
 [14:38, 20/9/2018] Bacon: pqp  
 [14:38, 20/9/2018] Bacon: mandei no grupo errado  
 [14:38, 20/9/2018] Bacon: 🧑🏻♂️  
 [14:39, 20/9/2018] Breton: Eu sempre kakakaka

Minutos depois:

[14:40, 20/9/2018] Breton: FOTO OFICIAL BY: Social Media

Mais alguns minutos:

[16:09, 20/9/2018] Ernst: m logo  
 [16:11, 20/9/2018] Breton: VENHAM  
 [16:11, 20/9/2018] Breton: ESTAMOS AQUI ESPERANDO JÁ ESTOU  
 [16:11, 20/9/2018] Breton: Já tem 11 Fellows aqui  
 [16:13, 20/9/2018] Breton: @Dalí @Chagall @Magritte @Kahlo @Chirico @Picasso @Carrington”  
 A foto não foi postada no grupo, mas por voltas das 18h, Breton deu indícios de sua própria rede:  
 [18:07, 20/9/2018] Breton: Eu vou procurar o e-mail  
 [18:07, 20/9/2018] Breton: Chocado com o [Tanguy]  
 [21:31, 20/9/2018] Bacon: Puta que pariu  
 [21:31, 20/9/2018] Bacon: Só tô vendo isso agora  
 [21:31, 20/9/2018] Bacon: Hahahahaha  
 [21:31, 20/9/2018] Bacon: Seduzindo. (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18).

Parece que a proximidade face a face dos atores do grupo tencionava mais a colocação de chamadas de nome e de respostas diretas. O uso de respostas diretas firma os vínculos que foram trazidos até esta subsecção: i) Nível de Efervescência da Interação; ii) Nível de Modelagem da Interação; e iii) Nível de Reconhecimento na Interação. Estas são ratificadas pelos vínculos de iv) Nível de Temporalidade de uma interação quando as respostas diretas são colocadas à tona. A pesquisa sobre a funcionalidade de respostas diretas em mensagens, conforme ilustra a Figura 17, ainda é um desafio para esta tese. Não houve ferramentas automatizadas que identificassem “quem respondeu a quem”. No *software* Excel, no momento da mineração de dados, as respostas não ficaram separadas automaticamente, sendo referidos os emissores e receptores das mensagens que se utilizavam destas funcionalidades. O desafio de sistematizar e rastrear o “quem responde de forma direta a quem” foi tarefa do diário de observação.



Figura 17 – Uso da Funcionalidade de Respostas Diretas em uma Sequência de Interação Super Rápida.

Fonte: Acervo do autor.

Dando continuidade à integra do diário do dia 20 de setembro, que exemplifica as ancoragens de temporalidade como vínculos de uma constelação de atores, três últimos *frames* foram encontrados neste dia.

O quinto *frame* misturou-se a interações “regulares”, “rápidas” e “super-rápidas”. Acredita-se que este seja um dos padrões mais comuns de comunicação por qualquer dispositivo técnico que por si só mimetiza os encontros da esquina em que a mídia linguagem é o elo. Até o quinto quadro aqui pontuado, a “mística” da escrita científica colocou quase argumentos telenovelescos, fortes alguns e frágeis outros. Foi quase uma tentativa de padronizar o complexo. É estranho padronizar o complexo. O dito encerramento de quadro feito na citação abaixo não se relacionou em termos de conteúdo com a primeira parte da novela. Um deslumbrado infante nas leituras de análises da interação apontaria isso. Somente “ele-eu”. Como analisar uma conversa se não olhar para o conteúdo? Como elaborar uma tese que propõe

apenas um olhar instigante ao método, ao desafio da área a qual os Estudos da Mídia pretendem se alicerçar no Brasil, mas tão somente focado na pontuação de marcadores promovidos por funcionalidades técnicas?

[continua...]

*A Festa*

As festas para noite começaram também a ser planejadas no período da tarde. Giacometti e Varo se interessaram, além de Breton que ainda sentia cansaço.

“[13:31, 20/9/2018] Bacon: Gente

[13:31, 20/9/2018] Bacon: Ontem uma bartender nos indicou uma festa que tem hoje

[13:32, 20/9/2018] Breton: Onde?

[13:32, 20/9/2018] Breton: Eu to morrendo , mas to vivo”

13h37, Ernst tirou uma sequência de foto de Ray dando uma entrevista oficial para o Filho do Homem. Houve troca de elogias pela parte de Breton e Picasso.

[13:49, 20/9/2018] Breton: ❤️❤️😊

[13:49, 20/9/2018] Ray: Oun gente! Obrigada! Fiquei tao feliz que travei na hora de falar haha

[13:49, 20/9/2018] Ray: Deixa pra lá

[continua...] (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18, grifou-se).

Respostas feitas sem perguntas são tão iguais a perguntas feitas sem resposta. A *política mídia* aparecia quase que como uma obsessão no diário disponibilizado aos observadores-observadores, participantes da política diplomática. Este foi o sexto *frame* sinalizado no diário. A marcação temporal de uma interação “super-rápida” era pontuada pelo domínio do conteúdo, não alcançado nesta tese. A subseção terceira deste capítulo abordou que os repertórios de mídia poderiam ser ancoragens de mudanças temáticas, mudanças de *rounds*. Essas mudanças de *frames*, na lógica de uma interação mais rápida, introduzidas e finalizadas pela composição de outras mídias utilizadas na constelação de atores, foram destaques na heresia de categorizar uma realidade fractal, do complexo fluxo que é a organização de temas em um grupo midiaticado. A organização dos risos, das laminações e maquinações dos atores de uma interação são potenciais em qualquer velocidade da interação. Como poderia um padrão alcançar estas “fractanuancias”?

[continua...]

**Política Mídia**

O uso do LinkedIn foi detalhadamente pontuado por Giacometti. Existia uma forma rápida de se conectar à rede dos outros participantes que não a interação face a face. Bacon comprou a ideia e levantou um pouco que até então não estava tão claro na observação. O uso do APP do Filho do Homem. Valeria detalhar... Bacon sugeriu

divulgar a ideia pelo app oficial. Giacometti preferiu o anúncio do microfone. Na tentativa em ser proativo, acabou se frustrando com os organizadores... que parecem não dar a mínima.

[14:20, 20/9/2018] Giacometti: Dei uma ideia com @Dalí para o diretor...avisar pra todos ligarem o Bluetooth do linkedin la..daria para todos se adicionarem...maluco cagou na nossa cabeça..rs. ainda queria tentar isso”.

Bacon curtiu a forma de conexão por Bluetooth.

[14:22, 20/9/2018] Bacon: Pq é excelente o lance do bluetooth

[14:22, 20/9/2018] Giacometti: Seria legal pois nao podemos falar com todos em 2 dias

[14:22, 20/9/2018] Giacometti: E fica na rede online pelo menos

[14:22, 20/9/2018] Bacon: Aham

[14:22, 20/9/2018] Bacon: Ah

[14:23, 20/9/2018] Bacon: Será que rola fazer um announcement pelo app??

[14:23, 20/9/2018] Giacometti: Entao

[14:23, 20/9/2018] Giacometti: Pensei

[14:23, 20/9/2018] Bacon: Eu recebi notificações

[14:23, 20/9/2018] Giacometti: Tbm

[14:23, 20/9/2018] Bacon: Tem que ver quem dispara isso

[14:23, 20/9/2018] Giacometti: Mas seria melhor microfone

[14:23, 20/9/2018] Giacometti: So falar em 10 segundos

[14:23, 20/9/2018] Bacon: Sim, seria mesmo

[14:23, 20/9/2018] Giacometti: Gente tem isso, so ligar

[14:24, 20/9/2018] Giacometti: Se tiver alguém cara de pau para pedir 1 min de fala

[14:24, 20/9/2018] Giacometti: Haha”

Breton riu depois de 8 minutos da mensagem postada. “Kkkk” em uma resposta direta a primeira mensagem do Giacometti quando recebeu um “fora” do organizador. Bacon sugeriu tentar falar com outra pessoa, Duchamp sinalizou a mesma moça que Breton tinha apontado anteriormente poderia ajudar. Quem seria aquela moça de nome Lygia?

Varo, antes das 15h mostrou uma sequência de *prints* com o tema de algumas das palestra dos evento. Os *prints* foi do aplicativo do Filho do Homem:

Estranho, o nome da agenda ser Detoit. Eu tinha certeza até então que eles estariam em DC.

[continua...] (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18, grifo do autor).

Tanto o último, quanto o sétimo *quadro* mesclou o turno da tarde e da noite do segundo dia dos surrealistas no palco. Esse também representa a mescla dos *frames* e da complexidade da interação. Marca a distinção absoluta entre comunicação face a face e a mediados em grupo. Também aproxima a diferença em unidade, a intersecção. O falar de Breton em minha imaginação se compõe de um pleno e humorado ser “de bem com a vida”. Creio que o uso de gírias em um eventual encontro face a face, nunca ocorrido, marque essa plenitude de humor. Talvez na mescla de interações e silêncios, seja importante categorizar as gírias a fim de observar marcadores temporais de interação.

[continua...]

*Brincadeiras*

[14:40, 20/9/2018] Ernst: 15 eu tô lá pra foto  
 [14:40, 20/9/2018] Breton: FOTO OFICIAL BY: Social Media  
 [14:40, 20/9/2018] Ernst: Gente eu tô muito sortudo, eu fiquei numa suíte das grandes e sozinho haha  
 [14:40, 20/9/2018] Breton: Como assim?  
 [14:41, 20/9/2018] Breton: Já chama o Colombiano  
 [14:41, 20/9/2018] Breton: Morto feat enterrado

“[14:46, 20/9/2018] Klee: patrocinada [após uma foto de Chagall]  
 [14:47, 20/9/2018] Chagall: 😂😂😂  
 [14:47, 20/9/2018] Chagall: Ja tava achando que nao iam me postar haha  
 [14:49, 20/9/2018] Klee: N postaram mas saiu no anúncio do fb [em resposta direta posteriormente]”

Breton exercia função de Social Media. Isso é um importante sinal. Dá rastros dos Quadros de Experiência de sua forte atuação no grupo.

[17:56, 20/9/2018] Breton: Gente, é sério. Eu vou ser demitido do social media. Perguntem aí no grupo de de vcs se tem alguma reunião kkkkkk  
 [17:57, 20/9/2018] Picasso: Vou perguntar pro cara de Pittsburgh de vai ter essa reunião  
 [18:01, 20/9/2018] Breton: Top

Houve uma breve troca de mensagens em relação a um suposto e-mail oficial ao qual ele deveria ter estado atento e não estava achando. Minutos depois, ele achou o e-mail, *printou* e o enviou ao grupo. Referia-se a um encontro oficial somente dos mídia sociais do Filho do Homem.

Klee mencionava pela segunda vez a palavra “patrocinado”, postando fotos oficial de participantes. Antes havia sido Chagall e agora, por volta das 18:34, Kush.

“[18:34, 20/9/2018] Klee: trocinado da vez  
 [18:35, 20/9/2018] Giacometti: Boaa  
 [18:36, 20/9/2018] Chagall: 💜💜  
 [18:38, 20/9/2018] Kush: Olha ela 🙄 [em resposta Klee]  
 [18:38, 20/9/2018] Kush: Haha  
 [18:38, 20/9/2018] Kush: #PatrocinadosDaAmérica

A imagem era um *print* postado em uma rede social da Embaixada Brasileira. As evidências de que o grupo estava em Detroit só ficou mais claro no fim do dia, quando mensagens sobre idas aos bares diagnosticaram. Eu havia ficado confuso, pois no dia anterior houve um anúncio de que eles estava em DC, não associei que poderia ser uma conexão para Detroit. Vale investigar.

Ficarei por aqui.

Faltam três dias para o fim da Observação Figurativa.

22h16.

[continua...] (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18, grifo do autor).

Auscultar a ironia possivelmente nunca seria uma tarefa quantitativa. Ela sempre partiria de uma observação. Sem embargo, há padrões em ironia por um prisma cultural. Sempre individualidade, mas também padrões. É isso que monopólios como o WhatsApp buscam. Padrões. Por eles, linguagens matemáticas agem no encanto da língua das máquinas. A tese até

aqui apontou caminhos para observar a rede simbólica de presente nos intervalos longos, curtos, interações “demoradas”, “regulares”, “rápidas” e “super-rápidas” estão de mãos dadas na figuração comunicativa de representação científica. Caminhos deixados pelo sétimo *frame* do dia recortado pelo diário aberto, foram algumas das práticas exercidas no intuito de aproximar e triangular a fronteira quali e quantitativa que se consolidou nas Ciências Sociais. Os Estudos da Mídia, não se fala sobre a pesquisa das Ciências da Comunicação, de onde se veio, mas da nova área que se firma no Brasil, traz como o “novo”, o empiricismo que aproxima anjos e demônios. Quali e quantitativistas. Pensar nos vínculos que um grupo pode ter sondado pelos quadros temporais da sequência da interação é um caminho. Ou seja, pontuar marcadores, âncoras que fundamentalmente os estudos de etnometodologia conseguiram abarcar tendo como objeto o “encontro das esquinas” aonde a comunicação face a face reverbera-se, pode ser referenciado neste juvenil campo de estudo como um ponto de intersecção. Quando me reviro a *face a face midiaticizada*, propõe-se a radicalização, tanto quanto à expressão *política mídia*. Pretende-se cientificar argumentando atenção à “*startup* área dos Estudos da Mídia no Brasil”. Propostas para galgar.

Limitar-se às ancoragens de interação de um grupo midiaticizado é entender que um simples “olho no olho”, “frases de efeito”, “desvio de face”, “coçar da cabeça”, ou tantos dos sinais do início de uma interação face a face, são marcadores que compõem mimeses as quais as funcionalidades técnicas de grupos privados propõem à comunicação cotidiana de cada qual. Possibilidades de marcadores de interação de um grupo midiaticizado aqui foram chamadas de vínculos. Como resumo, a Tabela 3 do desfecho desta subseção. E, nivelados à proposta goffmaniana, a ser aprofundada pelas correntes da figuração comunicativa, resumem-se empiricamente em obter dados quali e quantitativos para aferir i) Níveis de Efervescência da Interação; ii) Níveis de Modelagem da Interação; e iii) Níveis de Reconhecimento na Interação como debatidos na subseções anteriores desta seção de capítulo. Estas são ratificados pelos vínculos aqui findados de iv) Níveis de Temporalidade de uma interação. Isso merece ser aprofundado aos estudos da *política mídia*. Os níveis de vínculos definidos na Tabela 3, fruto da triangulação de pesquisa de um grupo midiaticizado da *política mídia*, permite, no futuro, visualizar a aderência de uma constelação de atores à *frames* de relevância (enquadramentos temáticos). Sugere-se uma atenção à suposta opinião pública que emerge em grupos informais que se comunicam por padrões de interação. Entender como uma ideia capilariza-se no tecido das experiências é observar como quadros temáticos se tecem ao mobilizar ações comunicativas

dos membros de um grupo. As ancoragens exercitadas por uma proposta goffmaniana são a empiria para identificar os vínculos a enquadramentos temáticos.

<b>Eixos Teórico na Análise dos Quadros</b>	<b>Evidências Qualitativas</b>	<b>Evidências Quantitativas</b>	<b>Indicador de Vínculo na Interação</b>
Ancoragens goffmanianas			
<b>a) Ancoragens como atenção ao quadro interativo.</b>	a) Distinção de mensagens de texto, imagens e sons pela incidência de notificações, <i>status</i> de digitação e leitura das mensagens.	a) Quantidade dos tipos de mensagens de uma interação.	i) Nível de Efervescência da Interação dos enquadramentos temáticos ( <i>Frames of Relevance</i> ).
<b>b) Ancoragens como como maquinações benignas e tonalizações alocadas.</b>	b) Estrutura de formação textual das mensagens de uma interação na análise de palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas da interação.	b) Quantidade de caracteres de texto de uma mensagem.	ii) Nível de Modelagem da Interação dos Enquadramentos Temáticos ( <i>Frames of Relevance</i> ).
<b>c) Ancoragens como laminações de interação.</b>	c) Mudanças de tópicos na relação de câmbios dos <i>rounds</i> temáticos debatidos.	c) Quantidade de caracteres líquidos de uma mensagem.	iii) Nível de Reconhecimento na Interação dos Enquadramentos Temáticos ( <i>Frames of Relevance</i> ).
<b>d) Ancoragens como elementos de temporalidade.</b>	d) Silêncio e tipos de pausas na compreensão da temporalidade da interação dos participantes por período.	d) Quantitativo de mensagens com interação super-rápida, rápida, regulares, demoradas e intervalos curtos e longos.	iv) Nível de Temporalidade dos Enquadramentos Temáticos ( <i>Frames of Relevance</i> ).
Estatutos de participação goffmanianas ( <b>em aberto</b> ).			
Funções no grupo goffmanianas ( <b>em aberto</b> ).			
Canais de atividade goffmanianas ( <b>em aberto</b> ).			

Tabela 3 – Eixo Analítico das Ancoragens da Interação de um Grupo Midiatizado

Fonte: Elaborado pelo observador.

Os encaminhamentos de uma tese de doutorado, do dito doutoramento, deveriam deixar menos pontuação, menos caracteres, menos *links*, menos chamamentos, menos risadas, menos números, menos trocas de *e-mails*, menos símbolos. Deveria haver mais espaço para as perguntas não respondidas. Para as linhas em aberto. Para os quadros não encerrados. Mais ancoragens! Menos “scientia”. . .

Ob-ser-va-ção.

## 2. SUÍTES METODOLÓGICAS PARA TRIANGULAÇÃO DA PESQUISA DE MÍDIA

Em junho de 1965, no marco e último<sup>140</sup> abraço ecumênico que a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia Social dariam às Ciências Sociais, um manifesto composto por quatro psicólogos estadunidenses intitulado *Unobtrusive Measures: Nonreactive Research in the Social Sciences* (1966) estampou-se como capa de um livro que daria brechas ao entendimento de triangulação da pesquisa. A obra viria a ser referência nos estudos que utilizavam um processamento de dados por multimétodos, especificamente à época aglutinando dados provenientes de observações e estudos quantitativos por meio da aplicação de questionários.

Há aproximados 50 anos, o conceito de triangulação da pesquisa tem sido utilizado nas Ciências Sociais, herdando importantes perceptivas do interacionismo simbólico. “Cada instrumento de coleta de dados – entrevistas, questionários, observação, desempenho de registros, evidências físicas – é potencialmente enviesado e tem especificidades propensas para certas ameaças de validação.”<sup>141</sup> (WEBB et al, 1966, p. 35; traduziu-se). Convergir dados de variadas fontes e priorizar múltiplas variâncias a partir de um específico eixo analítico era a proposta dos autores. Foi Norman K. Denzin, da Universidade Illinois, porém, que sistematizou o uso da triangulação, com especial destaque para o processo de observação como o elo autovigilante entre distintos dados qualitativos e quantitativos. “O ato de fazer uma observação também deve ser tratado. É axiomático, creio eu, que o processo de interação crie atitudes e comportamentos que não existiam antes da interação. Ou, se novas atitudes não são criadas, as

---

<sup>140</sup> Por “último abraço”, faz-se referência à perda da capacidade de coalizão transdisciplinar que estas correntes oriundas das chamadas Ciências Sociais perderam ao longo do século XX. Desde os primeiros trabalhos do psicólogo e sociólogo George Herbert Mead e do sociólogo William Isaacs Thomas, no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, fundado em 1892, alicerçou-se um berço para os trabalhos multidisciplinares, que viam no entendimento do *self* o principal objeto de amplitude do interacionismo simbólico. A chamada Escola de Chicago, ao passar do tempo, em especial com a transformação urbana nos Estados Unidos e do processo de imigração massiva, tomaram a cidade como um campo de estudo complexo, a que a aproximação das áreas da Linguística, Economia, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Psicologia Social entravam em comunhão. Comprometida com as dinâmicas e nos aspectos fundamentais da vida social, a multidisciplinaridade galgou por várias fases. O sociólogo Herbert Blumer (1984), que também participou desse movimento nas primeiras décadas do século XX, ajuda a se entender que a fase multidisciplinar aos poucos sucumbiu, com o estreitamento das disciplinares que se desenvolviam em outras regiões do País e do Mundo. É bem verdade que a consolidação das Ciências Sociais aplicadas, como a exemplo das Ciências da Comunicação e dos mais recentes Estudos da Mídia, foi e é o solo fértil para a aglutinamento trans e multidisciplinar entre Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, e da mais recente Ciência Política. Sem embargo, o campo simbólico a disputa, da tomada de objetos como o centro de “si mesmo”, científico, dificulta a proposta multidisciplinar que ocorrera no início da Escola de Chicago. Ou seja, os Estudos da Mídia antes de se alegarem como a disciplina que abraça as outras ciências, ao se firmarem como campo, negam e excluem as peculiaridades de intersecção das fontes disciplinares.

<sup>141</sup> “Every data-gathering class-interviews, questionnaires, observation, performance records, physical evidence is potentially biased and has specific to it certain validity threats.” (WEBB et al, 1966, p. 35).

velhas atitudes são reformuladas.” (DENZIN, 1978, p. 127). Os psicólogos sociais Eugene Webb, Donald Thomas Campbell e Donald Winslow Fiske permitiram a Denzin (1978) focar múltiplas metodologias como modeladores dos esforços de pesquisa que, à época, se especializavam em estudos experimentais de efeitos e de contraste sobre a percepção humana e aos estudos transculturais de etnocentrismo e relação intergrupal.

Seguindo Webb et al. (1966), concluo que não há um método único que permitirá a um investigador desenvolver propostas causais livre de interpretações contraditórias. Da mesma forma, concluo que nenhum único método tenha cumprido os requisitos da teoria interacionista. Embora a observação participante permita o registro cuidadoso de situações e de si mesmo, esta não oferece dados diretos sobre as esferas de influência mais amplas que atuam sobre os sujeitos observados. Uma vez que cada método revela diferentes aspectos da realidade empírica, múltiplos métodos observações devem ser utilizadas. Isto é denominado triangulação.<sup>142</sup> (DENZIN, 1988, p. 28).

Triangular é localizar um ponto sobre o prisma de outros dois pontos fixados, angulados e calculados pelo cumprimento de um dos lados conhecidos. É ver a realidade contrastadas por métodos intercruzados. Mais além, é um plano de ação que permite aos Estudos da Mídia sua inerente proposta de utilização de múltiplos métodos, a fim de afastar as características personalistas das correntes de exclusividades institucionalista ou sociodiscursivas. Baseia-se nas observações geradas com suporte nas suas teorias trabalhadas, sem dúvida alguma, trata de entender um ato baseado nas observações de interação simbólica, “A este respeito, a triangulação do método, investigador, teoria e dados constituem a mais sólida estratégia de construção da teoria.<sup>143</sup>” (DENZIN, 1988, p. 294). Compilando as iniciativas acadêmicas alemãs mais contemporâneas, Flick (2007) instrumentaliza a aplicação da triangulação na sistematização da perspectiva angular de ver em um conjunto de dados questões quantitativas e qualitativas aplicando um específico caso.

De Chicago a Bremen, o interesse de Andreas Breiter e Andreas Hepp em discutir os desafios metodológicos para investigação dos processos de hipermidiatização (deep mediatization) põe na triangulação da pesquisa uma especial inspiração para o trabalho

---

<sup>142</sup> “Following Webb et al. (1966), I conclude that no single method will ever permit an investigator to develop causal propositions free of rival interpretations. Similarly, I conclude that no single method will ever meet the requirements of interaction theory. While participant observation permits the careful recording of situations and selves, it does not offer direct data on the wider spheres of influence acting on those observed. Because each method reveals different aspects of empirical reality, multiple methods of observations must be employed. This is termed triangulation.” (DENZIN, 1988, p. 28).

<sup>143</sup> “In this respect triangulation of method, investigator, theory, and data remains the soundest strategy of theory construction.” (DENZIN, 1988, p. 294).

empírico desta tese. Breiter e Hepp (2018), no intuito de leituras dos traços digitais da constelação de atores em contexto do consumo de repertório *crossmidiáticos*, resgatam na triangulação da análise automatizada de dados quantitativo e qualitativos pontos alternativos aos convencionais métodos de análise de conteúdo. Klein, Walter e Schimank (2018) ampliam o emprego da triangulação nos Estudos da Mídia “A maioria dos estudos empíricos que seguem esta abordagem aplica uma ‘triangulação metódica’ orientada para a etnografia e utiliza diferentes formas de recolha de dados, tais como observação, diários mediáticos e também entrevistas qualitativas<sup>144</sup>.” (KLEIN; WALTER; SCHIMANK, 2018, p. 7864, Edições do Kindle).

Entre Fortaleza e Natal, pela tela do aparelho celular e do *desktop*, desde o início da imersão em campo, a triangulação veio aos olhos como uma viabilidade oportuna para se extrair algum aprendizado das interações em grupo. A distância física do grupo e a falta de sincronia mediante a ultravelocidade das trocas de mensagens, potencializam as chances de enviesamento da pesquisa. Triangular não foi somente uma escolha particular, foi a possibilidade mais sensata em observar uma realidade tão distante (e próxima) da deste autor.

Por isso que metodologicamente esta tese optar por uma triangulação. Não presa às impressões subjetivas desse diário, mas ampliada ao olhar subjetivo da quantificação de atos de fala somada a análise qualitativa proposta.

Triangular é entender o processo de entrelaçamento hipermediatizado na construção da política estudada e dos empreendedores impactados por ela. Entender a realidade é impossível. Ela é complexa. Mas, padronizadamente, processualmente ele poder ser a mais realidade real entendível (DIÁRIO ABERTO, 23/10/18; editado pelo autor).

Nos diários de campo, foram várias as tentativas de criar um fluxograma de trabalho para que as hipóteses oriundas da observação dos dados qualitativos se contrastassem com os quantitativos dinamizados na criação de *dashboards*. Somente no final da tessitura da análise de ancoragens de interação trazido à luz de enquadramentos temáticos, permeada no Capítulo 1 da tese, pôde-se, no entanto, sintetizar o verdadeiro sentido de triangular dados na pesquisa de mídia. A Figura 18 torna visuais os pontos concatenados nas idas e vindas da investigação.

---

<sup>144</sup> “Most empirical studies following this approach apply an ethnographic oriented ‘methodic triangulation’, and use different forms of data collection such as observation, media diaries and also qualitative interviews.” (KLEIN; WALTER; SCHIMANK, 2018, p. 7864, Edições do Kindle).

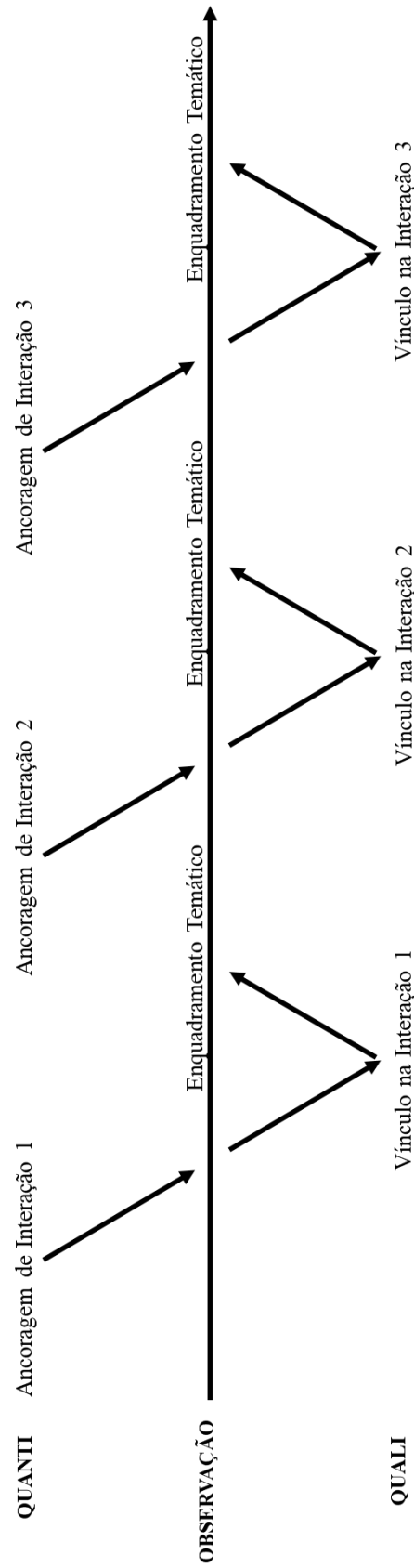


Figura 18 – Diagrama para Enquadramentos Temáticos na Triangulação da Pesquisa de Mídia  
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Sugere-se que a observação seja o fio condutor da itinerância da pesquisa. Não uma etapa, mas o entrelaçamento do olhar aos números, quando os padrões de ancoragens da interação são detectados, com o olhar as categorizações abstratas da qualificação dos vínculos de interação até aqui pontuados na tese. Por ancoragens, o leitor já deve reconhecer as aplicações feitas no Capítulo 1 que, por uma visão quantitativa, abstraiu a) Notificações; status de digitação e leitura das mensagens; b) Palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas; c) Mudanças de *rounds*; e d) Silêncio e pausas. Pontuando casos particulares para aferir interesses temáticos quaisquer emanados dos vínculos de interação do grupo, qualitativamente a tese apontou caminhos para enxergar vínculos de i) Nível de Efervescência da Interação; ii) Nível de Modelagem da Interação; iii) Nível de Reconhecimento na Interação; iv) Nível de Temporalidade na Interação. Somente na observação, os contrastes entre ancoragens e vínculos de interação permitirão trazer aos campos do trabalho de um estatístico, de um programador ou de um cientista dos estudos da mídia, enquadramentos temáticos. E na observação os enquadramentos temáticos são confrontados entre si na validação que somente a retomada a um olhar, a um número, a uma codificação ou a uma categorização roborará.

A pesquisa de mídia com a técnica metodológica da triangulação faz do olhar do estatístico ou da linguística feito e distante das barreiras que por décadas separou correntes teóricas. Tais perspectivas são conduzidas pela reta processual da observação no interior da pesquisa. Pelas quatro propostas de ancoragens da interação, um conjunto de dados de um grupo midiático pode ser convertido em observações fecundizadas e qualificáveis acerca dos quatro vínculos da constelação de atores à transcendentalidade da interação. Estas estratégias de delimitações de *frames* por vieses quantitativos só poderão ser consideradas como trianguláveis ao contraponto das noções de vínculos mergulhados por técnicas qualitativas. Por mais que a tese não tenha se debruçado em análises de conteúdo do conjunto de informações processadas pelo cálculo da quantidade de caracteres líquidos e de texto, esta aponta caminhos para que em estudos futuros estes pontos sejam aprofundados. Vistas as nuances dos vínculos que, em especial, os estudos da linguagem poderiam abarcar, o retorno à observação é o estágio consonante para as investigações sobre enquadramentos temáticos. O apontamento dos estádios de pesquisa qualitativa, da observação como elo, e dos detalhamentos qualitativos são mais bem expressos na Tabela 3 (página 164), sintetizada após as análises do Capítulo 1. Assim, para saber que temáticas dinamizaram os entrelaces do grupo, esta só seria possível na proposta desta tese com o adensamento da observação após os estádios quantitativos e qualitativos.

O tempo é um mistério. E apenas uma esfera qualitativa seria possível para compreendê-lo menos cegamente. O tempo midiático é um enigma. E não poderá ser decifrado por uma Análise Neural<sup>145</sup>. É uma lógica qualitativa nebulosa, fuzzy. Imprecisa.

A função de pertinência aplicada a este caso, permite não ver apenas 0 ou 1. Mas os intervalos entre estes valores.

$$\mu_A(x): X \rightarrow [0,1]$$

$\mu(x)$  neste caso exemplifica uma função de pertinência de um conjunto fuzzy, podendo assumir valores infinitos no intervalo [0,1].

A aplicação fuzzy computacionalmente, como as leituras fractais que Júlio Torres nos mostrou semana passada, rompe com a lógica clássica computacional. Aquele que estamos cansados de ver representados por conjuntos de 0 e de 1 (...) (DIÁRIO ABERTO, 22/10/19).

O diário de observação foi também fonte para, além das tentativas de criar fluxogramas do processamento da triangulação da pesquisa, de reflexões acerca da complexidade de um fluxo de interação em grupo. Recorreu-se à dimensão da lógica difusa (lógica *fussy*) depois de um encontro informal com especialistas da área da Ciências da Complexidade<sup>146</sup>, a fim de questionar se os padrões em um grupo midiaticizado seriam abraçados por algum instrumento empírico de coleta de dados e análise. É importante ratificar que os vetores que se cruzou entre ancoragens de interação e níveis de vínculos na interação de um grupo jamais partirão de uma realidade convencional de querer ver linearidade em uma interação midiaticizada.

Já falamos algumas vezes no diário que um silêncio, uma fala, um emoji ou uma declaração qualquer pode ser cheia intenções e significados. A mudança de telefone de Chirico, a mensagem solitária de Chagall e Arp, as mensagens de Picasso e o bombardeiro de Ray tem muito mais a nos falar também do que nossas inflexões e rede de significados que podemos destacar. A presença intensa ou não presença na comunicação mediada por um dispositivo midiático é fractalmente associada à comunicação presencial que não poderíamos presenciar nesta pesquisa. Fractalmente, por poder haver uma incidência de padronizações que determinados agente pontuam em sua realidade construtiva do mundo. A realidade midiática não é solitária ao processo comunicacional do dispositivo. Esta é associada, imbricado e entrelaçado (DIÁRIO ABERTO, 23/10/19).

Nunca no processo de interação observar as ancoragens como ponto de partida propõe defini-las como vetores isolados das quatro variações que se observou no Capítulo 1. *Ancoragens de silêncio e pausas* já foram pontuadas como elo-mestre das outras definições

<sup>145</sup> Refere-se ao *software* de um engenheiro cearense Carlos Cristiano Cabral inventor do algoritmo do Analisador Neural. < <https://analisadorneural.com.br/>>

<sup>146</sup> O Doutor José Júlio Martins Tôrres permitiu um debate rico acerca da Realidade Fractal em meados da finalização desta investigação.

vislumbradas. Portanto, imaginar uma realidade complexa e fractal é saber que uma determinada ancoragem pode habitar e coagir integradamente com outras. Ancoragens de *notificações, status de digitação e leitura das mensagens* podem marcar o *frame* tanto quanto as ancoragens de *palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas*; e de *mudanças de rounds*. Por mais que a Figura 19 isole as ancoragens e vínculos de interação, agrupando em cores categorizada de momentos de análises para facilitar a visualização do leitor, a Figura 20 mescla as formas e cores representativas em uma postulação fractal, complexa, portanto, padronizável.

É no losango central da Figura 20, do exercício de abstração emergido do diário de observação, que os enquadramentos temáticos se firmam. É a mescla completa das quatro ancoragens e vínculos sobre dados de uma interação. Ou seja, é no contraste do olhar quantitativo aferido das ancoragens de marcação de um *frame* que os vínculos qualificáveis espelham os enquadramentos temáticos de um grupo midiaticado. Jamais vias analíticas binárias. Complexa pelo próprio dos princípios da caoticidade, da invariância de escala e da autossimilaridade de seus enquadramentos.

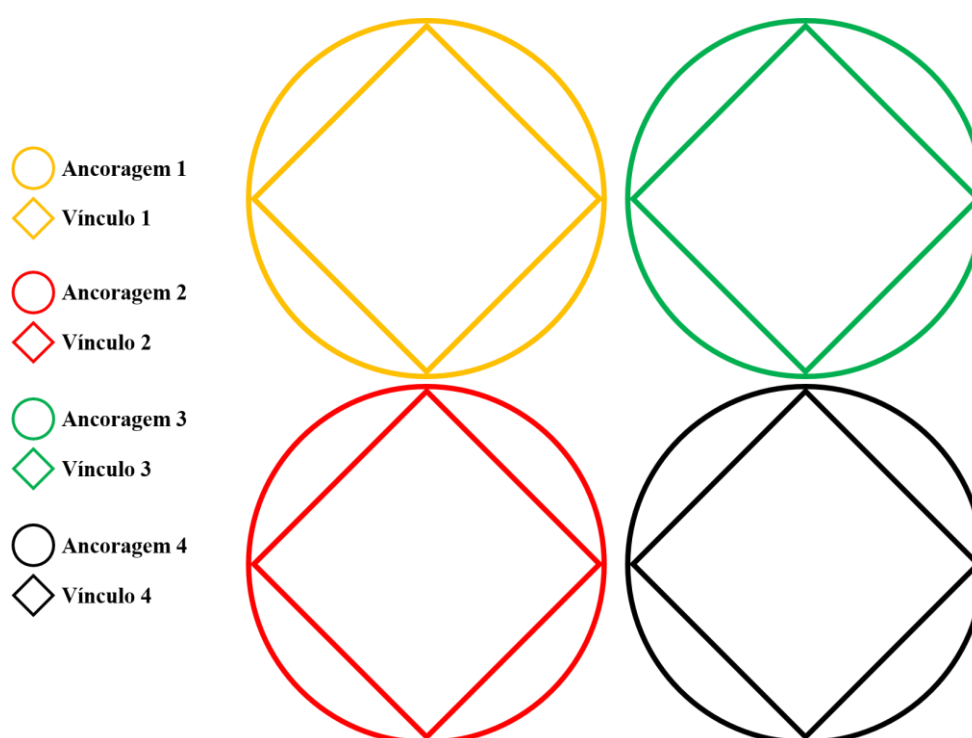


Figura 19 – Diagrama de Fractalidade de Ancoragens e Vínculos na Triangulação da Pesquisa  
Fonte: Elaborado pelo autor.

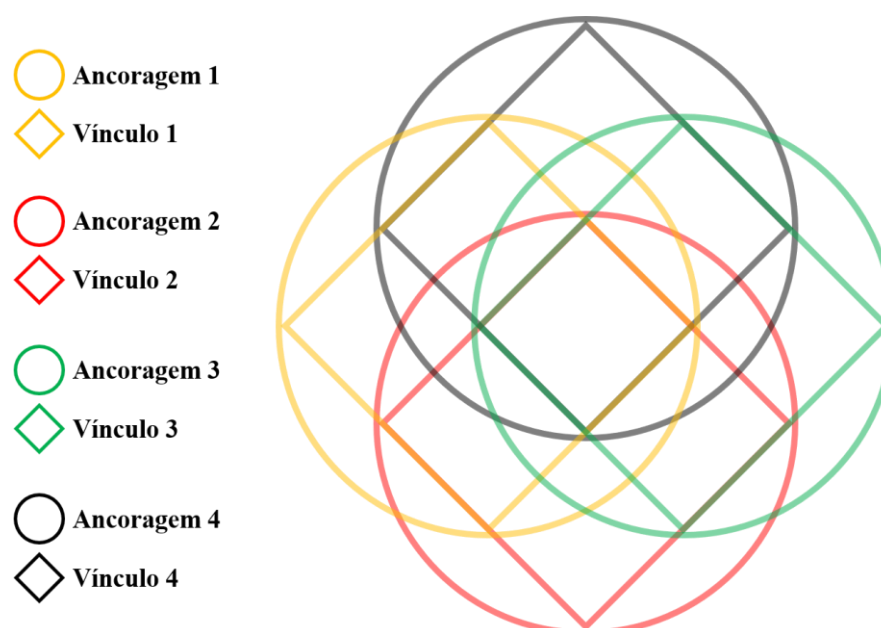


Figura 20 – Diagrama de Fractalidade de Enquadramentos Temáticos por Ancoragens e Vínculos na Triangulação da Pesquisa

Fonte: Elaborado pelo autor.

Três principais pilares, antes de iniciar as seções deste capítulo ater-se-á à centralidade do Triangulação da Pesquisa da Mídia. Aspectos éticos, pontos experimentais e situações da ordem da empatia foram os princípios emergentes desta experiência, desde a seleção, manejo e análise dos dados qualitativos e quantitativos da pesquisa. Três entrevistas foram descartadas, mesmo que estas já estivessem transcritas. E as três questões sinalizadas são as justificativas para a não consideração destes dados no momento das análises feitas no capítulo anterior.

Cada uma das ciências sociais tentou desenvolver um código de ética para orientação do que lhes convinham importante. Até agora, porém, estas disciplinas sofrem com a ausência de uma análise cuidadosa do problema [central de investigação]. Precisamos de uma especificação dos interesses múltiplos potencialmente ameaçados pela investigação nas Ciências Sociais: a **privacidade do indivíduo**, a sua **liberdade de manipulação**, a **proteção da aura de confiança** sobre a qual a sociedade depende, e não menos importante, da boa reputação das ciências sociais. (WEBB et al, 1966, p. vii, grifo do autor).

Não se tenciona concentrar nas citações homéricas de autores e clássicos da Filosofia sob o aspecto moral, ao pontuar a palavra ética nas próximas poucas linhas. reporta-

se-á pouco acerca do papel do Comitê de Ética<sup>147</sup> em Pesquisa (CEP) ante os anunciados de Webb et al (1966). Em maio de 2017, nos aportes iniciais da pesquisa ocorreu, o primeiro encontro com um ser humano participante da primeira edição da política diplomática observada da tese. O ser humano era de fato de carne e osso. Instigante. Nos dois encontros ocorridos na cidade de Lima, as questões seguiam um roteiro pré-estruturado de perguntas. O autor, de alguma forma, já tinha naquelas perguntas algumas respostas que gostaria de encontrar. Não houve qualquer consulta anterior ao CEP. É bem verdade que a ignorância não permitia ver a existência deste colegiado. Nas Ciências Sociais como um todo, nunca se havia recebido estimulação ou mesmo sido confrontado pela necessidade de passar pelos procedimentos burocráticos (mas necessários) do órgão. Portanto, restava a este autor e ao ser humano do Peru estabelecer os próprios acordos de confiança e ética. A pesquisa foi um “sucesso”: o ser humano interagiu como se gostaria. À época, o interesse de pesquisa ao processo de midiaticização da política estudada se limitava à corporeidade<sup>148</sup> da figura do Presidente da República. E as respostas procederam às inspirações teóricas. Similaridade ocorreu nas outras duas entrevistas com participantes brasileiros da terceira edição do programa estudado. Os seres humanos envolvidos também responderam aos mesmos *drives* teóricos; mas estes não foram incluídos na pesquisa.

Nas primeiras triangulações de Eugene Webb, Donald Thomas Campbell e Donald Winslow Fiske, suas análises confrontaram as informações distorcidas recolhidas em questionários, entrevistas e outros métodos de pesquisa da informação que era uma leitura mais verdadeira das características reais de uma pessoa. Tornou-se um clássico no campo e ainda é necessária a leitura para muitos estudantes de Psicologia (WEBB et al, 1966). Nas propostas de Triangulação da Pesquisa de Mídia encontradas nos estudos de Hepp, Breiter e Hasebrink (2018), o constante contraste entre os dados qualitativos e quantitativos também é evidente, mesmo que estes sigam as veemências da proposição de figuração comunicativa no centro teórico dos termos constelação de atores, enquadramentos temáticos, formas de comunicação da mídia ou repertórios e diferenciação da mídia. Na tese, especialmente no Capítulo 1, o leitor deve ter percebido simular obsessão, em especial, nos contrastes de ancoragem da análise de *frames* com os enquadramentos temáticos da figuração comunicativas. É possível, entretanto, que o recorte da realidade menos real havia com o foco exclusivo nas fontes de dados recortados

---

<sup>147</sup> Faz-se referência ao papel do colegiado da CEP (Comitê de Ética na Pesquisa) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que é o elo para o cumprimento das Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo **Seres Humanos** firmadas pela Resolução CNS 446/2012, II.4. Esta tese apresenta nos seus anexos a autorização do Comitê de Ética da UFRN com o número de parecer: 3.088.806.

<sup>148</sup> Citam-se trabalhos de Antônio Fausto Neto e Eliseo Verón, especificamente, em Bruno Ollivier (2012).

no início da tese e descartados previamente após a reflexão acerca de um bom encontro entre vertentes quali e quantitativas.

Neste sentido, a questão **ética**<sup>149</sup> entrou na contextura da pesquisa não apenas no ponto de vista burocrático temporal, mas como profunda reflexão dos dados a serem coletados em um grupo informal privado do WhatsApp. Por mais que perigos físicos ou relativos às saúdes do seres humanos envolvidos estivessem em jogo, o ato que Webb et al (1966) situa acerca da **privacidade do indivíduo**, da **liberdade de manipulação dos dados**, a proteção da **“aura de confiança”**, pontos essenciais a serem refletidos pelos trabalhos de interação envolvendo pessoas em um mídia específica. Após o primeiro contato com um informante participante da terceira edição da política diplomática em questão, a escrita de uma carta aberta aos participantes, até então desconhecidos por este autor, foi fundante na tentativa de estabelecer os limites de ir e vir da manipulação dos dados. A estratégia de elaborar um Diário de Mídia, um Diário de Observação Participante Oculta, também foi fundamental para a criação de uma “aura de confiança” que até hoje está selada com os vinte participantes dos estudos sobre interação.

Portanto, triangular não se refere apenas aos cruzamentos dos dados quantitativos com qualitativos. Mais além, é o firmamento do primeiro ponto que as experiências aferiram no uso desta maneira de se tecer pesquisa: a ética com os participantes envolvidos. Talvez seja importante ratificar a ideia de que a utilização de codinomes e a posposta que se fez consigo mesmo de até o final da delimitação do tempo de pesquisa (45 dias) não olhar quem seria quem, não correr no prejulgamento se aquela mensagem era de um homem ou de uma mulher, um nordestino ou sulista, também firma o entendimento que se tem sobre triangulação.

O segundo ponto exercitado ao longo de quase seis meses de imersão no grupo refere-se à triangulação como **experimentação** de ferramentas inerentes aos Estudos da Mídia. A tese não se preocupou com as motivações de cisão do campo das Ciências da Comunicação com os Estudos da Mídia, mas já partindo do protocolo definidor de “uma proposta de maior abrangência empírica aos estudos de produção e práticas de sentidos e por sobre dispositivos técnicos do enunciado”<sup>150</sup>. Quando se refere a experimentação, intenta-se atingir as práticas de laboratórios de que se sente carência nas áreas de Comunicação e Mídia. Não sobre o ponto de

---

<sup>149</sup> O trabalho de qualificação desta tese pelo Professor Doutor Marcus Antônio Assim Lima foi fundamental para a abertura conferida aos procedimentos do CEP.

<sup>150</sup> Reporta-se às linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação dos Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (“Estudos da Mídia e Práticas Sociais” e “Estudos da Mídia e Produção de Sentido”).

vista teórico, não excluindo a importância das bases abstratas, mas relativa ao domínio de ferramentas utilitárias à sociedade. Ao mesmo tempo, divisa-se a plena performance que as empresas privadas, pelos departamentos de pesquisa e inovação, dão aos instrumentários de aferição de resultados. O instituto de pesquisa IBOPE Inteligência (antigo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), hoje domínio da multinacional privada Kantar, por décadas, instalou nos domicílios brasileiros um aparelho para o monitoramento de audiências de televisão intitulado *people meter*. Este saber público impera somente, e apenas só, aos contratos milionários que as agências de publicidade e emissoras de televisão brasileiras pagam. É verdade que esforços da Secretaria de Comunicação (SECOM) ligada à Presidência da República, até tempos atrás, disponibilizava ao público uma pesquisa anual chamada de Mídia Dados<sup>151</sup>. Isso, porém, não está no *modus operandi* da maioria dos laboratórios dos cursos de Comunicação e Estudos da Mídia.

Por experimentação, limitou-se ao entendimento de instrumentalização de dispositivos tecnológicos, que auxiliam na abstração acadêmica. Os usos de *softwares* nas pesquisas da área de Comunicação e dos Estudos da Mídia no Brasil é tão obscuro quanto as últimas aquisições de livros feitas pelas bibliotecas das universidades públicas. Sem falar em luta de classe, mas se reportando à competitividade científica: até que ponto se permitirá o domínio de instrumentais técnicos limitados aos monopólios da informação na operacionalização concreta da prática e produção cotidiana da experiência com a mídia?

Os usos dos *softwares* estadunidenses Google Docs, Google Fotos, Google Drive, Microsoft Excel, Microsoft Power BI e do alemão Altas.TI foram ínfimas contribuições desta tese. Estas conotaram, porém, a angústia de utilizar-se da experimentação à contextualização pura da triangulação da pesquisa. Não houve nenhum *software* brasileiro disponível para a pesquisa. Nenhum! Quedam-se todos nas lutas utópicas?

As lutas utópicas são fecundas ao terceiro ponto que a experiência com a triangulação permitiu. Um exercício mais preciso acerca da **empatia** da pesquisa.

“O processo a partir do qual o *eu* surge é um processo social que implica a interação dos indivíduos no grupo, implica a preexistência do grupo<sup>152</sup>.” (MEAD, 1972, p. 164). Um

---

<sup>151</sup> Em 2019, os *sites* de instância pública que hospedavam esta pesquisa deixaram de estar disponíveis na internet. A associação privada dos profissionais de mídia das agências de publicidade do Grupo de Mídia, no entanto, ainda disponibiliza um volume da Pesquisa Mídia Dados do ano de 2018, com metodologias semelhantes as pesquisas da Secom. Disponível: <https://www.gm.org.br/midia-dados-2018>. Acesso em: 17 ago. 2019.

<sup>152</sup> “The process out of which the self arises is a social process which implies interaction of individuals in the group, implies the preexistence of the group.”

grupo só se faz grupo ao se reconhecer grupo. Essa ideia óbvia talvez seja a maior dificuldade de entendimento nas leituras de George Mead. O conceito de empatia, em Mead, fecundou sua perspectiva ao entendimento da capacidade de o ser humano se tornar consciente da vida do Outro. Na consideração do *self*, os aspectos da *mente* e do *eu* entravam em uma distinção oportuna para a constituição da linguagem a proposta mais importante de Mead. O *eu*, pré-verbal, experimenta os estados de dor, medo, ansiedade, quente, frio, sede ou fome, sem a reflexão que a mídia linguagem permitiria agregar sentido. Qualquer um destes estados que um recém-nascido seria capaz de sentir sem agregar significância, vigora, iminentemente ao seu redor, a existência da linguagem. Ao longo da aprendizagem da linguagem, da reflexão dos estádios presenciados pelo sujeito ou compreensão dos outros sujeitos, o *mim*, em Mead se constituía como o elo entre esse *eu* e a mídia-linguagem. Ou seja, é pela reflexão de *mim* que o conceito de *Mente* aparece nos estudos de perspectivas do interacionismo simbólico do autor. Na ideia de *self*, Mead usa a *mente* como a autorreflexão de si mesmo, do domínio do *mim*. Qualquer reflexão consciente coletiva sobre *self* resultaria na empatia do que somente a linguagem acoplaria na consciência do *outro*.

É pelo outro, que o reconhecer-se em grupo permite ver na linguagem as instâncias de atuação e experiencição do *eu* coletivo. É na empatia da existência da atuação do outro que se incorporam os artifícios de que somente a linguagem permite elos reflexivos. Tomando o caso de um grupo midiaticizado, é pelos domínios das disponibilidades técnicas, de mimese da linguagem, que a atuação que se experimentou em um grupo se configurou como elo de experiencição do emprego destas funcionalidades com os outros. Se a tela azul de erro desse sistema operacional vincula-se a outro dispositivo técnico, deixa-se de interagir pela não empatia do domínio técnico.



“Dll Base DateStmp - Name Dll Base DateStmp - Name  
 80100000 336546bf - ntoskrnl.exe 80010000 33247f88 - hal.dll  
 80000100 334d3a53 - atapi.sys 80007000 33248043 - SCSIPIORT.SYS”. A mensagem de erro supracitada do sistema operacional de tela azul<sup>153</sup> do Windows NT anuncia a morte de todas as suas funcionalidades técnicas. Não há empatia alguma sobre o domínio do *self* na relação de escrita com a mensagem de erro. Aos seres humanos que não dominam a linguagem da computação o entendimento sobre as siglas e números expostos, pela não inerência à mídia linguagem computacional, o emprego de qualquer empatia seria irresolutivo.

<sup>153</sup> Ver mais referências em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tela\\_azul\\_da\\_morte](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tela_azul_da_morte).

A realidade Mediatizada pode estar escondida em esferas. Em grupos. E entrelaçam-se entre seus componentes primordiais que aqui tenho apontado: participante, tema, mensagem e interação.

E isso talvez ajude a entender os silêncios. Em especial, em reconhecer o valor do silêncio. Não sendo uma pausa, mas uma abertura a outras esferas que não as detenho. O silêncio do grupo entre 10h e 13h, pode me apontar uma outra ~~edisciplinade~~ *[oportunidade ou realidade]*, mas abrir brechas a outras esferas de comunicação que porventura se abriam nesses momentos. Com quantas pessoas Magritte falou neste intervalo por aplicativos de celular? Quanto olhares Magritte trocou enquanto expunha seus ideias? Quantos pensamentos passaram por suas cabeça?

Esta realidade é imensurável. Pelo menos na nossa realidade humanizada de hoje. Mas um simples silêncio ou uma turbulência de dados trocados pode apontar outros caminhos que aqui jamais serão mensurados.

Ray, um minuto depois de Ernst, perguntava os horários das apresentações. Importante lembrar que o horário marcado por meu fuso horário era diferente dos deles. Importante também colocar que no mesmo dia às 19h20 Ray estava em um estádio esportivo provavelmente vendo alguma partida de futebol americano. Para entender a “realidade” seria necessário ~~N~~ outras variáveis não mensuradas aqui, mas em uma simples busca feiura neste exato momento no grupo, para confirmar se era realmente Ray, o mencionado no caso, percebi a presença destes caracteres “”. A ferramenta de buscar apontou 11 presenças desses. Seis era de Ray. **O que “” significaria?** Entender seus usos, que a propósito é colocado na variável 12 não ajuda a compor esta realidade? Imagens, *gifs*, *memes*, *emojis* aglutinado na categoria Mensagem não é necessário para observar e compreender o comportamento desse usuário? A pergunta de Ray “Que horas começam os pitches? N lembro” às 9h59 + o *meme* postado neste mesmo dia: [imagem postada] (...). (DIÁRIO ABERTO, 21/10/18, editado).

A tela azul do erro, do esvaziamento de significância, reverberou-se na mística linguagem do silêncio, que, por vezes, foi observada, também pelos outros que observavam o autor. Inúmeras vezes, incorporou-se o silêncio. O calar constante em grupo era o grande elo para deixar a interação fluir sem grandes interferências na dinâmica própria dos participantes. Sair da impessoalidade para primeira pessoa, faz-se necessário. É verdade que só o fato da minha presença silenciosa já perturbava a ordem da realidade de caso eu não estive lá. Eu, mesmo em silêncio, era um participante e constantemente observado. A funcionalidade de ancoragens relativas às notificações permitidas pelo WhatsApp, que foram debatidas na seção 1.1 desta tese, era a válvula para que os outros olhassem se meu *mim* havia ou não lido determinadas mensagens enviadas. Olhar o outro pelo silêncio é uma maneira tão empática de interação como qualquer constância linear e sequencial de trocas de mensagem. E foi pela linguagem computacional que a linguagem humana do silêncio pode ser compreendida por quem me observa. “Ele viu minha mensagem”, quantos pensaram isso no grupo? “Acabo de ver que ele leu minha mensagem às 13h39.” Se não fosse disponível esta funcionalidade do ver “Dados da Mensagem” por alguma questão técnica, o elo de empatia, possivelmente se findaria.

Pelo erro ou acerto computacional, pelas formas de codificação da linguagem das máquinas, a experiência de interação midiaticizada se molda e torna empática com a linguagem mais ou menos alinhada ao ser humano. Tal como mescla padronizável de personalidade e impessoalidade.

Os erros de digitação cometidos no diário de pesquisa talvez tenham sido a maior empatia com o sistema de aprendizagem do teclado de aparelho celular à velocidade insana dos dedos na escrita do diário de campo. O diário não passou por nenhuma revisão; poucas edições foram feitas. Para entender a palavra “ediscisliidade” foram gastos alguns minutos até chegar a “oportunidade” ou a “realidade”, como sinaliza a edição feita da citação acima. Somente o sistema de autocorreção do teclado compreendeu esta palavra. Outro exemplo refere-se a distintas manifestações dos usos de *emojis* pelos sistemas computacionais. O emoji “👯” é codificado por inúmeras formas dependendo do sistema computacional. Por dias, não se imaginou o que aquela “mulher espanhola” dançando significaria. Mas sempre a máquina soube, “👯” era “U+1F483”.



Figura 21 – Codificações do emoji “👯” nos sistemas operacionais da Apple, Google, Microsoft, Samsung (novo), Samsung (antigo)

Fonte: <https://pt.phhsnews.com/why-don-t-my-friends-see-my-emoji-correctly3864>

*Emojis* de um sistema operacional específico tende a ser usados como componentes de uma linguagem midiaticizada recheada de variados significantes a depender da linguagem e da forma de codificar da máquina. Por vezes pode haver alinhamento entre a linguagem computacional, pelos sistemas de codificar uma Caracteres X em Caractere X. “A” sendo “A”, em contraponto, denota elo algum entre a escrita processada pela linguagem humana versus o processamento desse mesmo “A” ser o código “U + 0014”, que computacionalmente representa “A” (uma letra “a” maiúscula). “👯” assume distintas codificações, na tela deste Windows ou em qualquer outro sistema operacional, mesmo que no sistema Unicode, tentativa de padronização da linguagem da indústria computacional, suas variações de forma persistam. “A” codificado em “U + 0014” pode assumir inúmeras fontes: “A, A, A”. Bem como o “👯” em “U+1F483”. Que sentidos cada forma da Figura 21 permite ser compreensível em uma

interação? Na triangulação da pesquisa, o alinhamento relativo à linguagem de um grupo deve ser considerado como ímã condutor de atração da seleção, do manejo e da análise de dados pelo pesquisador; especialmente do papel de figuração da *pessoa-papel* no grupo que o pesquisador incorporará, mesmo que este não seja observado diariamente. Somente pela linguagem humana e pela mimese da linguagem humana, o processo de empatia se firmará na triangulação da pesquisa.

A empatia no processo de triangulação da pesquisa não se refere apenas ao alinhamento entre a linguagem computacional ou processo de incorporações da linguagem peculiar de um grupo no momento da imersão em campo. A empatia com as ferramentas de pesquisa também é fundamental para tecer o processo de pesquisa, que tem na observação o fio condutor entre os dados qualitativos e quantitativos. Na triangulação a observação é esse *leitmotiv*. Só se poderá enxergar os enquadramentos temáticos das interações trocadas de um grupo quando estas forem provenientes de cruzamentos quantitativos e qualitativos.

O Capítulo 2 desta tese se atém às considerações da observação como elo mestre da triangulação dos dados quantitativos e qualitativos. Também ao uso de *softwares* como instrumental estratégia e experimental aproximação de dados de interação de um grupo. Se os dados quantitativos foram coletados no processo de mineração de dados que a seção 2.2 aborda. Na seção 2.1, o leitor perceberá os caminhos em que a observação se tornou instrumento de itinerância da pesquisa. Questões éticas, experimentais e da ordem de empatia continuam no centro triangular das pesquisas de mídia. Continuam nos vértices do *eu*, que acima de qualquer coisa é sempre observado pelo dom da experiência da linguagem - humana e não humana.

## 2.1 Observação da observação como vigilância da pesquisa

Com barba longa, esturricado pelo sol, calças da cor da terra, capacete estilo colonial, botas de couro de cano e uma mochila repleta de ferramentas, Lévi-Strauss<sup>154</sup> poderia se assemelhar a qualquer personagem de Guimarães Rosa. Nos sertões do Mato Grosso, antes de completar 30 anos, em 1938, o antropólogo, “pai do estruturalismo”, conduziu uma expedição etnográfica a fim de observar os índios *nhambiquaras*. Em sua mochila, inúmeros cadernos de notas, gravador e máquina fotográfica narrados cerca de 15 anos após sua experiência no Brasil em *Triste Trópicos* (1957). O olhar do antropólogo à linguagem e estética em campo, com sua técnica de justaposição, colagem e descontinuidade narrativa, fortaleceu as pesquisas etnográficas como quase sinônimo das antropológicas: “A antropologia é uma ciência etnocêntrica por excelência”, como descreve seu biógrafo Wilcken (2011, p. 17), que complementa: “de modo geral, e considerando todas as coisas, a entrevista é um gênero detestável”, disse Lévi-Strauss certa vez (numa entrevista) [...]”. (WILCKEN, 2011, p. 11). É nos trabalhos antropológicos que se encontram maiores proximidades com pesquisas etnográficas e maior uso das ferramentas de registro das observações. Saindo do escaldante caldeirão das terras latinas dos *Triste Trópicos*, Mauss (2003, p. 442) relata a importância dos diários de viagem de Glazunov, em 1924, ao descrever com “densidade máxima” os esquimós do delta do Kuskokwim. Congelante ou escaldante, de um trópico a outro, da Antropologia à Sociologia, a Comunicação da *criativa* observação por imagens técnicas, escritas ou narradas da realidade observada será condensada ao longo dessa tese ao pensamento de Vilém Flusser como aos paradigmas da observação no campo da comunicação.

O olhar *vigilante* para as “observações” é uma das estratégias mais sensatas para o fazer ciência no “mundo da vida” aliada à leitura sistêmica da realidade de um fato. O escrever no “diário de campo”, o fotografar e o gravar das impressões acerca do observado são verbos inerentes ao desenvolvimento de uma pesquisa com caráter qualitativo. Para antropólogos, sociólogos, comunicólogos e cientistas sociais de modo geral, enxergar a observação como um pontapé inicial da pesquisa ou como processo, ou mesmo considerá-la no cerne do método de investigação, condiciona-se ao próprio caráter disciplinar da área do conhecimento do sujeito pesquisador. Não são férteis os debates no campo da Comunicação a respeito do observar como um processo sistemático para a pesquisa, por mais que suas principais ferramentas de registro

---

<sup>154</sup> As características descritas estão contidas na obra biográfica de Wilcken (2011, p. 9). A comparação com personagens de Guimarães Rosa foi adição das percepções do autor desta tese.

(diário de campo, fotografia e gravador) já estejam bem esboçadas pelos epistemólogos. Esta seção da tese propõe uma reflexão e um diálogo em torno da observação como processo e método a ser conduzido mais fortemente nas pesquisas qualitativas de comunicação mediadas na subjetividade do pesquisador e no registro de seu *mundo* imerso a *fatós* por ferramentas dialogais e visuais no prisma teórico da imagem técnica, ação comunicativa desdobrada na vigilância epistemológica da pesquisa; observação que muda a partir daquele que mira, como alerta Guimarães Rosa (2001), em seu *Grande Sertão: Veredas* “mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando”.

A perspectiva qualitativa insere-se no centro epistemológico das Ciências da Comunicação no tempo da geração de conhecimento apoiada em recentes debates históricos contrapostos à exclusividade do positivismo e do retrato quantitativo na interpretação dos fatos sociais. Essas perspectivas oferecem “percepções próprias dos sujeitos que são lugar, habitam ou intervêm esse fenômeno [observado]” (“percepciones próprias de los sujetos que dan lugar, habitan o intervienen esse fenómeno”) (OROZCO; GONZÁLEZ, 2012, p. 116). No ensejo da era da racionalidade comunicativa há o entrelaçamento de interpretações cognitivas, expectativas morais, expressões e avaliações pessoais no “mundo da vida” (*Lebenswelt*) do pesquisador e sua subjetiva observação ao objeto que se constrói no decorrer de seu interesse na investigação.

Se, por um lado, a lógica positivista, amparada nos trabalhos de Stuart Mill (*A System of Logic*, 1843) citado por Jensen (2002, p. 260) e Auguste Comte, sublinhou não apenas fatos e valores, mas também observações empíricas e concepções teóricas da realidade, sua limitação de redução da realidade limitou o entendimento de que qualquer afirmação significativa sobre o mundo se bastava, por si, mesmo que estivessem reduzidas nas impressões do sentido em um dado espaço e tempo. Ou seja, as leituras de um fato social encontravam-se decompostas em proposições elementares de “verdadeiro” ou “falso” (JENSEN, 2002, p. 260). Santaella (2001, p. 136) complementa, expressando que “o empirismo originou-se da busca de superação da especulação teórica em prol da observação empírica, podendo incluir o teste experimental e a mensuração quantitativa”. Hoje, a agenda tencionada na epistemologia da comunicação une percepções dos sujeitos quanto aos fatos observados qualitativamente pelo pesquisador e a riqueza dos dados empíricos de retratos históricos dos números. Sem embargo, há um hiato nessa quebra ideológica que um dia afastou visões qualitativas e quantitativas no

centro das pesquisas em Comunicação: um esquecimento quanto às reflexões sobre as observações como processos de pesquisas.

Émile Durkheim (2007) deu um salto importante em suas *regras*, em especial quanto à observação do pesquisador aos *factos sociais* entendidos como “coisas”. “Em vez de observar as coisas, de descrevê-las, de compará-las, contentamo-nos então em tornar consciências de nossas ideias, em analisá-las, em combiná-las.” (DURKHEIM, 2007, p. 16). Um salto ímpar, assim como Martín-Barbero (1991) no olhar dos fatores culturais e políticos feitos motores da medição, em vez do olhar tecnicista quanto tensor desta. Fugir da informatização e dos caminhos tecnicistas generalizados nos estudos sobre a mídia afastaria o “déficit de racionalidade” ao qual Jürgen Habermas apontara em seu entendimento sobre tensões entre o “mundo da vida” e correntes sistêmicas, como afere Martín-Barbero (1991, p. 69). O caminho para a promoção dos debates sobre cultura e mercado ampliou o olhar racional e comunicante do observador que pensa, sente, age e debate.

Orozco e González (2012), quanto ao empreendimento qualitativo da investigação em seu apontamento sobre as lacunas epistemológicas de um novo olhar, uma vigilância ao entender o objeto de pesquisa nas interrogantes questões que consideram os sujeitos, os processos, os cenários e a temporalidade destes. Lopes (2001) e Santaella (2001) oferecem ricos esclarecimentos sobre o campo das Ciências da Comunicação, de suas etapas *dinâmicas* e *autonomização científica* no entrelace das teias interdisciplinares, essência das pesquisas em comunicação. Lopes (2001) considera a observação como uma etapa empírica da pesquisa em comunicação, um “processo de construção de dados” (LOPES, 2001, p. 144) de “reconstrução empírica da realidade”, uma “ruptura epistemológica [que] deve ser realizada na prática (...)” (LOPES, 2001 p. 143), conceito alicerçado em especial pelos *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* de Florestan Fernandes (1957, *apud* LOPES, 2001, p. 143). A observação feita por Lopes (2001, p. 147) exprime viés técnico e metódico limitado a “técnicas ditas de observação direta e de observação indireta”. Santaella (2001, p. 180) entende que a observação, também como etapa, primordial para o levantamento de hipóteses “nas pesquisas empíricas, que nascem da observação de fatos concretos, as operações que resultam da hipótese consistem em levar o pesquisador a saber se a explicação antecipada e plausível que a hipótese lhe forneceu resiste à prova dos fatos”. Mesmo com importante esclarecimento de Lopes (2001) e Santaella (2001), o olhar da observação como processo de produção de sentido e conhecimento pelo pesquisador parece ter padecido no sertão antropológico e sociológico.

Orozco e González (2012) retomam este paradigma ao campo da comunicação ao preferirem considerar a observação não apenas como etapa da pesquisa – de “ida y vuelta” (2012, p. 68) – ou exclusivamente como um método empírico (2012, p. 118 e 150), mas como substantivo do processo de vigilância, de autorreflexão acerca do objeto, das escolhas por categorias teóricas e do envolvimento do sujeito pesquisador; substantivo tão presente na ação comunicativa de Jürgen Habermas e verbo necessário ao olhar da estética enquanto linguagem da comunicação de Vílém Flusser. Debater novas categorias teóricas ao *olhar do olhar que imagina, simboliza, medeia* na promoção de *debates de sentido* é tão crucial quanto ao ver no *olhar do olhar* das ferramentas da observação como mediadores dos processos subjetivos do pesquisador no seu tecer. Um paradigma a ser traçados por novo horizontes?

Orozco e González (2012, p. 115) deduzem que o processo de vigilância como a observação das etapas da pesquisa é de fundamental importância para os aspectos qualitativos da pesquisa em comunicação vista hoje; como os estudos de Martín-Barbero (1987, *apud* OROZCO; GONZÁLEZ, 2012), ao recuperar a densidade histórica dos meios, não na visão tecnicista, mas sobretudo na leitura dos aspectos políticos e culturais nos invólucros dos meios.

Sinalizando estes eixos teóricos, esta seção sobreleva a visão do pesquisador que produz conhecimento pelo *medium* da observação como metodologia de pesquisa nas Ciências da Comunicação e dos Estudos da Mídia; assim, resgata os principais conceitos antropológicos e sociológicos na promoção da ampliação deste debate no “núcleo epistemológico da comunicação”<sup>155</sup>.

A observação dos fatos sociais atrai antropólogos, etnólogos e sociólogos que historicamente travam batalhas teóricas nas suas leituras, releituras e críticas findadas nos sugeridos “dito certos” canônicos. A Comunicação, em sua essência transdisciplinar, na constituição de um conhecimento utilitário, mas não limitado ao distanciamento entre “coisa” e “investigador”, vê na observação subjetiva uma ferramenta interpretativa acerca da realidade mais real. Por certo, as observações de Lévi-Strauss acerca dos *nhambiquaras* registradas em suas notas de campo e nas *imagens técnicas* de suas fotografias não foram as mesmas das observações de Vílém Flusser, quando este “se encantou com as pinturas rupestres da gruta Lascaux, na França”, como lembra Hanke (2016, p. 4). Por certo, entretanto, o entendimento acerca do homem que produz sentido em suas experiências estéticas.

---

<sup>155</sup> Definição encontrada em Lucien Sfez (1992, p. 11), citado por Lúcia Santaella (2001, p. 82).

O pensamento e a sensibilidade acendem a uma nova dimensão em que cada gôta de suor, cada reflexão muscular, cada ôfego tornam-se outros tantos símbolos duma história de que o meu corpo reproduz o movimento próprio ao mesmo tempo em que meu pensamento lhe abarca a significação (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 52).

A imagem de touro na parede rochosa é um reconhecimento fixado, uma vivência fixada, uma apreciação fixada, além de servir como modelo para reconhecimento, experiências e atuação intersubjetiva, em futuras caças de touro [...] (FLUSSER, 1999A, p. 84, *apud* HANKE, 2016, p. 5).

Cada “gota de suor” ou encanto ao ser “a imagem de touro na parede rochosa” reproduz não apenas “o movimento próprio” do pesquisador, mas a “vivência fixada” observada do sujeito que sente, imagina, debate, registra e simboliza. E também do sujeito que age comunicativamente na defesa de suas ideias categorizadas racionalmente por categorias estruturalistas ou fenomenológicas. A comunicação é a ponte entre a “gota” e o “touro”.

Hanke (2016) mostra evidências contundentes de que a comunicação é o processo racional mais antigo na história da humanidade, por ser atalho de acesso ao mundo na mediação das experiências estéticas pela busca de uma realidade mais real possível. Em seu artigo, destaca o caráter *animal symbolicum* da definição de Cassirer (2001, p. 50, *apud* HANKE, 2016, p. 3), que influenciou fortemente Vilém Flusser. E ainda lança no decorrer de suas considerações três visões pragmáticas ao entrelaçar ideias flusserianas, schützianas e habermasianas e: i) a junção entre a experiência estética e a racionalidade, sendo a capacidade de simbolização as chaves de uma racionalização estética; ii) a linguagem como forma de comunicação poder distorcer a realidade; e iii) a tradução das experiências estéticas em linguagem reprodutora das formas comunicativas cotidianas, fonte de racionalização. Estética, linguagem e razão parecem, assim, ser elo da comunicação. Fotografia, texto e fala são instrumentos avaliativos intrínsecos à observação como o processo do processo de pesquisa.

Uma observação instrumental, mas bem além desta: vigilante ao entender os limites da própria subjetividade, fortalecido pelo espírito da constante interrogação e autocrítica debatida pelo próprio pesquisador acerca do seu entendimento de mundo. Como esclarecem Orozco e González (2012, p. 104), ao ver que “a realidade e a observação haviam sido mantidas em torno dos princípios de indagação. Como conseguir isso? Apenas através da própria vigilância e da constante autorreflexão, sem perder a consciência de que em qualquer momento a própria subjetividade trai o investigador” (“la realidad y la observación que se haya mantenido en torno a los principios de indagación. ¿Cómo conseguirlo? Sólo a través de la propia vigilancia y la constante autorreflexibilidad, y no sin la consciencia de que en cualquier momento la propia subjetividad traicionaría al investigador”).

A ambiência que é capturada por uma lente que dissimula a realidade assume códigos de acordo com o contexto que estabelece relações de sentido com o observador. Existe uma situação de confiança nas imagens técnicas, e se existe crítica, “[...] não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo.” (FLUSSER, 1985, p. 10). Nessa perspectiva, pode-se aliar esses aspectos à necessidade que se sente de que as fotografias transmitam conteúdo ou alguma mensagem. A cada leitura interpretativamente simuladas à plateia-telespectador-mediada, não ficaram resguardadas a paixão e a sedução por toda palavra escrita em um diário de pesquisa, que, aliado à fotografia, constitui técnicas historicamente empreendidas pela Antropologia e pela Sociologia. Olhar fixo do investigado mesclava-se ao do pesquisador. Estas expressões expostas na linguagem audiovisual me faz chocar, comover, me deixa saudoso ou mesmo indiferente – nada será enxergado sem que seja sentido. Essa interpretação está ligada muitas vezes a uma produção social, tais como uma abordagem histórico-cultural.

A aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem tenciona lhes captar o significado. Com efeito, são elas símbolos por demais abstratos: codificam textos em imagens, são metacódigos de textos. A imaginação, à qual devem sua origem, é capacidade de codificar textos em imagens (FLUSSER, 1985, p. 10).

Um fotógrafo pode assim alimentar a alma com significados múltiplos de um só referencial. Um admirador da fotografia, estática ou em movimento, também. Ao longo dos anos, as pessoas foram capazes de entender a fotografia como forma de expressão. Para Cassirer (1994), a realidade física recua em proporção ao avanço das atividades simbólicas do homem. Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana. Todo progresso humano em pensamento e experiência é refinado por essa rede, e a fortalece (CASSIRER, 1994, p. 2). Ao se expressar algo por meio de fotografia, provoca-se o duelo entre realidade e simbolização. Cassirer (1994, p. 2) reforça veemente, ao dizer que “[...] o homem não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades e desejos imediatos”.

Em *Filosofia da caixa preta: ensaios sobre uma futura filosofia da fotografia*, Flusser aborda temas como o conceito de imagem, o conceito de fotografia e a necessidade de uma filosofia por trás de uma fotografia. A imagem é fruto da tentativa de colocar, em um plano, duas das quatro dimensões espaçotemporais (FLUSSER, 1985, p. 7). Na tentativa de criar uma imagem, dá-se espaço para a imaginação, buscando, assim, decodificar a verdadeira

mensagem por trás daquele plano para que seja recriada de modo que seu significado seja entendido. “A imaginação é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens.” (FLUSSER, 1985, p. 7).

Flusser afirma que o significado superficial de uma imagem pode ser captado com apenas um golpe de vista, mas que por meio do *scanning*, é possível decifrar e procurar reconstituir as dimensões abstraídas no processo de codificação da imagem, para que se possa entender tanto a intencionalidade do emissor quanto a do receptor. O autor faz, ainda, uma diferenciação entre a imagem e a cifra, afirmando que a primeira tem cunho conotativo, pois dá espaço para interpretação e imaginação, enquanto a segunda tem cunho estreitamente denotativo. Como documentar as etapas de observação de um pesquisador que, mergulhado em rede, interpreta suas hipóteses por imagens?

Etimologicamente<sup>156</sup>, a palavra “observação” tem como raiz o verbo “*observare*” que em latim significa “adesão respeitosa aos requisitos de regras ou rituais” (“respectful adherence to the requirements of rules or ritual”) entre o período histórico de 1100 d.C. e 1500 d.C. E, mais recentemente, o substantivo observação (*observation*) como i) “a capacidade em notar alguma coisa, especialmente detalhes importante” (“habildade de the ability to notice thing, especially significant details”) e ii) “Uma declaração baseada em algo que alguém viu, ouviu ou notou” (a statement based on something one has seen, heard, or noticed”). (OXFORD DICTIONARY OF ENGLISH, versão do leitor digital Kindle).

Estados Unidos e Reino Unido, no fim dos anos de 1920 e início dos de 1930, pontuavam o marco dos interesses qualitativos na observação dos traços que sinalizaram as obras *Payne Fund* (1933-1935)– consistindo em uma série de estudos a fim de averiguar os efeitos dos filmes no comportamento de crianças e adolescentes promovido pela ianque Frances Bolton – e *Mass Observation* (1937) – coletânea de estudos sobre o cotidiano britânico relacionado ao consumo dos meios antecipados por Walter Benjamin – (GAMSON, 1992; LIEBES; KATZ, 1990 *apud* JENSEN, 2002, p. 157). O pesquisador estadunidense Hadley Cantril (1940, *apud* JENSEN, 2002, p. 157) traçava as metodologias e interesses qualitativos quanto a estes estudos e inauguraram o primeiro olhar à temática da *observação de massa* pelo que hoje se admite como estudos acerca da recepção dos meios.

---

<sup>156</sup> OXFORD DICTIONARY OF ENGLISH (versão do leitor digital Kindle).

Estudos feitos no Reino Unido provenientes de experimentos de observações das massas, nos anos de 1930, atualmente compilado em um biblioteca virtual<sup>157</sup>, fornece valiosos *insights* sobre os processos de consumo de mídia e recepção à época, como lembra Jensen (2002, p. 158), e mais contemporaneamente marcado pelos trabalhos de Richards e Sheridan (1987 *apud* JENSEN, 2002, p. 158). O arquivo baseado em observação das multidões continua a reunir documentos sobre o cotidiano na Grã-Bretanha, por meio do projeto intitulado “Observação de massa” (Mass Observation).

Orozco e González (2012, p. 118) salientam que James Lull (1988) foi o pioneiro em um trabalho etnográfico com enfoque na recepção dos meios com uma proposta mínima de envolvimento do sujeito pesquisado. Herda da Antropologia Social características como a presença do pesquisador mais imerso no ambiente que circunda. A principal ferramenta da observação etnográfica é o diário de campo, em que o pesquisador insere completamente a bagagem observada no processo de imersão. Cada detalhe deve ser escrito, bem como mudanças de significados que o pesquisador percebe, sem perder o foco dos fatos. Para o autor, o gravador pode ser um bom recurso de organização das ideias e cronologia durante a pesquisa. Orozco e González (2012, p. 151) ainda salientam que Jorge González se destaca no México por esse tipo de observação nas temáticas da cultura e da comunicação (OROZCO; GONZÁLEZ, 2012, p. 151).

No campo da Comunicação e dos Estudos da Mídia, a dicção “observação etnográfica” se confunde com o termo “participante” por envolver interações e imersões em seu sentido concreto. Uma vantagem da referência aos graus de observação e participação e a interface com outros métodos de coleta de dados é que ele evita a terminologia controversa e questionável de etnografia, que foi importada em pesquisa de mídia e comunicação, particularmente durante os anos de 1980. Jensen (2002, p. 242) sinaliza ainda que, de acordo com Fielding e Lee (1998, p. 28), as observações etnográficas continuam a enfrentar problemas especiais de documentação, baseando-se nos tipos heterogêneos de dados, mas se fortalecem nos diários de campo manuscritos como a peça central natural. Contemporaneamente, há uma vertente, representada por Margaret Mead, empenhada em propor que a Antropologia Visual pode estar alocada próxima aos estudos visuais da mídia (BAUER; GASKELL, 2000; J. J. SCHENSUL et al., 1999 *apud* JENSEN 2002, p. 243).

---

<sup>157</sup> [www.massobs.org.uk](http://www.massobs.org.uk)

Muito das pesquisas em comunicação que buscam um viés quantitativo tendem a um envolvimento mínimo aos sujeitos pesquisados. Orozco e González (2012, p. 118) sinalizam que “energia, dinheiro, tempo, esforço e recursos” são causas da não ampliação, ou mesmo da consideração, de muitas dessas pesquisas à visão antropológica classicamente qualitativa (como os trabalhos etnográficos). Um meio-termo entre menor e maior envolvimento e interação com os sujeitos são as entrevistas em profundidade ou observação participante que demanda inclusive menor fonte de recursos e tempo em suas execuções. E ratificam: “além disso, uma observação participante de cerca de 2 ou 4 horas pode ser feita para ver a interação específica como um modo de comunicação sendo analisado”. (“Además, se puede realizar una observación participante de unas 2 o 4 horas para ver la interacción específica como modo de comunicación que se está analizando”). (OROZCO; GONZÁLEZ, 2012, p. 118).

Sem embargo ao menor tempo das observações etnográficas, vale salientar que a observação participante rompeu paradigmas nos anos de 1970 por estudar tabus (usuários de maconha e pacientes de hospícios) no campo das ciências da Sociologia e da Psicologia, respectivamente representada por Goffman (1959; 1963), Rosenhan (1973), Becker (1999) e deixa como legado uma prática pioneira de imersão em campo em busca de evidências para validação de hipóteses e com especial reflexão sobre a pergunta em torno do objeto a ser estudado, como lembra Becker (1999, p. 30): “Analisamos o sistema de interação no qual o problema surge, exatamente do mesmo modo que analisaríamos qualquer outro sistema de interação”.

A observação participante vê na interação com o sujeito e a autocrítica do pesquisador, também sujeito observado pelo grupo no qual está imerso, caminhos para uma análise qualitativa mais racionalmente livre de “ditos certos”. Rosenhan (1973, p. 12) entende como observadores participantes os sujeitos pesquisadores dispostos à consciência do seu não pertencimento ao grupo e autovigilância no “processo de despersonalização” (“process of depersonalization”).

A Sociologia vê na observação participante um método qualitativo de pesquisa, e não apenas como pontapé de uma escolha temática ou de interesse pelo objeto. Deixa rastros no entendimento de vê-la como processo que foca a interação e as experiências do pesquisador em campo com os sujeitos observados, tendo o diário de campo como principal ferramenta de análise.

É preciso destacar o fato de que a Sociologia da Escola de Chicago abriu caminhos para a Sociologia como um todo, principalmente no que diz respeito à utilização de métodos e de técnicas de pesquisa qualitativa. O trabalho de campo tornou-se uma prática de pesquisa corrente também na Sociologia, e não apenas na Antropologia. Também proporcionou vários temas de pesquisa à Sociologia contemporânea e desenvolveu novas correntes teóricas, como as teorias do rótulo e do desvio.

Entre os estudos mais representativos dessa corrente, estão os de Howard Becker e Erving Goffman. *Outsiders: studies in the sociology of deviance* (1963, *apud* GOLDENBERG, 2004), de Howard Becker, sobre músicos profissionais fumantes de maconha, discute os processos pelos quais os desviantes são definidos como tais pela sociedade que os cerca, mais do que pela natureza do ato que praticam. *The Presentation of Self in Everyday Life* (1959, *apud* GOLDENBERG, 2004), de Goffman, analisa os “desempenhos teatrais” dos atores sociais em suas ações do dia a dia.

A Escola de Chicago abriu caminho para correntes teóricas que, mesmo não podendo ser diretamente associadas a ela, não deixam de apresentar certa influência de sua abordagem metodológica, como a fenomenologia sociológica e a etnometodologia (GOLDENBERG, 2004). Concordando com os cuidados apontados nos trabalhos de Becker (1999), Orozco e Rosenhan (1973) e González (2012, p. 119) sinalizam a necessidade de vigilância desse tipo de pesquisa quanto ao envolvimento do sujeito pesquisador com os pesquisados, em especial sob o prisma de não buscar evidência para conclusões já imgeticamente tidas como certas: “deve ir calibrando e avaliando se há envolvimento”, para não chegar a conclusões subjetivamente precipitadas.

## 2.2. Mineração de dados e uso de *softwares* na pesquisa de mídia

Aux premiers temps des machines semi-automatiques, des enquetes ont montre que les ouvrieres specialisees se laissaient aller, en travaillant, a une reverie d'ordre sexuel, elles se rappellaient la chambre, le lit, la nuit, tout ce qui ne concerne que la personne dans la solitude du couple ferme sur soi. Mais c'est la machine en elle qui revait de caresses...<sup>158</sup> (Gallimard, 1960, p. 290, *apud* Marcuse, [1964]2006, p. 29)<sup>159</sup>

Esta tese não fez uma pesquisa com grande quantidade de dados (*big data*). O objeto se construiu ao longo da observação. Houve este desígnio, mas o processamento das informações e armazenamento do acervo a ser analisado não foram automatizados. A tese deixa brechas para uma pesquisa com *big data*, mas somente na intenção a faz. E é por ela que abre searas a serem percorridas. A mineração de dados é a etapa primeira a que gostaria de me ater.

A relação humana com algoritmos saiu do campo técnico para a usabilidade diária na vida dos pesquisadores do terreno das Ciências Humanas e Sociais. E já invadiu a vida relacional amorosa dos humanos com atores não humanos: com máquinas computacionais de aprendizagem.

As narrativas de “relação amorosa” com uma máquina computacional atualizam os reclames irônicos de Herbert Marcuse ([1964]2006) ao esboçar o estreito dano que a tecnologia causou na vida *unidimensional* de trabalhadoras que “sonhavam com as carícias das máquinas”. Amy Webb, jornalista e estrategista digital dos EUA, garantia uma receita extra com seus relatos de um romance amoroso não ficcional lançado em 2013, *Data, a love story* (*Data, uma história de amor*, em livre tradução). Ao “brincar com o sistema, usando matemática, dados e brechas”, como palestra Webb (2012) em uma conferência da organização TED que conquistou a atenção da plateia, mostrando seus percursos para encontrar o homem dos seus sonhos via usabilidade de tecnologias de computação.

---

<sup>158</sup> Do traduzido por Marcuse ([1964]2006) para o português em livre tradução, “Logo após a introdução de máquinas semi-automáticas, as investigações mostraram que as trabalhadoras qualificadas se deixavam cair enquanto trabalhavam em um tipo de devaneio sexual; eles se lembrariam do quarto, da cama, da noite e tudo o que diz respeito apenas à pessoa na solidão do casal sozinho consigo mesmo. Mas era a máquina nela que estava sonhando com carícias”.

<sup>159</sup> Marcuse ([1964]2006) traduz do francês para o inglês: “Shortly after semi-automatic machines were introduced, investigations showed that female skilled workers would allow themselves to lapse while working into a sexual kind of daydream; they would recall the bedroom, the bed, the night and all that concerns only the person within the solitude of the couple alone with itself. But it was the machine in her which was dreaming of caresses . . .” citando a autoria de Jean-Paul Sartre em *Critique de la orison dialectique*” (Gallimard, 1960, p. 290, *apud* Marcuse, [1964]2006, p. 29).

Amy decidiu fazer um levantamento quantitativo e começou a registrar sistematicamente vários dados sobre suas informações relevantes e aplicou cruzamento de dados, chegando a 72 atributos que ela exigiria em qualquer futuro. A jornalista dividiu esses atributos em dois níveis e desenvolveu um sistema de pontuação, atribuindo pontos específicos para cada um. A pontuação era a seguinte: para 700 de um máximo possível de 1800, ela concordaria em ter uma troca de *e-mail*; para 900, ela iria a um encontro; por 1.500, ela consideraria um relacionamento de longo prazo. Após algumas frustrações ao perceber que metade da equação apenas iluminava o que ela procurava em um companheiro, Amy tomou o passo seguinte: a criação de dez perfis falsos de namoro, por meio dos quais testou as combinações criadas até chegar a diferentes arquétipos femininos. Ela interagiu com um total de 96 mulheres, observando sistematicamente seus comportamentos e respostas, e com isso construiu uma linguagem algorítmica que usaria na interação com pretendentes do sexo masculino. O resultado foi um perfil popular e a atração de combinações ideais dos perfis de quem de fato a interessava (WEBB, 2012). O *happy end* de seu relacionamento com as inúmeras combinações algorítmicas em rede findou no encontro com Brian, atual marido com quem teve filhos e até agora ainda tem um “relacionamento feliz”. Pelo menos em discurso.

O final feliz para o relacionamento com lógicas algorítmicas no campo da pesquisa em Ciências da Comunicação e dos Estudos da Mídia é exaustivo e, por vezes, se traduz em horas despendidas e inúmeros *softwares* para extrair e *minerar* por códigos os dados coletados. No Brasil, Cárdenas Maita (2015) e Pontes (2015) apontam no conceito de “mineração de dados” o método de pesquisa quantitativo que auxilia o investigador a ter um panorama mais amplo de seus estudos com dados da rede.

Bruno Latour (2011, p. 205) revela que, “com o automatismo, grande número de elementos é levado a agir com unicidade [...]” e em sua proposta na consideração de que a ciência mais globalizada garantiu ao “jogo científico” a necessidade de ampliação dos métodos científico para além do olhar do objeto em meros objetos. Mesmo que estes sejam empíricos, não humanos. O cientista, “construtor de fatos”, é o mesmo construtor e narrador dos objetos não empoderados do controle de suas variáveis estruturas. Mesmo que estes sejam vistos com a unicidade de um todo, de uma “caixa-preta”: “Enquanto não puderem ser transformados em autômatos, os elementos que o construtor de fatos quer propagar no tempo e espaço não constituem caixa-preta.” (LATOURE, 2011, p. 205). Os elementos humanos e não humanos nas pesquisas globais colocam a caixa-preta, da conclusão de uma pesquisa, fragmentada, pela essência de sua própria construção. Nenhum objeto é, de fato, meramente único, porque seu

automatismo o faz ver como um. Há peças, partes, sistemas e entrelaçamentos visíveis e invisíveis que constituem a dinâmica de um mero botão “*enter*” em um teclado, ou de um mero endereço de *website*, contido em uma “url”.

Para que a semelhança dos dois relatos, do amor feliz com máquinas de aprendizagem de Amy Webb (2012), ou dos sonhos e carícias claustrofóbicas das linhas de produção em massa das mulheres apontadas em Marcuse ([1964]2006), é necessário entender o processual fato por trás das máquinas citadas. A essência da atividade científica em Latour (2011), na criação de enunciados e subtração de modalidades analíticas, sem uma rede de comunidades acadêmicas, sem o contexto social dos atores (humanos e não humanos) em rede, os conteúdos técnicos findariam nas próprias estagnações dos objetos. Nunca estáticos, mas se não postos em contato, sempre estáticos. É necessário salientar a importância da Teoria do Autor Rede (TAR). “Rede não é estrutura, mas o que é tecido em uma dada associação. Quando falamos de rede, estamos falando de mobilidade. [...] O conceito de rede visa apreender algo pulsante, o que se forma e se deforma aqui e acolá pela dinâmica das relações.” (LEMOS, 2013, p. 1).

Hepp, Breiter e Hasebrink (2018, *apud* ERICKSON, 2003;GRUZD et al, 2011) compreendem que com a massificação e o desenvolvimento das tecnologias de comunicação mediada por computador, os serviços de redes sociais (SRS) e os mensageiros instantâneos (MI) permitiram que as pessoas se conectem mais às limitações bruscas de tempo e espaço nos processos de interação social. E apontam que uma das consequências destas tendências é que as fronteiras sociais tendem a se desfazer, tornando as redes pessoais formas diversas interativas mimetizadas pela comunicação face a face.

Na teoria do processo civilizatório, de Norbert Elias, a autonomia relativa dos indivíduos, expressas nas redes de interdependência destas com a sociedade, bem como a noção de *habitus*, entendida como uma ponte estruturante das configurações em direção aos processos de mudanças e rompimentos, encontra nas noções de tempo o ponto de entrelaçamento.

“Sua solução foi argumentar que a transformação estrutural poderia ser explicada em termos da relação de mudança entre os indivíduos e a sociedade através do tempo. Elias referiu-se a essas dinâmicas como figurações – ou, como diríamos, como figurações de certos

domínios sociais<sup>160</sup>” (HEPP, BREITER E HASEBRINK, 2018). Pela proposta de figuração eliasiana, compreende-se que as “redes de indivíduos” na essência de sua interação os domínios sociais, são vistos como modelos processuais de entrelaçamento social. Um ponto tensor de equilíbrio do conceito de figuração.

A abordagem de “figuração” poderia - e deveria - incorporar mudança, abertura, multiplicidade de chances, imprevisibilidade essencial do resultado, fluidez de qualquer padrão atual de interdependências, na própria descrição de todas as totalidades sociais historicamente geradas. A figuração não pode ajudar, mas ser ao mesmo tempo estável (no sentido de algumas ações de indivíduos ou grupos serem muito menos prováveis do que outras) e dinâmica (no sentido de que nenhum conjunto futuro de eventos é totalmente determinado pela rede anterior de interdependências). As figurações, na verdade, negam e transcendem a própria oposição entre estabilidade e mudança<sup>161</sup> (DUNNING, Eric; STEPHEN, 1979, p. 119).

Norbert Elias, desde os estudos das mudanças sociais do sistema medieval para o burguês na sociedade francesa, proposto na obra *Über den Prozeß der Zivilisation* (1939)<sup>162</sup>, rompe com a visão estruturalista da compreensão dos sistemas sociais de Talcott Parsons. Criticando a visão universalista do sociólogo que pretende explicar a ação humana pela construção intencional fixada, Elias nega que a ação social é o produto de opções individuais. E sugere uma centralidade nas questões particulares propensas à formação da sociogêneses e psicogêneses como elementos do processo civilizador que, sempre em curso, são formadas por rompimento e continuidade “[...] só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das acções das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo da sua interdependência, da estrutura das suas sociedades, em resumo, das configurações que formam uns com os outros” (ELIAS, 2011, p. 79). São os símbolos, a espacialidade e a temporalidade que ligam as redes de interdependência entre humanos. Também na relação não humana. A linguagem garante a identificação e as ligações emocionais entre indivíduos. “[...] as pessoas ligam-se emocionalmente umas às outras por meio de símbolos. Este tipo de ligação não é menos significativo da interdependência humana dos que as ligações criadas, tal como

---

<sup>160</sup> “His solution was to argue that structural transformation could be explained in terms of the shifting relation between individuals and society through time. Elias referred to these dynamics as figurations— or as we would put it, as figurations of certain social domains” (HEPP, BREITER E HASEBRINK (2018).

<sup>161</sup> “The 'figuration' approach could - and should - incorporate change, open-endedness, multiplicity of chances, essential unpredictability of outcome, fluidity of any current pattern of inter dependencies, into the very description of all historically generated social totalities. Figuration cannot help but being at the same time stable (in the sense of some actions of individuals or groups being much less likely than some others) and dynamic (in the sense that no future set of events is fully determined by the prior network of interdependencies); figurations, as a matter of fact, negate and transcend the very opposition between stability and change.”. (DUNNING, Eric; STEPHEN, 1979, p. 119).

<sup>162</sup> ELIAS (1990, 1993).

mencionámos, por uma especialização crescente” (ELIAS, 2011, p. 151). As ligações políticas e econômicas não fogem desta perspectiva. As instituições políticas têm alargado a cadeia de interdependência pelas funções diplomáticas. E pela tecnologia, o entrelaçamento entre sujeito atravessa tempo e espaço. De uma ponta da América a qualquer cidade do mundo. A rede de conectividade do YLAI Network demonstra a cadeia de interdependência entre líderes empreendedores, políticos e empresas.

Um método qualitativo por meio de entrevista com gestores do *Meridian International Center*<sup>163</sup> poderia ser o caminho mais óbvio para entender como os rearranjos, os jogos diplomáticos entre Departamento de Estado e países da América Latina e do Caribe ocorreriam. O próprio jogo que o pesquisador estaria propondo em campo facilmente, porém, seria manipulável pelo uso de argumentos controlado por um eventual entrevistado<sup>164</sup>. A promessa de desenvolvimento social do discurso da própria política seria a ponta do *iceberg* inevitavelmente mascarado, tornando inalcançáveis os aspectos de luta, tensões e pontos de equilíbrio a serem investigados.

A proposta desta seção é ampliar o campo empírico pelo viés quantitativo para detalhar os pontos relevantes ao olhar qualitativo, posto na seção anterior. O intento aqui é observar as redes de comunicação institucional permeadas pelos discursos oficiais da política diplomática mobilizadora das interações do grupo informal midiaticizado. As categorias analíticas do processo de ancoragem nas interações aos achados de enquadramentos temáticos, como feito no Capítulo 1, pode ampliar a visão da *política média* aos caminhos de automatização humana e não humana no centro das redes oficiais de informais de interação. Tornar empíricas as noções de usabilidade técnicas por meio da pesquisa dos mesmos procedimentos de pesquisa de *big data* é o ponto central a ser desenvolvido. Isso dará brechas para estudos futuros utilizarem-se da denominada mineração de dados, feita nas análises quantitativas do Capítulo 1. E justifica-se: “A estrutura teórica de uma sociologia de configurações<sup>165</sup> e de desenvolvimento deixa naturalmente um espaço para os inquéritos estatísticos.” (ELIAS, 2011, p. 144).

<sup>163</sup> Empresa privada dos EUA gestora do YLAI Network que, há 50 anos, desenvolve os projetos diplomáticos de visitantes estrangeiros latino-americanos aos Estados Unidos.

<sup>164</sup> De fato, em uma entrevista realizada com uma participante do YLAI Network realizada na cidade de Lima em maio de 2016 esta “manipulação” estabelecida no próprio processo de comunicação interpessoal foi diagnosticada. Desvendar as nuances seria uma barreira metodológica.

<sup>165</sup> O termo original utilizado é “figuration”, que em algumas das obras de Norbert Elias traduzidas pelo português de Portugal como “configuração”. Esta tese priorizou a integralidade terminológica no termo “figuração”.

No texto preparado para defesa desta tese a perspectiva central desta seção seria confrontar se os momentos de maior interação do grupo informal da política mídia se alinhavam aos padrões dos discursos oficiais emitidos por uma rede social específica (Twitter). Após a deliberação da banca de defesa, optou-se por excluir a parte de interpretação dos dados oriundos de uma rede social formal da política diplomática em questão. O leitor não terá acesso aos estudos que contrastam dados entre Twitter e o grupo informal analisado. Sem embargo, preservou-se os itens que narram as etapas da mineração dos dados: extração, pré-processamento e pós-processamento dos dados da conta oficial do YLAI Networking. Pelo fato das etapas iniciais de mineração de dados, feitos a partir do Twitter, ser semelhante com os extraídos da rede informal do grupo de WhatsApp o autor optou nesta seção por preservar as etapas iniciais da técnica de mineração.

Em um plano mais específico, a seção oferecerá uma visão instrumental da técnica de análise de mineração de dados pode, podendo esta ser operacionalizada em ambas as redes: oficiais e informais. As pesquisas de mídia devem considerar análises dinâmicas na triangulação da pesquisa, em especial ao considerar que o prisma quantitativo se reveste por padrões de interação de um grupo informal e da padronização da propagação de ideias por via de redes oficiais. Não apenas *minerar* o dado interessa, mas pô-lo em contato com as próprias dinâmicas processuais do contexto externo que este se aloca. “As pessoas não se desligaram suficientemente dos problemas criados pela crescente especialização científica para os poderem investigar sistemática e cientificamente.” (ELIAS, 2011, p 53). Se é verdade que a ultraespecialização científica galga alicerçando os Estudos de Mídia como terreno teórico no Brasil, parece ser conciliatória defender este campo com técnicas próprias, mas, acima de tudo interdisciplinares. Acredita-se que a Triangulação da Pesquisa da Mídia, que munuiu o capítulo inicial desta tese, parte do ato de minerar dados - originado na Ciência da Computação. Não sendo esta tese pertencente a essa área, mas, buscando ancoragens interdisciplinares, ao grupo informal a mesma técnica foi aplicada quando analisou o Twitter no estágio embrionário desta tese. Esta seção dedica-se a breve explanação dos estágios antecessores de montagem dos painéis dinâmicos, apresentados nas quatro seções do capítulo 1, endossando a importância da mineração no ato de triangular a *observação*. As etapas da triangulação de dados narrados posteriormente merecem maior atenção os Estudos da Mídia, sendo aqui levantados breves explicações organizativas do processo de mineração feita na tese.

Lev Manovich (2013) aponta que na pesquisa com dados em rede os códigos digitais e a consideração das tecnologias computacionais de aprendizagem permeados à *big data* são desafios para os estudos contemporâneos.

Código digital, visualização de dados, GIS, recuperação de informações, técnicas de aprendizado de máquina, velocidade de processadores em constante crescimento e custo decrescente de armazenamento, tecnologias de big data analytics, mídias sociais e outras partes do moderno universo tecnológico introduzem novas formas de adquirir conhecimento e no processo, redefinir o que é o conhecimento.<sup>166</sup> (MANOVICH, 2013, p. 337-338).

Como assumido no início da seção, ao amadurecimento da triangulação de dados, observou-se que a pesquisa de big data acumula um valor processual que não foi possibilitado pela falta de automatização da investigação. O recebimento da grande quantidade de dados não foi em tempo real. Foram dois os momentos de coleta de dados para a posterior prática de mineração: o *download* de um arquivo em formato de planilha que contemplasse uma grande quantidade de dados da rede oficial da política diplomática Twitter; e o segundo armazenamento dos dados provenientes das interações do grupo informal no WhatsApp. As técnicas delimitaram pontos demarcados de início e fim de recebimento de dados. Por esta questão e pela não automatização do processo por um *software* capaz de capturar as mensagens à medida das trocas em tempo real, o estudo desta seção não pode ser considerado como uma análise de *big dados*.

Ratifica-se que esta seção relata apenas o processo de mineração de dados da rede oficial Twitter. Como assumido na seção 2.1, o encontro com o objeto de pesquisa foi processual ao passo da observação midiaticizada. As interações em um grupo informal só foram assumidas nesta tese como recortes empíricos após o uso de instrumentos etnográficos da pesquisa.

O conceito de Mineração de Dados (MD) rompe as barreiras de um conhecimento específico do setor de TI, facilitando as interpretações de um pesquisador. Auxilia a visão empírica que os estudos sobre midiaticização propõem. O tratamento de dados

---

<sup>166</sup> “Turning everything into data, and using algorithms to analyze it changes what it means to know something. It creates new strategies at together make up software epistemology. Epistemology is a branch of philosophy that asks questions such as what is knowledge, how it can be acquired, and to what extent a subject can be known. Digital code, data visualization, GIS, information retrieval, machine learning techniques, constantly increasing speed of processors and decreasing cost of storage, big data analytics technologies, social media, and other parts of the modern technosocial universe introduce new ways of acquiring knowledge, and in the process redefine what knowledge is” (MANOVICH, 2013, p. 337-338, livre tradução).

pelo método quantitativo da Mineração de Dados teve origem nos Estados Unidos a partir da aplicação dos estudos de Tecnologia da Informação (TI) aplicados aos negócios durante os anos de 1990. As etapas para exploração das informações e geração de *insights* deste método dar-se-ão pelo processo de “Knowledge Discovery” – KDD – (Descoberta de Conhecimento), termo referente a quatro níveis analíticos: i) acesso aos dados; ii) pré-processamento, iii) pós-processamento dos dados, e iv) interpretação dos resultados. Estas etapas, segundo Nisbet, Elder e Miner (2009, p. 34), culminam na elaboração de um formulário útil para tomada de decisão.

Na elaboração dos objetivos da MD, Nisbet, Elder e Miner (2009, p. 35) sugerem um modelo mais voltado para gestores de negócio e assumem a resistência da academia em utilizar este processo. Adaptaram-se as metas à realidade da pesquisa, tende-se elaborado os seguintes pontos:

- a) escolher um serviço de rede social da *política mídia* (nesse caso, Twitter e WhatsApp), a qual a coleta de dados seja viável e possa ser processada no *software Microsoft Excel 2016*®.
- b) adquirir um conjunto de dados adequado para estudo e modelagem.
- c) criação de uma lista de categorias, a fim de retomar os pontos analíticos da pesquisa.
- d) delimitação de um tempo final para coleta dos dados.
- e) importação dos dados para o *software Microsoft Excel 2016*®.
- f) organização dos dados em colunas com informações específicas para futuro cruzamento.
- g) prévia análise dos dados no *Microsoft Excel 2016*® e exportação para o programa *Microsoft Power BI*®.
- h) criação de modelos categóricos analíticos e geração de gráficos para leituras dos dados.
- i) alimentar a base de dados do *Microsoft Power BI*®, para que o sistema entenda aplicações dos modelos analíticos futuramente de forma automatizada.

- *Acesso aos dados do YLAI Network extraído da rede social Twitter*

A decisão por analisar uma empresa prestadora de um serviço de rede social (SRS) como o *Twitter*, para entender o processo de padronização e automatização das mensagens de propaganda da política diplomática, se deu pela facilidade de acesso da extração de dados prioritariamente. Também por minha não adesão às redes Facebook e Instagram, a qual a política diplomática também possui conta oficial. O segundo motivo denota a essência que os SRS aplicam à teoria da midiatização trabalhada nesta tese. Tornando empírico o conceito de figuração comunicativa na proposta de diferenciação da relação espaçotemporal, da conectividade das redes, da onipresença dos dispositivos midiáticos, da essência inovativa e da *datatização* pelo uso de tecnologia *big data*<sup>167</sup>, o pesquisador, ao assumir sua limitada adesão aos repertórios de mídia parece, além de sincero com o leitor, assumir o caráter da correntes de estudo. O fator de identificação<sup>168</sup> com a plataforma, ante a necessidade de acompanhar o perfil “@YLAINetwork” durante o processo de pesquisa tornou-se secundário ao passo da construção do Diário Aberto. O primeiro motivo destacado no início do parágrafo, sem embargo, o de conveniência em coletar todas as mensagens da conta analisada, fortaleceu todas as outras justificativas. Somente por meio da tabulação destes dados, o processo de mineração e codificação poderia ser feito. Freire (2015, p. 85) citando Sudweeks e Simoff (1999) retoma a importância do método de Mineração de Dados: “Para os autores, a mineração de dados da Internet, a análise de agrupamentos e a análise difusa de dados seriam métodos quantitativos complementares às abordagens qualitativas, oferecendo um *insight* para uma primeira combinação de metodologias on e offline”.

Ferrari e Russo (2017) ajudam a entender a dinâmica entre os dois *softwares* utilizados (*Microsoft Excel 2016*® e *Microsoft Power BI*®) para a análise de dados coletados

---

<sup>167</sup> À medida que os estudos sobre ancoragens de interação possam ser praticados de modo mais concretos, para obtenção de vínculos de enquadramentos temáticos, o estudo com grande quantidade de dados em tempo real poderá ser concretizado seguindo semelhantes arranjos como descrito nessa seção.

<sup>168</sup> No diário de campo desta pesquisa, escrito em 11 de fevereiro 2017, destacam-se a resistência inicial e a decisão em acompanhar o YLAI Network pelo *Twitter* “[...] como eu posso fazer pesquisa de dados, longe dos dados? Eu pude rever que a retomada à rede social *Twitter* seria a única forma de acompanhar meu objeto investigado. Faz oito anos que eu criei meu perfil, e muita coisa muita coisa mudou. Eu ainda lembro do primeiro livro que adquiri em 2009 sobre um manual do *Twitter* quando a plataforma era ainda toda em inglês. Muita coisa mudou desde então. Eu e o pássaro. Ao baixar o *Twitter* depois de alguns anos longe de qualquer rede social, eu retomei as lembranças de minha investigação de mestrado no inverno de 2014, quando entrevistei Aaron, um jovem publicitário que tinha recém entrado no *Twitter*. Foram quase duas horas de conversa em um *pub* na cidade de Nova York. O meu interesse de pesquisa na época era distinto: eu queria desbravar o que seria o movimento *startup*... Hoje, eu não faço ideia o que está por trás do YLAI, mas sinto que algo me chama. E é por esta rede que eu devo observar. Observar o meu próprio processo de observação. Me falta uma pergunta de partida, mas a hipótese de que eu posso encarar o YLAI como um dispositivo midiático aqui se ampliará.” (informação pessoal, 2017). Este diário foi anterior à criação do Diário Aberto.

da rede social *Twitter* do YLAI Network. Freire (2015, p. 317) aponta uma lista de 2.139 técnicas para monitoramento de redes sociais; no entanto, a ferramenta utilizada por esta pesquisa não estava listada na tabela<sup>169</sup> de sua tese. Foram quatro meses de estudo das plataformas e funcionalidades até chegar à descoberta de um *plug-in* (aplicativo conector de funcionalidade adicional) coletor dos dados<sup>170</sup> intitulado *SeoTool for Excel*<sup>171</sup>. Após download dessa ferramenta, o passo seguinte foi a associação da conta pessoal do perfil da conta do *Twitter* do autor ao site que dá acesso à funcionalidade de desenvolvedores e programadores desta rede social<sup>172</sup>. Uma vez conectado, a fórmula utilizada no Microsoft Excel® foi dada pelo seguinte algoritmo:

```
= Dump(Connector("Twitter.UserTweets";"ylainetwork";VERDADEIRO;"Url,Id,
CreatedAt,Tweet,Source,RetweetCount,FavoriteCount,AttachedUrl";FALSO;1000))
```

A técnica de algoritmos de associação é utilizada para analisar variáveis categóricas simples e complexas. O interesse do pesquisador em utilizar os *softwares* da Microsoft se deu pela aplicação de funcionalidade, que, na versão 365°, é disponibilizada aos usuários com interface de maior compreensão, mesmo aos que não tem o domínio com algoritmos. Neste sentido, o trabalho por estas plataformas com algoritmo determinar sistematicamente, sem o prévio domínio dos cálculos, as regras de associação para obter um determinado objetivo. Neste estágio da pesquisa, a coleta e a tabulação eram o ponto principal. Nisbet, Elder e Miner (2009) sugerem o uso de uma tabela de tabulação a fim de especificar o número de variáveis e categorias. Assim, esta técnica é especialmente adequada para a análise de grandes conjuntos de dados. E sugere-se ser feita em associação de *softwares* de tabulação (Ex: *Excel*), ferramentas de extração de dados com técnicas de algoritmos de associação (Ex: *SEO Tool For Excel*) e de sistematização de leitura de dados (Ex: *Power BI*).

<sup>169</sup> Freire (2015, p. 317) disponibiliza a seleção de ferramentas para técnica de coletas de dados: Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B2VuFFwvsCFpR0UzZC1YVUs4ZHc/view>>. Acesso: 26/04/18.

<sup>170</sup> Retomar alínea *h* da página 72.

<sup>171</sup> Disponível em: <<https://www.seotoolsforexcel.com>>. Acesso: 02/01/18.

<sup>172</sup> Disponível em: <<https://developer.twitter.com>>. Acesso: 04/01/18.

- *Pré-processamento do grande número de dados pelo Microsoft Excel 2016®*

O segundo passo da pesquisa consistiu na coleta de dados e na tabulação deles em uma planilha. Aproximadas 3.050 mensagens<sup>173</sup> da rede social do Twitter do perfil @YLAINetwork, se feita manualmente, demandaria dias de trabalho aos parâmetros das ferramentas convencionais, enquanto, ao utilizar ferramentas auxiliares, limitou-se a menos de um minuto.

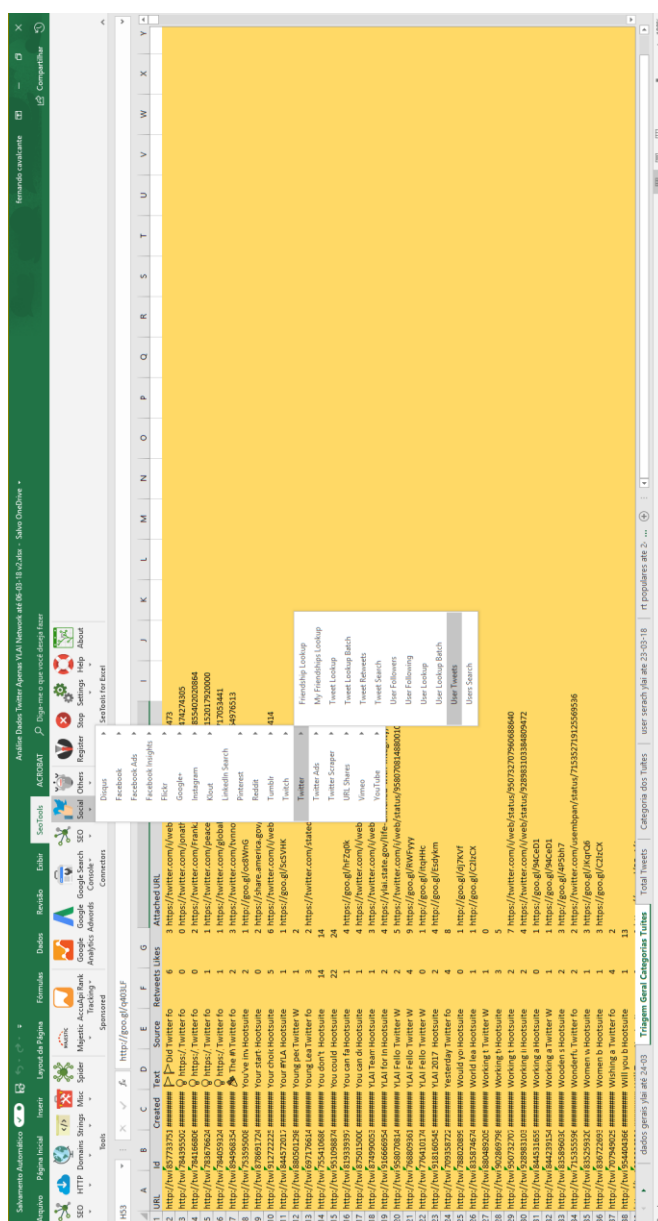


Figura 22 – Interface do Microsoft Excel 2016® destacando o plug-in SEOToolForExcel  
Fonte: Elaborado pelo autor.

<sup>173</sup> Referente a mensagens oficiais do Twitter “@YlaiNetwork”. Entre fevereiro de 2016 e abril de 2018.

A Figura 22 localiza o *plug-in* instalado no computador do pesquisador, destacando algumas das funcionalidades possíveis para além da coleta de dados de um serviço de rede social específica. O *SEO Tool For Excel* permite uma versão de experimentação gratuita no período de quinze dias e exige uma licença após este período.

É mister que o pesquisador atente para a organização das informações em colunas categorizadas no *Excel*. Foram utilizados sete blocos principais: i) URL da mensagem coletada; ii) Identificação da postagem; iii) data de postagem; iv) tuíte coletado; v) quantidade de retuítes da mensagem postada; vi) quantidade de curtidas do tuíte; e vii) anexos do tuíte caso haja.

O processamento da coleta de informações do WhatsApp, por mais que não seja retratado nesse capítulo, é simplificado, se comparado com o Twitter. A própria funcionalidade do aplicativo permite a função de “Exportar Conversa”<sup>174</sup> e é o grande álibi para o pesquisador, quando pertence a um grupo do aplicativo. O processo automatizado ocorreria seguindo os padrões de criptografarem do aplicativo e mediante aos acordos éticos feitos com o grupo.

- ***Pós-processamento do grande número de dados pelo Microsoft Power BI®***

Após o pré-processamento de dados e tabulação das informações, o terceiro passo foi exportar os dados já categorizados para o *software* Power BI®. A Figura 8 mostra a interface do programa utilizado logo após essa etapa. E, em seguida, a Figura 9 revela o tratamento na linguagem de gráficos dos dados filtrados pelo *Power BI*.

As leituras estatísticas tornam-se visualmente facilitadas, ajudando na etapa de análise e interpretação. A criação de *dashboard* pelo *software* Power BI®, Tableau® ou Google Data Studio® permitem as mesmas funcionalidades dos gráficos de tabelas dinâmicas do Microsoft Excel 2016®. O processo de observação da pesquisa quantitativa, no entanto, se torna mais eficaz com a estratégia de visualização de dados (*visual data*) dinamizados.

---

<sup>174</sup> Existente até 21/08/19.

fernando.cavalcante@uni7selembro.edu.br

Ylali (1) - Power BI Desktop

Arquivo View Modeling Help

Clipboard Recent Get Data Sources Queries External data

Paste Copy Format Painter

Refresh

New Page Visual

New Chart

Text box

Image

Shapes

From Marketplace

From File

Manage Relationships

New Measure

New Column

New Quick Measure

Calculations

Publish

Share

Visualizations

Filters

Fields

Text	Likes	Retweets	Engagement	Message Type
"#YLAI, the #WonderWomen of real life, and the exercise of facing our fears" by Camilla Borges. Alum from Brazil... https://t.co/0JaDgPrNqO	11	4	19	Message
"#YLAI2017 was selected from over 3,000 applicants... It's an honor you're here. Congratulations!" - @LeaStierfield... https://t.co/48LErZonMl	8	7	22	Message
"... They'll say -wow, you're lucky- But no, you've been building greatness right in front of their eyes!" Angel RL... https://t.co/7Wid1rLF6	7	4	15	Message
"@cales_madina thank you for the wonderful introduction. Please give Calista a round of applause!" - @POTUS #YLAI https://t.co/XuLhVhMdn	3	7	17	Message
"[F]or generations, U.S. leaders have understood that building relationships with Latin American and Caribbean part... https://t.co/7MAp9z1J	7	6	19	Message
"[T]ogether, we work to make [change] happen."	3	2	7	Message
"-Louino Robillard- Haiti #YLAIEmpowers Communities w/ @USEmbassy/Haiti... https://t.co/h01E7701				
"#YLAIEmpowers Communities can go a long way when forging connections with your consumer base" https://t.co/Cqtb55Q5q	0	0	0	Message
"All men on Earth have the obligation to see women as equal" - @garniane #YLAIEmpowers https://t.co/8z6bMf0Ow	3	2	7	Message
"America will continue to fight for women's rights and equality across the country and around the world..." https://t.co/zrF7WVWww	1	2	5	Message
"America's character abides in its #smallbiz" - @nc shares weekly stories behind US #businesses & #entrepreneurs: https://t.co/tUddLUtD	1	0	1	Message
"An additional 1.1M businesses could be established & produce an estimated 9M jobs" #diversitymatters https://t.co/pX0EG9W7as	0	2	4	Message
"An idea, no matter how small/big, combined w hard work can inspire & #change the world for the better" https://t.co/0ppU22XlCj @GiveMeTap	1	2	5	Message
"Any great thing that has been accomplished started with an idea." @JenCYDC #YLAIEmpowers Communities	0	1	2	Message
"Are they trying to buy you? Or are you trying to sell to them?" - #YLAI Fellow discuss clarity in negotiations with @houseofgenius	4	3	10	Message
"Ask yourself, how are you different, not just better?" Great advice from @chasejavis #YLAIACarib	3	1	5	Message
"Businesses flourish when diversity across all spectrums are at their core." -@Arligh R. https://t.co/06ao7U4GK... https://t.co/p8l0c9gHr	7	3	13	Message
"Corporate social responsibility starts with us! Ask how your local businesses help the community. Learn more: https://t.co/3m3032yU	3	1	5	Message
"Disruptions find #traction only when a population of #consumers find the #disruption useful in getting a job done" https://t.co/W53QpFh3u	2	0	2	Message
"Don't be in love with your solution, be in love with solving your customer's problem" - more wisdom from @suisanMat of @venturehub #YLAI	14	7	28	Message
<b>Total</b>	<b>5422</b>	<b>3348</b>	<b>12118</b>	

Message ... Year

Message ...

2016

2017

2018

Message ...

Message

Retweet

Resposta

Date

04/02/2016 05/03/2018

Mensagens

Interação

Interação Cont.

Plataforma

Tempo

Tipo

PAGE 3 OF 6

UPDATE AVAILABLE (CLICK TO DOWNLOAD)

Figura 23 – Interface do Microsoft Power BI® após importação de dados  
Fonte: Elaborado pelo autor.

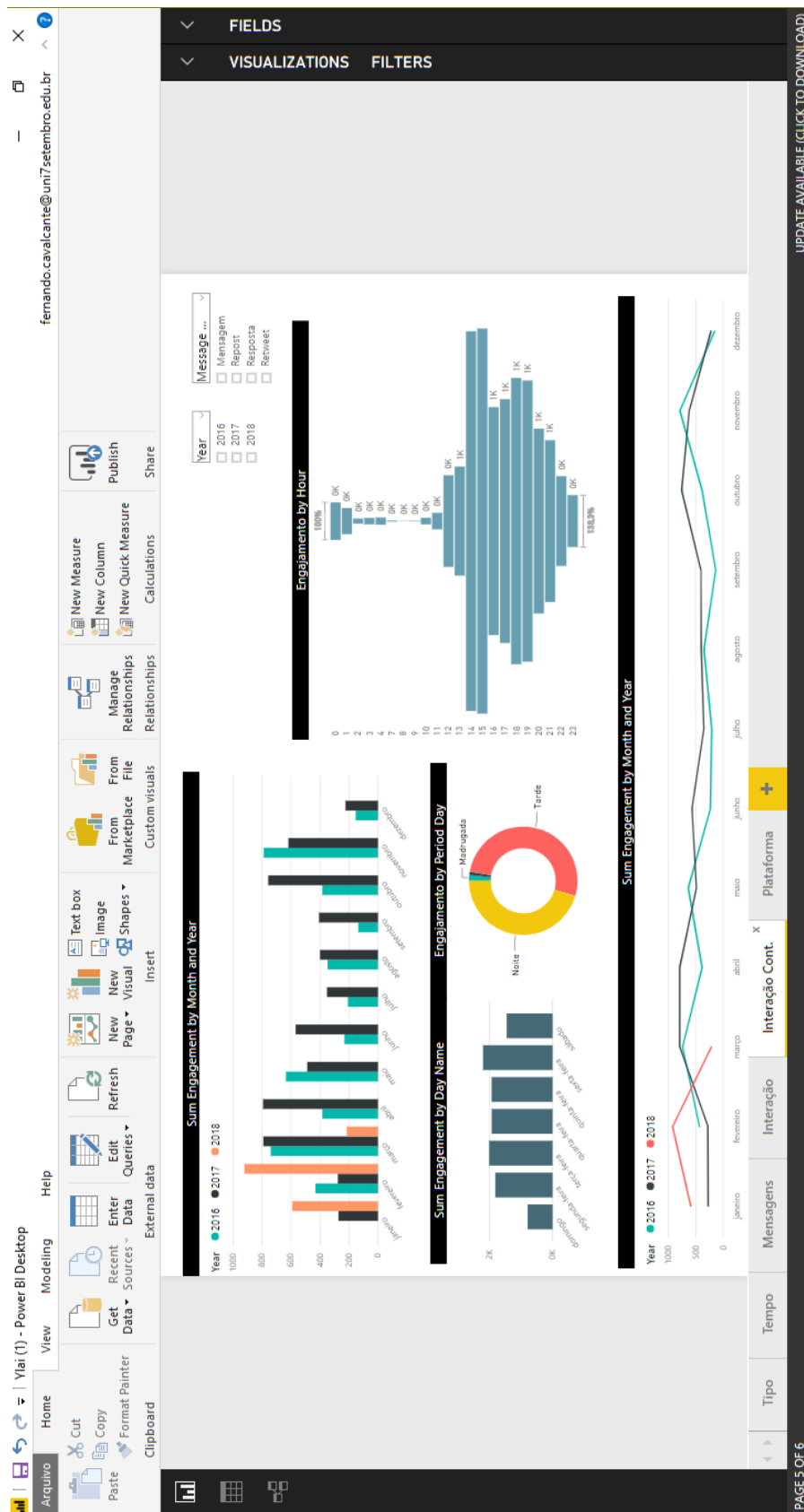


Figura 24 – Interface do Microsoft Power BI® após tratamento de dados  
 Fonte: Elaborado pelo autor.

O destaque da Figura 9 expõe as cinco categorizações filtradas no *Power BI*: i) tipo de mensagem; ii) tempo; iii) mensagens detalhadas; iv) interação; e v) plataforma de postagem utilizada pelos gestores da política YLAI. O mesmo processo de pós-processamento do WhatsApp segue os padrões dos que foram trazidos aqui, baseando-se na consolidação de dados do Twitter. Ao utilizar a função do “Exportar Conversa” de um grupo do WhatsApp, um conteúdo de dados é exportado como um arquivo “.txt”. Pela importação deste material em uma plataforma de planilha (Microsoft Excel ou Google Planilhas), a mineração de dados segue os mesmos padrões citados há pouco. A atenção mais importante que o pesquisador deve ter no momento da mineração é observar eixos analíticos para as categorias criadas mediante o processo de observação dos dados. Antes de minerar, é importante saber onde chegar.

### 3. FIGURAÇÕES COMUNICATIVAS E A HIPERMIDIATIZAÇÃO DA POLÍTICA

Observa-se o delineamento dos Estudos da Mídia promulgando-se como área do conhecimento independente ainda de forma embrionária no Brasil. A fusão intermitente e até confusa entre estes estudos parece buscar estádio apêndice às Ciências da Comunicação, pelo menos no nível da *materialidade* e aspiração empírica. Este olhar possibilita profunda reflexão acerca do fazimento de qualquer contribuição que esta tese tenha nos estudos da Comunicação ou da Mídia. O entendimento acerca da materialidade, produção e prática de sentido, a relativização do estatuto interdisciplinar no nível do estado da arte, as dificuldades envolvidas na obtenção de uma visão internacionalizada e comparativa do campo da Comunicação e da Mídia são barreiras para uma definição mais lúcida sobre qualquer distinção que uma e outra área estabeleçam.

Em *As Palavras e as Coisas* (1999), Michel Foucault atribui, nas matrizes positivistas da produção discursiva do domínio sociopolítico burguês, a distinção entre as fronteiras dos campos nas “Ciências Sociais”: Sociologia, Antropologia, Linguística e Psicanálise. E não apenas neste campo. Afinal, a *matematização do empírico*, como postulado por Foucault (1999, p. 77), força o “racionalismo clássico pela tentação de tornar a natureza mecânica e calculável” (FOUCAULT, 1999, p. 78), também no campo das “Ciências Sociais Aplicadas”. Basta refletir se a busca positivista, como única seara à racionalização, garantindo um critério de ser científico, abrirá brechas para de ver *outras configurações do saber* (FOUCAULT, 1999, p. 506).

Michael Hanke (2005) já mergulhou no debate sobre a Materialidade da Comunicação (MdC) como seara de pesquisa, esmiuçando a trincheira conceitual teórica<sup>175</sup> de materialidade utilizada em vários tipos de teoria de comunicação, permitindo uma noção de suporte material para os Estudos da Mídia. Koivisto e Thomas (2008), em “Mapping Communication and Media Research: Paradigms, Institutions, Challenges”, refletem a respeito dos próximos desafios e oportunidades dos Estudos da Mídia e da Comunicação, argumentando os processos de comunicação contemporânea e de pesquisa de mídia a que estas áreas têm se dedicado nos cinco continentes. Esses autores sugerem que uma maior atenção à pesquisa “básica”, a reflexão teórica e elaboração de uma teoria social abrangente, adequada a uma

---

<sup>175</sup> Mergulhando na obra de Hans Ulrich Gumbrecht e Karl-Ludwig Pfeiffer, *Materialität der Kommunikation* (1988), Hanke (2005) promove um debate sintético sobre materialidade da comunicação citando: Ludwig Pfeiffer, Paul Zumthor, François Lyotard, Walter Benjamin, Jaques Derrida, entre outros.

histórica que aborde uma conjunção entre a transformação social e política. Sendo esta tencionada pelo contexto cultural regional. Aproximando-se das noções postuladas por Bonin (2008), Braga (2011), Maldonado (2011), Koivisto e Thomas (2008) levantam com maior aprofundamento a distinção entre estudos de Comunicação e de Mídia, destacando a peculiaridade regional de onde estes estudos estão sendo discutidos:

Adequadas análises na América Latina, África, Índia, no mundo árabe e os países da antiga União Soviética e do bloco oriental são os mais óbvios materiais adicionais necessários para obter uma visão geral do estado contemporâneo dos estudos da pesquisa em mídia em comunicação, em sua variação e unidade, nacional e internacionalmente. (...) Embora a extensão do trabalho que continua a ser feito a fim de obter uma verdadeira visão internacional do campo da mídia e da investigação de comunicação pode parecer ser assustadora, não obstante, continua a ser uma necessidade para o desenvolvimento futuro de um campo de intelectual prática que permanece em fluxo, entre contradições e desafios críticos.<sup>176</sup> (KOIVISTO, THOMAS, 2008, p. 7).

Aos alicerces dos novos campos científicos sempre a promessa do desenvolvimento ao encontro do futuro é firmada à sociedade. A que futuro o campo intelectual se verte? Ou melhor, quem verte o futuro do campo intelectual? Talvez nos mais alunáveis discursos míticos, estas respostas possam ser encontradas. Adriano Rodrigues (2001), debatendo as questões comunicacionais no campo das novas fronteiras de racionalidade científica, atribui explicações fecundas às frentes de ameaças contrárias à cientificidade racional, substituído pela mercantilização do científico. Reflete também sobre os efeitos da substituição da busca pelos *efeitos do sentido* pela sofisticação dos efeitos especiais.

A tecnicização das ciências humanas, este processo normalizador do seu gesto originário, acompanhou de facto o desenvolvimento da sociedade industrial, enquanto aplicação tecnológica das ciências aos mais diversos domínios da produção tanto dos objectos como dos consensos, do mercado económico e do mercado político, fundada no discurso mítico de supostas necessidades naturais do homem e da sociedade. Às ciências humanas foi assim reservado o papel de instrumentos de detecção das supostas necessidades do mercado, de mecanismos de ajustamento entre a oferta e a procura, de adequação entre o trabalho e a máquina produtiva, tolerando-se na melhor

---

<sup>176</sup> “Adequate analysis of Latin America, Africa, India, the Arab world and the countries of the former Soviet Union and Eastern Bloc are the most obvious additional materials required in order to gain an overview of the contemporary state of media and communication research, in its variation and unity, nationally and internationally. (...) While the extent of the work that remains to be done in order to gain a genuine international view of the field of media and communication research may appear to be daunting, it nevertheless remains a necessity for the future development of a field of intellectual practice that remains in flux, between contradictions and critical challenges.” (KOIVISTO, THOMAS, 2008, p. 7, livre tradução do autor).

das hipóteses a problematização das tarefas enquanto modalidade de pesquisa destinada a afeiçoar o funcionamento técnico e metodológico das disciplinas. De qualquer modo, aos resultados susceptíveis de questionar criticamente esta função técnica das disciplinas estão reservadas várias **formas de excomunhão**, desde a suspeita ideológica e a **marginalização institucional** até os cortes de verbas às instituições acadêmicas e aos investigadores. (RODRIGUES, 2001, p. 11).

Verón (1980, p. 217) faz críticas às “batalhas pelo campo” ao observar na fundação da Linguística uma problemática em que “a produção já contém um primeiro feito de reconhecimento”. Rupturas, inaugurações no manto da cientificidade evidenciam a hipótese de Verón (1980) do aspecto ideológico nas condições de produção de sentido, em especial, no que se refere à produção acadêmica. O que torna os Estudos da Mídia, distintos dos da Ciências da Comunicação? Que materialidades são prometidas aos deleites “cientifizantes” do estreante campo dos dispositivos técnicos do enunciado? Estas questões só poderiam ser compreendidas se a configuração da construção do campo dos Estudos da Mídia no Brasil fosse debruçada sobre as figurações de poder dos atores envolvidos nas instaurações desta área de estudo. Este não é o foco da tese.

A primeira seção deste capítulo se atém à política diplomática que mobilizou as motivações de interação do grupo informal estudado no Capítulo 1. Propõe caminhos para leituras de institucionalização da *política mídia*, debatendo como as políticas diplomáticas são utilizadas como dispositivos midiáticos como nas estratégias comunicação institucional e institucionalizáveis. A segunda seção deste capítulo percorre as fronteiras teóricas dos estudos de mediação, especialmente a compreensão política. Explora o conceito de hipermediação e figurações comunicativa, especificamente em problematizar o processo de “datatização” da política como artefato para mobilizações de ideias aderidas por um coletivo. Neste sentido, este capítulo pretende contribuir com os recentes trabalhos acerca do processo de mediação da política, que há algum tempo, no Brasil, pode ter sido bem representado pela equipe<sup>177</sup> do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO) e pode estar mais próximo dos acadêmicos da Escola de Bremen. Ancorando os conceitos de figuração em Erving Goffman<sup>178</sup> e de configuração do Norbert Elias,<sup>179</sup> este capítulo sintetiza os principais pilares dos estudos sobre Figurações Comunicativa. Explana o processo de mediação na política na tentativa de criar um ponto de delimitação para os Estudos da Mídia acerca das investigações

---

<sup>177</sup> Especificamente, representado pelo recente trabalho de Antônio Fausto Neto, Jean Mouchon e Eliseo Verón (2012) que consolidaram o conceito de corporificação da mediação política no contexto latino-americano.

<sup>178</sup> Extensamente trabalhado no Capítulo 1 e no final da seção 2.1 desta pesquisa.

<sup>179</sup> Debatido na seção 2.2 deste estudo.

no campo político. Também apresenta os estudos contemporâneos que se debruçam empiricamente sobre os novos modos de entrelaces da política pelas instâncias de *midiatização do mundo*<sup>180</sup>. Permite ao leitor a compreensão *frames de relevância*, ou enquadramentos temáticos, celeiro para a investigação de ancoragens de interação desenvolvida no Capítulo 1.

### 3.1. Configurações da política diplomática: o arranque *Start! Up?*

1940 foi o ano de início da mais sistematizada política diplomática estado-unidense, *Good Neighbor Policy* (Política da Boa Vizinha), entrelaçando as *veias abertas*<sup>181</sup> da América Latina e do Brasil desde então. Cento e trinta jornalistas neste mesmo ano visitaram os Estados Unidos para entender o modo de viver daquele país. O resultado culminou no movimento turístico de mais de cem mil estrangeiros de vários países, de acordo com o periódico americano *The New York Times* (1990). Smith (2013) confirma que nesta primeira expedição entre os formadores de opinião estavam os brasileiros: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Vianna Moog e Luiz Fernando Veríssimo. A personificação disseminadora e influenciadora das políticas internacionais dos EUA com pompas culturais e educacionais aproximavam os principais formadores latino-americanos de Washington D.C. Era apenas o início de uma onda narrativa criativa para a construção de uma América e uma Latina-América minimamente entregue aos conglomerados editoriais da época.

A ida de Veríssimo para os Estados Unidos representa a história de tantos líderes latinos que desde 2016 passam por semelhante situação. Diferenciam-se pelo contexto geopolítico e os interesses mercadológicos. Também pelo sistema de mobilização da opinião pública por meio dos avanços da radiofusão e da hipermidiatização dos dispostos de comunicação. A lógica parece ser a mesma. Criar disseminadores. Antes, pelas políticas editoriais. Hoje, por políticas especulativas das TICs na promoção da “cultura do empreendedorismo *startups*”.

The Brazilian government’s postwar assessment of cultural exchange programs with the United States was largely positive. A report prepared for the Secretaria de Estado das Relações Exteriores in 1948 stressed the growing availability of accurate information about Brazil in the United States after a decade of sustained effort by the U.S. government. The report noted the publication of books that summarized

<sup>180</sup> (HEPP; KROTZ, 2014).

<sup>181</sup> Fazendo referência a Galeano (2006).

Brazilian laws related to business and labor, as well as works that explained the principles of Brazilian legal system. (SMITH, 2013, p. 170)

Em comum, também, o nascer de uma concepção de identidade brasileira, de escritor ou empreendedor brasileiro e de “sonho possível”:

Os Estados Unidos emergiram da segunda Guerra Mundial como os líderes naturais do mundo ocidental. Para essa tarefa estavam sem a menor dúvida preparados materialmente [...] No entanto suas elites intelectuais [...] constituem uma classe de párias, de marginais praticamente sem voz em assuntos políticos e sociais e principalmente na direção das relações exteriores do país, de sorte que tem faltado uma orientação humanista à gerência americana desta parte do mundo. Na minha opinião o erro inicial e básico de novo Big Leader foi o de imaginar que tudo quanto é bom para os Estados Unidos tem de ser necessariamente bom para o resto do mundo, sem levar em conta fatores étnicos, etnológicos, históricos ou mesmo folclóricos. Imaginaram os estadistas de Tio Sam que o *American Way of Life* **não só podia como devia ser exportado**. [...] Ora, as nações, como as crianças, têm a faculdade de se encantarem ou assustarem com suas próprias ficções. Os americanos, que eu saiba, jamais examinaram a sério a sua mitologia. (SMITH, 2013, p. 173, grifou-se)<sup>182</sup>

Aos 32 anos, em agosto de 1940, um jovem membro da tradicional família Rockefeller tornara-se Coordenador de Assuntos Interamericanos do Departamento de Estados dos Estados Unidos. Designado pelo presidente Franklin Roosevelt, Nelson Rockefeller projetara sua carreira no serviço público como gestor responsável pelas políticas de assistência, planejamento e suportes econômicos e programas culturais para a América Latina. (NASAW, 2014). Desde então, e prolongado por mais de 50 anos, o Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais (ECA) do Departamento de Estado dos EUA ecoava suas vozes desenvolvimentistas emanadas do Norte para o Sul da América (e restante do mundo).

A missão do escritório oficialmente revela-se atualmente na seguinte sentença: “procurar cultivar o entendimento mútuo entre os povos dos Estados Unidos e os povos de outros países para promover relações amigáveis e pacíficas, conforme exigido pelo Lei de Intercâmbio Educacional e Cultural Mútuo de 1961 [Act of 1961]”. “Sought to cultivate mutual understanding between the people of the United States and the people of other countries to promote friendly, and peaceful relations, as mandated by the Mutual Educational and Cultural Exchange Act of 1961” (UNITED STATES, 2017). Este mesmo órgão, no entanto, atualmente pelo *medium* de políticas culturais e educacionais globais já atenderam mais de um milhão de

---

<sup>182</sup> Érico Veríssimo, “Gato Grisalho em Teto de Zinco” (artigo de 1968 sobre os Estados Unidos vinte anos depois da Segunda Guerra Mundial), texto no Acervo do EV, IMS.

estudantes de variadas nacionalidades, incluindo mais de 75 Prêmios Nobel e quase 450 chefes de estado e governo atuais e antigos, teve pontuados rearranjos. A secretaria gere políticas públicas internas e internacionais por via de intercâmbios acadêmicos, culturais, esportivos e profissionais que envolvem jovens, estudantes, educadores, artistas, atletas e líderes potenciais. (UNITED STATES, 2017).

O então vice-presidente Theodore Roosevelt preparou caminhos diplomáticos em um discurso conhecido na feira do Estado de Minnesota, em 2 de setembro de 1901. Aos 42 anos de idade, em menos de duas semanas, ele se tornaria o mais jovem presidente dos EUA, após o assassinato do 25º presidente, William McKinley. “Speak softly and carry a big stick; you will go far<sup>183</sup>”, proferia Roosevelt fazendo uma alusão a um velho provérbio da época. Fale baixinho, mas não deixe de carregar um grande porrete! Esta era a representação da mais marcante frase do presidente Theodore Roosevelt acerca da política diplomática dos EUA com os outros países. “[...] Roosevelt queria aumentar a influência e o prestígio dos Estados Unidos no cenário mundial e fazer do país uma potência global. Ele também acreditava que a **exportação de valores** e ideais americanos teria um efeito enobrecedor sobre o mundo”<sup>184</sup> (UNITED STATES, [20--?]; grifou-se). É pelas ideias, pelo apelo à cultura e educação que os caminhos do ECA, desde Veríssimo até os novos “artistas<sup>185</sup> empreendedores”, que as bases primárias na relação diplomática dos EUA com o resto do mundo se firmam. Aquele discurso oficial deixaria marcas na história; petrificada pela mídia mais sofisticada que o homem foi capaz de desenvolver, a linguagem. E registradas até hoje nos rumos dos papéis intitucionalizantes.

---

<sup>183</sup> Referente ao trecho da fala oficial de Theodore Roosevelt ainda como vice-presidente de William McKinley que foi assassinado 12 dias depois: “Right here let me make as vigorous a plea as I know in favor of saying nothing that we do not mean, and of acting without hesitation up to whatever we say. A good many of you are probably acquainted with the old proverb: ‘Speak softly and carry a big stick- you will go far’. If a man continually blusters if he lacks civility, a big stick will not save him from trouble; and neither will speaking softly avail, if back of the softness there does not lie strengths, power. In private life there few beings more obnoxious than the man who is always loudly to our Nation.”

<sup>184</sup> “As President, Roosevelt wanted to increase the influence and prestige of the United States on the world stage and make the country a global power. He also believed that the exportation of American values and ideals would have an ennobling effect on the world.”

<sup>185</sup> Alusão aos codinomes dados ao membro do grupo estudado em que o Capítulo 1 detém atenção sobre suas interações midiaticizadas.

8.

the old commonplace virtues which from time immemorial have lain at the root of all true national well-being. Yet while this is our first duty, it is not our whole duty. Exactly <sup>as</sup> ~~while~~ each man, while doing first his duty to his wife and the children within his home, must yet, if he hopes to amount to much, strive mightily in the world outside his home; so our nation, while first of all seeing to its own domestic well-being, must not shrink from playing its part among the great nations without. Our duty may take many forms in the future as it has taken many forms in the past. Nor is it possible to lay down a hard and fast rule for all cases. We must ever face the fact of our shifting national needs, of the always-changing opportunities that present themselves. But we may be certain of one thing; whether we wish it or not, we cannot avoid hereafter having duties to do in the face of other nations. All that we can do is to settle whether we shall perform these duties well or ill.

Right here let me make as vigorous a plea as I know how in favor of saying nothing that we do not mean, and of acting without hesitation up to whatever we say. A good many of you are probably acquainted with the old proverb: "Speak softly and carry a big stick--you will go far". If a man continually blusters, if he lacks civility, a big stick will not save him from trouble; and neither will speaking softly avail, if back of the softness there does not lie strength, power. In private life there are few beings more obnoxious than the man who is always loudly

Figura 25 – Trecho do discurso do vice-presidente Roosevelt no Minnesota State Fair, em Minneapolis, no dia 2 de setembro de 1901

Fonte: Theodore Roosevelt Digital Library.

Ao longo da histórica relação de colonização e posteriores acordos diplomáticos entre Estados Unidos e Reino Unido, como cita Tilchin (1995), há reflexos próximos destes dois países na forma de condução de políticas culturais diplomáticas com o restante do mundo. A palavra *institucionalização* é o grande elo nas questões diplomáticas destas nações. Proceder à diplomacia pela estabilização de políticas independentes das variantes partidárias presidenciais ou parlamentares deve ser observado como um alicerce das atuais ações lideradas pela ECA e das organizações privadas parceiras da gestão das políticas<sup>186</sup>. Permita ampliar esta ideia com o caso do Reino Unido.

Os governos do Reino Unido, por muito tempo, não tiveram critérios claros para determinar as políticas instauradas pelos departamentos, ministérios, secretarias e os órgãos do Poder Executivo. Sem uma lógica racional que apartasse um eventual envolvimento partidarista com as políticas nacionais ou mesmo movida pelos tempos datados da busca pela reeleição dos Poderes Executivo e Legislativo, a busca por um modelo de influência mínimo do Estado nas relações estratégicas nacionais foi “um acidente de história” (INSTITUTE FOR GOVERNMENT, 2015, p. 8). John Manzoni, servidor público britânico e atual secretário permanente do Escritório do Gabinete da ex-Primeira Ministra Theresa May, em uma entrevista à comissão de auditoria governamental esclarece o aprendizado decorrente do “acidente” que culminou em um modelo de institucionalidade política tido como independente:

To some degree, you are right. It is an accident of history, but I don't think it is about fashion, because at any point there would be a coherent logic for doing whatever we are doing. A few years ago, we found ourselves with a proliferation of arm's length bodies, and they were all different, they were called all sorts of things and it really wasn't clear, so we spent about a year and a half, as I understand it, doing a classification review. We now at least have three clear categories of arm's length bodies: executive agencies, non-departmental public bodies and non-ministerial departments. **Going forward, all public bodies will be placed into one of those three categories**, and they are essentially progressively more remote from Government in the order that I described them. That took about a year and a half to do and was published at the end of last year as a classification review. Before any new body is set up, it will go through those tests and so will be one of those, and then as we do triennial reviews—we will review 318 bodies over the course of the rest of this Parliament—bodies will be assessed against those and put into one of those categories. We can take a fresh look, because to some degree we do have a bit of a mixed landscape and as you look at it, it is not particularly clear. I am sure the people on this panel can articulate why they are where they are in their particular Department, but as

---

<sup>186</sup> Especificamente exemplifica-se com o caso da YLAI Network. Esta política gerida pela Meridian International Center, sobre a condução do Departamento de Estados dos EUA e pela ECA, desde 2016, último ano de governo Barack Obama, vem sendo praticada até o atual governo, de Donald Trump.

you look across Government, it is not particularly clear <sup>187</sup> (UNITED KINGDOM, 2016b, grifou-se).

A noção de braços para políticas distantes do corpo político como um “comprimento de braço” é o conceito simbólico da busca concreta pela total independência da gestão de políticas culturais no Reino Unido. Intitulando os conjuntos de ações de institucionalização política de “*Arm’s Length Bodies (ALB)*”<sup>188</sup>, o apoio do Estado e a emancipação das entidades gestoras das políticas culturais transitam entre tensões, transparência e valores institucionais sistematizados. Do simbólico para o nível prático, as iniciativas públicas e privadas buscam aumentar a transparência dos órgãos públicos, por meio da revisão de suas tarefas prioritárias e da constância na sistematização do senso de tornar públicas as informações por meio de conselhos formados por diversos membros da sociedade civil. A mesma ideia de John Manzoni também está no discurso de Rebecca Walton, diretora regional do British Council Europa, em sua última vinda à cidade de Fortaleza no final de 2017.

De acordo com Walton (2017), o caso da British Council, entidade internacional responsável pela difusão das relações culturais e educacionais inglesas, a criação de conselhos representativos macrorregionais foi a principal estratégia para a manutenção de um espírito de unidade em um Reino permeado de peculiaridades culturais nas regiões da Inglaterra, Irlanda do Norte, Escócia e País de Gales. A abertura dos assuntos temáticos do órgão e um trabalho de constantes reuniões com os públicos de interesses também movem a política ALB de um nível simbólico para a esfera prática. A coalizão é a principal chave para política de “comprimento de braço”. “ALBs are a key part of the governing landscape. Reforming them

---

<sup>187</sup> “Até certo ponto, você está certo. É um acidente de história, mas não penso em moda, pois, em qualquer ponto, haveria uma lógica coerente para fazer o que fazemos. Alguns anos atrás, nos encontramos com uma proliferação de corpos de comprimento de braço, e todos eram diferentes, eles eram chamados de todo tipo de coisas e realmente não era claro, então passamos cerca de um ano e meio, como eu entendo. Isso, fazendo uma revisão de classificação. Agora, pelo menos, temos três categorias claras de órgãos independentes: agências executivas, órgãos públicos não departamentais e departamentos não ministeriais. Em breve, todos os organismos públicos serão colocados em uma dessas três categorias, e eles são essencialmente progressivamente mais distantes do governo, na ordem em que os descrevi. Isso levou cerca de um ano e meio para fazer e foi publicado no final do ano passado como uma revisão de classificação. Antes que um novo corpo seja configurado, ele irá passar por esses testes e assim será um desses, e então, como fazemos avaliações trienais - nós analisaremos 318 órgãos ao longo do resto deste Parlamento - os órgãos serão avaliados contra aqueles e colocados em uma dessas categorias. Podemos dar uma nova aparência, porque, até certo ponto, temos um pouco de uma paisagem mista e, à medida que a observa, não é particularmente claro.” Livre tradução.

<sup>188</sup> Comprimento de braço. Livre tradução.

should be more than a numbers game, even though most governments pledge to reduce their number. The Coalition was no exception.”<sup>189</sup> (INSTITUTE FOR GOVERNMENT, 2015).

As políticas geridas pelo British Council em muitos aspectos confundem-se entre políticas diplomáticas (pela abrangência internacional) e públicas nacionais. Sem embargo, independentemente da abrangência, além de partir do princípio da independência do Estado, parte do princípio da definição clara das ações culturais, compreendidas por quatro modalidades: expressões digitais, culturais, midiáticas e esportivas - todas no escopo público executivo do *Department for Digital, Culture, Media and Sport (DCMS)*, mas gerido pelo organismo privado British Council. Talvez esta seja a melhor exemplificação da síntese do *Arm's Length Bodies*; dentro do corpo do Estado, mas não tocado por ele, como uma distância de um comprimento de braço. A propósito da noção experiencial do *every day life* dos britânicos, pede-se senso de espaço social à distância das individualidades corpóreas.

Os valores das políticas culturais firmam-se pela essência dos objetivos propostos por suas políticas na busca por excelência, amplitude, resiliência e sustentabilidade, diversidade e habilidades e foco na formação de plateia. As cinco metas dos conselhos regionais do British Council são:

- 1: Excellence: "Excellence is thriving and celebrated in the arts, museums and libraries".
- 2: For Everyone: ""Everyone has the opportunity to experience and to be inspired by the arts, museums and libraries"
- 3: Resilience and Sustainability: "The arts, museums and libraries are resilient and environmentally sustainable"
- 4: Diversity and Skills: "The leadership and workforce in the arts, museums and libraries are diverse and appropriately skilled"
- 5: Children and Young People: "Every child and young person has the opportunity to experience the richness of the arts, museums and libraries"<sup>190</sup> (WALTON, 2017).

O financiamento do British Council é dependente do Governo Nacional, mas suas escalas sistemáticas movem ao encontro de transparência e independência política. Museus

---

<sup>189</sup>“ALBs são uma parte fundamental do cenário governante. Reformá-los deve ser mais do que um jogo de números, embora a maioria dos governos se comprometa a reduzir seu número. A coalizão não foi uma exceção.” Livre tradução.

<sup>190</sup> “1: Excelência: "A excelência é próspera e celebrada nas artes, museus e bibliotecas"2: Para Todos: "" Todos têm a oportunidade de experimentar e se inspirar nas artes, museus e bibliotecas "3: Resiliência e Sustentabilidade: "" As artes, os museus e as bibliotecas são resilientes e ambientalmente sustentáveis"4: Diversidade e Habilidades: "A liderança e a força de trabalho nas artes, museus e bibliotecas são diversas e adequadamente qualificadas"5: Crianças e Jovens: "Toda criança e jovem tem a oportunidade de experimentar a riqueza das artes, museus e bibliotecas””

nacionais, filarmônicas, editais de financiamentos artísticos, patrimônios culturais como catedrais e centros históricos, festivais de dança, teatro, cinema, feiras e festas regionais são exemplos da materialização das ações do British Council para promoção da cultura e do idioma do Reino Unido. Walton (2017) denota que a identidade nacional é consequência dos esforços das ações da instituição, que midiaticamente também se projeta como gestora do meio de comunicação de massa mais presente na vida dos britânicos, a rede de televisão BBC. Neste sentido, uma pergunta é lançada: há fronteiras entre identidade nacional e nuances culturais regionais na política cultural *Arm's Length Bodies*?

Na obra de Sen (2015), divisa-se o sujeito livre para o exercício da escolha e do raciocínio acerca de sua(s) identidade(s). Embora as convicções culturais influenciem no raciocínio individual, estas não podem invariavelmente determinar a identidade do sujeito, tampouco capazes de moldar unicamente a potência do raciocínio humano. O autor também rejeita a noção de descoberta identitária ou merecimento determinista e associa a ideia de conflito, quer seja real ou imaginado. Assim, entende-se que seu ponto central gira em torno do questionamento não acerca de que se “qualquer” identidade pode ser escolhida, mas sim, como o processo do priorizar de uma ou outra identidade ocorre “(...) mas se de fato temos escolhas quanto a identidades alternativas ou combinações de identidades e, talvez mais importante, liberdade substancial no que respeita a qual prioridade dar às várias identidades que possamos ter simultaneamente.” (SEN, 2015, p. 53).

O reconhecimento da necessidade de refletir sobre as reivindicações de uma identidade global não elimina a possibilidade de prestar atenção também aos problemas regionais e nacionais. O papel do raciocínio e da escolha na determinação de prioridades não precisa assumir, necessariamente, a forma de “ou isto ou aquilo”. (SEN, 2015, p. 188).

*Leitores, Espectadores e Internautas (2008)* oferece profunda reflexão acerca do assombroso caldeirão cultural que a sociedade do conhecimento contemporânea trilha diante da *multiplicação do heterogêneo* marcada pela globalização. Conduzindo os capítulos em um formato que se assemelha a verbetes de dicionário ou fragmentos de uma enciclopédia, Néstor García Canclini mergulha de A a Z entre “Assombro” e o “Zapping” do pressuposto que “Os públicos não nascem mas se formam (...)” (CANCLINI, 2008, p. 17). E sinaliza questões pontuais sobre as mudanças macrosociais atuais que levam à reflexão crítica ante a

massificação das narrativas libertárias dos meios digitais, em especial, da ideia de progresso e criatividade.

Temáticas que debatem o exercício da cidadania e formação de (múltiplas) identidades, presentes em *Consumidores e cidadãos (1999)*, reaparecem neste compilado de textos, atualizado por questões sobre a intensa conectividade das redes midiáticas do século XXI. As fronteiras entre leitores, espectadores e internautas se confundem ao mesmo passo que se contrapõem por argumentos próximos aos estudos culturais na tessitura sobre consumidores e cidadãos de García Canclini (1999; 2011). No decorrer de *Leitores, Espectadores e Internautas (2008)*, críticas quanto às formas como o reinado das ferramentas de marketing vem se consolidando na condução das políticas culturais, em especial nas metrópoles globais, são levadas em consideração como a perda da visão crítica dos leitores transpondo os espectadores.

As políticas privadas e públicas orquestradas pelos critérios empresariais espetaculizam o descaso com que os governos, em especial dos países periféricos, lidam com a gestão cultural. A lógica do retorno sobre o investimento do mecenato e a manutenção das desigualdades socioeconômicas são cenários das “condições de empobrecimento e retração dos investimentos culturais nas nações periféricas” (CANCLINI, 2008, p. 37) denunciados na obra. Com efeito, o autor aponta a perda do senso crítico e de responsabilidade individual, e dos instrumentos que fortaleçam o papel ativo da vida social dos cidadãos que cada vez mais se firmam como internautas personagens da vida midiática em rede, uma rede global de consumidores, democraticamente preocupado com temas longe de interesses do nível local. O ilusório senso de liberdade imbuído pelo discurso do mundo midiático do consumo é o grande assombro denunciado por Canclini (2008). Outrossim, desmistificar o *zapping* da interconectividade dos meios e a proposta da rede imagética de quem tem o controle é o cidadão é uma proposta central na obra.

Néstor García Canclini, contextualizando a mercantilização de elementos folclóricos ou artefatos pensados como pertencentes a uma só cultura desmistifica estudos antropológicos e culturais presos ao medo do reconhecimento das culturas híbridas nas cidades globalizadas. Apoiando-se nas leituras empíricas dos constantes movimentos de fusão econômica global, amplia conceitos sociológicos fixos às ideias de campos culturais dos séculos XVIII e XX. Canclini (2008) reserva espaço ao sintético debate teórico com Pierre Bourdieu, propondo a ampliação conceitual da noção de poder simbólico. Expande a ideia unívoca em debater a cultura por sua autonomia de capital simbólico ao assumir a globalização como vetor de influência externa. Canclini (2008, p. 21) justifica a ideia de que Bourdieu, antes de sua

morte, antevia as mudanças no mercado editorial na França, não mais preso ao valor simbólico, mas à essência mercantil. “(...) no final de sua vida, num texto de 1999 que analisou a ‘revolução conservadora da edição’”, reconheceu o quanto declinavam os “editores heróicos” – movido poder simbólico e - “como avançavam ‘os publishers’ e o “populismo literário”, “os editores que não sabem ler, sabem contar’.” (CANCLINI, 2008, p. 21).

O autor se posiciona ceticamente quanto aos louros democráticos e libertários da massificação midiática. “Os usuários da Web são chamados de visitantes e quem visita não dita as normas da casa, ainda menos quando se trata de uma casa tão peculiar em que há mais lixo que entra do que sai.” (CANCLINI, 2008, p. 29). A integração de ações do leitor que é também espectador encontra na noção de internauta a definição provenientes da evolução tecnológica dos meios. A ruptura na ideia de tempo e espaço é estabelecida como um processo mais difuso pela convergência digital, tencionando a linguagem (mais imagética e menos textual), a corporificação (mais virtual do que física) e o próprio sentido de ação (mais performática do que questionável) dos cidadãos-consumidores em rede.

Os internautas são “um agente multi-mídia que lê, ouve e combina materiais diversos, procedentes da leitura e dos espetáculos.” (CANCLINI, 2008, p. 22). Os espectadores aprenderam com a mídia sua forma de estar no mundo, de ser plateia “espectadores concebidos sob regras midiáticas” (CANCLINI, 2008, p. 35) e os leitores mergulharam na transição da própria mudança da técnica, do papiro ao jornal, da revista ao aplicativo de celular. “Os leitores internautas podem ser personagens na medida em que os escritores também estejam na rede.” (CANCLINI, 2008, p. 78). O fim da ideia de neutralização da rede é pontuado em toda a obra do autor.

Na fronteira teórica entre arte e cultura, estão fecundos ensejos para a investigação das práticas da política cultural que se fomenta na representação do imaginário do “desenvolvimento social”, via política pública diplomática YLAI Network. Recobra a ideia da gestão de políticas culturais na tentativa de compreender a institucionalização da política diplomática nos Estados Unidos de ser explorada com mais afinco em um estudo futuro, em especial sobre as configurações discursivas e materiais de uma noção de *Arm's Length Bodies*, entendimento sobre o campo de estudo das políticas diplomáticas suspostamente ocorridas nos EUA. Em uma oportunidade próxima, seria rico entender as diferenças entre i) políticas culturais, ii) políticas diplomáticas, e ii) políticas globalizadas respectivamente. A Figura 32 antecipa este debate, sintetizando em um diagrama possibilidades de entender a

institucionalização por trás da ECA do Departamento de Estados dos EUA, tomando como parâmetro a política YLAI Network.

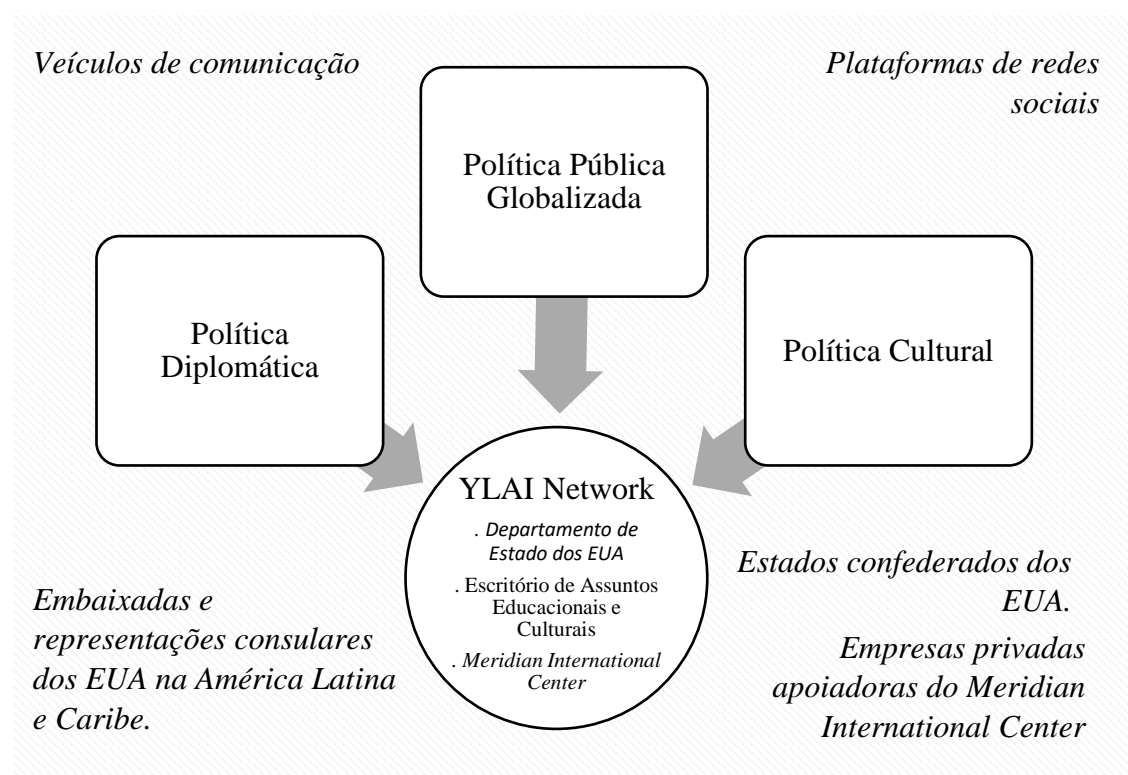


Figura 26 – Eixos teóricos para entendimento da Institucionalização do YLAI Network em um estudo futuro  
Fonte: Elaborador pelo autor.

As vias analíticas para entender o papel de institucionalização de uma política diplomática podem ter variados ângulos de observação. Os Estudos da Mídia não podem esquecer das legítimas contribuições das Ciências Políticas na categorização acerca de políticas culturais. Mais fortemente, após a segunda metade do século XX, com a perda dos Estados da legitimação e exclusividade cultural - evento fortemente percebido com os acontecimentos históricos que fortaleceram o avanço da globalização - o rejuvenescimento do caráter ideológico das estratégias de Estado e Mercado para manutenção do controle social, econômico e político deu lugar a uma nova dialética. Cingidos, justapostos, estes termos tencionam debates que promulgam uma ruptura entre antigos paradigmas teóricos, conceituais e práticos.

No campo dos estudos contemporâneos sobre cultura e política cultural, Teixeira Coelho (2008, p. 18) propõe a conceituação do termo “cultura” além das definições antropológicas que ao seu ver generaliza o todo por uma parte. Pensar cultura é observá-la como em um movimento entre aquisições e eliminações. É ampliar o entendimento voltando-se à raiz

epistemológica do termo “*coulter*” (lâmina do arado), ou, como lembra Francis Bacon, como esterco e elevação espiritual, uma vez tomado por uma ideia generalista que determinadas disciplinas o fizeram. A ideia de “esterco” provém de uma noção e esvaziamento, de um ato de jogar fora, mas não limitada a este; complementar ao processo de aquisição à coisa cultural na constância do encontro do receptor com o objeto de consumo, considerando o seu momento oposto, antônimo. Pensar na cultura não apenas como estádio de aquisição é vê-la como instrumental e essencial no cerne de seu processo.

Coelho (2008, p. 37), mergulhado na alusão de cultura como *lâmina*, “insiste na rejeição do *habitus* como algo que dela possa fazer parte dinâmica. Como componente residual da cultura, o *habitus* terá seu papel. Mas, não é disso que trata a política cultural.” (COELHO, 2008, P. 37). E contrapõe-se ao sociólogo Pierre Bourdieu, que em sua perspectiva de intervenção no conceito de *habitus*, altera o entendimento antropológico da cultura e não favorece os estudos a que a política cultural se propõe.

A obra de cultura de que falava Bourdieu em contraposição ao *habitus* (ele que não viveu para participar do debate sobre o véu) não é então apenas aquela que contém as vagas características da produção elevada, do espírito refinado mas a que se define também pela sua capacidade de cortar o terreno comum das ideias assentadas e de revolver o solo repisado, feito de camadas de detritos ali acumuladas passivamente ao longo do tempo, em busca daquilo que possa assegurar o melhor desenvolvimento do ser humano e a ampliação de sua esfera de presença, não seu estreitamento. (COELHO, 2008, p. 41).

Firmando-se na proposta de que *nem tudo é cultura*, Coelho (2008, p. 21) nega a universalização do entendimento percorrido por trabalhos antropológicos que em seu cerne epistemológico cuidam desta temática. Neste sentido, ao observar e definir a cultura de um determinado lugar, deve-se considerar não a soma de tudo daquele cenário, mas apenas do específico daquele lugar. O direcionamento que a concepção generalista sobre cultura impede o entendimento das dinâmicas culturais contemporâneas, ou tampouco favorecem propostas temáticas relativas a políticas culturais, semeia igual blindagem na consideração de uma visão particularizada desta. Assim, no decorrer do primeiro capítulo abre uma discussão teórica, fortalecendo seu entendimento para a questão da *política cultural* que se constrói gradativamente no decorrer dos capítulos seguintes, por meio de refutações e apoios de trabalhos antropológicos e sociológicos. Esta proposta se fortalece ao modo móvel e flutuante de sua concepção acerca das “culturas nacionais”, debatidas no segundo capítulo e em seu detalhamento sobre a cultura contemporânea fortemente debatida no capítulo terceiro. No

quarto capítulo, Teixeira Coelho desmistifica o lado negro que suplanta o olhar fitado na positividade dos estudos culturais, exemplificado na implosão das Torres Gêmeas (*World Trade Center*, em Nova Iorque). Para o autor, este marco, divisor de antigos debates e de um símbolo pontual da passagem do século, sugere que os temas ideologia e religião encontram no artefato da cultura seu novo ar, empossado nos discursos políticos. Ainda no primeiro capítulo, Teixeira Coelho (2008) abre o debate para o entendimento da cultura na consideração de seu oposto: a barbaria, emparelhando neste sentido e em seu antagonismo a concepção de compreender a cultura como o estímulo do desenvolvimento humano individual e do processo social. Assim, em todo contexto humano, cultura e barbaria adentram um jogo dialético, na dinâmica relação justaposta e emparelhada, compreensão, herdada, segundo o autor, na postulação de Walter Benjamin, entendida por Coelho (2008, p. 20) como: “todo documento de cultura é ao mesmo tempo um documento de barbárie”.

A crítica de Coelho (2008) não se limita apenas à visão generalista de estudos culturais antropológicos, mas do extremo oposto que ao longo da ciência considerou a visão particularizada da cultura, a exemplo da proposta do Iluminismo que, em seu entendimento, alicerçou a primeira posição particularista, relativista e essencialista em relação à cultura. E a ela atribui que o relativismo cultural de hoje tem indiretamente raízes herdadas do pensamento particularista de intelectuais do século XVIII e consequentes tons extremados de uma ideia nacionalista ainda tramada do século XXI. Se, por um lado, o antropólogo Franz Boas deixou como aprendizado o valor próprio de cada cultura pelos aspectos identitários manifestados na língua, nos costumes e na arte, como atesta Coelho (2008, p. 22), esmiuçando nestes aspectos os elos entre indivíduos e uma cultura, sua limitação normativa presa à estagnação de um “dever ser” restringiu a concepção particularizada de cultura. Identificar e considerar a amplitude não fixa da cultura, ou seja da *cultura como ação* sobreposta ao conceito de estagnação da *cultura como estado*, deve ser o fim dos estudos que as políticas culturais contemporâneas são desafiadas.

Mergulhado na proposta de funcionalismo cultural do antropólogo social Bronisław Malinowski, Coelho (2008, p. 22) chama os estudos sobre políticas culturais para métodos próprios (dito “método-ação”) os quais afastem as tragédias particularizadas de determinadas políticas de Estado, presos às categorias, ainda na considerada trágica<sup>191</sup> cultura como estado e

---

<sup>191</sup> Por “trágico”, Teixeira Coelho (2008, p. 22) entende que muito das políticas culturais contemporânea ainda padecem no cerne da ideia nacional de cultura. Segundo o autor, a ideia de *cultura como estado* é fruto da estagnação fragmentada e da preocupação que muitos estudiosos tiveram ante os termos “cultura ariana”, “cultura popular”, “cultura regional”, “cultura proletária”, entre outras. Teoricamente, esta concepção *trágica* teve heranças

não como ação. Pontua um chamamento que percorre toda a sua obra: “o objetivo da ação cultural (a metara de toda política cultural) é a criação das condições para que *as pessoas inventem seus próprios fins*”. (COELHO, 2008, p. 22; grifo do autor). Coelho (2008, p. 129) finaliza, questionando o lugar e o significado da arte no ensejo do sistema de sentidos da cultura, pontuando na herança do sistema semiótico, que observa nos temas como ética, lógica, e o da arte, essencialmente estético.

Coelho (2008) exprime que a institucionalização de determinados países, como no caso da Alemanha que, ao abolir o Ministério da Cultura, se voltou ao investimento na relação de instituições privadas da sociedade civil para cuidar da gestão cultural, é creditado ao entendimento e opção por um Sistema de Políticas Públicas. O caso do Sistema de Política Cultural alemão é exemplificado pelo *Deutscher Akademischer Austauschdienst*<sup>192</sup> (DAAD) e Goethe-Institut (Instituto Goethe), ambas entidades privadas sem fins lucrativos e responsáveis pelas políticas culturais internacionais e diplomáticas deste país. O autor ainda aponta que o segundo fator que fortalece a institucionalização do Sistema de Política Pública de um país, é autonomia e independência da gestão de investimentos financeiros, transpondo determinações do Poder Executivo, via descentralização das políticas. Estas devem capilarizar-se mais aa nível local do que nacional.

A crítica de Teixeira Coelho a Pierre Bourdieu na negação do entendimento de *habitus* mais explicitamente expressa em “Negar o antagonismo, o conflito ou a insociável sociabilidade, dentro de uma cultura ou entre culturas, é negar a cultura e provavelmente querer transformá-la num grande *habitus*” (COELHO, 2008, p. 40) parece contradizer o teor de *habitus* de classe do conflito já traçado pela teoria bourdieuana.

Os entraves da institucionalização das políticas culturais nos países latinos ocorrem pela intensiva concepção identitária, muitas vezes utilizada para um só fim eleitoral. A centralização na mão de uma política nacional, por certo, dificulta o foco destes países em políticas internacionais mais estruturadas, como ocorre na Alemanha e nos Estados Unidos, por exemplo.

Não somente os estudos sobre política cultural permitem discutir os caminhos-guias da institucionalização às ações diplomáticas entre os países. Os estudos sociológicos

---

das visões antropológicas, sociológicas ou etnológicas que desde o Iluminismo versam entre extremos generalistas ou particularistas, não considerando o importante centro do debate destas políticas culturais: a criação de condições próprias para considerar uma cultura como algo dinâmico, não geral ou particular, a *cultura como ação*. Este entendimento poder ser encontrado mais expressamente nos capítulos 1 e 3 da obra de Coelho (2008).

<sup>192</sup> Em português: Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico.

percorreram durante décadas o debate acerca do valor simbólico destas políticas. Observar o papel das estruturas sociais de suporte destes dispositivos de incorporação de valores já foi percorrido por Pierre Bourdieu, especificamente acerca do conceito de *habitus*. As práticas sociais resultam da interação dessa estrutura internalizada com as estruturas externas, quer dizer, das disposições dos atores com as lógicas operantes e relações de poder nos diversos campos sociais. Portanto, o *habitus* é, ao mesmo tempo, uma ordem bem estruturada, por ser produto da incorporação das propriedades relacionais do espaço social nos agentes, e uma estruturante, por operar como princípios pré-reflexivos que orientam as percepções e classificações dos atores e fixam probabilidades de ação. Pela mediação do *habitus* e de sua capacidade de “gerar” práticas classificáveis e classificadoras, o espaço social transmuta-se em espaço simbólico e as práticas dos atores se tomam signos de distinção. (BOURDIEU, 1996, p. 37-40). Os aspectos simbólicos de uma política diplomática, além da incorporação de valores transmitidos similares ao *medium* linguagem e aos *media* de aparatos tecnológicos de comunicação, podem ser bem compreendidos não apenas pela interação de atores com os discursos oficiais. Os caminhos de análise para identificação das tensões, das lutas simbólicas entre os atores, apresentam nas interações de grupos informais midiaticizados um acervo pleno de estudo.

O Capítulo 1 da tese explorou alguns mecanismos no âmbito dos quais estas interações podem ser investigadas, em especial na colaboração de que, nas ancoragens de interação, os vínculos dos atores a enquadramentos temáticos podem ser esmiuçados. Compreendidas até aqui as configurações da institucionalização que as políticas diplomáticas podem caminhar, antes de finalizar esta seção, é importante salientar alguns pontos acerca da motivação institucional que permitiu a criação do grupo midiaticizado, que foi chamado de grupo informal da *política mídia*.

Entre as principais atividades da YLAI Network, destaca-se o Programa de Bolsas de Estudos Profissionais da YLAI (*YLAI Professional Fellows Program*), que, de acordo com informações oficiais, é “apoiado em sua implementação pelo *Meridian International Center*, um parceiro orgulhoso da *Atlas Corps*, Organização de Empreendedores<sup>193</sup> e membros e universidades de base comunitária em todo os Estados Unidos” (livre tradução).

---

<sup>193</sup> Since 1987, EO has been transforming the lives of the entrepreneurs who transform the world. As the global thought leader on entrepreneurship, EO plays an integral role in businesses, industries and the lives of leading entrepreneurs everywhere. To engage leading entrepreneurs to learn and grow. To build the world’s most influential community of entrepreneurs.  
<https://www.eonetwork.org/about/vision/>

“Implementation by Meridian International Center, a proud partner with Atlas Corps, Entrepreneurs’ Organization, and community-based members and universities throughout the United States” (GUATEMALA CITY, 2016<sup>194</sup>). O programa de bolsas para formação de empreendedores anualmente seleciona 250 “líderes” para “para ampliar seus planos de negócios e empreendimentos sociais, aprenderem com seus pares americanos e compartilharem as melhores práticas” (U.S. Mission Brazil, 2017). Em 2017, foi divulgada a sistemática do programa de bolsas:

O programa começará com uma conferência em Atlanta, Geórgia, e em seguida, eles participarão de um programa de quatro semanas em empresas anfitriãs que orientarão e supervisionarão os bolsistas em cursos de empreendedorismo. O programa terminará com uma reunião de cúpula na área de capacitação de lideranças e desenvolvimento de conhecimentos específicos em Washington, D.C. O programa de cinco semanas levará 250 jovens líderes de 36 países da América Latina e Caribe para os EUA. Os bolsistas voltarão para seus empreendimentos com novos recursos e habilidades, suporte permanente de seus pares americanos e uma rede de contatos mais extensa que fortalecerá os laços de negócios entre Brasil e EUA (U.S. MISSION BRAZIL, 2017).

As embaixadas distribuídas pelos 36 países da América Latina e Caribe são atores estratégicos no Programa de Bolsas de Estudos Profissionais da YLAI. Todo o sistema gerencial, no entanto, desde a seleção até publicação dos nomes dos bolsistas, é ambientado em rede, nos veículos digitais oficiais da YLAI (*Facebook, Twitter, Medium, Instagram, Youtuber, E-mail e Website*).

---

<sup>194</sup> Texto original: “is supported in its implementation by Meridian International Center, a proud partner with Atlas Corps, Entrepreneurs’ Organization, and community-based members and universities throughout the United States” (GUATEMALA CITY, 2016).

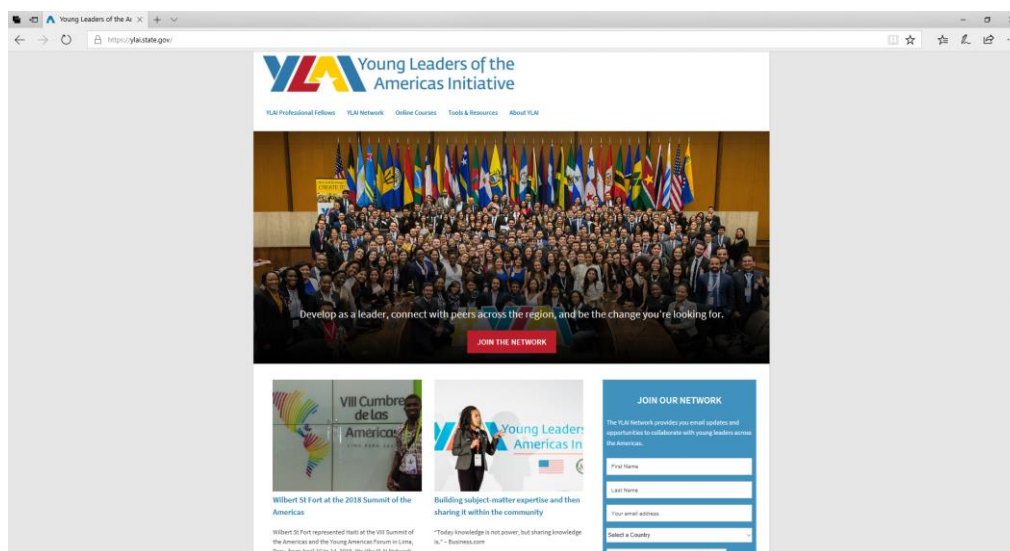


Figura 27 – Interface do Website do YLAI Network (24/04/2018)

Fonte: YLAI Network.



Figura 28 – Interface do Perfil do YLAI Network no Twitter (27/04/18)

Fonte: Twitter.

Além de ferramentas para relações diplomáticas entre esses países, por meio dessas plataformas, a política YLAI Network reinventa as políticas culturais e educacionais do Departamento de Estado. É dispositivo de discursos políticos presidenciais e ponte entre mercado e Estado.

*Declaração da Casa Branca sobre a 1ª turma de bolsistas da Iniciativa Jovens Líderes das Américas (YLAI). 29/08/16*

*Declaração do porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, Ned Price, sobre a primeira turma de bolsistas da Iniciativa Jovens Líderes das Américas (Ylai)*

A Casa Branca tem o orgulho de anunciar hoje a primeira turma de bolsistas da Iniciativa Jovens Líderes das Américas (Ylai). O presidente Obama lançou a iniciativa Ylai no ano passado para ampliar as oportunidades de novos empreendedores e inovadores da sociedade civil na América Latina e no Caribe. A primeira turma da iniciativa reúne 250 jovens empreendedores com grande potencial das áreas comerciais e sociais da América Latina para investir e acelerar o trabalho de jovens líderes que estão levando mais prosperidade e segurança a suas comunidades e seus países.

Os selecionados viajarão aos Estados Unidos para participar de um programa de cinco semanas que reforçará suas habilidades de liderança, inovação e empreendedorismo e oferecerá oportunidades de contatos com empreendedores, inovadores e investidores americanos; comunidades de diáspora; e poderão, entre eles, aumentar o networking em todo o continente. A iniciativa, um dos quatro programas de Iniciativas de Jovens Líderes, faz parte do compromisso do presidente Obama de empoderar jovens do mundo todo e garantir que eles tenham as ferramentas, os conhecimentos especializados e os contatos para enfrentar os desafios globais que temos em comum.

***EUA escolhem jovens empreendedores do Brasil para participar do intercâmbio profissional Iniciativa Jovens Líderes das Américas (YLAI) 14/09/17***

*Brasileiros farão parte de um grupo de 250 jovens líderes de 36 países da América Latina e Caribe*

O governo dos Estados Unidos anuncia nesta quarta-feira os nomes dos 20 brasileiros selecionados para o Programa de Bolsas de Estudos Profissionais da Iniciativa Jovens Líderes das Américas (YLAI) de 2017, patrocinado pelo Departamento de Estado. Os jovens empreendedores foram selecionados entre mais de três mil inscritos e são de 11 estados brasileiros: Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Todos eles estão engajados em diversas áreas como: educação, empoderamento feminino, empregabilidade, serviço público, nutrição, segurança alimentar, meio ambiente, comunicação, gerenciamento, desenvolvimento pessoal de presidiários, marketing digital, turismo, soluções financeiras sustentáveis e projetos habitacionais para a população de baixa renda. [...]

[...] O programa YLAI apoia o compromisso dos EUA de aumentar o comércio e os investimentos na região e, nas palavras do vice-presidente Mike Pence, **“levar ainda mais da nossa cultura empresarial de empreendedorismo e inovação a toda a América Latina, de modo que a prosperidade da América Latina e a nossa prosperidade continuem a crescer juntas.”** (U.S. MISSION BRAZIL, 2017).

As atividades do YLAI Network foram inauguradas por meio desse programa em março de 2016, no último ano de mandato do presidente Barack Obama. No dia 26 de maio de 2016, recebeu-se o primeiro *e-mail* de cadastro na plataforma YLAI Network. Foi no primeiro semestre do programa de doutorado que o objeto de pesquisa desta tese começou a se delinear. E se a intuição importa no processo de racionalização nos muros acadêmicos, pontuou-se em cheio. Somente após um ano e meio depois se teria certeza de que o início da

documentação de todos os *e-mails* oficiais da plataforma YLAI daria frutos e aproximações metodológicas.

O primeiro correio eletrônico arquivado para esta pesquisa, assinado pelo presidente Barack Obama<sup>195</sup>, pontuou os sistemáticos usos de canais de Comunicação Mediada por Computador (CMC), o que marcaria a estratégia de aproximar a política diplomática com a América Latina e o Caribe. Desde a primeira corrida presidencial de Barack Obama, em 2009, a comunicação política nos Estados Unidos passou por significativa transformação. O uso de plataformas de redes sociais como o *Facebook* foi pontualmente inspirador para massificação dessa prática, quando esse espaço virtual ainda não fazia parte do cotidiano dos latino-americanos. Ollivier (2012) postula que, além das características físicas de Barack Obama, a midiática de seu corpo pode ser compreendida “por seu charme, descrito em muitas mídias, quando pelos processos de enunciação utilizados e pela importância da internet nas estratégias de comunicação colocadas em prática.” (OLLIVIER, 2012, p. 125).

Na dinâmica *mediatização do mundo*<sup>196</sup>, as *figurações comunicativas* como novas formas de articulações e entrelaçamento das interações diplomáticas podem ser percebidas nas redes oficiais e informais desta política. Os dispositivos do enunciado, ampliados nas redes informacionais da política externa YLAI Network, fornece uma estrutura abrangente para consideração de uma comunicação política midiática tensionada pela globalização. Manuel Castells (2005) postula que a tecnologia é o novo modo de produção em nossa sociedade atual, na qual as informações tecnológicas passam a ser incorporadas no seio da economia globalizada. É significativo o fato de que o autor foque a produtividade informacional como os motores alavancadores do crescimento econômico, já que estas ainda organizam as sociedades ao redor de suas centenárias lógicas de apropriação dos processos de trabalho e de acúmulo de riqueza. Esses são os aspectos imutáveis das dinâmicas de dualidade do sistema capitalista, de encanto e controle, de riqueza e miséria. Encontro em Castells (2005, 2012, 2013). Uma teoria sociológica lúcida sobre a lógica das *startups* entra no contexto de internacionalização, expansão, necessidade de integrar-se aos mercados financeiros globais; e

---

<sup>195</sup> “Caro Fernando, Como Presidente, eu tenho feito com que nossos relacionamentos nas Américas sejam prioritários, e nosso envolvimento com jovens que moldarão o nosso futuro seja uma peça fundamental para esse esforço. É por isso que criei a Iniciativa Jovens Líderes das Américas (YLAI). Jovens empresários como você estão liderando o caminho em nosso hemisfério. Você está fazendo mudanças positivas em seus países e comunidades, encontrando soluções inovadoras para nossos desafios compartilhados. Os Estados Unidos estão ansiosos para ampliar as suas impactantes ações, conectando a próxima geração de empresários e inovadores de todos os países das Américas através deste programa de referência. (...)” (OBAMA, 2016, livre tradução) [mensagem pessoal]

<sup>196</sup> Termo desenvolvido pelos pesquisadores Friedrich Kortz, Christiane Funken, Michael Jäckel e Andreas Hepp em suas pesquisas financiadas pela *Sociedade Alemã de Amparo à Pesquisa* (DFG).

individualização da mão de obra, cada vez mais dependente da tecnologia e em redes conectadas – faceta do capitalismo informacional a favor da lógica do crescente produtivismo.

O surgimento do informacionalismo neste final de milênio está entremeado de desigualdade e exclusão social crescente em todo o mundo. [...] O processo de reestruturação do capitalismo, com sua lógica mais rigorosa de competitividade econômica, é responsável por boa parte deste sofrimento. Contudo, as novas condições tecnológicas e organizacionais da Era da Informação, da forma como foram analisadas neste livro, provocam uma grande reviravolta no velho modelo da busca do lucro como substituto da busca da alma. (CASTELLS, 2012, p. 95).

O YLAI Network na contextura do debate acerca da expansão do modo de produção informacional, como pregam a disseminação das firmas informacionais *startups*, prometem justamente o oposto como o reclame de Castells (2012). A rede internacional firma a crença no desenvolvimento social pelo papel das lideranças locais.

O modelo da política internacional YLAI Network se assemelha ao modelo das *empresas em rede* contido na teoria do informacionalismo. A expressão *empresas em rede* sustenta a expansão da produção do capitalismo marcadas por maior flexibilização dos arranjos produtivos; de uma nova organização hierárquica das firmas; dos modelos inter-relacionados, competitivas redes cooperativas de produtividade global e seus impactos nos rearranjos das forças de trabalho. Decerto, neste conceito, encontra-se maiores evidências do solo fértil que fazem emergir a cultura dos ecossistemas digitais das *startups* em metrópoles de todo o mundo; da lógica de expansão do capital, da evolutiva busca de maior lucratividade que as sustentam e mantém duradouro o abrasador espírito especulativo do capitalismo e das questões de empregabilidade e culturais que outrora se levantam. A *empresa em rede* permite uma compreensão do cenário ideal para a massificação empreendedora das pequenas empresas da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) emergidas em todo mundo, bem como seus triunfos de uma tremenda geração de emprego, das intensas políticas de aquisição corporativas e dos discursos das infantis firmas informacionais que encantam a juventude que estreiam nos palcos do mercado global<sup>197</sup>. E não é apenas na empresa em rede que a semelhança do YLAI Network se dá ao conceito informacional. A individualização pelos caminhos especializadíssimos é sua outra característica.

---

<sup>197</sup> Em estudos anteriores, pôde-se explorar os sentidos sociológicos do arranque das firmas *startups*. (CAVALCANTE, 2005, p. 187).

Ainda em Castells (2005), é perceptível que esses caminhos de individualização da mão de obra por sobre os moldes da especialização do trabalho é a mola-mestra dos processos globais das empresas em rede ante a necessidade de maior produtividade e da ultraconcorrência reinante. Ao contextualizar fatos ocorridos no Vale do Silício desde os anos de 1970, quando essa tendência começava a emergir, o autor lembra que foi a especialização produtiva que colocou o Vale na liderança da corrida da tecnologia e inovação. Citando Anna Lee Saxenian, uma renomeada analista do Vale do Silício, endossa que, em 1990, 30% da força produtiva dessa região era estrangeira, com o domínio de executivos chineses e indianos, que detinham cerca de 25% das firmas do Vale entre 1980 e 1998; e 29% entre 1995 e 1998. Para Castells, esses rearranjos foram essencialmente retroalimentados, por mão dupla de transferência de mão de obra especializadíssima, e, citando Saxenian, ratifica:

Pesquisas recentes indicam que a migração de mão de obra especializada pode estar cedendo a um processo de circulação de mão de obra, no qual os imigrantes talentosos que estudam e trabalham nos EUA voltam para seus países de origem para neles aproveitar as promissoras oportunidades. E os avanços nas tecnologias de transportes e comunicações significam que mesmo quando esses imigrantes especializados optam por não voltar para casa, ainda desempenham um papel essencial de intermediários que unem as empresas nos EUA às regiões geograficamente distantes. (CASTELLS, 2005, p. 169).

Castells (2005) vê na era informacional o surgimento de outras identidades, ditas novas *identidades de projeto*. Estas não estão mais voltadas às velhas identidades legitimadoras, que secaram nas dinâmicas falidas da era industrial. Não se inserem nos grupos de identidade de resistência aos quais Castells afere no volume III da obra *A Era da Informação*. Eles não estão excluídos da lógica informacional em rede. Eles não pertencem às comunidades de resistências, que raramente se comunicam, mas que paradoxalmente se difundem na sociedade em rede.

As teorias sociológicas, sem embargo às compreensões já expressas por Castells acerca do informacionalismo, parecem não abarcar sozinhas a concretude da hipermediatização que guia os eixos estruturais das atuais configurações das relações diplomáticas: as práticas de produção de sentido por uso instrumental das técnicas de comunicação.

A mediatização foi a seara mais fecunda que o Departamento de Estado, o Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais (ECA), as embaixadas norte-americanas e o Meridian International Center utilizaram para propagar suas ideias acerca do “jeito correto de

fazer empreendedorismo”. Tinham como alvo despertar a atenção da maior quantidade de jovens possível, dentro dos perfis estabelecidos e secretos, como o de Arp, Bacon, Breton, Carrington, Chagall, Dalí, Duchamp, Ernst, Giacometti, Kahlo, Klee, Kush, Maar, Masson, Picabia, Picasso, Tanguy e Varo. Até o grande encontro, como relatou o Diário Aberto sobre o dia 23 de dezembro de 2018, aquilo se revelou como “os mais belos dos participantes do Filho do Homem estavam na “sala principal” de O Grito. Esta foi a visita a O Grito oficial. Pouquíssimo mencionada no grupo por, decerto, haver uma margem mínima de se conectar entre a Embaixada Brasileira e O Grito” (DIÁRIO ABERTO, 23/10/18). O Grito e Filho do Homem eram codinome, como os que havia utilizado para categorizar os alvos da *política mídia*.

As ferramentas de comunicação da política diplomática eram, como dito intrinsecamente, canalizada por meios digitais da Internet. Durante o período de observação, encontrou-se apenas inserção de publicidade em portais da internet. TV, rádio, revista, por meio das ações de assessoria de imprensa da Embaixada dos Estados Unidos nos países da América Latina e Caribe, primariamente. Ainda se recorda do dia em que Breton comemorava no grupo que uma emissora de TV brasileira o entrevistara. Os meios de comunicação convencionais, especialmente os de radiodifusão e impresso, importavam para os organizadores da política, possivelmente lhes dariam mais credibilidade. Não era este o foco, no entanto.

Parece haver um afunilamento na escolha das ferramentas de comunicação, incluindo as digitais; as redes sociais extremamente utilizadas para a atração de promissores seguidores. O *site* é o grande compilador das mensagens propagadas oficialmente e também o ponto de contato para o cadastramento da chamada rede YLAI. A intenção possivelmente se verta para a consolidação de um rico banco de dados com informações dos iminentes disseminadores das ideias moldadas sobre lideranças e empreendedorismo. Dos louros de “sempre sucesso” das *startups*. Nunca derrota. No *site* institucional, no momento do cadastro, o usuário aceita o termo e as condições (usualmente nunca lidos) para autorização do envio de mensagens via *e-mail*. Após este cadastro, o usuário é formalizado como um membro do YLAI Network. Cursos *on-line*, mensagens de otimismo e boas práticas são mensalmente enviadas, usualmente, culminando alguma ação comunicativa em uma rede oficial do grupo.

Há uma linha tênue, limítrofe, no que se entende como boca do funil entre as mídias institucional de uma *política mídia* e as mídias institucionalizáveis. Pela observação de quase três anos da YLAI Network, a metáfora que inspirou a criação da expressão *política mídia* é

específica acerca de uma ação diplomática pontual, mas ao mesmo tempo deixa brechas para considerações generalistas. Explica-se.

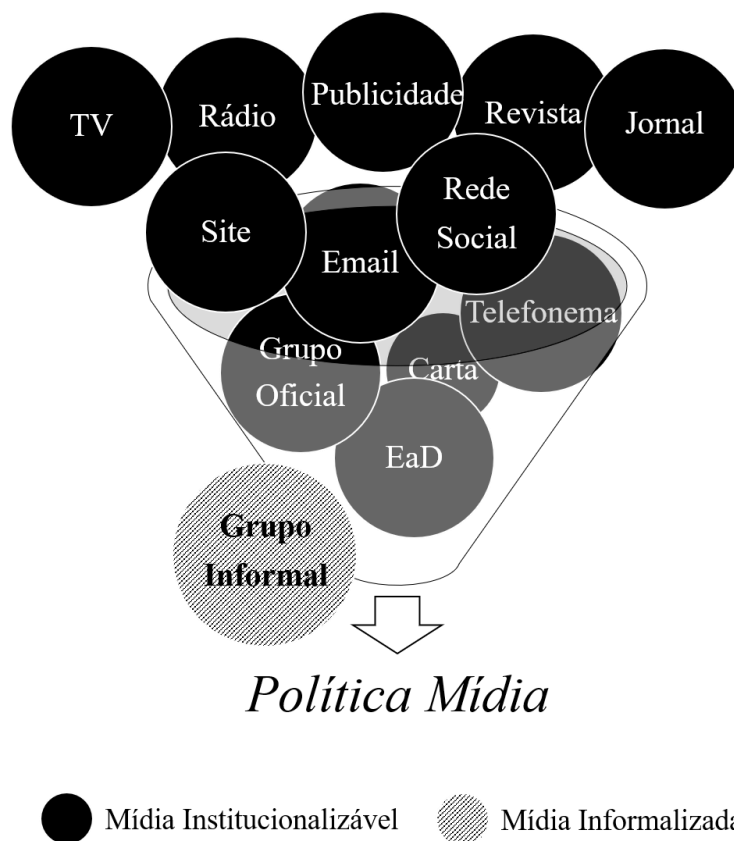


Figura 29 – Diagrama da *política mídia*  
Fonte: Elaborado pelo autor.

As mídias institucionalizáveis são as metas “ferramentarias” de esforços de qualquer profissional com bacharelado em Comunicação Social no Brasil. Relações públicas (RP), jornalismo, publicidade e propaganda, rádio e TV ou qualquer especialização da área general pode exercer o trabalho de manuseio de estratégias para estas mídias – oficialmente<sup>198</sup> falando. É de praxe se pensar em uma comunicação integrada com todos os compostos<sup>199</sup> que a Professora Doutora Margarida Kunsh e o Professor Doutor Paulo Nassar tanto insistem. De modo prática, o entretanto, no Brasil e no mundo, estes vieses de uma comunicação corporativa tratam de universalizar as estratégias de comunicação, as etapas táticas e operacionais para diversos públicos de relacionamento de uma empresa. Os chamados, às reverberações do Norte, de *stakeholders*. O trabalho de uma assessoria de comunicação, especializada em relações

<sup>198</sup> Conheço comerciantes sem nenhum grau de instrução que entenderam ao pé da letra o sentido de integrar a comunicação com os públicos.

<sup>199</sup> Refiro-me ao trabalho promovido pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, que, desde os anos 1980, trazem os conceitos de composto de comunicação, que sintetizando, é uma sinergia entre a comunicação interna, comunicação institucional, comunicação mercadológica e comunicação administrativa.

públicas e desempenhado por qualquer profissional habilitados nos estudos das Ciências da Comunicação, é nada mais do que o esforço de tornar institucional o potencial em ser institucional. Uma ferramenta qualquer de comunicação institucional, ou interna, que gere um *clipping* ou *press kit* à imprensa segue acima de tudo uma estratégia de persuasão da antiga propaganda de Estados – do qual já vimos os resultados. Os trabalhos de comunicação integrada aplicados à política não criam, mais do que o novo, o máximo em alinhar ao extremo os discursos corporativos com os discursos dos meios. A busca pelo perfeito *match*. Gerar a pauta positiva, sendo jornalista, RP ou publicitário, é a meta das empresas especializadas na institucionalização do discurso. Nisso, qualquer *política mídia*, diplomática, cultural, pública ou global tem como cerne.

As **mídias institucionalizáveis em potencial** estão na boca do funil, como outrora se falava. Estas têm potência de atrair o público ao centro de reverberação ideológica da política; mas não têm a capilaridade de fecundar-se em dispositivo midiático na vida cotidiana de comunicação do sujeito. Elas falam, mas não vitalizam. Não entram na disputa pela interação da política nascida para atrair e reverberar. Estão em um plano simbólico, das lutas de reconhecimento pelas ações táticas se transformarem em especificidades mensuráveis em estar estampados nas capas de jornais, revistas ou manchetes de qualquer jornal ao vivo. Ao vivo, não entram na ordem os enunciados ocultos de um grupo informal que tematiza-se por uma política específica, a qual utilizou destas mídias institucionalizáveis para atingi-los como *target*. Como a meta. A distinção das metas das mídias tradicionais institucionalizáveis ressoa; as mídias institucionais acopladas ao funil da experiência dos dispositivos do enunciado propagam. São estas últimas, *site* oficial, grupos de interação instantânea formais, caras, telegramas, e-mails e os próprios perfis institucionais em redes sociais diversas. Prefere-se denominá-las mídias institucionalizáveis em concretude.

Há outra distinção entre as mídias institucionalizáveis em concretude e as mídias institucionalizáveis em potencial. Não se exclui o poder destes meios institucionalizáveis em potencialidade, a com os quais qualquer assessoria de comunicação possa vir trabalhar, ao plano do pertencimento e experientiação. Roger Silverstone chamou de tecido geral da experiência as bases que a “velha mídia” e a “nova mídia” têm em comum. O Sociólogo britânico trouxe singulares análises acerca do porquê estudar a mídia. Não são, entretanto, os meios de radiofusão ou impressos que mesmo ao máximo alinhamento do discurso corporativo ao recorte criativo do “acontecimento” virão a ser o mais potencial na vida dos predestinados ao sucesso: dos jovens escutados pelas chamadas das ancoragens empreendedoras. Pelo âmbito do *input* no

aceite que os seguidores de uma política se permitirem às entradas para o dinamismo das experiências da mídia institucionalizável, em concretude, exprime-se a segunda distinção. Seguir o perfil de uma rede social formal, se inscrever para recebimentos de *e-mails*, ou mesmo no recebimento de uma carta institucional, são ações comunicativas de entrada para a realidade a ser recortada por estes meios institucionalizáveis, já, ao que parece, institucionais. A hipermediatização dos *crossmedia*, das mídias mutuamente interdependentes, em sua combinação pela concretude e potência em ser institucional, criam os pontos de contato manejáveis pelo administrador da *política mídia*. Ou seja, ler uma matéria específica em um jornal sobre uma política diplomática pode ser o primeiro lastre de contato com a entrada do sujeito ao funil das mídias mais institucionais, como o cadastro no site oficial, o recebimento de um email mais direcionável ou até o recebimento de uma carta de aceite para a participação efetiva da ação política. Na distinção do nível de *input*, concretudes e potencialidades institucionalizáveis distinguem-se e mesclam-se.

Talvez a publicidade, no papel mais “mediocre” de chamar atenção, seja o exemplo mais fácil para explicar com primazia o recorte feito sobre o *input* institucionalizável. É sabida uma máxima, ou talvez não seja para o leitor, aplicada a qualquer planejamento de plano de inserção em meios de massa – também tal e qual ao digital. Publicidade é repetição. Nada mais do que isso. É verba para compra de mídia. A experiência prática um dia revelou a qualquer estudante da UFRN, UNICAMP ou da ESPM o seguinte: publicidade é repetição, é o cálculo do *Gross Rating Point*<sup>200</sup> (alcance vezes frequência). O GRP que define o impacto da campanha, para além do conteúdo criativo. Não se exclui o joguete publicitário. Esse sim é da ordem da experiência. Este sim diz acerca do tecido geral do sujeito, vem do criador e a ele retorna. Retorna ao público, ao cliente, ao membro, ao criador, em memória, retorna, como experiência da ação. De compra. Mas o joguete publicitário é sem igual um ato de criar a abstração. Parece não haver cientificidade maior do que esta.

Ah! O do campo do design. O profissional designer cria ao compreender o vazio. Tal e qual a ciência pura. Há de se encontrar o vazio para então refletir sobre. Sem o ato de compra. As ações publicizadas das matérias jornalísticas em meios de massa e das próprias propagandas pagas, *on-line* ou *off-line*, são *inputs* de tormento. Podem ser sincronizadas com as entradas de permissão para a boca *input* do funil, mas estão à margem pelos esforços potenciais e não concretos do querer entrar no jogo da *política mídia*, do querer se interessar

---

<sup>200</sup> Técnica utilizada para calcular a soma bruta da audiência de um plano de mídia, criada desde os anos 1970, especificamente para o meio TV.

pelas informações que sejam enxertadas. Ou seja, pela diferença de narrativa de um que ressoa, do outro que propaga; e pelo *input* do um de ser interrompido e experienciar, e do outro do procurar para experienciar as mídias institucionalizáveis, em potência e em concretude se divergem e se unem.

A partir do *input* à boca do funil, em seu engole pleno, como desenha a Figura 29, inserem-se as **mídias em concretude institucionalizáveis**. Não pelo ato institucionalizável do esforço de um ator, mas pela essência institucionalizável da criação do dispositivo. O Twitter nasceu para hospedar um perfil institucional. Não é preciso falar do Facebook... tampouco do Google. O perfil corporativo das redes sociais ocupa não só a esfera de ser um dispositivo que o conteúdo será veiculado, mas na gestão intrínseca de como esse conteúdo é processado. Os donos dos dispositivos concretos institucionais são dois. A empresa Twitter que detém a informação. E o dono do perfil que produz conteúdo a partir dos sistemas de *feedback* entre interface e ações. Algo semelhante ocorre com o uso de *e-mails* corporativos. A informação nunca é detida exclusivamente pelos produtos do conteúdo, ou do clipping. É sempre disponibilizada ao processamento das máquinas criadas inicialmente pelo homem. Redes sociais das contas oficiais, *sites* institucionais, cartas em papel timbrado, telefonemas ou telegramas emitidos pelos profissionais do *headquarters* gestores da política, grupos de interação instantâneo oficiais e portais de treinamento para cursos de educação a distância planejados pelas ações comunicativas da política afunilam, nessa ordem, o nível de experiência do primeiro *input* a *output* de participação efetiva das ações políticas, eminentemente conferidas por dispositivos midiáticos. Estas, ao menos, foram as ordens de sincronização comunicativa da política observada na tese para despertar a atenção até formalização de Arp, Bacon, Breton, Carrington, Chagall, Dalí, Duchamp, Ernst, Giacometti, Kahlo, Klee, Kush, Maar, Masson, Picabia, Picasso, Tanguy e Varo como participantes oficiais da rede diplomática YLAI.

A *política mídia* começa a se tornar mais autônoma, desde o momento em que o dispositivo é mais (ou menos) controlado pelo detentor do discurso. Uma carta ou um evento de comunicação face a face é a plenitude do jogo de maquinação, laminação, fácil a serem enquadrados por um *frame*. Os gestos e as contradições são puramente identificáveis ao olhar a gama das intenções das mídias institucionalizáveis. Algo como o primeiro encontro face a face com os gestores da política diplomática, documentado pelo Diário Aberto:

[12:41, 20/9/2018] Arp: Entendi pq o pessoal dormiu ano passado

[12:46, 20/9/2018] Kush: 🤔 essa parte tá um cadiiiinho dormível

[12:46, 20/9/2018] Bacon: Uhum  
 [12:46, 20/9/2018] Klee: Mto chata”

[12:47, 20/9/2018] Bacon: Olhem em volta  
 [12:47, 20/9/2018] Bacon: Tá todo mundo mexendo no celular haha”

Varo compartilhou um vídeo de Arp praticamente dormindo por volta das 13h.  
 (DIÁRIO ABERTO, 20/09/18)

A autonomia da *política mídia*, pelas mídias institucionalizáveis, é descompensada se contados os relatórios de “sucesso discursivo” proveniente do ator rooseveltiano, que um trabalho sociológico revelaria. O centro deste trabalho não são as mídias institucionalizáveis. São os jogos de ancoragem na busca de enquadramentos temáticos de Arp, Kush, Bacon, Klee e tantos outros. As estreitas dos ruídos não manejados pelos grupos informais de comunicação que sempre perpassam o funil institucional da *política mídia*. Como parte de um todo, estes grupos de interação midiaticizada são esferas informais de formação de opiniões e compartilhamento de experiência com a política diplomática em si.

Seriam inúmeras as dissonâncias entre o “dito empreendedor” e as falas acerca dos dramas que o grupo midiaticizado vivenciou para cumprir os rituais de interação impostos, ao pleito do ganho da competição, da plataforma institucional de Ensino a Distância do YLAI Network. As observações midiaticizadas, as ações comunicativas da *política mídia* ocorriam em plataforma intitulada Canvas<sup>201</sup>. Os membros oficiais, sistematicamente durante um determinado período, são monitorados nos treinamentos e exercícios *on-line* na plataforma de educação a distância. Na competição anual promovida pela política diplomática, além da imersão de aproximados 45 dias em *startups* americanas, a realização de todos os módulos educacionais valia pontuação e estes poderiam ser eliminatório ou classificatório ao participante eleito para o recebimento do Programa de Bolsas de Estudos Profissionais da YLAI (*YLAI Professional Fellows Program*). Talvez o sistema de regras e caráter doutrinário da política mereça mais atenção em um estudo futuro. A preponderância de atenção das teses se concentrou nos grupos informais que são sempre as moscas do funil de midiaticização de uma política diplomática.

---

<sup>201</sup> *Site* de Educação a Distância com dinamismo de interação semelhantes às redes sociais. A plataforma oferece inúmeros cursos profissionalizantes gratuitos aos usuários. Às empresas e instituições educacionais, são destinados pacotes comerciais de prestação de serviço. O *site* concorre com empresas de grande porte da área educacional, como a BlackBoard. Todos os passos que o usuário dá no ambiente de aprendizado virtual, desde o cadastro até o acesso aos *links* dos cursos, são monitorados e relatórios sistemáticos podem ser mensurados. Para quem não é membro oficial de um curso ofertado, como no caso do YLAI Network, o acesso é restrito, não tendo sido permitido à tese fazer detalhamentos. <https://www.canvas.net/>

Os zumbidos dos grupos de interação informais às mídias institucionalizáveis, exclusivos e criados por participantes da *política mídia*, foram o foco prioritário das análises do no Capítulo 1. Entre os membros da plataforma WhatsApp, noções de vínculos aos enquadramentos temáticos diagnosticados nos eixos categóricos dos estudos acerca das ancoragens de interação merecem mais espaço nos Estudos da Mídia. Por estes grupos, não necessariamente pelo recorte que a tese propôs, questões generalistas acerca da adesão de ideias dos valores qualitativos das esferas públicas, tencionadas por alguma temática, são tracejadas como contracorrentes dos discursos oficiais de uma política.

Quiçá nunca haja controle acerca dos zumbidos dos grupos informais que rodeiam, permeiam, transversalizam o fazer da política diplomática, *política mídia*. Quiçá um relatório de sucesso impresso mensalmente na mesa dos centros de debate destas políticas nunca vejam eventuais redes de “resistência positiva”, que como um dia lembrou Rodrigues (2001, p. 196), permitirá substituir os que tingiram com o “sangue os campos de batalha nome dos grandes ideias do homem, inclusive pela sua libertação?”.

Saber-se-á pela configuração e figuração da opinião pública “datatizada” à *política mídia* que hospeda os vínculos de enquadramentos temáticos postos em jogo.

### **3.2. Figurações comunicativas dos grupos informais da política mídia: a “datatização” da opinião pública?**

A circulação de significados como definição primeira dos processos de mediação tange os debates dialéticos nas etapas de agressão, confiança, incorporação e restituição no âmbito da produção de sentido pela experiência e textura em que as pessoas e as instituições se inserem (SILVERSTONE, 2005). No âmbito dos estudos da comunicação política, o termo mediação é usado prioritariamente para denotar um ato neutro de transmitir mensagens através da mídia, experienciando políticas por via de canais de comunicação de massa (MAZZOLENI, 2008; STRÖMBÄCK, 2008). Dentro do tecido urbano, a mediação da política fortalece a relação de institucionalidade pelo prisma da política cultural, sobrelevando o contexto cultural de formação destas sociedades e das instituições mediadoras da realidade (MARTÍN-BARBERO, 1991). Entender uma política mediada sugere observar o espectro da opinião pública tensionado pela relação de dependência das pessoas às instituições midiáticas que

buscam obter informações sobre política. Neste sentido, a mídia age por muito tempo como um mediador entre os cidadãos e instituições de governo, de processos eleitorais.

A midiatização, em contraste, é um conceito inerentemente orientado a processos que se concentra em debater a influência da mídia, em sua lógica radial, que atravessa condições de produção de sentido na relação tempo e espaço difuso (VERÓN, 1994b, 2014). Além da força da institucionalidade e de um caráter manipulador sistêmico de forças particulares, este tópico debate a transição dos conceitos de mídia a partir das considerações sobre lógica da mídia, por suas instâncias configuradoras dos campos teóricos sobre mediação e midiatização, as novas configurações destes estudos aglutinados no termo hipermidiatização, defendido pela rede de pesquisa Figurações Comunicativa. Problematiza-se searas para automação de sentidos tensionados por dispositivos midiáticos, nos caminhos de “datatização” impostos pela inovação de tudo.<sup>202</sup> A proposta desta seção é mostrar como a técnica pontua distintos aspectos da incorporação da linguagem, da noção espaço-tempo e da corporificação dos dispositivos, não-humana, em redes informacionais de sentido.

O semiopragmatismo dos pesquisadores latino-americanos, representado por Eliseo Véron, pontua a inclinação destes países, juntamente com França, Espanha e Itália para o foco semiótico nos campos das Ciências da Comunicação e dos Estudos da Mídia. Em contraposição aos pensadores destes campos, uma cisão à semiótica, desde os anos 1970, começaram a se tecer na Alemanha, priorizando-se uma visão interdisciplinar entre vertentes do funcionalismo e dos estudos culturais. (AVERBECK-LIETZ, 2015); como um abraço à visão institucional da mídia endossada pelo prisma sociodiscursivo.

A priorização das disciplinas de História, Economia e Sociologia à Semiótica resultou na separação formal dos estudos midiáticos dos estudos da comunicação, conforme expressa Averbek-Lietz (2015, p. 153) é explicitada por órgãos colegiados diretivos do país, como Conselho Alemão de Ciências e Humanidades (*Wissenschaftsrat*). As razões idiomáticas, pela produção em maioria espanhol dos textos de Eliseo Verón, também apontam como outro fator do desinteresse de seus estudos na comunidade acadêmica alemã. Talvez o mesmo fator possibilite o resultado contrário de aproximação dos pesquisadores brasileiros e latinos às suas obras.

---

<sup>202</sup> As dicções “datatização” (*datafication*) e “hipermidiatização” (*deep mediatization*) estão contidos na obra de Hepp, Breiter, Hasebrink (2018) e amplamente reunidas nos arquivos organizados pela rede Figuração Comunicativa e pelo centro de investigação ZeMKI da Universidade de Bremen.

Sem embargo, a publicação de um texto em inglês de Verón editado pelo norueguês Knut Lundby, em 2014, permitiu o recente alcance ao olhar sistêmico luhmanniano e semiopragmático da Teoria da Miatização por parte de alguns estudiosos alemães, a exemplo Averbeck-Lietz (2015, p. 159-160), que pontua:

A primera vista una lectura de Luhmann por parte de Verón no parece ser muy prometedora –el mismo Luhmann rompe totalmente con la semiología en el sentido de Peirce, así como con una teoría de acción comunicativa en sentido Habermasiano. En mi valoración, ha sido más el aspecto «auto-poiético» de Luhmann en el cual ha estado interesado Verón: la comunicación es un proceso autopoiético infinito y circular. Esto es lo que Luhmann y Verón comparten. Este es, claramente, un cambio paradigmático de cualquier perspectiva orientada a los efectos y abre el camino a fenómenos de comunicación recursiva.<sup>203</sup>

De um lado, seguidores da corrente latina orientados pelas raízes inauguradas por Jesús Martín-Barbero ([1987]1991), que esmiuçou a institucionalização no campo das práticas de sentido das “mediações culturais da comunicação”, e por Eliseo Verón (1981, 1994b, 1995) que, em sua perspectiva semioantropológica, debateu a produção de sentido considerando os efeitos da miatização, em especial, no tocante à na “aceleração do tempo histórico” e da ruptura entre espaço e tempo.

Por outro lado, vertentes europeias que amplamente representadas por Roger Silverstone ([1999]2005), abriram espaço ao considerar a mediação um processo de circulação de sentido aos novos estudos sobre à atual fase da miatização que Nick Couldry e Andreas Hepp (2016), compiladas no conceito de “deep miatization” (hipermiatização, em livre tradução). De mais tecnicistas aos mais culturalistas, que observam que os efeitos dos meios de comunicação são baseados no conteúdo dos meios de comunicação, em vez do formato de mídia ou da comunicação (ALTHEIDE, SNOW 1991, ALTHEIDE, 2014), os polos conceituais entre mediação e miatização não se resumem a perspectivas latinas, inglesas ou germânicas. Os percursos teóricos que estudam os efeitos de mídia, em grande parte, não conseguem apreciar as interações, interdependências e transações a um nível de sistema e com relação aos aspectos que a mídia forma e remodela a política, a cultura e produção de sentido dos indivíduos

---

<sup>203</sup> “À primeira vista, a leitura de Verón sobre Luhmann não parece muito promissora - o próprio Luhmann rompe completamente com a semiologia no sentido de Peirce, bem como com uma teoria da ação comunicativa no sentido Habermasiano. mais o aspecto “auto-poético” de Luhmann, no qual Verón tem se interessado: a comunicação é um processo autopoiético infinito e circular. É isso que Luhmann e Verón compartilham. Isto é, claramente, uma mudança de paradigma de qualquer perspectiva orientada para os efeitos e abre o caminho para fenômenos de comunicação recursiva. (AVERBECK-LIETZ, 2015, p. 159-160).

(STRÖMBÄCK, 2008). A ampliação conceitual destes termos aglutina os campos que os Estudos da Mídia contemporâneos, cada vez mais, capilarizam as intenções de debate vertidos por esta tese.

Contextualizando a onipresença dos meios de comunicação de massa, televisão, rádio e imprensa, à perspectiva analítica do interacionismo simbólico, os sociólogos David Altheide e Robert Snow (1979), mesmo considerando que a mídia é uma força social multidimensional, uma instituição dominante na vida moderna, rejeitaram a noção de que as ações midiáticas fossem conspiratórias fontes do estímulo às respostas de um consumidor-vítima. Altheide e Snow (1979) em sua obra *Media Logic* (Lógica da Media, livre tradução), ao concentrarem a atenção na influência da mídia sobre as instituições ao invés do foco no indivíduo, refletiram que as pessoas produtoras de mensagens midiáticas e o público constituíam uma cultura em conjunto, ambas envolvidas no *processo interativo e interativo* da construção da realidade. Ou seja, produtores e consumidores da mídia moviam-se no mesmo formato na gramática cristalizadora dos comportamentos e normas sociais. Em uma linha de argumentação apelativa, a ideia de que “somos a mídia” era a grande tese central dos sociólogos (MILLER, 1982, p. 468). Neste sentido, a lógica da mídia é entendida como uma maneira dominante de perceber os assuntos sociais, inclusive na perspectiva de interpretar os fenômenos políticos.

media logic consists of a form of communication; the process through which media present and transmit information. Elements of this form include the various media and the formats used by these media. Format consists, in part, of how material is organized, the style in which it is presented, the focus or emphasis on particular characteristics of behavior, and the grammar of media communication. Format becomes a framework or a perspective that is used to present as well as interpret phenomena. (ALTHEIDE, SNOW 1979, p. 10, *apud* STRÖMBÄCK, 2008, p. 233)<sup>204</sup>

Strömbäck (2008) observa quatro fases conceituais que evidenciam o olhar acadêmico sobre a **mediatização da política**. O primeiro aspecto da mediatização da política pressupõe que a mídia constitui o mais importante ou dominante recurso de informação sobre a política e a sociedade. O segundo aspecto pontua a independência da mídia sobre os aspectos

---

<sup>204</sup> A lógica da mídia consiste em uma forma de comunicação; o processo pelo qual os meios apresentam e transmitem informações. Elementos deste formulário incluem as várias mídias e os formatos usados por esses meios de comunicação. O formato consiste, em parte, na forma como o material é organizado, o estilo em que é apresentado, o foco ou a ênfase em características específicas do comportamento e a gramática da comunicação de mídia. O formato torna-se uma estrutura ou uma perspectiva que é usada para apresentar, bem como interpretar fenômenos.

da vida política e sua institucionalidade em termos de como os meios de comunicação são governados. O terceiro aspecto dedica o grau em que a lógica política ou a lógica da mídia governa e conduz o conteúdo da mídia. Por fim, o quarto aspecto delimita o grau em que os atores políticos são governados por uma lógica política ou por uma lógica da mídia. A proposta da quarta fase dos estudos de mediação, segundo Strömbäck (2008, p. 234), reflete como os arranjos e disposição dos atores políticos dentro das instituições políticas se configuram com a lógica da mídia, incluindo os modos de governabilidade destas instituições políticas, embora o foco seja nos próprios atores políticos.

Mesmo intercorrelatos, separar as distintas perspectivas permite a consideração e ampliação teórica dos estudos que se dedicam à leitura do processo de mediação no campo político. “Embora as quatro dimensões sejam altamente intercorreladas, a ruptura do conceito de mediação da política em dimensões separadas pode ajudar a esclarecer o conceito em avaliações do grau em que a política em um determinado cenário é mediada”. (STRÖMBÄCK, 2008, p. 234, traduziu-se). (“Although the four dimensions are highly intercorrelated, the breakdown of the concept of the mediation of politics into separate dimensions might help clarify the concept in assessments of the degree to which politics in a particular setting is mediated” (STRÖMBÄCK, 2008, p. 234).

Embora a maioria dos pesquisadores contemporâneos venham priorizando o termo mediação orientada a uma multidimensionalidade inerentemente dirigida a um processo produtor de sentido, poucos<sup>205</sup> tentaram especificar como esse processo evoluiu, teoricamente ou empiricamente, ao campo político. Convergindo a lógica da mídia e da política à proposta semiótica sociodiscursiva, às compreensões dos Estudos da Mídia, a rede de investigação intitulada *Figurações Comunicativas (Communicative Figurations)*<sup>206</sup> tem lançado contrapontos importantes aos estudos de mediação no campo da política. Na premissa que a vida política está transpassada por um processo hipermediação e entrelaçamento transmediático comunicativo, mais bem recortado teoricamente por Nick Couldry, Andreas Hepp e a equipe de pesquisadores do *Zentrum für Medien-, Kommunikations- und Informationsforschung*

<sup>205</sup> Kepplinger (2002), Hjarvard (2004), Krotz (2007), Strömbäck (2008; 2011); Hepp (2013); Landerer (2013); Couldry e Hepp (2016); e Hepp, Breiter e Basebrink (2018) são alguns dos autores que têm se dedicado aos estudos epistemológicos da mediação política.

<sup>206</sup> “A rede de investigação *Figurações Comunicativas* é uma iniciativa conjunta das Universidades de Bremen e Hamburgo com o Centro de Investigação em Mídia, Comunicação e Informação (ZeMKI) e o Instituto de Gestão da Informação (ifib) de Bremen, bem como a Faculdade de Direito, a Faculdade de Ciências Humanas, a Faculdade de Economia e Ciências Sociais, o Centro de Investigação em Mídia e Comunicação (RCMC), o Hans-Bredow-Institute for Media Research (HBI) e o Research Centre for Media History (FMG) de Hamburgo.” Traduzido do texto de apresentação institucional do site da rede de pesquisa: <https://www.kommunikative-figurationen.de>

(ZeMKI) da Universidade de Bremen, colocam um olhar para as questões acerca dos traços digitais no processo de “datatização” contemporânea.

Estudos recentes sobre a mudança dos media, a construção comunicativa e a midiática demonstraram que não é simplesmente o efeito de um determinado conteúdo midiático ou de um único meio que muda o mundo. É antes, o crescente estabelecimento de meios técnicos de comunicação que leva a uma transformação. Assim, a compreensão do significado das mídias para a transformação das realidades socioculturais só pode ser alcançada quando se capta o **entrelaçamento transmidiático comunicativo** - o que designamos por "figurações comunicativas". O objetivo da rede de investigação das Universidades de Bremen e Hamburgo é alcançar este objetivo<sup>207</sup>. (FIGURATIONS, [20--], livre tradução)

Segundo Hepp, Breiter e Hasebrink (2018), citando (KARANASIOS et al, 2013), o termo “datatização” (*datafication*) refere-se à digitalização crescente das mídias com tecnologia baseada em *software*. Por esse aspecto, os autores atualizam os estudos de midiática na proposta de investigar os “rastros digitais” dos dados que podem ser agregados e processados de forma automatizada com base em algoritmos provenientes do termo. As tecnologias de *big data* contextualizam a *datafication* em todas as esferas sociais, incluindo as relações diplomáticas. Os modos de vida midiaticizados nas metrópoles globais são recortes empíricos para proposta de estudo da rede *Figurações Comunicativa* liderada pelos pesquisadores Andreas Hepp, Andreas Breiter e Uwe Hasebrink (HEPP; BREITER; HASEBRINK, 2018). A proposta sintetizada sobre o processo de “datatização” encontra outras linhas para as investigações conduzidas pelas redes de pesquisa, argumentando-se pelos seguintes pontos:

- a) a **diferenciação** dos inúmeros aparatos tecnológicos de comunicação com base nos dispositivos midiáticos;
- b) a **conectividade** crescente desses dispositivos como elo entre os indivíduos e as comunidades na relação espaço-temporal;
- c) o exponencial arranque da **onipresença** das mídias em criar conexões incessantemente em qualquer lugar;

---

<sup>207</sup> “Recent studies on media change, communicative construction and mediatization have demonstrated that it is not simply the effect of particular media content or a single medium that change the world. It is rather the increasing establishment of technical communication media altogether that leads to a transformation. Accordingly, understanding the significance of media for the transformation of socio-cultural realities can only be achieved when capturing transmedial communicative interweaving – what we designate as “communicative figurations”. The aim of the research network of the Universities of Bremen and Hamburg is to achieve this.” (FIGURATIONS, [20--], livre tradução).

- d) o curto intervalo de tempo e **ritmo acelerado das inovações** fazendo surgir novas mídias; e
- e) o alicerce de recentes tecnologias computacional de velocidade no processamento e no aumento do armazenamento de dados que impactam diretamente as novas formas de lidar e valorar as informações, intitulado a era da **“datatização”** (*datafication*).

As bases propostas por Hepp, Breiter e Hasebrink (2018) têm um apreço considerável pela perspectiva de configuração processual de Norbert Elias e figuração social de Erving Goffman. Os autores atualizam estes olhares teóricos na consideração da importância de entender as mídias como um processo de entrelaçamento transmidiático comunicativo. Estas inspirações quiça expliquem a intitulação que a rede de pesquisas adotou, “figurações comunicativa” (*communicative figurations*). Uma dupla influência relê os conceitos de como as dinâmicas das mídias se processam e se entrelaçam na vida cotidiana - inspiradas na base teórica sobre *figurations* em Elias (2015) - e acerca das incorporações das figurações cotidianas dos meios – à luz de Goffman (2014a) – ampliados aos estudos de formações de *frames* de interação no capítulo 1 da tese. A tese compreendeu que a palavra “figuração” abarca melhor os sentidos propostos rede de pesquisa, mesmo ao encontrar o termo traduzido para o português como “configuração<sup>208</sup>”.

“Um desenvolvimento que Elias dificilmente poderia refletir, embora tivesse algum pressentimento a seu respeito (Elias 1991: 163), é que hoje muitas figurações são compostas pelo uso da mídia.” (HEPP; BREITER; HASEBRINK, 2018, p. 916, Kindle). Entender não apenas as implicações dos conteúdos midiáticos ou o papel de uma mídia na sociedade é ampliado na compreensão em olhar as configurações e figurações dos e pelos meios como um recorte sempre mutável, sempre em transições, rupturas e tensões de forças de equilíbrio. A rede de pesquisa aponta atenção as imbricações da hipermidiatização, como, por exemplo, ao considerar as redes figurativas que atores empregam nos usos de múltiplos *repertórios de mídia*. Ver o processo de figuração da *constelação de atores* nas configurações do entrelaces midiáticos é exemplo de aplicabilidades dos conceitos goffmaniano e eliasiano; destaques nas publicações que sistematicamente a rede Figurações Comunicativas tem feito, a exemplo da série de livros “Transforming Communications”. Se Goffman, como insistido no

---

<sup>208</sup> Hepp (2014, 2015).

Capítulo 1 da tese, facilita a leitura acerca das interações sociais em dispositivos midiáticos, Elias fortalece a preponderância dos jogos sociais nas teias de interdependências, como firmado em sua teoria do processo social. “A configuração é, portanto, uma ‘simples ferramenta conceitual’ (Elias, 1978: 130) a ser usada para entender fenômenos socioculturais em termos de ‘modelos de processos de entrelaçamento’ (Elias, 1978: 130).” (HEPP, 2014, p.56).

Aqui é de grande valia se referir ao processo sociológico de Norbert Elias. A razão para isso é que Elias tentou desenvolver ferramentas analíticas que funcionam nos níveis micro, meso e macro, e simultaneamente focando nos processos de constituição de entidades entre o individual e a sociedade. Como parte dessa abordagem, Elias introduziu o conceito de configuração. De acordo com ele, configurações são “redes de indivíduos” (Elias, 1978: 15) que constituem uma entidade social maior através da interação recíproca – através, por exemplo, da participação em um jogo, ou numa dança. (HEPP, 2014, p.55).

Na obra *What is sociology?* (Introdução à Sociologia<sup>209</sup>), Norbert Elias dedica um capítulo integral para observar suas considerações acerca dos processos de configurações. Especificamente o capítulo intitulado *The concept of figuration*, Elias (2015) pontua que nas rupturas marcadas no tempo e contadas pela história são os espaços de tensão em que um processo se configura. Isso permite ver nas tecnologias de informação e comunicação brechas para tensões entre as criações midiáticas humanas e a velocidade que as máquinas têm trilhado na aprendizagem das mecânicas de mimese da linguagem e da inteligência.

No seio das configurações mutáveis - que constituem o próprio centro do processo de configuração - há um equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder, que movo para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é característica estrutural do fluxo de cada configuração. (ELIAS, 2015, p. 143).

A rede de pesquisa, além de atualizar estes conceitos na identificação da *constelação de atores*, dos *repertórios de mídia* e na *diferenciação* dos seus usos, destaca a

---

<sup>209</sup> Editado pela Editora 70 de Portugal, em Elias (2015), a palavra *figuration* apresenta a tradução de “configuração”. O autor, na escrita em inglês do livro original, alterna o termo *figuration* e *configuration*. Em um email trocado com o pesquisador da Norbert Elias Foundation, Doutor Cas Wouters, em 25 de abril de 2018, alguns pontos foram esclarecidos. Há uma tenue que justificativa a motivação de Elias em ter preferido o termo *figuration*, presevando a concepção teórica de configuração processual: “What I remember, or think to remember, is that the concept configuration was borrowed by Norbert Elias from physics, that he used it in some publications and then decided it was better to avoid confusion and distinguish physical processes from sociological ones by using figuration for sociological processes. I do not remember there was more than this involved in changing the concept, and yet it is a big theoretical distinction. Os pesquisadores de

necessidade de diagnosticar os *enquadramentos temáticos* nos quais os atores estabelecem vínculos em suas redes de comunicação midiática. A análise dos quadros de experiência de interação por Goffman, portanto, é uma segunda vertente teórica que se considera ser a base das problematizações da rede Figurações Comunicativas, e, sem titubear importantes para aplicabilidade aos Estudos da Mídia.

Talvez o ponto mais complexo das configurações comunicativas seja o seu enquadramento temático. Ao usar este termo, nós nos referimos menos à “análise de enquadramento” como é bem conhecida na pesquisa de conteúdo de mídia e de comunicação. Nosso termo é muito mais baseado no fundamento da teoria social e na “análise de quadros” esboçada por Erving Goffman (1974, p. 21–40). Quadros, ou enquadramentos, no entendimento de Goffman, possuem um momento interacionista assim como cognitivo: Por um lado, os quadros orientam nossa interação na medida em que a tornam compreensível, por exemplo, se nós consideramos uma situação de ensino em uma sala de aula como um quadro: Nós “produzimos” essa situação pela nossa interação sendo orientada por um quadro compartilhado de ação. Por outro lado, reconhecer quadros torna possível a uma pessoa que entra em uma sala entender “o que está acontecendo”. (HEPP, HASEBRINK, 2015, p. 84).

Hepp (2014), em seu primeiro trabalho publicado em língua portuguesa do Brasil, antecipou os vieses a serem priorizados nas séries de publicações da rede Figurações Comunicativa. Propõe a aliança entre as duas vertentes dos estudos de midiatização: as institucionalistas (com maiores identificações quantitativas em sua abordagem metodológica) e a sociodiscursiva (que usualmente prega os métodos qualitativos).

O ponto de partida desse artigo era uma descrição das tradições institucionalista e socio construtivista da pesquisa da midiatização. A principal reflexão era que essas tradições são cada vez mais agrupadas numa análise que as combine: uma análise da dimensão institucional da mídia desse tipo está originalmente relacionada ao conceito de *lógica da mídia*, assim como o foco mais situacional na construção comunicativa da realidade sociocultural. (HEPP, 2014, p. 60; grifo original).

A inspiração na teoria do processo social de Norbert Elias também influenciou na categorizações dos estudos das mídias em dois tipos de pesquisas ao qual a corrente da figuração comunicativa daria atenção: pesquisas *diacrônicas* que se debruçam nas mudanças da mídias comparativamente estudadas ao recorte de um curto, médio ou longo período e a pesquisa *sincrônica* que “[...] oferece uma segunda possibilidade: uma profunda análise de certas configurações comunicativas, especialmente em momentos de mudança sustentável.” (HEPP, 2014, p. 61).

Sob uma perspectiva empírica, a rede de pesquisa Figurações Comunicativas detém atenção a quatro vertentes, pinceladas ao longo do texto, mas densamente sintetizados em quatro pontos: i) **formas de comunicação** “[...] nós estamos lidando com formas de comunicação. Este conceito inclui as diferentes formas baseadas em convenção de ação comunicativa, que se desenvolvem em padrões mais complexos de prática (redes comunicativas ou discursos, por exemplo).” (HEPP, 2015, p. 83). ii) **repertórios** ou conjuntos de mídias “[...] em relação a essas formas de comunicação, um conjunto de mídia especialmente marcado pode ser descrito para cada configuração comunicativa. Isto se refere à totalidade das mídias por meio da qual ou na qual exista uma configuração comunicativa.” (HEPP, 2015, p. 83). iii) **constelação de atores** “[...] uma constelação de atores típica pode ser determinada por cada configuração comunicativa, constituída por meio de sua ação comunicativa.” (HEPP, 2015, p. 83). E iv) **enquadramento temático** “[...] toda configuração comunicativa é caracterizada por um enquadramento temático; existe, assim, um tema principal que precisa ser especificado.” (HEPP, 2015, p. 83).

O capítulo 1 da tese ampliou a sinalização da quarta vertente empírica pontuada por Hepp (2014, 2015): os enquadramentos temáticos. Como se entende, teoricamente, os enquadramentos temáticos carecem de um arrojo mais denso nas leituras de Erving Goffman, por meio de uma pesquisa sincrônica de um grupo informal mediatizado. Teve-se o intuito de contextualizar como a vertente de estudos sobre figuração comunicativa e poder identificar padrões nas adesões de ideias. O estudo de ancoragens de interação, amplamente detalhados no capítulo 1 da tese, na busca pelos enquadramentos temáticos, sinaliza a ordem primeira que a corrente das figurações comunicativas emprega em analisar os “[...] padrões de processos entrelaçando o que existe ao longo de várias mídias e em um “enquadramento temático” que orienta a ação comunicativa.” (HEPP, 2014, p.56).

O conceito de mundos mediatizados, assim, oferece uma abordagem para investigar empiricamente a mediatização ao definir uma perspectiva de investigação – ou seja, a perspectiva do enquadramento temático de um mundo mediatizado. Ao mesmo tempo, **o conceito não é tão restrito que só possa ser concebido como um microconceito de interação em certo lugar**; podemos usá-lo em vários níveis ou escalas e, portanto, fazer pesquisa de mediatização neles. (HEPP, 2014, p.54; grifo do autor).

A tese até aqui tem problematizado os estudos de mediatização, na aliança de métodos quali e quantitativos, conceda uma atenção ao analisar uma política não apenas pelo valor conteudista de sua essência discursiva. Ao recortar as interações mediatizadas em um

grupo informal que perpassa a *política mídia*, priorizou-se encontrar categorias analíticas para identificação de enquadramentos temáticos para então, no futuro, ampliar os métodos qualitativos acerca de seu conteúdo. A utilização de funcionalidades técnicas específicas de uma mídia de interação instantânea foi considerada como elemento de mimese da comunicação face a face. Se as ancoragens de interação marcam os parênteses de entradas e saídas de um conteúdo a ser debatido na comunicação oral, ver nas interações midiaticizadas este mesmo mecanismo é o grande intuito para contextualização dos estudos de figuração comunicativa; em especial, útil aos estudos de mediação política.

A política, por exemplo, não é apenas mediaticizada pela televisão ou pela mídia impressa, mas ao mesmo tempo pela mídia digital, já que ela cada vez mais depende da campanha política (e arrecadação de fundos) nas redes sociais. Além disso, **a ambientação face a face da tomada de decisão política muda quando se mistura com a comunicação móvel**. Portanto, precisamos descrever a mediação em um quadro mais abrangente. (HEPP, 2014, p.53; grifo do autor).

Em *The Mediated Construction of Reality*, Couldry e Hepp (2017), os estudos da rede Figurações Comunicativa encontra bases teóricas mais permissivas a complexidade do processo de mediação. O olhar para as imbricações das mídias na cultura, na economia e nas esferas culturais partem do pressuposto firmado em três pilares do conceito de hipermediação: i) hiper-repetição dos processos, ii) institucionalização expansível e iii) aumento constante da reflexividade. “There are three fundamental implications of deep mediation that only become fully clear at this stage of our argument: deep recursivity, expanded institutionalization, and intensified reflexivity.” (COULDRY, HEPP, 2017, p. 216, ebook).

Na tendência das constantes mudanças pela complexidade dos ambientes de infraestrutura de mídia aplicados no jogo contínuo de fricção e interdependência social, econômica e política, o primeiro ponto traçado refere-se aos procedimentos que se reproduzem mediante a repetição total ou parcial dos processos (analítico ou racional) de uma determinada reprodução sistêmica. A primeira vertente baseia-se nos cálculos de lógica computacional em seu conjunto e regras e normas em que as mídias se baseiam. E parece se adequar bem à lógica informacional as quais as novas firmas *startups* se inserem. A repetição constante dos modelos de negócios da *empresa em rede*, lidas pela óptica de Manuel Castells, não destoam dos procedimentos de “datatização” a que as tecnologias de informação e comunicação se alicerçam nos caminhos ultravelocidade da conectividade do tudo à web. Reproduzir o processamento e

armazenamento de informação de uma mídia aos eletrodomésticos de uma casa, um liquidificador ou um arranjo luminário de qualquer sala, torna o padrão da lógica da linguagem computacional escalável e repetitiva sobre as ordens de hiper-repetida pelo processo. A ferramenta de comunicação institucional apresentada na seção 2.2 desta tese mostrou que a padronização entre 2016 e 2019 das mensagens propagadas pelo Twitter denotou constância na estratégia de manutenção do discurso político. Pela repetição, a sistemática comunicacional dos períodos de maior ou menor chamada à interação pode ser compreendida no âmbito da hiper-repetição dos processos

O segundo argumento da hipermediatização da realidade refere-se à expansão da institucionalidade da mídia. Os atores individuais, coletivos ou organizacionais cada vez mais possuem maiores dependências às infraestruturas dos dispositivos midiáticos. Os apelos de poderes institucionalizados passam a ser o centro das cadeias de interdependência da materialização da mídia. A presença diária, minuto a minuto, em sites de busca, agregadores de dados, fornecedores de serviços de computação em nuvem, dispositivos de interação comunicacional, todas as circunstâncias de *e-commerce*, entre outros ambientes midiáticos, tenciona esta relação de dependência entre o homem e a máquina. O entrelaçamento entre os atores da *política mídia* ao interagirem pelo WhatsApp por meio de um grupo informal, ou na prática das catequizações pela mídia Canvas de Educação a Distância, tira do palanque a figura do presidente como o centro das ações comunicativas da política. Há uma difusão, uma expansão das forças que lateralmente agem na construção do político e da política. À medida que estes atores estão começados por uma hiperimersão em um ambiente midiático, eles se desconectam do centro do antigo palanque discursivo do corpo presente na praça pública. A extrema individualização das conexões com os outros encontra na institucionalização expansível novos atores sociais que se relacionam, inter-relacionam pelas mídias.

O aumento constante da reflexividade é o terceiro argumento para conceituação da hipermediatização do mundo. Tomando de empréstimo o termo reflexividade de Ulrich Beck (2011) que propõe uma visão para fora das categorias zumbis<sup>210</sup>, acerca dos efeitos colaterais de uma *sociedade de risco*, a reflexividade na compreensão de Couldry e Hepp (2017) diz respeito à complexidade do mundo ante os crescentes efeitos secundários de um processo social. Os dois argumentos anteriores, institucionalização expansível e hiper-repetição dos processos

---

<sup>210</sup> “Desde suas primeiras obras Ulrich Beck procurou sacudir a teoria social das teias de aranha, criticando o papel que tinham algumas categorias, as quais denominou "conceitos zumbis", como Estado, classes sociais, família, nação (...)” (GUIVANT, 2016).

carrega por si só colocarão efeitos colaterais complexos e imprevistos. O aumento exponencial de dispositivos técnicos do enunciado na construção subjetiva de experiência com a realidade coloca dois pontos acerca do papel das mídias nas novas formas de reflexividade. A primeira como uma espécie de autodirecionamento, na condição de se posicionar a uma gama de escolhas do ser social condicionado uso dos artefatos de representação na mídia; como uma constância do *self* acoplado aos inconstantes padrões de figurar-se em rede. O segundo refere-se a um automonitoramento caracterizado por um reflexividade institucional. Na “datatização” de tudo, viver pelos relatórios de desempenho do monitoramento da instituição detentora de uma mídia específica - disponibiliza “gratuitamente” ao usuário (e não só<sup>211</sup>) - tenciona a geração de conteúdo e de constante informação retroalimentados pelos processamentos de dados.

Na constância processual de digitalização das ferramentas de comunicação e interação, as criações de bancos de dados, as categorizações atribuindo técnicas de mineração de dados e os prognósticos que traduzem um conjunto de informações em concretudes operacionais práticas, a orientação quantitativa (em conjunto com os estudos quali) vertem uma releitura sobre a midiatização política. Estas premissas são as bases para entender o processo de “datatização” que os autores sugerem como campo empírico fecundo aos Estudos a Mídia. Sobre o conceito de dados, entende-se quando este é considerado ser um acervo que a partir de processos de acumulação, triagem e interpretação, uma específica informação é gerada para um determinado fim (KALLINIKOS, 2009 *apud* COULDRY, HEPP, 2017, p. 123, ebook); sobre um ator, ou conjunto de atores específicos. E as políticas contemporâneas têm legitimidade (ou não) de tencionar as forças institucionais capazes de capilarizar as atuais massificações dos dispositivos midiatizados em todas as áreas sociais. Sinalizando uma seara de definições acerca das ondas de digitalização abraçadas pelos estudos sobre midiatização institucionalistas e sociodiscursivos, mais estreitamente às mudanças na infraestrutura de comunicações e nos processamento de “datatização” social, os autores questionam como “constituir uma mudança significativa na natureza da ordem social, como podemos relacionar isso com o material da política e do governo cotidiano?”<sup>212</sup> (COULDRY, HEPP, 2017, p. 208, ebook, livre tradução). Esta pergunta pode ressoar em: como as políticas estão confrontando as condições de incorporação da “datatização” em interesses econômicos?

---

<sup>211</sup> Os debates de privacidade da informação dos usuários ilustram bem os acordos de venda e “parcerias “de compartilhamento dos dados que as mídias constantemente infringem.

<sup>212</sup> “constitute a significant shift in the nature of social order, how can we relate this to the stuff of everyday politics and government?” (COULDRY E HEPP, 2017, p. 208, ebook, livre tradução).

Os dados são um valor econômico acima de tudo.

Embora muitos aspectos da metrificação do espaço social estejam ocultos aos atores sociais, isso não pode impedir que o processamento de dados fique enredado nas emoções da vida cotidiana: ‘mais do que meras ferramentas, os algoritmos também são estabilizadores de confiança, garantias práticas e simbologias de que suas avaliações são justas e precisas e livres de subjetividade, erro ou tentativa de influência’<sup>213</sup> (Gillespie 2014, p. 179). (COULDRY, HEPP, 2017, p. 140, ebook; traduziu-se)

As bases para o olhar das figurações comunicativas presente no processo de “datatização” é urgente aos Estudos da Mídia. O domínio de ferramentas que conduzam às leituras das práticas matemáticas é pressuroso às compreensões da política midiaticizada. Se os acadêmicos não as lerem, se cegarem, estes padecerão as práticas ultraespeculativas que o mercado impõe ao domínio da inovação nas correntes de manejo da instrumentaria dos algoritmos. Restará à legitimação do tenro, do populista do controle das massas pela opinião pública via monopólio das firmas da Informação e Comunicação. A opinião pública existe e não é quantitativamente estrita. Não é terrorizada apenas pelo viés da esfera pública privada habermasiana (que esta tese não optou por adentrar). Ela habita no vínculo de adesão a ideias de grupos. Habita nos grupos midiaticizados funcionalmente operados por lógicas de combinações de códigos computacionais.

Considerar a “datatização” imbricada aos interesses econômico e controles simbólicos dos “impérios da comunicação”<sup>214</sup> é crer que os avanços tecnológicos alcançarão, na tomada do privado, um arsenal estratégico de correlações para tomadas de decisão, de mobilização do público. As categorias nas quais os atores depositam confiança aos despirem-se às redes, pelo processamento de dados e de *inputs*, já se relacionam aos *outputs* exatamente categorizados conforme suas necessidades também categorizadas. É o *match* perfeito! As combinações “match perfeitas” serão uma constância de “espaço de aparência” pleno. Dos buscados e achados da vida cotidiana. “Novas formas de interdependência estão surgindo aqui, baseadas não na digitalização, mas na “datatização”, e na ligação da “datatização” à categorização. ‘As pessoas colocam as coisas em categorias e aprendem com essas categorias

---

<sup>213</sup> “While many aspects of the metricization of social space are hidden to social actors, this cannot stop data-processing becoming entangled in the emotions of everyday life: ‘more than mere tools, algorithms are also stabilizers of trust, practical and symbolic assurances that their evaluations are fair and accurate, and free from subjectivity, error, or attempted influence’ (Gillespie 2014, p. 179)”. (COULDRY, HEPP, 2017, p. 140, ebook, livre tradução)

<sup>214</sup> Em alusão ao livro do pesquisador Tim Wu (2012).

como se comportar’ (BOWKER, STAR, 1999, p. 311)<sup>215</sup>.” (COULDRY, HEPP, 2017, p. 140, ebook, livre tradução).

Aos Estudos da Mídia interessam as lutas simbólicas por detrás da incorporação dos sujeitos que agem comunicativamente para produções e práticas dos sentidos oriundas dos dispositivos técnicos do enunciado. Ou seja, interessam as tensões em oferecer *inputs* nas entradas de um processo de depósito de informação à uma mídia e *output* no consumo dos resultados que a combinação dos dados midiáticos, “datatizados”, resultou. Ao toque de uma tecla para expressar uma emoção, nasce uma predefinição com opções “emojis” (ou qualquer outra funcionalidade técnica) já categorizadas sobre esse sujeito. Acredita-se que a contribuição maior que as perspectivas de hipermediatização, apenas pinceladas neste estudo, sem embargo, permeados no capítulo de análise de dados e de aporte metodológicos desta tese, seja sinalizar caminhos para problematizar o processo “datatização” aplicável aos estudos de interação em um ambiente midiático.

Estudar a “datatização” significa empiricamente processar os padrões dos marcadores de uma interação midiática. Traduz-se em ver, nos parênteses internos de entradas e saídas de uma interação em grupo a figuração do palco, da(na) tela. E, em um futuro, ater-se aos conteúdos de maior adesão aos vínculos temáticos que enquadram um determinado grupo midiático.

A política diplomática, motor do grupo informal figurado no que foi metaforizado como *política mídia*, pode ter outros sobrenomes como “externa”, “cultural”, “global” e “informativa”. Todos estes preceitos intensificam a problematização dos estudos da Figurações Comunicativa como sendo a aliança entre a visão institucionalista e socio-discursiva da mídia (HEPP, 2013; HEPP, BREITER, HASEBRINK, 2018). No contexto teórico de “hipermediatização” trabalhado por Couldry e Hepp (2017), a institucionalização das políticas culturais como escudo das relações internacionais entre Estados Unidos e América Latina e Caribe reaquece o antigo debate sobre a opinião pública quando aglutina as condições socio discursiva de adesão de ideias.

---

<sup>215</sup> “New forms of interdependency are emerging here, based not on digitalization but on datafication, and the *link* of datafication to categorization. ‘People put things into categories and learn from those categories how to behave’ (Bowker and Star, 1999, p. 311).” (COULDRY, HEPP, 2017, p. 140, ebook, livre tradução).

A revisão literária que a corrente da Figurações Comunicativa propõe aos pressupostos de uma *lógica da mídia*<sup>216</sup> é uma das distinções colocadas nesta recente vertente que estuda os processos contemporâneos de midiaticização. Como já salientado, um encontro quali e quanti é proposto por esta rede de pesquisadores, contrariando estudos empíricos puramente quanti ou quali sobre as forças institucionais ou sociodiscursivas da mídia. A busca pelas figurações das constelações de atores de uma mídia, de seus repertórios midiáticos e os enquadramentos temáticos que os mobilizam são os pontos focais de contraste. A tese teve limitações que não permitiram enxergar ou tematizar as categorias de enquadramentos temático do grupo informal da *política mídia*. Há uma intenção de enxergar como as opiniões públicas à medida que são “datatizadas” podem caracterizar padrões de vínculos e adesão de ideias. Especialmente, ideias políticas. A expressão de eixos analíticos por uma pesquisa sincrônica da mídia, delimitando ancoragens, identificando marcadores de *frames* de interação em grupos, para, assim, haver uma análise qualitativa, foi o objetivo principal deste trabalho.

O final desta seção aguça o debate sobre a óptica da opinião pública, resgatando o pensamento do sociólogo Ernest Manheim (1933), pioneiro na aplicação dos estudos sobre opinião pública aplicado à primeira versão do termo “mediatisierung” (“midiaticização”, tradução em português do original em alemão). (AVERBECK, 2005; HEPP, 2013). Ao final desta seção, a problemática da opinião pública tratada no centro dos debates sobre midiaticização política permite trazer reflexão não mais tecnicista ou nem menos futurista no tocante à institucionalização dos processos de midiaticização política transpondo a (de)limitação do ser humano. Além de, rastrear as contribuições de Ernest Manheim sobre opinião pública nos estudos de midiaticização política que, mais contemporaneamente até perpassar por questões sobre “datatização” política pronunciada pela “hipermidiaticização<sup>217</sup>” de Couldry e Hepp (2017).

Em 1922, o escritor e jornalista Walter Lippmann ([1922] 1997) postulou, na obra *Public Opinion* (Opinião Pública, livre tradução) como a aprendizagem do ser humano é moldada à invenção da mídia: “is learning to see with his mind vast portions of the world that he could never see, touch, smell, hear, or remember.” (LIPPMANN, 1997, p. 18; *apud*

<sup>216</sup> (ESSER, STRÖMBÄCK, 2014; HASSLER, MAURER, OSCHATZ, 2014; STRÖMBÄCK, 2011, BROMMESSON, EKENGREN, 2017)

<sup>217</sup> Nick Couldry e Andreas Hepp exploram o conceito de “deep mediatization” (“hipermidiaticização”, livre tradução) como o recente estágio do processo de midiaticização da sociedade, orientado pela extrema tendência de uma intensificação da conectividade. O futuro da conectividade, segundo os autores, muito dependente do contexto de dominação das mídias digitais sobre a sociedade. (COULDY, HEPP, 2016). Este termo, nesta tese, é entendido como a quinta fase do processo de midiaticização política, debatido na seção 2.1.

STRÖMBÄCK, 2008, p. 230-231). (“[como o ser humano] está aprendendo a ver com sua mente grandes porções do mundo que ele nunca poderia ver, tocar, cheirar, ouvir ou lembrar.” (STRÖMBÄCK, 2008, p. 230-231)). A lógica da mídia parece forjar a própria noção de sentido do ser humano, e, no campo político, a midiaticização encontra um especial debate ao observar empiricamente o senso de uma opinião pública tencionada à realidade mediada, moldada e modulante da realidade tecnicamente midiaticizada.

Observando a crise de representação política dos sistemas democráticos, Bruno Latour<sup>218</sup> aproxima o debate político da existência estruturante da opinião pública na sociedade, fazendo uma esmiuçante leitura de Walter Lippmann. Valorizando os postulados pragmáticos do modelo democrático de Lippmann ([1925] 2008), Latour destaca a pergunta de Lippmann “quels tests objectifs simples et rudimentaires permettent d’identifier dans un débat le protagoniste qui mérite le plus le soutien du public?” (LIPPMANN, [1925] 2008, p. 5). (“quais testes objetivos simples e rudimentares permitem identificar em um debate o protagonista que merece maior apoio do público?” (LIPPMANN, [1925] 2008, p. 5, livre tradução)). E propõe brechas críticas que a opinião pública forja o imaginário da representação democrática.

C’est justement parce qu’il n’y a que des rapports de force que les ajustements sont possibles. C’est en ce sens que l’on peut dire de Lippmann qu’il laïcise enfin la politique; croire que la démocratie repose sur le Peuple représenté, c’est comme de croire au pouvoir de droit divin: « Telle que je la conçois, l’opinion publique n’est ni la voix de Dieu ni celle de la société, mais celle des spectateurs – intéressés – de l’action.»<sup>219</sup> (LIPPMANN, [1925] 2008, p. 28).

As raízes dos debates sobre opinião pública permitem visualizar os arcabouços da política e da mídia na tensão da realidade midiaticizada, não apenas massificadas, mas também sistematizadas na sociedade informacional. Da sociedade conectada em rede, globalizada e superespecializada de Manuel Castells (2005, 2008, 2012), a qual a nova fase do sistema econômico pontua a saída do modo de produção focada nas fontes de energia, para as fontes,

---

<sup>218</sup> Apresentado no prefácio de *Le Public Fantôme* (O Público Fantasma, livre tradução), tradução francesa de Lippmann ([1925] 2008).

<sup>219</sup> “É precisamente porque existem apenas relações de poder que os ajustes são possíveis. É nesse sentido que podemos dizer de Lippmann que ele finalmente estabelece políticas; acreditar que a democracia se baseia nas pessoas representadas, é como acreditar no poder divino da lei: ‘Como eu vejo, a opinião pública não é a voz de Deus nem a da sociedade, mas a de espectadores - interessados – ação’”. (LIPPMANN, [1925] 2008, p. 28; traduziu-se).

domínio e controle da informação, tão representada pelas informacionais políticas diplomáticas das *startups* (portanto, mais do que nunca globais).

As diferenças conceituais<sup>220</sup> (e regionais) das perspectivas sobre mediação e mediatização foram posteriores aos debates acadêmicos sobre opinião pública. Walter Lippmann, John Dewey, Gustave Le Bon e Jürgen Habermas cronologicamente destacam-se por estes estudos; mas não foram os pioneiros a entender a relação entre autoridade, cultura e comunicação pelo prisma da opinião pública.

Combinando as ideias sobre os “estudos das massas<sup>221</sup>” de Gustave Le Bon, Wilfred Trotter e Walter Lippmann, o austro-americano Edward Bernays entendeu que a opinião pública entrou na vida política como um fator decisivo a ser operacionalizado por estratégias de propaganda e relações públicas. Considerado como o “pai das relações públicas” e conhecido por ser sobrinho de Sigmund Freud, trabalhou para grandes conglomerados empresariais, desenvolvendo estratégias de estímulo ao consumo de determinados produtos (a exemplo de sua trajetória na Procter & Gamble, American Tobacco Company, Cartier Inc, entre outras). Oferece uma visão sistemática em *Crystallizing Public Opinion* (1923) ao pressupor que motivações de um grupo de julgamentos são *ilimitados, voláteis e mutáveis*. “Public opinion is the aggregate result of individual opinions - now uniform, now conflicting - of the men and women who make up society or any group of society. In order to understand public opinion, one must go back to the individual who makes up the group.” (BERNAYS, 1923, p. 61). (“A opinião pública é o resultado agregado das opiniões individuais - agora uniformes, agora conflitantes - dos homens e mulheres que compõem a sociedade ou qualquer grupo da sociedade. Para entender a opinião pública, é preciso voltar para o indivíduo que compõe o grupo.” (BERNAYS, 1923, p. 61, traduziu-se).

Para Bernays (1923, p. 62), cabe às ferramentas de relações públicas de uma organização ou do próprio estado observar e elaborar estratégias para a “mass of judgments on most the subjects which his daily physical or mental life.” (“massa de julgamentos na maioria dos assuntos que sua vida física ou mental diária.”, livre tradução). Atribuindo métodos para “educação do comportamento de um público”, e aludindo aos textos das colunas dos periódicos

---

<sup>220</sup> Sobre as diferenças conceituais, destaca-se uma citação de Averbek-Lietz (2015, p. 158): “En 1981 Eliseo Véron fue uno de los primeros científicos en comunicación que pensó no sólo en una realidad mediada, sino en una realidad técnicamente mediatizada, lo cual fue posible por la «capacidad de semiosis» de la especie humana. Hoy, él no está solo con este punto de vista: sin referenciar a Verón, el académico en comunicación alemán Friedrich Krotz usa el término «mediatización» en un sentido muy similar.”

<sup>221</sup> Adotado por Gustave Le Bon como “psicología das multidões”.

as quais Walter Lippmann escrevia, Bernays (1923, p. 128) estabelece três pontos para estratégias de relações públicas: i) “patronage and pork”; “government by terror and obedience” e iii) “the knowledge of national circumstances and reasons of state”. A primeira metáfora “patronage and pork” (“patrocínio e carne de porco”, livre tradução) enfatiza a criação de forças permanentemente coesas entre representantes de uma comunidade e outros membros influenciadores de outros grupos em busca de apoio recíproco a uma causa estabelecida. Segundo o autor este método enfatiza a sensação de que todos estão trabalhando juntos por um mesmo pretexto. O segundo método traduz-se em “governar pelo terror e pela obediência”, mais fortemente visível na contemporânea midiaticização da violência nas metrópoles contemporâneas. Resume-se em eleger um inimigo para a normalização de regras de apelo a um combate público. O terceiro método traduz-se pelo “conhecimento das circunstâncias e dos motivos nacionais da constituição de um estado” e baseia-se em um sistema de informação altamente desenvolvido, análogo e autoconsciência sobre o conhecimento das circunstâncias nacionais e razões práticas da constituição de um estado organizado. A estratégia terceira de apaziguamento das opiniões públicas argumenta-se em Bernays (1923, p. 129) considerar que o sistema autocrático está em decadência em substituição das reorganizações democráticas de associações e grandes grupos de pessoas, constitucionalmente coesos por uma liga de nações, governo industrial ou uma união de entes federativos de um estado, elementos centrais constituidores da “opinião pública”.

Distinguindo-se dos caminhos sistematicamente orientados pelas normas previsíveis de Bernays (1923), o cientista político Harold Lasswell (1941) na obra *Democracy through Public Opinion*, apontou searas de interação da opinião pública e política pública e volta-se à contramão do “controle das massas” de outrora. Acreditava que as lideranças políticas contorciam-se diante da opinião dos públicos eleitores, únicos capazes de colocá-los ou retirá-los no poder, mediante as próprias satisfações. Lasswell (1941) via nas democracias representativas, que a opinião pública pontuava *par excellence* a formulação de leis e elaboração do próprio corpo político. Para Smith (1942), a tese central de Lasswell (1941) resume-se justamente na interação das políticas e as percepções e demandas do público: “The role of public opinion in supporting democracy is declared to be, first, to make permanent demands for justice and majority rule, and second, to make provisional demands for popular policies consistent with the permanent demands.” (SMITH, 1942, p. 348) (“O papel da opinião pública no apoio à democracia é declarado, em primeiro lugar, para fazer demandas permanentes de justiça e domínio da maioria e, em segundo lugar, fazer demandas provisórias

de políticas populares consistentes com as demandas permanentes. (SMITH, 1942, p. 348, livre tradução)).

Foi o “sociólogo do exílio<sup>222</sup>”, porém, que aproximou a tensão analítica sobre opinião pública ao campo da mediação - foco desta seção. Averbek-Lietz (2005, 2011, 2015) e Hepp (2013) sinalizam o autor responsável pela inauguração do termo “mediação” no início dos anos de 1930, como a raiz mais fecunda aos significados aplicados contemporaneamente. Em 1933, Ernest Manheim “[...] já falava considerava a mediação direta das relações humanas, algo que considero de maior significado do que a simples mediação.” (HEPP, 2013, p. 32). (“[In this dissertation] he has dealt with the mediatization of direct human relations, something which I have considered of greater significance than simple mediation.”) (HEPP, 2013, p. 32). Manheim (1933) permite regressar a um tempo aonde as ferramentas de propaganda política, ainda sustentavam os debates acadêmicos sobre ideologia, dialética e opinião pública. Fortifica o fio condutor do estado da arte desta tese: a mediação das relações humanas (e não humanas), especificamente, no campo político.

Nascido em Budapesta, na Hungria, no dia 27 de janeiro de 1900, Ernő Manheim (Ernest Manheim) foi esquecido pelo mercado editorial brasileiro (ou português) e pouco priorizado pelas traduções em inglês e espanhol. Em seu legado, no entanto, deixou rastros para a Sociologia do Conhecimento encabeçada, entre alguns, por seu primo Karl Mannheim. Em 1928, Ernest Manheim salientou que, acima de tudo, a linguagem da lógica deve servir para reflexão da necessidade de concretude que se impõe nos estudos acadêmicos. Assim, os termos e conceitos que ele desenvolveu contrastariam fortemente com os desenvolvidos pelo paradigma matemático abstrato para a razão que começou a dominar a filosofia analítica do século XX por meio da Filosofia da Ciência do *Círculo de Viena* e das tradições anglo-americanas de positivismo lógico, empirismo e lógica simbólica. Para Lukács, a ação emancipatória foi paralisada pelas retificações desse tipo de deducionismo (paradigmas históricos e sociológicos do atomismo lógico, o dualismo da fenomenologia de Husserl). Manheim procurou reformular a linguagem da lógica dentro de uma filosofia dialética da ação social e *práxis* política intencional e, com o conceito de mediação, contribuiu para as noções de desenvolvimento debatidas pelos sociólogos de sua época (BARON, SMITH, REITZ, 2005).

---

<sup>222</sup> Baron, Smith e Reitz (2005) resgata o pensamento do sociólogo húngaro Ernest Manheim (primo de Karl Mannheim) denominando-o como “sociólogo do exílio” - por sua constante imigrações até o estabelecimento nos Estados Unidos.

Se até agora a mediação social de relações humanas diretas foi salientada e a tendência a uma integração, no séc. XIX, se contrapôs à estrutura detalhada de antigos conceitos coletivos, então isso deve agora ser delimitado e revisado. Pois embora de fato tal se tornou decisiva a relação social mediata do processo como um todo, por assim dizer, nas costas dos participantes, assim se baseia esse processo na vontade, no pensamento e no sentido daqueles que vivem e percebem de forma direta suas relações superficiais<sup>223</sup> (MANHEIM, 1933).

Em *Die Träger der öffentlichen Meinung. Studien zur Soziologie der Öffentlichkeit*, Ernst Manheim (1933), inicialmente, problematiza o paradoxo moderno da socialização. O sociólogo faz um esboço de como a passagem do século XIX ao XX trouxe um novo tipo de relacionamento social para as questões de ordem da soberania dos estados. Compele um aparato de fatos das três primeiras décadas dos anos 1900 e de como o modelo social vigente naquele momento estava entrando em colapso, dando espaço para novas formas de distribuição da sociedade. Manheim se atém às mudanças históricas, fazendo um sobrevoo do surgimento da industrialização, da indústria automobilística, do capital e do mercado de trabalho, da moda e das empresas jornalísticas como meios de alicerçar a opinião pública, e como isso afetaria diretamente a forma de comportamento e de distribuição de valores da sociedade naquele momento. O século XIX não afetou somente os indivíduos dentro da sociedade, pois as mudanças do século atingiram também a consciência social, cria o Sociólogo.

Nessa nova consciência, a Sociologia enraizou-se como uma impressão de um novo fato que desdobrou a sociedade da sua especial e própria forma prototípica quase em uma abrangente e total forma do ser e do pensamento. Estudar a significação específica do uso da dicção “sociedade e sociabilização” e como esta foi usada e em que sentido interpretado ao longo dos séculos é o grande debate do autor nos primeiros capítulos da obra.

Manheim tenciona estas questões ao campo da publicidade. Assim como a sociedade e a própria concepção do que é sociedade foi sofrendo modificações de acordo com o pensamento da época, o mesmo acontece com a estrutura e a forma como é vista a estrutura do termo publicidade. O autor foca a sua análise em objetos de estudo como a da noção de grupos por meio de confrarias e associações, da imprensa e do tratamento do conjunto de

---

<sup>223</sup> Original extratido de Manheim (1933). “Wenn bisher die gesellschaftliche Mediatisierung menschlicher Unmittelbarbeziehungen hervorgehoben und der kleinkörnigen Struktur ehemaliger Kollektivgebilde die Tendenz zur Verflechtung im XIX. Jahrh. entgegengestellt wurde, so muß das jetzt eingeschränkt und in einer Hinsicht revidiert werden. Denn wenn auch in der Tat gleichsam hinter dem Rücken der Beteiligten das gesellschaftliche Mediatverhältnis für das Gesamtgeschehen als solches entscheidend geworden ist, so beruht dieses Geschehen doch auf dem Wollen, Mein und Empfinden jener einzelnen, die ihr vordergründiges Miteinander unmittelbar leben und empfinden.” Tradução de Karen Lima.

informações a um público. Essa nova categoria moderna do pensamento público não somente expressa o novo modo da reflexão das mesmas circunstâncias políticas, mas sim um novo contexto de vida em sociedade. O Sociólogo esmiúça a evolução da própria publicidade com o passar do tempo. Com a formação de instituições públicas como associações, partidos, a mídia ou “o pensamento público”, dessa forma a publicidade, em analogia à socialização (de acordo com seus especiais disparates e formas prototípicas até o modo de ser) se elevou como uma categoria.

Cita o estudioso William Haller, o qual fala sobre a publicidade legal, a qual substitui a definição de direitos privados e limita a própria categoria em sua forma específica. A tentativa de Haller foi mostrar que realidade política sem uma fundamentação publicitária naquele tempo já se tornaria insustentável, e com isso, todos os conceitos políticos, que não tivessem fundados na publicidade, não teriam conteúdo. Dessa forma, o conceito *legal* de Haller se tornou necessário, urgente. Dessa forma, Manheim eleva a noção de publicidade ao nível de categoria de sistema coordenador.

Para isso faz um fecundo debate na diferenciação entre o primeiro conceito “Öffentlichkeit<sup>224</sup>” (Esfera pública), que pertence a um sentido mais específico, pertencendo a ele fatos como a empresas de mídia, os partidos e diferentes tipos de associações. Depois opondo ao conceito de “Publizität” (Publicidade), é definido em um sentido mais abrangente, contemplando os *meios* para funções públicas como jornais, associações, partidos e clubes, afirmando que são todos estruturas políticas públicas. Manheim classifica a publicidade como uma estrutura tridimensional, contemplando a **esfera da ação**, do **pensar** e dos **meios de visibilidade**.

O Sociólogo exorta à inclusão da Sociologia usando um objeto mais aproximado da realidade dos fatos que essa mesma expressa e sobre os quais debruça seus estudos. O princípio material dessa pesquisa tange a realidade (o fato) que o seu objeto não somente expressa, mas também externa, não importa quando, onde ou que atores relacionados estejam. Manheim orienta a necessidade de o estudo da sociologia inserir-se empiricamente no contexto dos meios, especificamente das empresas jornalísticas, a fim de que estes estudos proponham um espelho, um reflexo ou um anúncio dos acontecimentos e da existência acerca dos fatos.

---

<sup>224</sup> Aqui jaz uma dificuldade em relação à tradução para o português, pois o idioma alemão consegue contemplar duas palavras diferentes para termos muito específicos, com diferenças sutis, acerca de Öffentlichkeit e Publizität. As duas palavras podem ter o significado de “publicidade”, no entanto preferiu-se adotar “esfera pública” para o primeiro termo e “publicidade” para o segundo.

A socialização pública como um tema de investigação de ordem sociológica no sentido restrito é explorada em seu contexto histórico como materiais empíricos importantes. Manheim organiza o livro da seguinte forma: a primeira parte e a segunda parte são dedicadas a uma análise histórica. Na parte seguinte contribui com análise da criação formal-sociológica, no âmbito do século XIX, da publicidade romântica e conservadora e da mais tardia situação parlamentarista serão examinadas posteriormente.

Manheim (1933) deixa brechas para pesquisas no futuro do modo de funcionamento da comunicação pública, incluindo a comunicação persuasiva ao expor características não lineares sobre o que denomina de **esfera pública qualitativa**. Em uma esfera pública, o caráter **transcendental** também a construção de ideias e valores comuns relacionadas a opinião pública. Nas leituras do autor acerca dos grupos de confrarias, a adesão a ideias de um líder é negociada por um acordo deliberativo entre os membros que orientam suas ações comunicativamente. Manheim crê um terceiro tipo de adesões de ideias a um público, o caráter **pluralista**, permeado de questões polêmicas-conflitantes o qual uma comunicação mais estratégica seria capaz de solucionar os eventuais conflitos de interesse. Temáticas acerca de tabus publicizados nas temáticas políticas podem ser recortadas à que os valores de adesões as ideias se revelem nos grupos.

Averbeck-Lietz (2015), pioneira nos desdobramentos dos escritos de Ernst Manheim, compreende que o sociólogo antecipou as questões de Jürgen Habermas<sup>225</sup> acerca das esferas público-privadas burguesas e da própria ideia de ação comunicativa desenvolvida posteriormente a *The Structural Transformation of the Public Sphere*.

---

<sup>225</sup> Habermas insere em suas referências bibliográficas em *The Structural Transformation of the Public Sphere* a obra de Ernest Manheim em 1933. O autor não credita entretanto ao escritor, que conceitos semelhantes acerca das esferas públicas e privadas já tivessem sido desenvolvidas pelo Sociólogo.

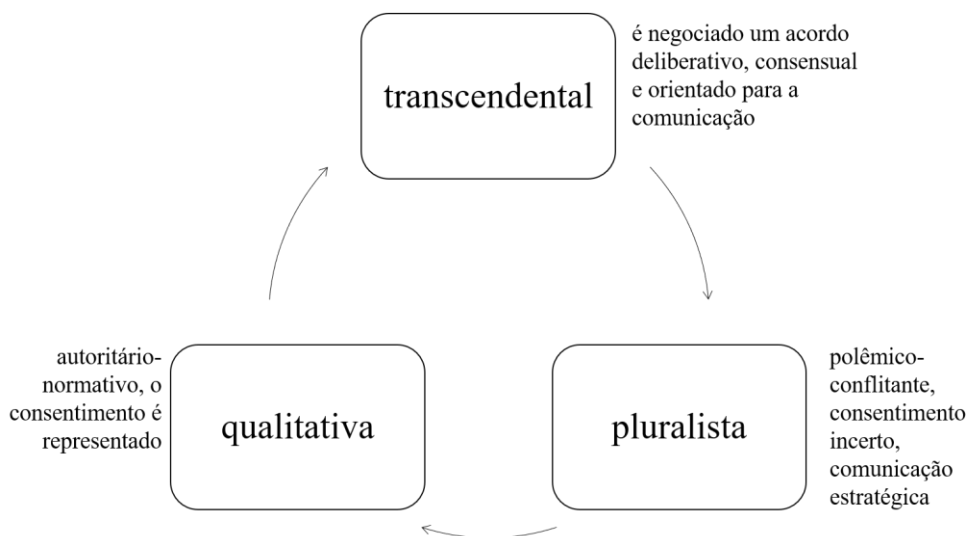


Figura 30: Conceitos de esferas públicas em Manheim (1933)

Fonte: Adaptado e livre tradução de Averbek-Lietz (2015, p. 131).

Categoria analítica	Pontos de debate	Aplicabilidade disciplinar
1. Questão central	Questões sobre a gênese histórica do conceito de publicidade e esfera pública burguesa desde o início do Iluminismo	[História da Comunicação]
2. Metareflexão	Questão sobre a história dos conceitos da esfera pública	[História das ideias]
3. Sociologia do Conhecimento crítico	Questão sobre a mudança de conhecimento e as Configurações das relações entre o público e o privado no campo da comunicação.	[Teorias da Comunicação]
4. Formulação teórica	Abstração de três tipos de esfera pública:	[Teoria da Comunicação, Sociologia da

	“transcendental” “pluralista” “qualitativa” Bem como uma descrição esmiuçada das suas características básicas aplicada aos meios de comunicação	Comunicação, Esferas Públicas]
--	--	-----------------------------------

Quadro 5: Categorias analíticas acerca do conceito de Opinião Pública em Manheim (1933)

Fonte: Adaptado e livre tradução de Averbek-Lietz (2015, p. 105).

A carência de material em língua portuguesa ou inglesa de *Die Träger der öffentlichen Meinung. Studien zur Soziologie der Öffentlichkeit* coloca o desafio do mergulho em Ernst Manheim a ser desenvolvido em estudos futuros.

A intenção de trazer as contribuições de Ernest Manheim justifica-se pelo fato que este deu origem a esboços de uma Sociologia da Comunicação. Sua teoria merece ser aplicada a estudos futuros que pretendam analisar o papel dos grupos midiáticos enquanto portadores de uma suposta opinião pública. Aqui foi pouco explorado o modo como membros de um grupo aderem a determinadas ideias. A proposta de enquadramento temático padronizável pelas usabilidades de ancoragens de interação permitirá, porém, um maior aprofundamento posterior.

As esferas qualitativas, pluralistas e transcendentais que Manheim destaca em sua obra confere as leituras sociológicas que ele fez nas diferentes formações de grupos sociais; desde confrarias, em que o caráter transcendental das ideias era mais bem conectado, até as associações burguesas que atinham vínculos por mecanismos qualitativos maquináveis. Os grupos midiáticos podem ter variadas tipologias de vínculos para adesão a ideias. Identificar estas tipologias nas configurações de enquadramentos temáticos é o grande chamado desta tese aos Estudos da Mídia.

A consciência comum na sensibilidade de que uma opinião pública não é homogênea em suas configurações esféricas é urgente. É tão complexa, especialmente ao considerar o processo de hipermediatização da circulação dos sentidos. Embora a publicidade de uma determinada defesa assuma cada vez mais características plenas que simulem a teatralização de um jogo, suas formas de categorizá-las ainda são um enigma aos estudos sobre a mediatização política. É possível haver dentro de espaços midiáticos dos grupos

contemporâneos pressupostos para diagnosticar onde as consciências comuns – motores para adesão de ideias - se solidificam. Investigar possíveis padrões de publicização de vínculos em pequenos grupos que interagem por um aplicativo de comunicação, assumindo-os como confrarias midiáticas, requer fazer um estudo mais apropriado sobre a marcação de ancoragens temáticas. Sem o conhecimento das travas de ancoragens destas pequenas formações de grupos, que pelo processo de “datatização” são *inputs* e *outputs* de aderência a temas, problematizar um retorno aos estudos de opinião pública seria insólito.

Essa natureza espacial, em ver em um ambiente midiático o *corpus* de esferas para adesões qualitativas, pluralistas e transcendentais a ideias reaquece o debate acerca de opinião pública. É infundado entendê-la por prismas quantitativos como os meios de comunicação contemporâneos maquinam. A orientação esférica individual de reação, de significado e de comunicação, em grupo, fornece pontos de vista cruciais para a compreensão do comportamento humano concreto na complexidade da hipermidiatização. Se a “datatização” é o procedimento utilizado pelos “impérios da mídia” para categorizar e propor moldes categóricos de ações comunicativas, em que sentido a academia poderia utilizar estas ferramentas para o fazimento de ciência?

É célere compreender os padrões de ancoragens de interação dos enquadramentos temáticos como aliada ao mapeamento de adesões de ideias em um grupo midiático. É pelos temas que os recortes de vínculos são feitos. É pelas ancoragens que estes marcadores são pontuados.

Qual o papel dos grupos informais da *política mídia* na “datatização” da Opinião Pública?

## ENCAMINHAMENTOS

A cegueira dos métodos engessados de pesquisa dos Estudos da Mídia padece ao silêncio das multidões. A adesão de ideias políticas ultrapassa os procedimentos racionais permitidos pela linguagem humana, a maior mídia de incorporação dos sistemas de valores e crenças. Os antigos palanques das praças públicas que atraíam os membros de um grupo social à velocidade da *midiatização do tudo*, da globalização e das *empresas em rede*, encontram nos dispositivos técnicos do enunciado a encruzilhada de uma suposta atenção à opinião pública. Rastrear os vínculos de adesão à temática enquadrada no processo de interação de um grupo midiatizado foi o desafio proposto nesta tese.

Ocultas à regulamentação política e legitimadas socialmente, aos passos do arranque das firmas informacionais *startups*, as constantes inovações nos dispositivos de comunicação instantânea capilarizam a mídia linguagem nas funcionalidades de mimeses da comunicação face a face. Ao ater-se como recorte empírico os jogos de interação comunicacional de um grupo midiatizado, a tese elabora um quadro analítico para mapeamento e monitoramento dos processos de ancoragens de interação. Pela observação como itinerância de idas e vindas da investigação, exercita a abstração ao ver na gama simbólica e cognitiva das funcionalidades técnicas conversacionais, considerações para um debate sobre pressupostos de uma *comunicação face a face midiatizada*.

A pesquisa pontua quatro cruzamentos entre evidências qualitativas e quantitativas relativas a marcadores de entradas e saídas de uma conversa como âncoras-chave de enquadramentos temáticos. Fazendo uma pesquisa de mídia sincrônica à investigação das funcionalidades do WhatsApp, vê nas notificações, *status* de digitação e leitura das mensagens; nas palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas de um tema; nas mudanças de *rounds*; e nos momentos de silêncio e pausas; aplicabilidade teórico-metodológicas das análises de quadros (*frames*) de Erving Goffman. A estas evidências qualitativas, pontua cruzamentos quantitativos, relacionando a estas, respectivamente, a importância analítica de mapear: a quantidade de mensagens de uma interação; a quantidade de caracteres de texto de uma mensagem; a quantidade de caracteres líquidos de uma mensagem; e os tipos de intervalo sequenciais das mensagens trocadas. Utilizando a técnica de triangulação de métodos, podem ser averiguados quatro estádios aos quais pelas ancoragens um recorte temático possa vir a ser aplicado: i) nível de efervescência da interação; ii) nível de modelagem da interação; iii) nível de reconhecimento na interação; e iv) nível de temporalidade da interação.

A releitura da análise de *frames* goffmanianos sobre os grupos midiáticos atualiza que a existência de padrões pela linguagem na comunicação face a face também pode ser categorizada nas interações midiáticas em grupos. Inspira-se nos caminhos de hipermidiatização e “datatização” para contribuir com as evidências empíricas tangenciadas pelo campo dos Estudos da Mídia; o alicerce de recentes tecnologias computacionais de velocidade no processamento e no aumento do armazenamento de dados que impactam diretamente as novas formas de lidar e valorar as informações, intitulado a era da “datatização”. Categorizar o categorizável pela alimentação diária que os grupos midiáticos permitem em suas trocas de informações impõe aos acadêmicos novas ferramentas de investigar as interações cotidianas pelos dispositivos midiáticos. Entender as mídias como dispositivos de ruptura em configuração, ou seja, como permissores do processo de entrelaçamento transmidiático comunicativo, é passo a ser trilhado, tão considerável quanto as correntes institucionalistas e sociodiscursivas já trilharam no paradigma da radiodifusão. Com a complexidade dos ambientes de infraestrutura de mídia trilhadas dia após dia, aplicados no jogo contínuo de fricção e interdependência social, econômica e política, uma contínua repetição dos processos, uma institucionalização expansível e um aumento constante da reflexividade amparados nos investimentos privados em inteligência computacional, é aguçado o debate sobre a hipermidiatização aplicada às ações comunicativas no campo político.

Nesse sentido, problematizar a “datatização” ao campo da hipermidiatização da política significa empiricamente, e não menos do que isso, processar os padrões dos marcadores de uma interação midiática. Traduz-se em ver, nos parênteses internos de entradas e saídas de uma interação em grupo, a figuração do palco, da(na) tela. Trazer ao Brasil as leituras da rede de investigação das Universidades de Bremen e Hamburgo, intitulada “Figurações Comunicativas”, ajuda na compreensão dos significados que as mídias impõem na transformação das realidades socioculturais. Ou seja, captar profundamente o entrelaçamento transmidiático comunicativo que, em um futuro, poderá ater-se a mecanismos automatizados disponíveis à academia para análise mais aprofundada dos conteúdos de maior adesão aos vínculos temáticos que enquadram um determinado grupo midiático. Esta foi uma das contribuições que a tese buscou.

Metodologicamente, pela contextualização e aplicação da Triangulação da Pesquisa de Mídia, a tese pode percorrer caminhos promissores para o aprimoramento de novas estratégias de observação. Propôs que a observação seja insistentemente vista como o fio condutor da itinerância da pesquisa, aliando a esta outros métodos. A observação não foi

colocada apenas como uma etapa cãnone como é considerada ao engessamento fixo de um estádio para elaboração de hipóteses. Por novas instrumentalizações aplicáveis às ferramentas etnográficas, como do diário de campo e captura de imagens técnicas, passaram na tese a ser redesenhadas – em ambiente midiaticado em que um grande número de interações ocorra. A proposta de uma observação midiaticada estabeleceu-se ao considerá-la como um entrelaçamento do olhar aos números, sempre subjetivos às leituras do homem, e aos qualificáveis padrões de ancoragens da interação, sempre quantificáveis. Categorizar o abstrato pelo olhar aos números, à trama e ao próprio fazimento foi o maior intento proposto pela criação de um diário de mídia aberto aos participantes da pesquisa. A triangulação, portanto, fez um chamado a unir os estatísticos ou os linguistas a campo mais pertinentemente comum, longe das barreiras que por décadas separou correntes teóricas: o infante campo dos Estudos da Mídia.

A formulação de hipóteses pelo olhar do pesquisador narradas na sincrônica atemporalidade da observação, compiladas em um diário aberto, deu-se pelas narrativas das experiências vividas por meio do campo de uma tela. Não foi feita uma netnografia, mas sim uma observação aberta construída aos olhares ocultos dos participantes. Também as hipóteses de pesquisas se fizeram nas narrativas em que olhar se dava e se desnudava ao grupo observado em relação aos números acerca dos processos de interação computados por *dashboards* (painéis dinâmicos). Idas e vindas, marcadas na experiência aberta do diário, também apontaram categorias teórico-metodológicas qualitativas dispostas nos jogos narrativos das palavras do pesquisador ao grupo observado. O Diário Aberto que esta tese apresentou como motor processual da pesquisa, compilado nos Capítulos 1 e 2, apontou caminhos para a prática da observação participante oculta como novas ancoragens para uma revisão acerca da ética com dados, com experimentações de inovações etnográficas e com a empatia científica maquinável.

A Observação Midiaticada como reta processual dinâmica da observação trouxe ao *corpus* da pesquisa os vetores das ancoragens da interação narradas no Capítulo 1. Por um conjunto de dados delimitados provenientes de um grupo midiaticado, podem ser convertidos vínculos da constelação de atores a eventuais transcendentalidades, qualificações autoritárias ou pluralismo da interação. Ratificou-se que as delimitações de *frames* por vieses quantitativos só poderão ser consideradas como trianguláveis ao contraponto das noções de vínculos mergulhados por técnicas qualitativas. Por mais que a tese não tenha se debruçado em análises de conteúdo do conjunto de informações processadas pelo cálculo da quantidade de caracteres líquidas e de texto, esta apontou caminhos para que em estudos futuros os mesmos pontos possam vir a ser aprofundados. Ver as nuances dos vínculos por estudos linguísticos abarcaria

com maior amplitude a triangulação pretendida, um retorno à observação como estádio consonante para as investigações sobre enquadramentos temáticos. O tratamento de dados pelo método quantitativo da Mineração de Dados, com o uso de *softwares*, foi ilustrado como um roteiro para um primeiro nível de observação que o pesquisador da mídia possa vir a fazer quando se debruçar sobre uma grande quantidade de dados. Categorizá-los, fixá-los, operacionalizá-los com correlações que em um segundo nível o mergulho em campo, pela observação concomitantemente se fazia, levou à formulação de tabelas dinâmicas. Intituladas como *dashboards*, cruzando com categorias qualificáveis aos eixos teóricos trabalhos, estes permearam todos os níveis de análise do Capítulo 1 e da seção 2.2. Também foram intensivamente narrados no diário aberto aos participantes. Destaca-se também que os dados secundários desta tese se delimitaram por um período aproximado de seis meses de coleta de que o pesquisador participou como observador do grupo informal da *política mídia*, comunicativamente presente diário aberto – *par excellence* fonte primária dos dados.

É pela interação de um grupo informal da *política mídia* que as categorias analíticas de enquadramentos temáticos podem ser entendidas sobre evidências quantitativas dos marcadores ancoráveis de uma interação. Os cruzamentos quali e quanti sob a óptica do vetor de ancoragem nas análises de quadros de uma interação midiaticizada permitiu a noção de vínculos aos temas debatidos, não explorados em seu conteúdo. As incidências de mensagens ao longo prazo de uma interação, ponderadas às evidências qualitativas acerca das notificações; *status* de digitação; e leitura das mensagens recebidas pelos atores permitiram o entendimento de *vínculos de efervescência de uma interação*, bem como a quantidade de caracteres-texto de uma mensagem com as palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas permitiu criar uma categoria de *vínculos de modelagem* de uma interação a serem exploradas no futuro por outros recortes. Também, a quantidade de caracteres líquidos de uma mensagem cruzadas com as mudanças de *rounds* contribuiu para categorização de *vínculos de reconhecimento na interação*. E os *vínculos de temporalidade de uma interação* midiaticizada podem ser percebidos ao cruzamento de tipos de intervalos de tempo das mensagens trocadas contrastados com os momentos de silêncio e pausas do grupo.

Sendo estes os elementos-mor de vínculos a uma *política mídia*, o argumento de que as experiências de entrelaçamento em uma constelação de atores, pelo jogo comunicativo, simbólico, laminável e maquinável de atuações em uma quadro conversacional, permitiu a abstrata metaforização que os olhares empíricos dos estudos da mídia sejam levados a outros estudos comparativos de uma *comunicação face a face midiaticizada*. Pela possibilidade de

categorização de vínculos de efervescência, modelagem, reconhecimento e temporalidade, a tese central deste trabalho – construída em um diário aberto aos participantes – pode mostrar que as funcionalidades técnicas de representação de escrita, fala e gestos, pela interação midiaticizada, simbolizam as intenções e emoções, forjam as representações dos atores e roteirizam as narrativas de um grupo em uma rede informal da *política mídia*; tal e qual, ou pelo menos, empiricamente comparável, como o *medium* da linguagem, dispositivo do enunciado motor da comunicação face a face.

*Política mídia* é o conceito figurativo utilizado neste estudo para operacionalizar as noções acerca do processo de midiaticização de uma rede de interação informal, recortada empiricamente aqui como parte de um todo das ações comunicativas da política diplomática em questão. Foi contextualizado no capítulo 3 o fato de que os grupos informais, não institucionalizáveis de uma *política mídia* metaforizam as experiências da vida cotidiana e o processo de incorporação de uma política às ordens sociais e de interações dos membros participantes de um jogo diplomático. Os veículos de comunicação institucionalizáveis de uma política diplomática conflitam em constantes ruídos de comunicação entre os participantes que agem comunicativamente por inúmeros dispositivos midiáticos não administráveis pela gestão de uma política. Os grupos informais da *política mídia* dilaceram o processamento de memórias discursivos do dito oficial, do palanque.

No detalhamento dos vetores de vínculos de grupos informais à *política mídia*, as ancoragens de interações são demonstradas em toda tese como um papel fundamental ao empiricismo proposto pelos estudos da rede *Figurações Comunicativas* do que foi denominado como Escola de Bremen. Se estes seguidores sinalizam a importância dos enquadramentos temáticos da constelação de atores nos estudos da midiaticização, aprofundá-los foi o foco proposto na tese. Já foi dito que as notificações; *status* de digitação e leitura das mensagens em um grupo de WhatsApp cruzadas à quantidade de mensagens de uma interação permite um indicador de *vínculos de efervescência da interação*. Exemplificando os usos de parênteses internos e externos das ancoragens, defendeu-se também, o ponto de vista de que, no contraste entre as palavras iniciais e finais dos anúncios de entradas e saídas à quantidade de caracteres de texto de uma mensagem (QTD\_Texto), pôde-se propor estádios para observação de *vínculos de modelagem da interação*. Até aqui, também, se dedicou no debate da proposta de triangulação da pesquisa com dados quanti e qualitativos, sem perder a proposta das ancoragens como o primeiro contraste teórico das leituras dos *frames*. Isso permitiu a correlação entre mudanças de *rounds* e quantidade de caracteres líquidos de uma mensagem a indicadores de

familiaridade e distinção, ou seja, *vínculos de reconhecimento* entre os membros de uma interação. Na terceira frente, debruçando-se sobre o conceito de laminações internas e externas, foram encontrados elementos distensores da comparação comunicação face a face e midiaticizada; a exemplo das manifestações de menções a nomes “@Fulano” e extensões da expressão de experiências vividas os *links* como dedutíveis às leituras de quantidade de caracteres líquidos (QTD\_Líquidos). Para isso, o cálculo ajudou na “filragem” do processo de “purificação” da aguagem discursiva. Debateu-se em todo capítulo 1 a distinção entre as laminações do processo de ancoragem e das maquinações benignas e tonalizações alocadas nos quadros de interação. O último cruzamento quanti e quali sob a óptica do vetor ancoragem nas análises de parênteses internos dos *frames* de uma interação midiaticizada à lógica correlação entre os intervalos de tempo das mensagens trocadas contrastados com os momentos de silêncio e pausas do grupo ponderou *vínculos de temporalidade*. Estas categorias não foram concluídas. Estão abertas. E este foi o trabalho da tese. Criar fissuras para ver nas configurações hipermediaticizadas da interação âncoras fecundas para detectar vínculo a temáticas e pontuar tipo futuros de adesão a ideias nos grupos midiaticizados.

Um grupo informal é foca midiaticizada pertinente à própria configuração da política. Ao considerá-la um espaço digital em que as situações cotidianas corporalmente se põe em contato humanizado com o não humano, pelas funcionalidade técnicas dos dispositivos (a exemplo do uso de notificações, *status* de leitura, *emojis*, *stickers*, vídeos, *memes*, áudios e escrita hipertextual), a imputação da realidade (e irrealidade) presente neste grupos figuram-se à medida que as situações se aparelham como vias de articulação e interpretação àquilo que se dispõe. Ou seja, a vivência pela expedição da experiência “do que está acontecendo” e do “como se posicionar”, se dão pelas funcionalidades técnicas do *medium* disponibilizadas à interação. Por *frames*, o humano e o não humano, se abraçam à complexidade das interações hipermediaticizadas. A hipótese a ser encaminha pelo mapeamento de vínculos de efervescência, de modelagem, de reconhecimento e de temporalidade de uma interação contrapõe que enquadramentos temáticos podem propor categorias de adesões em grupo qualitativas, transcendentais ou pluralistas de uma suposta opinião pública urgentes a novos mecanismos empíricos.

As esferas qualitativas autoritárias, pluralistas e transcendentais que Ernst Manheim, na possível antecipação da teoria da esfera pública privada e da ação comunicativa, necessitam ser revistas para melhor compreensão dos tipos ideais dos grupos. Na tese, foram postas evidências empíricas dos quatro vínculos ancoráveis pelas interações em um grupo

mediatizado, sem embargo, torna-se necessário ampliar e contextualizar estas compreensões à luz dos estudos sobre opinião pública; especialmente pela hipótese de haver searas para *comunicação face a face mediatizada*. As temáticas debatidas por um grupo mediatizados, à parte dos veículos tradicionais e dos discursos formais de uma política, podem atestar distintas tipologias de vínculos, cruzando-se à perceptivas manheinianas a serem aprofundadas futuramente. Identificar suas encruzilhadas na construção de *frames* temáticos é o grande encaminhamento desta tese aos Estudos da Mídia.

A unidade de um grupo prova-se pela experiência interativa da linguagem. Em um grupo mediatizado, no qual a troca de ideias pode se dar por enquadramentos temáticos, restou à forma, o aspecto empírico de entendê-lo para além do conteúdo. Os temas podem ser definidos pelo processamento da linguagem que codifica o conteúdo. É pela tematização que os cálculos dos números permitem determinadas leituras em compor uma forma. Antes de tudo, um tema, processualmente observado quanti-qualitativamente, torna capaz de propor ideias sobre um campo que se inicia no Brasil: os Estudos da Mídia aplicados à interação em ambientes mediatizados.

## REFERÊNCIAS

- ALTHEIDE, David L.; SNOW, Robert P. *Media Logic*. Beverly Hills: Sage, 1979.
- ALTHEIDE, David L.; SNOW, Robert P. *Media Worlds in the Postjournalism Era*. New York: Aldine de Gruyter, 1991.
- ALTHEIDE, David L. *Media Edge: Media Logic and Social Reality*. New York: Peter Lang Inc., International Academic Publishers., 2014.
- ALTHEIDE, David L. A Review of: “*Media Democracy: How the Media Colonize Politics*, by Thomas Meyer with Lew Hinchman”, *Political Communication*, 24:1, 81-82, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10584600601128770>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- AMES, Barry. *Political survival: politicians and public policy in Latin America*. Berkeley: Univ. of California, 1987c.
- AQUINO, Jackson; ABU-EL-HAJ, Jawdat. *Estado, cidadania, e políticas públicas*. Fortaleza: Editora UFC, 2002.
- ARNDT, Richard T. *The First Resort of Kings: American Cultural Diplomacy in the Twentieth Century*. Washington: Potomac Books, 2005.
- ASEN, Robert. Rhetoric and Public Policy. *Rhetoric and Public Affairs*, Michigan: Michigan State University Press, v. 12, n. 1, p. 1-5, spring 2015. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41955588>. Acesso em: 10 maio 2017.
- ATKINSON, John Maxwell; HERITAGE, John. *Structures of social action: studies in conversation analysis*. New York: Cambridge University Press, 1984. 446 p. (Studies in Emotion and Social Interaction).
- AVERBECK-LIETZ, Stefanie. French and Latin American Perspectives on Mediation and Mediatization: A lecture note from Germany. In: *Empedocles: European Journal for the Philosophy of Communication*, v. 3, n. 2, p. 177-195, 2011 [2013].
- AVERBECK-LIETZ, Stefanie. Eliseo Verón leído desde la perspectiva de los estudios en comunicación alemanes: Semio-Pragmática, comunicación e investigación en mediatización. In: *Estudios*, n. 33, s. 151-163, 2015.
- AVERBECK, Stefanie: Ernst Manheims “Träger der öffentlichen Meinung”. Eine Theorie der Öffentlichkeit 30 Jahre vor Jürgen Habermas. In: Frank Baron/David Norman Smith/Charles Reitz (Hrsg.): *Authority, Culture and Communication: The Sociology of Ernest Manheim*. Heidelberg: Synchron S. 43-69, 2005.
- AVERBECK-LIETZ, Stefanie. *Soziologie der Kommunikation: Die Mediatisierung der Gesellschaft und die Theoriebildung der Klassiker*. Berlin: de Gruyter, 2015.
- AZEREDO, J. C. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

- BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO. *Ciencia, Tecnología e Innovación en América Latina y el Caribe: Un Compendio Estadístico de Indicadores*. Washington, DC., 2010.
- BARGAS, J. DE K. R.; MAIA, R. C. M. Quilombolas no WhatsApp: O papel do aprendizado coletivo nas lutas por reconhecimento. *Comunicação, Midia e Consumo*, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.18568/cmc.v14i41.1391>>. Acesso em: 27 out. 2019.
- BARON, Frank; SMITH, David Norman; REITZ, Charles (Ed.). *Authority, Culture, and Communication: The Sociology of Ernest Manhein*. Heidelberg: Synchron, 2005.
- BASTOS, MT. Medium, media, mediação e midiaticização: a perspectiva germânica. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (orgs.). *Mediação & midiaticização* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/k64dr/pdf/mattos-9788523212056-04.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.
- BAYER, J. B.; DAL CIN, S.; CAMPBELL, S. W.; PANEK, E. Consciousness and Self-Regulation in Mobile Communication. *Human Communication Research*, v. 42, n. 1, p. 71–97, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/hcre.12067>>. Acesso em: 27 out. 2019.
- BECK, U. *Sociedade de risco*. Rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. Harmondsworth: Penguin Books, 1991[1966].
- BERNAYS, Edward L. *Crystallizing Public Opinion*. New York: Liveright Publishing Corporation, 1923.
- BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. “As classes na teoria sociológica contemporânea”. *BIB*, São Paulo, n. 67, 2009.
- BEZEMER, J.; MAVERS D. Multimodal Transcription as Academic Practice, *International Journal of Social Research Methodology*, 2011.
- BLUMER, Herbert. *The Chicago School of Sociology: Institutionalization, Diversity, and the Rise of Sociological Research*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.
- BOCZKOWSKI, P. J.; MATASSI, M.; MITCHELSTEIN, E. How Young Users Deal With Multiple Platforms: The Role of Meaning-Making in Social Media Repertoires. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 23, n. 5, p. 245–259, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/jcmc/zmy012>>. Acesso em: 20 out. 2019.
- BONIN, Jiani A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, n. 37, dez. 2008, p. 121-127. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4809>. Acesso em: 26 out. 2019.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. *E-compós*, Brasília, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011, 33p. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665/503>. Acesso em: 26 out. 2019.

BREITER, Andreas; HEPP, Andreas. The Complexity of Datafication: Putting Digital Traces in Context. In: HEPP, Andreas; BREITER, Andreas; HASEBRINK, Uwe. *Communicative Figurations: Transforming Communications in Times of Deep Mediatization*. Switzerland: Palgrave Macmillan, 2018. p. 8225-8596. (Transforming Communications: Studies in Cross-Media Research). Edição do Kindle.

BROMMESSON; Douglas, EKENGREN, Ann-Marie. *The Mediatization of Foreign Policy, Political Decision-Making and Humanitarian Intervention*. New York: Palgrave Macmillan, 2017. (The Palgrave Macmillan Series in International Political Communication).

BUZATO, Marcelo El Khouri. Data Storytelling e a dadificação de tudo: um gênero bastardo de mãe narrativa e pai banco de dados. In: LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; BUZATO, Marcelo El Khouri (Org.). *Gênero Reloading*. Campinas, SP: Potes Editores, 2018. p. 95–123.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAMPBELL, Donald T.; FISKE, Donald W. Convergent and Discriminant Validation by the Multitrait-Multimethod Matrix. *Psychological Bulletin*, n. 56, p. 81-105, 1959.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CANCLINI, Néstor García. *Leitores, Espectadores e Internautas*. São Paulo: Iluminura, 2008. 94 p. (Os livros do observatório). Tradução de: Ana Goldberger. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/leitores-espectadores-e-internautas>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CANELAS NETO, José Martins. Reflection on the emptiness during the psychoanalytical treatment: from the horror of emptiness to the emptiness that creates metaphors. *J. psicanal. Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 46, n. 85, p. 127-140, jun. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v46n85/v46n85a13.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do Observador: Visão e modernidade no século XIX*. Tradução: Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. (Coleção ArteFíssil).

CASSIRER, Ernst. *Ensaio Sobre o Homem: uma introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CAVALCANTE, Fernando Luiz Nobre; ABU-EL-HAJ, Jawdat. *Start! Up? O arranque empreendedor do capitalismo informacional*. 2015. 381f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/00002a/00002a83.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

CAVALCANTE, Fernando Nobre. Ylai Pos-Obama. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: michaelhankebeaga@yahoo.com.br. em: 10 mar. 2017.

CÁRDENAS MAITA, Ana Rocío. *Um estudo da aplicação de técnicas de inteligência computacional e de aprendizado em máquina de mineração de processos de negócio*. 2016. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Informação) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.100.2016.tde-22012016-155157. Acesso em: 26 out. 2019.

CARNOY, CASTELLS, COHEN, CARDOSO. *The New Global Economy in the Information Age: reflections on our changing world*. The Pennsylvania State University Press, 1993.

CASTELLS, Manuel. The Real Crisis of Silicon Valley: A Retrospective Perspective *Competition & Change*, v 3, p. 107-143, mar. 1998.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1)

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. 8. ed. São Bernardo do Campo: Paz e Terra, 2005.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da identidade*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2)

CASTELLS, Manuel. *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 2012. (A Era da informação: economia, sociedade e cultura. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 3)

CASTELLS, Manuel (org.); CARDOSO, Gustavo (org.); CARAÇA, João (org.). *A crise e seus efeitos: as culturas econômicas da mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CHURCHILL, Gilbert A.; BROWN, Tom J.; SUTER, Tracy A. *Pesquisa básica de marketing*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

COELHO, Teixeira, *A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

COMMUNICATIVE FIGURATIONS. *About: The Communicative Figurations research network*. [20--]. Disponível em: <https://www.kommunikative-figurationen.de/about/?L=1>. Acesso em: 10 jan. 2018.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. *Métodos de Pesquisa em Administração*. 10. ed. McGraw-Hill: Brasil, 2011.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. *The Mediated Construction of Reality*. Cambridge: Polity Press, 2017.

DENZIN, N.; KELLER, C. Frame Analysis Reconsidered. *Contemporary Sociology*, 10(1), 52-60, 1981. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2067803>. Acesso em: 26 out. 2019.

DENZIN, N. *The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods*. 2. ed. New York: McGraw-Hill, 1978.

DIÁRIO ABERTO. *Observação da Observação*: Diário de campo de Fernando Nobre Cavalcante. p. 1-216, 24 set. 2018 a 17 abr. 2019.

DOYLE, K. Facebook, Whatsapp and the Commodification of Affective Labour. *Communication, Politics & Culture*, 2015.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. São Paulo: Papirus, 1993.

DUNCAN, S.; FISKE, Donald W. *Face-to-face interaction: research, methods, and theory*. New York: Halsted Press, 1977.

DUNNING, Eric; STEPHEN Mennell. “Figurational Sociology”: Some Critical Comments On Zygmunt Bauman's, “The Phenomenon Of Norbert Elias”. *Sociology*, v. 13, n. 3, 1979, p. 497-501. JSTOR, JSTOR. Disponível em: [www.jstor.org/stable/42853383](http://www.jstor.org/stable/42853383). Acesso em: 26 out. 2019.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DURKHEIM, Émile. O suicídio anômico. In: DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*, tradução brasileira de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, v. 1, 1990.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*, tradução brasileira de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, v. 2, 1993.

ELIAS, Norbert. *Teoria Simbólica*. Tradução: Paulo Valverde. Oeiras: Celta Editoras, 1994. 149 p. (Sociologias).

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a Luta pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

ESSER, F. Mediatization as a challenge: Media logic versus political logic. In: KRIESI, H.; LAVENEX, S.; ESSER, F.; MATTHES, J.; BÜHLMANN, M.; BOCHLSER, D. (eds.).

*Democracy in the Age of Globalization and Mediatization*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 155-176, 2013.

ESSER, F., STRÖMBÄCK, J. (eds.). *Mediatization of Politics: Understanding the Transformation of Western Democracies*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

FAIRCLOUGH, I.; FAIRCLOUGH, N. *Political Discourse Analysis: A Method for Advanced Students*. London and New York: Routledge, 2012.

FAUSTO NETO, Antônio. O discurso político entre recusas e controles das estratégias enunciativas midiáticas: observações sobre a midiaticização da campanha eleitoral de 2006. *Galáxia*, n. 11, São Paulo: PUC/SP, 2006.

FAUSTO NETO, Antônio; MOUCHON, Jean; VERÓN, Eliseo (org.). *Transformação da midiaticização presidencial: corpos, relatos, negociações e resistências*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2012.

FERRARI, Alberto; RUSSO, Marco. *Analyzing Data with Power BI and Power Pivot for Excel*. Redmond: Microsoft Press, 2017. (Business Skills).

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. *Líbero* (FACASPER), v. 1, p. 1-15, 2006. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Uma-abordagem-tri%C3%A1dica-dos-dispositivos-midi%C3%A1ticos.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

FLICK, Uwe. *Triangulation: Eine Einführung*. Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2007.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: HUCITEC, 1985.

FOLHA DE SÃO PAULO (Ed.). Fracasso vira negócio no Vale do Silício.: Empresas ensinam como lidar bem com a falência. 2014. Edição Brasileira do jornal *The New York Times*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/196050-fracasso-vira-negocio-no-vale-do-silicio.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2014.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*.

Tradução: Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

FRANKEL, Charles. The “Cultural Contest”. *Proceedings of the Academy of Political Science*. *JSTOR*, v. 29, n. 3, 1969, p. 139-155. Disponível em: [www.jstor.org/stable/1173194](http://www.jstor.org/stable/1173194). Acesso em: 27 out. 2019.

FREIRE, Claudia Pontes. *Método de monitoramento de redes sociais. Epistemologia, técnicas e propostas de mineração de banco de dados para conteúdos gerados por fãs de telenovela em redes sociais*. 2015. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.27.2015.tde-24112015-160556. Acesso em: 2018-03-29.

GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. 67. ed. México D.F: Siglo XXI Ediciones, 2006.

GARCÍA CANCLINI, N. *Políticas culturales en América Latina*. México D.F.: Grijalbo, 1987.

GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge England: PolityPress, 1984.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. Tradução: Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GIL DE ZÚÑIGA, H.; ARDÈVOL-ABREU, A.; CASERO-RIPOLLÉS, A. WhatsApp political discussion, conventional participation and activism: exploring direct, indirect and generational effects. *Information, Communication & Society*, 2019.

GLENN, P. *Laughter in Interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

GLENN, P.; HOLT, E. *Studies of Laughter in Interaction*. New York: Bloomsbury Academic, 2013.

GOFFMAN, E. Frame Analysis Reconsidered. In: *The Interaction Order*. American Sociological Review, 1983.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis*. Boston: Northeastern University Press, 1986 [1974].

GOFFMAN, E. *Gender Advertisement*. New York: Harper Torchbooks (Harper & Row), 1987.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise de Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998 [1979]. p. 70-97.

GOFFMAN, E. Everyday Life as Propaganda. *American Interest*, [s. l.], v. 4, n. 4, p. 90, 2009. Disponível em:  
<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=36576080&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 16 maio. 2019.

GOFFMAN, E. *Os Quadros da Experiência Social: Uma perspectiva de análise*. Tradução: Gentil A. Titton. Petrópolis: Vozes, 2012a.

GOFFMAN, E. *Ritual de Interação: Ensaio sobre o compartimento face a face*. Tradução: Fábio Rodrigues. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GONZÁLEZ-URIBE, J.. N°18. El caso de Start-up Chile. Programa de atracción de talento para fomentar el emprendimiento. Caracas: CAF, 2015, January. Disponível em:  
<http://scioteca.caf.com/handle/123456789/685>. Acesso em: 8 set. 2015.

GUATEMALA CITY. UNITED STATES EMBASSY. Young Leaders of the Americas Initiative (YLAI) Professional Fellows Program to support entrepreneurs throughout Latin America and the Caribbean. 2016. Press Release REF# 2016-9. Disponível em: [http://photos.state.gov/libraries/guatemala/788/pdfs/2016\\_05\\_05\\_YLAI\\_call\\_to\\_young\\_entrepreneurs.pdf](http://photos.state.gov/libraries/guatemala/788/pdfs/2016_05_05_YLAI_call_to_young_entrepreneurs.pdf). Acesso em: 5 maio 2016.

GUIVANT, Julia Silvia. O legado de Ulrich Beck. *Ambient. soc.*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 227-238, Mar. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2016000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2016000100013&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc150001exv1912016>.

HABERMAS, Jürgen. *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Conciencia moral y acción comunicativa*. Barcelona: Ediciones Península, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo*. Volume I e II. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HAGUETTE, Maria Teresa Frota. A Etnometodologia. In: HAGUETTE, Maria Teresa Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, E. T. *The Hidden Dimension*. Garden City, NY: Doubleday & Company, 1996.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion In English*. London: Longman, 1976.

HANCOCK, B. H.; GARNER, R. Theorizing Goffman and Freud: Goffman's Interaction Order as a Social-Structural Underpinning for Freud's Psychoanalytic Self. *Canadian Journal of Sociology*, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 417-444, 2015. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=112050022&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 16 maio 2019.

HANKE, Michael. Comunicação e Lebenswelt, racionalidade e experiência estética: uma discussão interdisciplinar com autores pragmatistas a partir de considerações de Vilém Flusser. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25, 2016, [Goiânia]. Trabalho apresentado no GT COMUNICAÇÃO E CULTURA. [Goiânia]: Compós, 2016. p. 1-18. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/comatoria\\_3304.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/comatoria_3304.pdf). Acesso em: 7 jan. 2017.

HANKE, Michael. Materialidade Da Comunicação – Um Conceito Para A Ciência Da Comunicação? In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1-9. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109969973774915535518237202042688629820.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.

HASSLER, J., MAURER, M., OSCHATZ, C. Media logic and political logic online and offline. The case of climate change communication. *Journalism Practice*, 8 (3), p. 326-341, 2014.

HEPP, Andreas; BREITER, Andreas; HASEBRINK, Uwe (ed.). *Communicative Figurations: Transforming Communications in Times of Deep Mediatization*. New York: Palgrave Macmillan, 2018.

HEPP, Andreas, KROTZ, Friedrich *et al* (ed.). *Mediatized Worlds: Culture and Society in a Media Age*. Palgrave Macmillan, 2014.

HEPP, A. *Culture of Mediatization*. Tradução: Keith Tribe. Cambridge: Polity Press, 2013.

HEPP, A. The communicative figurations of mediatized worlds: mediatization research in times of the “mediation of everything”. *MATRIZES*, v. 8, n. 1, p. 45-64, 24 jun. 2014.

HEPP, Andreas. *Deep Mediatization: Key Ideas in Media & Cultural Studies*. New York: Taylor And Francis, 2019. Edição do Kindle.

HEPP, A; HASEBRINK, U. Human interaction and communicative figurations. The transformation of mediatized cultures and societies. In: LUNDBY, Knut (ed.). *Mediatization of communication*. Berlin and New York: de Gruyter, 2014.

HEPP, Andreas; HASEBRINK, Uwe. Interação Humana e Configurações Comunicativas: transformações culturais e sociedades midiáticas. *Parágrafo: Fiam-Faam*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 75-89, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/issue/view/46>. Acesso em: 10 out. 18.

HERINGER, J. T. Pre-sequences and indirect speech acts. In: KEENAN, E. O.; BENNETT T. L. (eds.). *Discourse across Time and Space*, p. 169-180. Southern California Occasional Papers in Linguistics: University of Southern California, 1977.

HERITAGE, J. *Garfinkel and ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1984.

HIDALGO, G., KAMIYA, M., & REYES, M. Nº16. *Emprendimientos dinámicos en América Latina. Avances en prácticas y políticas*. Serie Políticas Públicas y Transformación Productiva, 16, Caracas: CAF, 2014. Disponível em: <http://scioteca.caf.com/handle/123456789/371>. Acesso em: 9 nov. 2015.

HJARVARD, S. From Bricks to Bytes: The Mediatization of a Global Toy Industry. In BONDEBJERG, Ib; GOLDING, Peter (eds.). *European Culture and the Media*. Bristol: Intellect Books, 2004.

HJARVARD, S. *The Mediatization of Society*. A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. *Nordicom Review* 29(2): 105-134, 2008.

HJARVARD, S. Soft Individualism: Media and the Changing Social Character. In *Mediatization. Concept, Changes, Consequences*, ed. Knut Lundby. New York: Peter Lang, 2009.

HJARVARD, S. *The Mediatization of Culture and Society*. London: Routledge, 2013.

HJARVARD, S. From Mediation to Mediatization: The Institutionalization of New Media. In: HEPP, Andreas; KROTZ, Friedrich (ed.). *Mediatized Worlds: Culture and Society in a Media Age*. London: Palgrave Macmillan, 2014. Cap. 8. p. 123-139.

HOUAISS, A. VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTE FOR GOVERNMENT (United Kingdom) (org.). *Arm's Length Bodies*. 2015. Estudo: White Hall Monitor. Disponível em:

[https://www.instituteforgovernment.org.uk/sites/default/files/whitehall-monitor/Whitehall Monitor 2015 - Chapter 10.pdf](https://www.instituteforgovernment.org.uk/sites/default/files/whitehall-monitor/Whitehall%20Monitor%202015%20-%20Chapter%2010.pdf). Acesso em: 22 dez. 2017.

JENSEN, Klaus Bruhn. *A Handbook of Media and Communication Research Qualitative and quantitative methodologies*. London: Routledge, 2002.

JICK, T. Mixing Qualitative and Quantitative Methods: Triangulation in Action.

*Administrative Science Quarterly*, 24(4), 602-611. 1979. doi:10.2307/2392366.

JOHNSON, A. *Dicionário de Sociologia: um guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JUST, Gustavo. *Interpretando as teorias da interpretação*. São Paulo: Saraiva, 2014.

JOHNSON, A. G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. Tradução: Ruy Jugmann. Consultoria: Renato Lessa.

KALLINIKOS, J. On the Computational Rendition of Reality: Artefacts and Human Agency. *Organization*, 16(2): 183-202, 2009.

KARANASIOS, Stan; DHAVALKUMAR Thakker; LAU, Lydia; ALLEN, David, DIMITROVA, Vania; NORMAN, Alistair. Making sense of digital traces: An activity theory driven ontological approach. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 64 (12): 2452– 2467, 2013.

KEPPLINGER, H. M. Mediatization of Politics: Theory and Data. *Journal of Communication*, 52: 972–986, 2002. doi:10.1111/j.1460-2466.2002.tb02584.x.

KLEIN, Juliane; WALTER, Michael; SCHIMANK, Uwe. Researching Individuals' Media Repertoires: Challenges of Qualitative Interviews on Cross-Media Practices. In: HEPP, Andreas; BREITER, Andreas; HASEBRINK, Uwe. *Communicative Figurations: Transforming Communications in Times of Deep Mediatization*. Switzerland: Palgrave Macmillan, 2018. p. 7730-8222. (Transforming Communications: Studies in Cross-Media Research). Edição do Kindle.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo van. *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Hodder, 2001.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo van. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. 2. ed. London; New York: Routledge, 2006.

KRESS, G. *Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication*. London: Routledge, 2009.

KROTZ, Friedrich. The Meta-Process of ‘Mediatization’ as a Conceptual Frame. *Global Media and Communication*, 3(3): 256-260, 2007.

KROTZ, Friedrich. Mediatization: A Concept with Which to Grasp Media and Societal Change. In: LUNDBY, Knut (ed.). *Mediatization: Concept, Changes, Consequences*. New York: Peter Lang, 2009.

KROTZ, Friedrich. Mediatization and Mediatized Worlds: A Discussion of the Basic Concepts. In: HEPP, Andreas; KROTZ, Friedrich (ed.). *Mediatized Worlds: Culture and Society in a Media Age*. New York: Palgrave Macmillan, 2014. Cap. 5. p. 72-87.

LANDERER, N. Rethinking the Logics: A Conceptual Framework for the Mediatization of Politics. *Commun Theor*, 23: 239–258, 2013. doi:10.1111/comt.12013.

LASSWELL, H. D. *Democracy through Public Opinion*. Menasha, WI: George Banta Publishing Company, 1941.

LATOUR, Bruno. “Technology is Society Made Durable”, in Law, J. (ed.). *A Sociology of Monsters: Essays on Power, Technology and Domination*. London: Routledge, p. 103-131, 1991.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An introduction to Actor-Network Theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Tradução: Ivone C. Benedetti. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

LEMOS, André. Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. *Galáxia*, São Paulo [online]. 2013, v. 13, n. 25, p.52-68. ISSN 1982-2553. <http://dx.doi.org/10.1590/S1982-25532013000200006>.

LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LÉVI-STRAUSS. Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Anhembi, 1957.

LIPPMANN, Walter. *Public Opinion*. New York: Free Press, [1922],1997.

LIPPMANN, Walter. Prefácio de Bruno Latour sobre Le Public Fantôme de Walter Lippmann. Paris: Demopolis, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2001.

LORITE, Nicolás. Lá cámara como principal herramienta para la investigación audiovisual de los procesos de dinamización intercultural mediatizados. *Intexto*, UFRGS, 2015, p. 178-199.

LORITE, Nicolás. Una pedagogía activa del lenguaje televisivo para comunicadores del futuro. *Comunicar*, Revista Científica de Comunicación y Educación, 2001, p. 138-143.

LUCIANI, José Antonio Kelly. FRACTALIDADE E TROCA DE PERSPECTIVAS. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 95-132, out. 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

93132001000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 ago. 2019.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132001000200004>.

LUHMANN, Niklas. *Introdução à Teoria dos Sistemas*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LUHMANN, Niklas. *Introdução à Teoria dos sistemas: aulas publicadas por Javier Torres Nafarrate*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LUNDBY, Knut. *Mediatization of Communication*. Handbooks of Communication Science, v. 21. Berlin, Boston: de Gruyter Mouton, 2014.

MACHADO, C.; KIRA, B.; NARAYANAN, V.; KOLLANYI, B.; HOWARD, P. N. A Study of Misinformation in Whatsapp Groups with a Focus on the Brazilian Presidential Elections. The Web Conference 2019 - Companion of the World Wide Web Conference, WWW 2019. *Anais...*, 2019. Acesso em: 10 out. 2019.

MACKENZIE, D. How Algorithms Interact: Goffman's "Interaction Order" in Automated Trading. *Theory, Culture & Society*, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 39-59, 2019. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=135307558&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 16 maio 2019.

MACHIN, David; MAYR, Andrea. *How to do critical discourse analysis: a multimodal introduction*. New York: Sage Publications, 2012.

MADIANOU, M.; MILLER, D. Polymedia: towards a new theory of digital media in interpersonal communication. *International Journal of Cultural*. [org/10.1177/1367877912452486](http://dx.doi.org/10.1177/1367877912452486)

MALDONADO, A. Efendy. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualizações, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: VVAA. *Metodologias de pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 277-303.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

MANHEIM, Ernest. *Die Träger Der öffentlichen Meinung: Studien Zur Soziologie Der Öffentlichkeit*. Brünn [u.a.]: Rohrer, 1933.

MANHEIM, Ernest. *Die Träger der öffentlichen Meinung*. Studien zur Soziologie der Öffentlichkeit, Verlag Rudolf M. Rohrer, Brünn/Prag/Leipzig/Wien 1933.

MANHEIM, Ernest. *La opinión pública*. Madrid: Editorial Revista de Derecho Privado, 1936. (H). Tradução: Francisco Alaya. Título original: Die Träger Der öffentlichen Meinung.

MANOVICH, Lev. *Software takes command: extending the language of new media*. New York: Bloomsbury Academic, 2013.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARCUSE, Herbert. *One-Dimensional Man*. London: Routledge, 2006 [1964].

MARTÍNEZ ORTEGA, C.; PECOURT GRACIA, J. La comunicación móvil ritualizada: una aproximación desde la microsociología. *Sociológica*, [s. l.], v. 34, n. 96, p. 107-136, 2019. Disponível em:

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=135707626&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 16 maio. 2019.

MARTINS, D. H. As relações sociais de Erving Goffman: um quadro de interação. *Ciências Sociais Unisinos*, [s. l.], v. 50, n. 2, p. 180–181, 2014. Disponível em:

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=99490345&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 6 jun. 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Ediciones G. Gili, 1991.

MAZZOLENI, Gianpietro. Mediatization of Politics. In: DONSBACH, Wolfgang (ed.). *The International Encyclopedia of Communication*. Malden: Blackwell, 2008.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEAD, George H. *Mind, Self, and Society: from the Standpoint of a Social Behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

MERIDIAN INTERNATIONAL CENTER (Estados Unidos) (org.). *2016 Annual Report*. Washington, Dc: Meridian, 2016. (Anual Report). Disponível em:

[http://www.meridian.org/wp-content/uploads/2015/09/Meridian\\_Annual\\_Report\\_2016.pdf](http://www.meridian.org/wp-content/uploads/2015/09/Meridian_Annual_Report_2016.pdf). Acesso em: 10 nov. 2017.

MICROSOFT (Redmond). What is Power BI? [S.I.]. Disponível em:

<https://powerbi.microsoft.com/en-us/what-is-power-bi/>. Acesso em: 26 abr. 2018.

MILLER, Marc L.; Media Logic; ALTHEIDE, David L; SNOW, Robert P. Beverly Hills. *Urban Life*, [s.l.], v. 10, n. 4, p.468-471, jan. 1982. SAGE Publications.

<http://dx.doi.org/10.1177/089124168201000412>. Disponível em:

<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/089124168201000412>. Acesso em: 17 mar. 2018.

MILNER, H. *Interest, Institutions and Information: Domestic Politics and International Relations*. Princeton: Princeton University, 1997.

MORING, Tom. Between Medialization and Tradition: Campaigning in Finland in a Longitudinal Perspective. 2006. In: Campaigning in Europe – Campaigning for Europe: Political Parties, Campaigns, Mass Media and the European Parliament Elections 2004, ed. M.Maier and J.Tenscher, 81-99. Berlin: Lit Verlag.

MYERS, Greg. Análise da Conversação e da Fala, In BAUER, Martin W. & GASKELL, George (org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

NASAW, David. (Washington D.C). Review: ‘On His Own Terms: A Life of Nelson Rockefeller,’ by Richard Norton Smith: ON HIS OWN TERMS. A Life of Nelson Rockefeller. 2014. Seção *Opinions*. Disponível em:

[https://www.washingtonpost.com/opinions/review-on-his-own-terms-a-life-of-nelson-rockefeller-by-richard-norton-smith/2014/11/07/ff13e02c-4276-11e4-9a15-137aa0153527\\_story.html?utm\\_term=.c7287e25233e](https://www.washingtonpost.com/opinions/review-on-his-own-terms-a-life-of-nelson-rockefeller-by-richard-norton-smith/2014/11/07/ff13e02c-4276-11e4-9a15-137aa0153527_story.html?utm_term=.c7287e25233e). Acesso em: 7 nov. 2014.

OBAMA, President Barack. A message to the YLAI Network from President Barack Obama. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: fernandocavalcante@gmail.com. Em: 24 maio 2016.

OCDE. StartupAméricaLatina:Promoviendolainnovaciónenlaregión,EstudiosdelCentro de Desarrollo, OECD Publishing, 2013. <http://dx.doi.org/10.1787/9789264202320-es>.  
OEI. Cooperación Cultural Euroamericana: VIII Campus Euroamericano de Cooperación Cultural Cuenca, Ecuador, del 28 al 30 de Noviembre de 2012. Madrid: Oei, 2012. p. 41-56. (Papeles Iberoamericanos). Disponível em: <http://www.oei.es/90913.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

OLLIVIER, Bruno. Corpo e estratégias de identificação na midiatização presidencial: Silvio Berlusconi, Nicolas Sarkozy e Barack Obama em 2009. In: FAUSTO NETO, Antonio; MOUCHON, Jean; VERÓN, Eliseo (org.). *Transformação da midiatização presidencial: corpos, relatos, negociações e resistências*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2012. Cap. 7. p. 113-130.

OPEN GOVERNMENT PARTNERSHIP. Annual Report 2016. Disponível em: [https://www.opengovpartnership.org/sites/default/files/OGP\\_annual-report\\_2016.pdf](https://www.opengovpartnership.org/sites/default/files/OGP_annual-report_2016.pdf)  
<https://history.state.gov/search>. Acesso em: 29 out. 2019.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. *Una coartada metodológica*. Abordajes cualitativas en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable, 2012.

OXFORD DICTIONARY OF ENGLISH (versão do leitor digital Kindle).

PARSONS, Talcott. *A Estrutura da Ação Social*: Um estudo de Teoria Social com especial referência a grupo de autores europeus recentes. Tradução: Vera Joscelyne. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2010.

PARSONS, Talcott. *A Estrutura da Ação Social*: Um estudo de Teoria Social com especial referência a um grupo de autores europeus recentes. Tradução: Vera Joscelyne. v. 2. Petrópolis: Vozes, 2010.

PRICEWATERHOUSECOOPERS, PWC/Thomson Venture Economics/NAVCA Money Tree Survey, 2006.

PUENTE BIENVENIDO, H.; BRUNA, C. S. Mirada sociológica al software lúdico: la dramaturgia de Erving Goffman en los videojuegos. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, [s. l.], n. 166, p. 135-151, 2019. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=135759380&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 16 maio 2019.

RESENDE, Gustavo et al. A System for Monitoring Public Political Groups in WhatsApp. *Proceedings Of The 24th Brazilian Symposium On Multimedia And The Web - Webmedia '18*,

[s.l.], p. 387-390, 2018. ACM Press. <http://dx.doi.org/10.1145/3243082.3264662>. Disponível em: <https://dl.acm.org/citation.cfm?doid=3243082.3264662>. Acesso em: 11 maio 2019.

RESENDE, Gustavo *et al.* (Mis)Information Dissemination in WhatsApp: Gathering, Analyzing and Countermeasures. *In: International World Wide Web Conference Committee*, 1., 2019, San Francisco. *Proceedings of The Web Conference*. San Francisco: Www '19, 2019. p. 1-11. Disponível em: <https://homepages.dcc.ufmg.br/~fabricio/download/resende-www2019.pdf>. Acesso em: 11 maio 2019.

RÖDDER, S.; SCHÄFER, M. S. Repercussion and resistance. An empirical study on the interrelation between science and mass media. *Communications*, [s.l.], v. 35, n. 3, p. 249-267, jan. 2010. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/comm.2010.014>. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/comm.2010.014>. Acesso em: 19 mar. 2019.

ROONEY, Kathleen; PLATTNER, Eric (ed.). *René Magritte: selected writings*. Tradução: Jo Levy. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 2016.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

ROSENHAN, David L. *On Being Sane In Insane Places*. 179. ed. Washington, Dc: Aaas, 1973. 16 p. (Science). Disponível em: [http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic625827.files/On\\_Being\\_Sane\\_In\\_Insane\\_Places-1.pdf](http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic625827.files/On_Being_Sane_In_Insane_Places-1.pdf). Acesso em: 7 jan. 2017.

SACKS, H. Everyone has to lie. *In: BLOUNT, B.; SANCHES, M. (eds.). Sociocultural Dimensions of Language Use*, p. 57-80. New York: Academic Press, 1975.

SALAZAR VARGAS, Carlos. Las políticas públicas: nueva perspectiva de analisis. *Universitas*, n. 83, p. 35-100, nov, 1992.

SALAZAR VARGAS, Carlos. *Las políticas públicas*. Pontificia Universidad Javeriana, Facultad de Ciencias Jurídicas, Bogotá, s.p, 1995. (Serie Colección Profesores.)

SANCHEZ, A. J.; SANCHEZ, M. R. F.; RUIZ, E. C. V.; et al. Whatsapp and Facebook as a New Political Agora? 2018 5th International Conference on eDemocracy and eGovernment, ICEDEG 2018. *Anais...*, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SCHEGLOFF, E. A. Identification and recognition in telephone conversation openings. In Psathas (1979, p. 23-78 in DESOLA POOL I. [ed.], *The Social Impact of the Telephone*. Cambridge: MIT Press, 1979).

SCHUTZ, Alfred. Symbol, Reality and Society. *In: NATANSON, M. (eds.). Collected Papers I. Phaenomenologica (Collection Publiée Sous le Patronage des Centres d'Archives-Husserl)*, v. 11. Springer: Dordrecht, p. 287 - 358, 1962.

SCHULZ, Winfried. Reconstructing Mediatization as an Analytical Concept. *European Journal of Communication* 19(1), p. 87-101, 2004.

SCHULZ, Winfried. Mediatization and New Media. In: ESSER, Frank; STRÖMBÄCK, Jesper (ed.). *Mediatization of Politics: Understanding the Transformation of Western Democracies*, New York: Palgrave Macmillan, 2014.

SEMPERE, Alfons Martinell. *Políticas culturales y gestión cultural*. Madrid: Documenta Universitaria, 2002. (Publicacions de la Càtedra UNESCO).

SEN, Amartya. *Identidade e violência: a ilusão do destino*. Tradução: José Antonio Arantes. 1. ed. São Paulo: Iluminuras: Itá Cultural, 2015.

SEN, Amartya. *Identidade e violência: a ilusão do destino*. Tradução: José Antonio Arantes. 1. ed. São Paulo: Iluminuras: Itá Cultural, 2015.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1962.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SMITH, Jackie. "Exploring Connections between Global Integration and Political Mobilization." *Journal of World-Systems Research*, 10(1), p. 255-85, 2004. Disponível em: <http://jwsr.pitt.edu/ojs/index.php/jwsr/article/view/312/324>. Acesso em: 7 out. 2017.

SMITH, Charles. Democracy Through Public Opinion. By Lasswell Harold D. . (Menasha, Wisconsin: George Banta Publishing Company. 1941. Pp. 176.). *American Political Science Review*, 36(2), 348-349, 1942. <https://doi.org/10.2307/1947894>. Acesso em: 18 mar. 2018.

SMITH, Richard Cândida. Érico Veríssimo, a Brazilian Cultural Ambassador in the United States. *Tempo*, [s.l.], v. 17, n. 34, p.147-173, 2013. Editora da Universidade Federal Fluminense. <http://dx.doi.org/10.5533/tem-1980-542x-2013173412>.

SOUZA, Elayne Silva de. *Brincadeira, riso e insulto ritual na fala-em-interação em sala de aula*. 2015. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2015.

STATISTA. *Number of Twitter users in Latin America from 2014 to 2020 (in millions)*. [S.I.]. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/303923/twitter-users-latin-america/>. Acesso em: 26 abr. 2018.

STRÖMBÄCK, Jesper. Four Phases of Mediatization: An Analysis of the Mediatization of Politics. *The International Journal Of Press/politics*, [s.l.], v. 13, n. 3, p. 228-246, jul. 2008. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1940161208319097>. Disponível em: [http://www.socsc.hku.hk/sigc/gc2012/pdf/Reading Materials\\_Taiwan/Lecture 7\\_Four Phases of Mediatization.pdf](http://www.socsc.hku.hk/sigc/gc2012/pdf/Reading Materials_Taiwan/Lecture 7_Four Phases of Mediatization.pdf). Acesso em: 17 mar. 2018.

STRÖMBÄCK, Jesper. Mediatization of Politics. Towards a Conceptual Framework for Comparative Research. In: BUCY, Erik; HOLBERT, R. Lance. *Sourcebook of Political Communication Research*. London: Taylor and Francis, 2011.

STRÖMBÄCK, Jesper, ESSER, Frank. Shaping Politics: Mediatization and Media Interventionism. In: LUNDBY, Knut (ed.). *Mediatization. Concept, Changes, Consequences*. New York: Peter Lang, 2009.

STRÖMBÄCK, Jesper; ESSER, Frank. Introduction. Making Sense of the Mediatization of Politics. *Journalism Practice*, 8(3): 247, 2014.

STRÖMBÄCK, Jesper; ESSER, Frank. Mediatization of Politics: Towards a Theoretical Framework. In: ESSER, F.; STRÖMBÄCK, J. (eds.). *Mediatization of Politics. Understanding the Transformation of Western Democracies*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 3-28, 2014.

STRÖMBÄCK, Jesper; ESSER, Frank. *Making Sense of Mediatized Politics: Theoretical and Empirical Perspectives*. London: Routledge, 2015.

SUNG-GI, Jon. Towards a Rhetoric of Communication, with Special Reference to the History of Korean Rhetoric. *Rhetorica, California*, v. 28, n. 3, p. 313-329, ago. 2010. University of California Press. <http://dx.doi.org/10.1525/rh.2010.28.3.313>.

TALESE, Gay. *A mulher do próximo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

TALESE, Gay. Como não entrevistar Frank Sinatra. In: TALESE, Gay. *Fama & Anonimato*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

TEAM, Office 365. What's new in Office 365 administration – new Service health dashboard now generally available. 2017. Disponível em: <https://blogs.office.com/en-us/2017/03/01/whats-new-in-office-365-administration-new-service-health-dashboard-now-generally-available/>. Acesso em: 26 abr. 2018.

THE NEW YORK TIMES (New York) (Comp.). TOPICS OF THE TIMES: An Idea With Legs. 1990. Publicado na seção *Opinion*, 11 out. 1990. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1990/10/11/opinion/topics-of-the-times-an-idea-with-legs.html>. Acesso em: 31 out. 2017.

THE NEW YORK TIMES (New York) (Comp.). Will Ivanka Trump Be the Most Powerful First Daughter in History?: Ivanka Trump is about to become the most influential first daughter since Alice Roosevelt Longworth. But can she do so without damaging her own brand?. 2016. Elaborado por: Alessandra Stanley e Jacob Bernstein. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/03/fashion/ivanka-trump-first-daughter.html>. Acesso em: 3 dez. 2016.

THEODORE ROOSEVELT DIGITAL LIBRARY. Address of Vice President Roosevelt, Minnesota State Fair, Minneapolis, Sept. 2nd, 1901. Theodore Roosevelt Collection. MS Am 1834 (1084). Harvard College Library. <https://www.theodorerooseveltcenter.org/Research/Digital-Library/Record?libID=o286433>. Dickinson State University.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, J. *A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

THOMPSON, J. Mediated interaction in the digital age. *MATRIZES*, v. 12, n. 3, p. 17-44, 26 dez. 2018.

TILCHIN, W. Theodore Roosevelt, Anglo-American Relations, and the Jamaica Incident of 1907. *Diplomatic History*, 19(3), 385-405, 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24912395>. Acesso em: 28 out. 2019.

TOMLINSON, John. *Globalization and Culture*. Cambridge: Polity, 1999.

TOULMIN, Stephen Eldeston. *Os usos do argumento*. Tradução: Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TWITTER (Califórnia). Sobre diferentes tipos de Tweets. [S.I.]. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter/types-of-tweets>. Acesso em: 26 abr. 2018.

UNESCO (Paris). Section Of The Diversity Of Cultural Expressions Division Of Cultural Expressions And Heritage Culture Sector (org.). International Fund for Cultural Diversity: Investing in creativity. Transforming societies. Paris: Unesco, 2012. Danielle Cliche, Secretary of the 2005 Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of Cultural Expressions Reiko Yoshida, Section of the Diversity of Cultural Expressions, UNESCO. Disponível em: [http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/pdf/Conv2005\\_IFCD\\_2010\\_Brochure\\_en.pdf](http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/pdf/Conv2005_IFCD_2010_Brochure_en.pdf). Acesso em: 9 nov. 2015.

UNITED KINGDOM. House Of Commons Committee Of Public Accounts. Departments' oversight of arm's-length bodies: Report, together with formal minutes relating to the report. 2016a. Twenty-first Report of Session 2016-17. Disponível em: [http://uk-ace.org.uk/downloads/pac\\_report.pdf](http://uk-ace.org.uk/downloads/pac_report.pdf). Acesso em: 22 dez. 2017.

UNITED KINGDOM. House Of Commons. Report By The Comptroller And Auditor General Departments' Oversight Of Arm's-length Bodies: A Comparative Study (hc 507) (Comp.). Public Accounts Committee: Oral evidence: Oversight of arm's length bodies, HC 488. 2016b. Ordered by the House of Commons to be published on 18 July 2016. Vídeo da entrevista disponível em: <http://parliamentlive.tv/Event/Index/04cab53b-7b26-44d6-9ad9-18d8880b1c55>. Disponível em: <http://data.parliament.uk/writtenevidence/committeeevidence.svc/evidencedocument/public-accounts-committee/oversight-of-arms-length-bodies/oral/35196.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2017.

UNITED NATIONS. World Population Prospects: The 2017 Revision. ESA.UN.org (custom data acquired via website). United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division. Retrieved 10 September, 2017.

UNITED STATES. Department Of State. Bureau Of Educational And Cultural Affairs (eca). History and Mission of ECA. Bureau of Educational and Cultural Affairs (ECA). Disponível em: <https://eca.state.gov/about-bureau/history-and-mission-eca>. Acesso em: 31 out. 2017.

UNITED STATES. Sidney Milkis. Professor Of Politics University Of Virginia. *Theodore Roosevelt: Foreign Affairs*. [20--?]. Disponível em: <https://millercenter.org/president/roosevelt/foreign-affairs>. Acesso em: 22 ago. 2019.

U.S. MISSION BRAZIL. EUA escolhem jovens empreendedores do Brasil para participar do intercâmbio profissional Iniciativa Jovens Líderes das Américas (YLAI). 2017. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/eua-escolhem-jovens-empresarios-brasil-para-participar-intercambio-profissional-iniciativa-jovens-lideres-das-americas-ylai/>. Acesso em: 23 out. 2017.

U.S. MISSION BRAZIL. Declaração da Casa Branca sobre a 1a. turma de bolsistas da Iniciativa Jovens Líderes das Américas (YLAI). 2016a. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/declaracao-porta-voz-conselho-de-seguranca-nacional-ned-price-sobre-primeira-turma-de-bolsistas-da-iniciativa-jovens-lideres-das-americas-y/>. Acesso em: 23 out. 2017.

U.S. MISSION BRAZIL. Oportunidade para jovens empreendedores brasileiros de treinamento de quatro semanas nos EUA. 2016b. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/oportunidade-para-jovens-empresarios-brasileiros-de-treinamento-de-quatro-semanas-nos-eua/>. Acesso em: 20 out. 2017.

VALENCIA, Germán; ÁLVAREZ, Yohan. La ciencia política y las políticas públicas: notas para una reconstrucción histórica de su relación. *Estudios Políticos*, 33, p. 93-121, Instituto de Estudios Políticos, Universidad de Antioquia, 2008.

VERÓN, Eliseo. *Produção de sentido*. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

VERÓN, Eliseo. Mediatización, comunicación política y mutaciones de la democracia en Semiosfera, n. 2: 5-36, 1994b. Disponível em: <http://eliseoveron.com/articulos/>. Acesso em: 18 abr. 2015.

VERÓN, Eliseo. Médiatisation du politique: stratégies, acteurs et construction des collectifs. *La Communication Politique. Hermès*, n. 17-18: 69-78, 1995.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos*, n. 48:9-16, 2007. Disponível em: [https://comycult.files.wordpress.com/2014/04/veron\\_esquema\\_para\\_el\\_analisis\\_de\\_la\\_mediatizacion.pdf](https://comycult.files.wordpress.com/2014/04/veron_esquema_para_el_analisis_de_la_mediatizacion.pdf). Acesso em: 29 out. 2019.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, June 2014. ISSN 1982-8160. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928>. Acesso em: 17 mar. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19>.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WALTON, Rebecca. *Arts And Cultural Policy in The United Kingdom*. Fortaleza: British Council, 2017. 87 slides, color. Apresentado no Curso de Especialização em Gestão e Políticas Culturais da Universidade de Girona promovido pelo Itaú Cultural em Fortaleza.

WEBB, Amy. Como eu joguei com dados online para encontrar meu par: Amy Webb at TEDxMidAtlantic. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OF5VVrsnpzo>. Acesso em: 28 mar. 2018.

WEBB, Eugene J.; CAMPBELL, Donald T.; SCHWARTZ, Richard D.; SECHREST, Lee. 1966. *Unobtrusive Measures: Nonreactive Research in the Social Sciences*. Chicago: Rand McNally, 1966.

WEBER, M. *Sobre a teoria das ciências sociais*. Lisboa: Presença, 1979.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. v. 1. Brasília: Ed. UnB, 2000.

WEBER, M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

WEBER, M. As causas sociais do declínio da cultura antiga. In: COHN, G. (org.). *Weber: Sociologia*. São Paulo: Ática, 2003.

WEINGART, P. Science and the media. *Research Policy*, [s.l.], v. 27, n. 8, p. 869-879, dez. 1998. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s0048-7333\(98\)00096-1](http://dx.doi.org/10.1016/s0048-7333(98)00096-1). Acesso em: 19 mar. 2019.

WILCKEN, Patrick. *Claude Lévi-Strauss: O poeta do laboratório*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

WU, Tim. *Impérios da comunicação: o telefone à internet, da AT&T ao Google*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

## Sites

<https://botometer.iuni.iu.edu/>

<https://drive.google.com/file/d/0B2VuFFwvsCFpR0UzZC1YVUs4ZHc/view>

<http://www.massobs.org.uk/about/about-mo>

<https://teoriadacomplexidade.wordpress.com/teoria-fractal/>

<https://pt.phhsnews.com/why-don-t-my-friends-see-my-emoji-correctly3864>

## ANEXOS

### ANEXO A

Documento que revela o processo de negociação para entrada no grupo informal da *política mídia*.

1

**Fernando Nobre Cavalcante**

Endereço profissional:  
Centro Universitário 7 de Setembro  
Av. Almirante Maximiliano da Fonseca, 1395  
Eng. Luciano Cavalcante, Fortaleza - CE  
60811-020  
[femandnocavalcante@ufm.edu.br](mailto:femandnocavalcante@ufm.edu.br)  
[femandnocavalcante@gmail.com](mailto:femandnocavalcante@gmail.com)  
+5511981901717

A/C  
Grupo de WhatsApp  
"Brasileiros do YLAI"

Fortaleza, 12/09/2018

#### **Carta Aberta aos Líderes do YLAI - edição de 2018.**

Caros e caras líderes,

Sabemos que empreender um negócio no Brasil não é nada fácil. Exige esforço, determinação e estímulo financeiro. Empreender uma pesquisa acadêmica, sem verba alguma do Ministério da Educação ou da Ciência e Tecnologia, também se torna bem difícil. Mas, somos criativos. Vemos um degrau em cada barreira. Também contamos com uma pitada de sorte. E pessoas e instituições generosas que alimentam o motor que nos move.

Eu sou Fernando, doutorando em Estudos da Mídia pela UFRN, mestre em sociologia pela UFC e bacharel em Publicidade pela ESPM. Atualmente, coordeno um laboratório de Pesquisa de Opinião Pública, sou professor universitário de Comunicação na UN17 e pesquisador visitante pelo Max Kade Center na Universidade de Kansas. Trabalhei durante um bom tempo com política cultural. Revitalizei o Teatro Thereza Raquel no Rio e, com um bom trabalho em equipe, conseguimos o patrocínio de uma grande empresa de comunicação, hoje ele se chama Theatro NET Rio.

Estou nos últimos meses de desenvolvimento de minha tese e tenho pesquisado a força motivadora de jovens líderes empreendedores desde minha dissertação de mestrado. Entrevistei muitos empreendedores nos EUA, quando morava em Pittsburgh. No doutorado,

decidi ter como recorte empírico o programa YLAI. E, desde 2016, algumas entrevistas já foram realizadas.

Chile, Argentina, Peru foram meus primeiros passos. E priorizei a entrevista com os brasileiros nesta terceira edição do programa. Vou falar rapidamente da proposta de observação da pesquisa que, com ajuda de vocês, poderemos efetivar.

Os novos movimento empreendedores e as novas formas de comunicação digitais requerem novos instrumentos de investigação. Como entender a "realidade" que motiva a força de inovação de um grupo de líderes, fora das redes e dos canais de comunicação que estes utilizam? Decifrar a "realidade" é uma grande proposta das ciências como um todo. No entanto, me parece ainda no campo utópico do pesquisador. Limitar-se a uma visão quantitativa ou qualitativa talvez impeça ver a realidade mais real possível. E me resta recorrer a observação como uma seara alternativa no mar da complexidade das nossas mídias. Mas um outro tipo de observação. Não aquele que um dia definiu de um lado observador/pesquisador e do outro observado/pesquisado. Há de haver mais **ousadia** em nossas pesquisas sobre a mídia e as novas forma de empreendedorismo e inovação. Uma **observação da observação** é o que venho por este meio propor.

O **tema** da tese que me tenho dedicado são as novas configurações das políticas culturais externas no contexto das novas formas de empreendedorismo e de hiper midiáticação que vivemos. O principal objetivo do nosso projeto visa analisar o **processo de midiáticação da força empreendedora na América Latina**. O programa YLAI ocorre prioritariamente em rede e minha hipótese é que este vem passando por um um processo de alta conectividade, diferenciação da comunicação em meios digitais, onipresença na vida do empreender. Tudo isso imerso no imenso mar de troca de dados.

Esse programa não é o primeiro neste sentido, que une intercâmbio cultural, comunicação e empreendedorismo. Desde os anos 50, estas políticas de desenvolvimento de lideranças já são comuns. Antes tínhamos a radiodifusão como foco, a exemplo do programa "Voice of America". Há décadas atrás, Érico Veríssimo já participou de um desses programa. Hoje temos o YLAI. E vocês são um desses Veríssimos.

A **questão central** do projeto é: Como o processo de comunicação destas políticas culturais vem se configurando? E como isso configura seu ato empreendedor?

A metodologia que eu gostaria de propor, alguns teóricos intitulam de **netnografia**. Seria um mergulho em um determinado grupo o qual a comunicação primordial seja mediada por computador. No entanto, há uma peculiaridade que eu gostaria de introduzir nesta observação. Eu tenho intitulado isso de Diário Aberto. Com o início do processo de observação neste grupo de WhatsApp, eu compartilharei um link que vai narrar diariamente minhas percepções em relação a observação, por som, imagem e texto. Neste sentido, toda minha subjetividade estará disponível e revelada a vocês, participantes do grupo. O Diário revela o pesquisador, que antes de tudo é um ser humano complexo. A proposta é romper com o paradigma de que impede ver o sujeito atrás do "entrevistador"/"observador". Estaremos no mesmo pé de igualdade. Eu pretendo observar o comportamento empreendedor, por mensagens trocadas na redes de comunicação de vocês. Mas também, e prioritariamente, vocês me observarão, a fim de entender as intenções de pesquisa. A mão é dupla: uma observação do processo de observação da pesquisa.

Respondendo algumas dúvidas que foram levantadas pelo grupo:

**1** - Por se tratar de uma netnografia, o estudo pode ser entendido como comportamental. Não no sentido de traçar um perfil psicológico, mas entender a "funções empreendedoras" que vem se configurando com trocas de mensagens em rede. Eu prefiro defini-lo como um estudo figuracional.

**2** - A pesquisa já coletou dados em redes sociais específicas da rede YLAI e observou a interação de mensagens. Mas estão não foram suficientes para responder a questão central do projeto. O WhatsApp ainda não foi explorado na pesquisa e esta é uma oportunidade para compreender as nuances do processo de mediação do motor empreendedor. Além disso, este é um campo extremamente novo que as metodologias da área da comunicação e dos estudos da mídia ainda estão explorando. Um trabalho etnográfico exige mergulho profundo em comunidades espacialmente presenciais. A netnografia visa fazer este mesmo mergulho, mas em determinadas redes perde o gatilho do diagnóstico da "realidade" da comunicação. A **velocidade de comunicação via WhatsApp**, se aproxima um pouco mais da linguagem de um grupo presencial. Participar de um grupo virtual, não sendo membro, é tão difícil quanto os primeiros trabalhos antropológicos feitos em tribos isoladas.

4

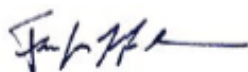
3 - Do início ao fim a construção de confiança é meu compromisso prioritário. A pesquisa segue rigorosamente os critérios da Resolução 510/2016-CNS do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN, seguindo orientação recomendadas pela Plataforma Brasil. NUNCA o nome de vocês serão revelados. NUNCA nenhuma informação pessoal será repassada para terceiros ou disponibilizado à público. Ao final da defesa da tese e antes da publicação nos acervos da UFRN cada um de vocês receberá uma cópia digitalizada do trabalho. O Diário Aberto, que será um link compartilhado no formato de Google Docs sempre estará disponível a vocês. E neste diário toda subjetividade do observador (intenções, ânimos, medos, barreiras, encontros e desencontros) revelada ao participantes do grupo.

4 - Os dados observados são de caráter qualitativos e a frequência quantitativa. Esses serão utilizados no capítulo terceiro da tese, é mostrado como o processo de midiatização da rede ocorre. Rigorosamente será seguido a confidencialidade das informações.

Na ainda indecifrável fase de hiper midiatização que temos vivido, eu tenho certeza que podemos construir uma nova metodologia de pesquisa. E contanto com o seu apoio eu peço um voto de confiança para que nossa relação se estabeleça de forma clara, transparente e sempre em uma via de mão dupla.

Eu desejo um sincero voto de sucesso aos brasileiros e brasileiras que irão representar nosso país nos Estados Unidos. E espero que os seus negócios e causas possam se alicerçar cada vez mais.

Um fraternal abraço,



Fernando Nobre Cavalcante

P.S: Abaixo alguns links adicionais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0135809478732872>

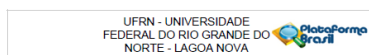
Resolução 510/2016-CNS do Comitê de Ética em Pesquisa:

<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>

## ANEXO B

## Parecer técnico do Comitê de Ética da Pesquisa.

Número do Parecer: 3.088.806



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** FIGURAÇÕES COMUNICATIVAS DA MÍDIA-POLÍTICA YLA! NETWORK: A hipermediatização diplomática cultural da política externa pré-startup dos Estados Unidos.

**Pesquisador:** FERNANDO LUIZ NOBRE CAVALCANTE

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 99103018.2.0000.5537

**Instituição Proponente:** Pós-Graduação em Estudos da Mídia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.088.806

## Apresentação do Projeto:

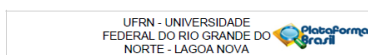
Esta pesquisa está associada a uma tese de doutorado. O projeto de pesquisa tem caráter qualitativo com um recorte temporal linear, acompanhando as fases iniciais até as finais de participação na edição 2018 do YLA! A pesquisa se propõe a entender o processo de construção da visão empreendedora e inovativa do entrevistado diante as ações propostas na imersão de sua experiência nos EUA. Desde suas expectativas quanto ao programa até as experiências adquiridas e habilidades incorporadas após a imersão. O desenho da pesquisa se divide em duas etapas: entrevista e observação participante e não-participante. A primeira etapa refere-se a entrevista em profundidade via Skype ou pessoalmente antes da viagem de um dos participantes brasileiros aos EUA. A segunda etapa compõe-se por meio de observação participante com o entrevistado selecionado. Nesta etapa a pesquisa propõe adicionalmente uma observação não participante a qual insere o pesquisador em um ambiente de comunicação mediada por computador - um grupo fechado na rede de comunicação WhatsApp criado pelos próprios participantes do YLA!.

## Objetivo da Pesquisa:

Analisar o processo de midiática da YLA! Network e como a figuração comunicativas entre os agentes participantes e essa mídia-política mobiliza a força motriz para habilidades de inovação e empreendedorismo.

**Endereço:** Av. Senador Dagaço Filho, 3000  
**Bairro:** Lagoa Nova  
**UF:** RN  
**Município:** NATAL  
**CEP:** 59.079-970  
**Telefone:** (54)3210-5135  
**E-mail:** cep@ufrn.br

Página 01 de 08



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** FIGURAÇÕES COMUNICATIVAS DA MÍDIA-POLÍTICA YLA! NETWORK: A hipermediatização diplomática cultural da política externa pré-startup dos Estados Unidos.

**Pesquisador:** FERNANDO LUIZ NOBRE CAVALCANTE

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 99103018.2.0000.5537

**Instituição Proponente:** Pós-Graduação em Estudos da Mídia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.088.806

## Apresentação do Projeto:

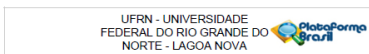
Esta pesquisa está associada a uma tese de doutorado. O projeto de pesquisa tem caráter qualitativo com um recorte temporal linear, acompanhando as fases iniciais até as finais de participação na edição 2018 do YLA! A pesquisa se propõe a entender o processo de construção da visão empreendedora e inovativa do entrevistado diante as ações propostas na imersão de sua experiência nos EUA. Desde suas expectativas quanto ao programa até as experiências adquiridas e habilidades incorporadas após a imersão. O desenho da pesquisa se divide em duas etapas: entrevista e observação participante e não-participante. A primeira etapa refere-se a entrevista em profundidade via Skype ou pessoalmente antes da viagem de um dos participantes brasileiros aos EUA. A segunda etapa compõe-se por meio de observação participante com o entrevistado selecionado. Nesta etapa a pesquisa propõe adicionalmente uma observação não participante a qual insere o pesquisador em um ambiente de comunicação mediada por computador - um grupo fechado na rede de comunicação WhatsApp criado pelos próprios participantes do YLA!.

## Objetivo da Pesquisa:

Analisar o processo de midiática da YLA! Network e como a figuração comunicativas entre os agentes participantes e essa mídia-política mobiliza a força motriz para habilidades de inovação e empreendedorismo.

**Endereço:** Av. Senador Dagaço Filho, 3000  
**Bairro:** Lagoa Nova  
**UF:** RN  
**Município:** NATAL  
**CEP:** 59.079-970  
**Telefone:** (54)3210-5135  
**E-mail:** cep@ufrn.br

Página 01 de 08



## Continuação do Parecer: 3.088.806

## Avaliação dos Riscos e Benefícios:

## Riscos:

Os riscos podem ser considerados como mínimos, pois conta em realizar uma entrevista e a observação de um grupo de WhatsApp.

## Benefícios:

Os benefícios serão indiretos.

## Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta tese analisa uma política externa cultural norte-americana como um dispositivo midiático, materializando o argumento de metaprocessualidade empreendido por contemporâneos estudos sobre midiática política. A premissa do corpo midiático da YLA! Network põe no centro deste estudo peculiaridades sobre sua linguagem e a configuração espaço-temporal entre agentes humanos e não humanos. Utilizando o método de Mineração de Dados e softwares como ferramentas de pesquisa, mensurou-se a aplicação de algoritmos de inteligência artificial sobre grande quantidade de dados (big data) praticada pelo objeto investigado. Qualitativamente, utiliza-se de entrevista em profundidade e observação participante e não participante em ambiente de comunicação mediada por computador.

## Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:

- Folha de rosto;
- Formulário CEP;
- Termos de autorização de voz e imagem;
- Projeto de pesquisa;
- TCE.

**Endereço:** Av. Senador Dagaço Filho, 3000  
**Bairro:** Lagoa Nova  
**UF:** RN  
**Município:** NATAL  
**CEP:** 59.079-970  
**Telefone:** (54)3210-5135  
**E-mail:** cep@ufrn.br

Página 02 de 08



## Continuação do Parecer: 3.088.806

## Recomendações:

Enviar os relatórios da pesquisa.

## Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No parecer passado, o de nº 2.902.250, levantaram-se alguns questionamentos que foram respondidos: o TCE já foi modificado, os pesquisadores afirmaram que não enviar o TCE para os participantes do grupo de WhatsApp. Assim, todos saberão da pesquisa tendo a sua análise. Queremos ressaltar que todos os membros do grupo precisam aceitar o convite para participar desta pesquisa e, desse modo, o pesquisador, somente após estes TCEs, é que poderá realizar a observação do grupo.

Quando, na análise passada foi solicitado o instrumento de pesquisa, sabemos que o pesquisador utilizará uma entrevista semi-estruturada. Este tipo de entrevista faz uso de questões pré-definidas e que podem variar de acordo com o rumo da entrevista. Assim, o comitê de ética em pesquisas necessitava analisar quais seriam estas questões pré-estabelecidas ou questões guiadas. Estas questões que denominamos de instrumento de pesquisa e que solicitamos para ser analisada a parte ética.

Após a revisão ética das respostas às pendências levantadas no parecer anterior, concluímos que as mesmas foram reparadas adequadamente.

Essa adequação situa o protocolo em questão dentro dos preceitos básicos da ética nas pesquisas que envolvem o ser humano, estando, portanto, aprovado.

## Considerações Finais e critério do CEP:

Em conformidade com a Resolução 460/12 do Conselho Nacional de Saúde - CNS e Manual Operacional para Comitês de Ética - CONEP é da responsabilidade do pesquisador responsável:

- elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCE em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele delegada(s), devendo as páginas de assinatura estar na mesma folha (Res. 460/12 - CNS, item IV.5.6);
- desenvolver o projeto conforme o delineado (Res. 460/12 - CNS, item XI.2.a);

**Endereço:** Av. Senador Dagaço Filho, 3000  
**Bairro:** Lagoa Nova  
**UF:** RN  
**Município:** NATAL  
**CEP:** 59.079-970  
**Telefone:** (54)3210-5135  
**E-mail:** cep@ufrn.br

Página 03 de 08